



Liana Garcia Castro

**Delicadezas, afetos, infâncias:
avós, netos e suas histórias**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ciências Humanas – Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, do Departamento de Educação da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Sonia Kramer

Rio de Janeiro,
fevereiro de 2022



Liana Garcia Castro

**Delicadezas, afetos, infâncias:
avós, netos e suas histórias**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ciências Humanas – Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, do Departamento de Educação da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof.ª Sonia Kramer
Orientadora

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof.ª Alicia Maria Catalano de Bonamino
Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof.ª Mylene Mizrahi
Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof.ª Flavia Miller Naethe Motta
Departamento de Educação – UFRRJ

Prof.ª Rita Marisa Ribes Pereira
Departamento de Educação – UERJ

Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Liana Garcia Castro

Pedagoga (2005) graduada pela UERJ, Especialista em Educação Infantil (2013) e Mestra em Educação (2015) pela PUC-Rio. Atuou como Professora e Coordenadora Pedagógica em creches, pré-escolas e escolas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. É Orientadora Pedagógica em escola da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias; Professora do Curso de Especialização em Educação Infantil “Perspectivas de Trabalho em Creches e Pré-escolas” e do Curso de Extensão “A Creche e o Trabalho Cotidiano com Crianças de 0 a 3 Anos”, ambos na PUC-Rio; e Professora do Curso Normal Superior com Habilitação em Educação Infantil, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

Ficha Catalográfica

Castro, Liana Garcia

Delicadezas, afetos, infâncias: avós, netos e suas histórias / Liana Garcia Castro ; orientadora: Sonia Kramer. – 2022.

192 f. ; il. color. 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2022.

Inclui referências bibliográficas.

1. Educação – Teses. 2. Avós e netos. 3. Infância. 4. Narrativas. 5. Memórias. 6. Relações intergeracionais. I. Kramer, Sonia. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Para Catarina, afilhada amada, que enche
minha vida de alegria e ternura.

Agradecimentos

À querida professora e orientadora Sonia, por todo aprendizado dos últimos dez anos, desde que ingressei como aluna no curso de especialização. Agradeço o cuidado, o apoio, a confiança e o incentivo para que eu me tornasse a pesquisadora, a professora e a pessoa que sou ao final deste trabalho. Seu compromisso com a educação e o empenho colocado em cada tarefa que realiza me ensinam e me inspiram.

Às professoras Mylene Mizrahi e Rita Ribes Pereira, pelas contribuições nos dois exames de qualificação e por me inspirarem como pesquisadoras.

Às professoras Alicia Bonamino e Flávia Motta, por aceitarem compor a banca de defesa e por contribuírem para a minha formação em momentos anteriores a este trabalho.

Às professoras e aos professores do Departamento de Educação da PUC-Rio, pelas aulas instigantes e inspiradoras.

À professora Rosana Bines, do Departamento de Letras da PUC-Rio, e à professora Cecília Goulart, do Departamento de Educação da UFF. Suas aulas contribuíram enormemente para esta pesquisa.

Às funcionárias e aos funcionários da PUC-Rio, especialmente às/aos do Departamento de Educação, que sempre atenderam às minhas solicitações de forma atenciosa.

Às companheiras da turma 2018, que tornaram o percurso do doutorado mais leve.

À PUC-Rio e aos órgãos financiadores, pelos auxílios concedidos. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001 - e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Às crianças e aos adultos que participaram desta pesquisa, contando suas histórias. Agradeço a disponibilidade, a confiança e o entusiasmo com que compartilharam suas memórias comigo. Agradeço também às/aos responsáveis das crianças que viabilizaram nosso encontro.

A cada uma e cada um do grupo Infoc, pelos aprendizados de todos esses anos, pelos encontros produtivos e pelas amizades que extrapolam a pesquisa.

À querida professora Maria Fernanda Nunes, pela presença sábia e alegre no grupo Infoc e por me ensinar tanto na militância no Fórum Permanente de Educação Infantil do Estado do Rio de Janeiro.

À querida Alexandra Pena, pelo auxílio no encontro pelo Zoom com as crianças e por tudo o que representa na minha vida. Agradeço a parceria, a paciência, as muitas conversas (mesmo pela tela) e o cuidado comigo e com a nossa amizade.

À querida Nazareth Salutto, pela amizade incondicional, pela presença cuidadosa e amorosa em minha vida e pelas sugestões para este trabalho. Você sempre me inspira!

À querida Marina Castro, por ser amiga a qualquer hora (mesmo tarde da noite). Obrigada pela disponibilidade, pelo entusiasmo com esta pesquisa e pelo bom humor contagiante.

À querida Aline Silveira, pela amizade construída nos quatro anos do doutorado, baseada em muitas trocas e apoio mútuo. Aprendo muito com sua generosidade e criatividade.

À querida Silvia Barbosa, a avó do João! Agradeço o interesse pela pesquisa e a leitura cuidadosa de partes do trabalho. Sua sensibilidade me comove.

À querida Tarsila Nascimento, pela ajuda na transcrição das conversas e pela dedicação com que realizou essa tarefa.

À querida Rafaela Trugilho, pelas trocas nos últimos anos e pelo auxílio na reta final deste trabalho. É sempre uma alegria estar em sua companhia!

À querida Julia Baumann, por me inspirar com sua delicadeza. Agradeço a disponibilidade e a amizade.

À querida Gabriela Scramingnon, que, mesmo à distância, perguntava pela pesquisa e vibrava com cada etapa. Sua amizade é um presente!

À querida Leonor Toledo, que, do outro lado do Atlântico, continuou acompanhando meu percurso. Obrigada pela amizade alegre!

Às queridas Rejane e Rosiane Brandão, as irmãs mais generosas que conheço. Aprendo muito com cada uma de vocês!

Às professoras e aos professores do Curso de Especialização em Educação Infantil, especialmente à querida Cristina Carvalho, pelo acolhimento.

À querida Cristina Porto, por me ensinar com sua criatividade e sensibilidade. Agradeço a escuta paciente e as conversas tranquilizadoras sobre esta pesquisa.

À querida Madalena Freire, pela presença vigorosa e alegre, pelo compromisso com a educação, por me incentivar e inspirar a ser cada vez mais eu mesma.

Às queridas companheiras do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, pela torcida, pelo afeto e por tantos aprendizados.

À querida Cristina Coelho, pela ajuda na preparação para a prova de francês. *Merci beaucoup mon cher!*

À querida Barbara Cutlak, por partilhar comigo seus conhecimentos de designer gráfica e me ajudar, com tanta dedicação, na elaboração da devolução da pesquisa.

Às companheiras e aos companheiros do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (Sepe), especialmente do Núcleo de Duque de Caxias, pela luta por uma educação pública e gratuita de qualidade e pelos direitos das/os trabalhadoras/os da educação. Destaco o direito à licença remunerada para estudos, que foi fundamental para a realização deste trabalho. A legislação que garantia essa licença foi revogada em 2019, dificultando a realização de pesquisas por profissionais da rede municipal.

Às companheiras de trabalho em Duque de Caxias, especialmente à Thays Rosalin, Cristiana Victor, Stellamaris Cordeiro, Luciene Cabral, Andressa Veniz, Mônica Santtos e Taiany Marfetan, pela amizade e pela torcida.

À querida Samanta Henriques, pelos encontros no Zoom para apoiarmos uma à outra em nossas tarefas. Que sorte ter você como amiga!

Às amigas de sempre, que, perto ou longe, celebram a vida comigo: Ana Luiza Rodrigues, Michele Valois, Fabiana Chalreo, Iracema Santos, Sabrina Valois e Carol Vianna.

À Isabel Bogeia, pelo cuidado profissional-afetivo dos últimos anos.

À madrinha Lena Martins e ao padrinho Ronaldo Amaral, pela força e proteção.

À tia Sonia Garcia, tio Olimar Almeida e primo Gabriel Almeida, por serem família.

Ao irmão Demian Castro e à cunhada-irmã Cecília Vilani, pelo cuidado de sempre.

À Catarina Garcia, sobrinha-afilhada, que acompanhou a escrita deste trabalho e tantas vezes brincou de escrever a própria tese. Agradeço pela alegria que traz à minha vida e por não me deixar esquecer de brincar.

Ao Nicolás Paez, meu amor, pela parceria na vida, pelo cuidado cotidiano, pelo apoio nos momentos mais difíceis e pela presença que me acalma, conforta e fortalece.

Ao Venício Fernandes, meu pai, pela ajuda paciente com a revisão do texto e pelo apoio incondicional às minhas escolhas.

À Maria Garcia, minha mãe, por me ensinar a amar os livros e por acompanhar e incentivar este trabalho.

Às minhas avós Inayá e Maria Ignez e ao meu avô Ney, que inspiraram a realização desta pesquisa.

Resumo

Castro, Liana Garcia; Kramer, Sonia. *Delicadezas, afetos, infâncias: avós, netos e suas histórias*. Rio de Janeiro, 2022. 192 p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Delicadezas, afetos, infâncias: avós, netos e suas histórias teve como objetivo geral analisar os sentidos construídos sobre infância a partir das narrativas de avós, avôs, netas e netos com fortes vínculos. A pesquisa trata da infância nessa relação intergeracional, compreendendo-a não apenas como etapa da vida, mas também como dimensão humana, que pode nos atravessar em qualquer idade. Investigou se e como a relação entre avós/avôs e netas/os fortemente vinculados é potente para reanimar infâncias em adultos e crianças. Walter Benjamin e Martin Buber foram os principais interlocutores teóricos, além de estudiosos de suas obras e autoras/es de diferentes áreas. Com as contribuições da antropologia, em especial de Tim Ingold, sua metodologia consistiu, principalmente, em compartilhar presença, importar-se, deixar-se afetar e aprender. Participaram da pesquisa sete avós e três avôs, entre cinquenta e um e setenta e um anos de idade, moradores da cidade do Rio de Janeiro e um de Niterói. E seis de seus netos, entre cinco e doze anos de idade, moradores das seguintes cidades: Rio de Janeiro, Niterói, Brasília e Montevideo/Uruguai. O critério de escolha foi o de familiaridade, a partir de indicações de avós e avôs com fortes vínculos construídos com suas netas e netos de até doze anos de idade. Em decorrência da pandemia de Covid-19, contexto deste estudo e tema das narrativas das/os participantes, o trabalho de campo foi realizado, entre maio e dezembro de 2020, através de interações por meios digitais – plataforma *Zoom* e aplicativo *WhatsApp*. Com as avós e os avôs, foram planejados encontros individuais. Já com os netos, a conversa foi coletiva. Emergem das narrativas as categorias infância e tempo, infância e vínculo, infância e autoridade, infância e cuidado, e são elas que orientam a apresentação da pesquisa, as análises e as conclusões.

Palavras-chave

Avós e netos; Infância; Narrativas; Memórias; Relações Intergeracionais.

Abstract

Castro, Liana Garcia; Kramer, Sonia (Advisor). *Delicacies, affections, childhoods: grandparents, grandchildren and their stories*. Rio de Janeiro, 2022. 192 p. Doctoral Thesis – Department of Education, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

Delicacies, affections, childhoods: grandparents, grandchildren and their stories had as general objective to analyze meanings built about childhood from narratives of grandmothers/grandfathers and grandchildren who have strong bonds with each other. The research deals with childhood in this intergenerational relationship, understanding it not only as a stage of life, but also as a human dimension, which can meet us at any age. It investigated if and how the relationship between grandmothers/grandfathers and grandchildren is potent to revive childhoods in adults and children. Walter Benjamin and Martin Buber were the main theoretical interlocutors, as well as scholars of their works and authors from different areas. With contributions from anthropology, especially from Tim Ingold, its methodology consisted mainly in sharing presence, caring, letting oneself be affected and learning. Seven grandmothers and three grandfathers participated in the research, between fifty-one and seventy-one years of age, residents of the city of Rio de Janeiro and one from Niterói. And six of his grandchildren, aged between five and twelve, live in the following cities: Rio de Janeiro, Niterói, Brasília and Montevideo/Uruguay. The criterion for choosing was familiarity, based on indications from grandmothers and grandfathers with strong bonds built with their grandchildren up to twelve years old. Due to the Covid-19 pandemic, the context of this study and the theme of the participants' narratives, the fieldwork was carried out between May and December 2020, through interactions on digital means - Zoom platform and WhatsApp application. With the grandmothers and grandfathers, individual meetings were planned. With the grandchildren, conversation was collective. The categories childhood and time, childhood and bonding, childhood and authority, childhood and care emerge from the narratives, and they guide the presentation of the research, the analysis and the conclusions.

Keywords

Grandparents and grandchildren; Childhood; Narratives; Memoirs;
Intergenerational Relations.

Sumário

1 Entre memórias e caminhos.....	15
2 Histórias que contam.....	21
2.1 Escavar, lembrar, contar.....	22
2.2 Escutar, aprender, (re)contar.....	35
2.3 Avós, netos e suas histórias.....	45
3 Infância e tempo.....	58
3.1 Tempo(s) de avós e netos.....	59
3.2 Contar estrelas.....	67
3.3 Casa da infância.....	72
4 Infância e vínculo.....	82
4.1 A certeza do amor.....	84
4.2 Fora da caixa.....	93
4.3 Avó e avô de tela.....	99
5 Infância e autoridade.....	108
5.1 A voz da experiência.....	109
5.2 Deseducação?.....	117
5.3 Papo de avó e avô.....	124
6 Infância e cuidado.....	132
6.1 Estar junto.....	133
6.2 Ser apoio.....	139
6.3 Agrados e delicadezas.....	147
7 Histórias que ficam.....	155
8 Referências bibliográficas.....	160
9 Apêndices.....	177
APÊNDICE A – Pesquisas sobre avós e netos.....	177
APÊNDICE B – Termos aprovados pela Câmara de Ética da PUC-Rio.....	180
APÊNDICE C – Convite enviado às netas e aos netos.....	187
APÊNDICE D – Ilustrações de livros infantis.....	191
APÊNDICE E – Devolução da pesquisa: <i>Entre nós</i>	192

Lista de ilustrações

Figura 1 – Minhas memórias	20
Figura 2 – Avó e neta de mãos dadas	43
Figura 3 – Participantes da pesquisa	57
Figura 4 – Avó e neta olhando álbum de fotografias	66
Figura 5 – Avô e neta deitados na praia	69
Figura 6 – Casa de vó	73
Figura 7 – Neta trançando os cabelos da avó	83
Figura 8 – Avó e neta sonhando juntas	97
Figura 9 – Papel de avô	122
Figura 10 – Papo de avô	126
Figura 11 – Avó e neta na rede	136
Figura 12 – Mesa posta na casa da avó	149

A CRISTALEIRA. Meus dedos deslizavam nas delicadas curvas talhadas na madeira do móvel robusto da sala. Mas o que mais me interessava era o lado de dentro: abriam-se duas portas e tudo se multiplicava infinitamente no interior de espelhos. Minha imagem refletida, de novo, de novo e de novo... As taças de cristal eram tiradas e colocadas, agrupadas e organizadas, de tantos modos que eu pudesse inventar. O movimento exigia delicadeza, tal como uma dança cujo par seja a fragilidade da vida. De longe, ela observava e confiava.

O TORCEDOR. Quando em casa, seu lugar era o sofá. Do rádio ou da TV, ouvia-se a bola rolar no campo, o drible do Zico, o Gol! Paixão herdada pelo neto. Conta-se que meu irmão aprendeu a ler de tanto olhar os nomes dos jogadores do Flamengo no *Jornal dos Sports*. Já a minha herança foi: um boneco, ganhado aos três anos e guardado até hoje; uma música-homenagem, que rima *levada da breca com nariz de meleca*; e um sentimento de ser querida, a certa distância, afinal ele *não levava jeito com meninas*.

A FOTOGRAFIA. Sentada em uma cadeira de madeira, a altivez do olhar captura quem a observa. Sua presença em minha vida se faz pela fotografia de alguém que morreu antes da minha chegada ao mundo. Sempre me lembra Clarice, a Lispector. Olhos e cabelos claros, batom, unhas, tudo impecavelmente cuidado. A roupa: uma beca. Formara-se numa escola profissional feminina de Niterói como artífice de corte e costura. Da formatura, um convite: ser professora de corte e costura! O pai: *Não, filha minha não trabalha*. Coube a mim, sem saber, a tarefa de tecer sentidos para educar o mundo.

1

Entre memórias e caminhos

[...] para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós.¹

Escolhemos um tema de pesquisa ou é o tema que nos escolhe? A pergunta, que soa clichê, é genuína da minha parte. É difícil traçar os caminhos – não lineares e entrecruzados – que levam à definição de um objeto de estudo. Todavia penso que ele nunca é à toa. Não falo aqui de obra do acaso, mas das opções – políticas, éticas, estéticas – que fazemos na vida a partir de diálogos com tantos outros, de quem somos – ou estamos sendo – e de quem desejamos ser. *É a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós.*

Lembro-me, no entanto, com certa precisão, de quando a relação entre avós/avôs e netas/os começou a ser vislumbrada por mim como possibilidade de pesquisa. Foi durante a leitura da tese de doutorado da Gabriela Scramingnon (2017), amiga querida e integrante do grupo de pesquisa Infância, Formação e Cultura (Infoc),² do qual faço parte desde 2013. Seu belo trabalho buscou conhecer o que falam crianças de seis a dez anos sobre a experiência de ser criança no mundo contemporâneo e como se dão as relações entre elas e os adultos. Nas conversas com as crianças, as avós e os avôs foram recorrentemente citados como aquelas/es que buscam e pegam na escola, levam para passear, fazem comida, compram coisas, moram na mesma casa.

Pouco tempo depois, naquele mesmo ano de 2017 – o que concorri à vaga no doutorado –, realizamos, no grupo Infoc, o trabalho de campo da pesquisa *Linguagem e Rememoração: crianças, famílias, professores/as e suas histórias*. Foram ouvidas narrativas de crianças e adultos de seis escolas públicas – de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental – do estado do Rio de Janeiro com o objetivo de conhecer suas concepções de cuidado. Novamente, as avós e os avôs, principalmente *as avós*,

¹ Clarice Lispector, *As palavras*, p. 149.

² Coordenado pelas professoras Sonia Kramer (PUC-Rio), Maria Fernanda Resende Nunes (UNIRIO) e Alexandra Pena (PUC-Rio), o grupo Infoc realiza, desde 1993, pesquisas sobre alfabetização, leitura e escrita, políticas públicas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, formação de seus profissionais, gestão pública e interações de crianças e adultos na cultura contemporânea.

ganharam especial destaque nos relatos como *aqueles que cuidam*. Em conversa com crianças de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública da rede municipal do Rio de Janeiro, foi indicado por elas que as avós também deveriam ser ouvidas. Teve até coro com as crianças gritando: *Avós! Avós!*

Essas experiências alteraram meu olhar para o cotidiano da escola pública onde trabalho, desde 2010, como orientadora pedagógica, no município de Duque de Caxias, da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Nos horários de entrada e saída, nas reuniões de responsáveis, nas festividades, lá estavam as avós e os avôs, muitas delas/es os primeiros responsáveis pelas/os suas/seus netas/os. Num contexto de muita violência e pobreza, muitas avós assumem a criação de suas/seus netas/os e, com elas e eles, experimentam um tipo de relação marcada por uma grande diferença de idade.

A partir desses acontecimentos, meu tempo de menina que frequentou a casa da avó durante boa parte da infância, passou a ser constantemente revisitado. A vida dos que vieram antes e as marcas que essas relações deixaram em mim ganharam outra importância e me visitavam a cada vez que esboçava um projeto para a seleção do doutorado.

Morávamos eu, minha mãe, meu irmão e meu avô materno até os meus sete anos de idade, quando ele faleceu. Para que minha mãe pudesse trabalhar, meu irmão, três anos mais velho, ficava com meu avô Ney, em nossa casa. Já eu passava o tempo, em que não estava na escola, na casa da minha vó.

Inayá, filha de uma mulher indígena e um português, era na verdade minha tia-bisavó. Morava sozinha, numa casa que tinha vestígios de um tempo de riqueza material. Foi casada com um português rico e não teve filhos. Certo dia, S. Santos, que tinha outra família em Portugal, cruzou o Atlântico e não mais voltou. Minha vó – é assim que a chamo – vivia de aluguéis de algumas casas que ele deixou. Lembro com detalhes dos móveis da sua casa, da textura das paredes, dos pisos de cada cômodo. Recordo de sua pele amolecida pelo tempo, dos riscadinhos no rosto, dos cabelos finos e ralos de uma mulher por volta dos oitenta anos de idade.

Minha avó materna, Maria Ignez, morreu dois anos antes do meu nascimento. Sua presença é evocada por mim nas fotografias, que frequentemente passei a observar. nos saberes culinários herdados pela minha mãe e pela minha tia, nas colchas e toalhas

de mesa costuradas e bordadas por ela, nas histórias que me narram, ressaltando sua alegria e beleza. E nos seus sonhos não realizados, que eu carregava sem saber.

É no contexto dessas lembranças que o projeto para a seleção do doutorado começou a se desenhar. Tendo como sujeitos da pesquisa avós, avôs, netas e netos, o foco, inicialmente, estava nos espaços onde viveram suas infâncias, tema que se relaciona ao que pesquisei no mestrado.³ No decorrer do doutorado, a partir de levantamento bibliográfico mais amplo, o foco da pesquisa foi se alterando.

Relações entre avós/avôs e netas/os têm sido interesse de pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, em maior número nas de psicologia (clínica e social) e gerontologia.⁴ Com ênfase nos papéis e funções assumidos pelas avós e os avôs nas famílias contemporâneas, tem se investigado como elas/eles lidam com atribuições que vão desde cuidados, para que a mãe e o pai trabalhem, até assumir a criação de suas netas e seus netos. As pesquisas mostram que essa relação é constantemente permeada por afeto e cumplicidade, porém também há preocupações, cansaço e tensões. Os estudos mostram avós e avôs como transmissores da história familiar: ao serem contadas histórias de vida às netas e aos netos, são narrados acontecimentos da própria infância e de suas/seus filhas/os, transmitindo, às novas gerações, traços culturais que lhes são peculiares.

No campo da educação, o contato intergeracional tem sido pensado como processo interativo e coeducativo, no qual tanto os mais velhos quanto os mais novos têm a oportunidade de aprender e ensinar. A estreita relação das avós e dos avôs com as escolas das/os netas/os e as práticas educativas familiares também são contempladas em alguns estudos.

Situada nos campos da educação e da infância, esta pesquisa focaliza a *infância* nessa relação intergeracional, contemplando a perspectiva de avós/avôs e netas/os. Infância, nesta tese, não é compreendida, como é desenvolvido ao longo do trabalho, apenas como etapa da vida, mas também como dimensão humana, que pode nos

³ A pesquisa *Espaços, práticas e interações na educação infantil: o que dizem as crianças* também foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio, sob orientação da professora Sonia Kramer, e defendida em 2015. Realizada em uma instituição de Educação Infantil pública da região metropolitana do Rio de Janeiro, teve como objetivo conhecer o que as crianças expressam sobre os espaços que frequentam cotidianamente. Foi publicada, em 2019, no livro *Sob o olhar das crianças: espaços e práticas na educação infantil*.

⁴ Teses e dissertações sobre/com avós/avôs e netas/os realizadas no Brasil estão listadas em quadro incluído no Apêndice A. O trabalho, no entanto, também dialoga com estudos realizados em outros países, como os de Claudine Attias-Donfut e Martine Segalen (2002, 2016), na França.

atravessar em qualquer idade. A pesquisa investigou se e como a relação entre avós/avôs e netas/os fortemente vinculados é potente para reanimar infâncias em adultos e crianças.

O que as avós e os avôs narram sobre suas infâncias? O que as crianças narram sobre suas infâncias? O que as avós e os avôs dizem sobre ser criança na contemporaneidade? O que as crianças sabem sobre as infâncias de suas avós e seus avôs? O que partilham avós/avôs e netas/os? Que memórias avós/avôs e netas/os narram sobre o tempo que passam juntos? O que fazem juntos? O que aprendem uns com os outros? Partindo dessas questões, esta tese teve como objetivo geral analisar os sentidos construídos sobre infância a partir das narrativas de avós, avôs, netas e netos com fortes vínculos.

Walter Benjamin (1987a, 1987b, 2002, 2015) e Martin Buber (1991, 2001, 2004, 2008, 2009, 2011a, 2011b, 2013) foram os principais interlocutores teóricos. Os dois filósofos sustentam as análises deste trabalho na linguagem, na história e na presença das pessoas, adultos e crianças, que se constituem na relação consigo, com o outro e com o mundo. Além desses, incluem-se comentadores de suas obras e autoras/es de diferentes áreas – filosofia, antropologia, sociologia, psicanálise e literatura – que dialogam com as categorias que emergem das narrativas.

A partir de cada pedaço de vida narrada, a tese pensa a infância, as relações humanas, os nossos modos de viver e de entender a vida. Compreende que avós, avôs, netas e netos são pessoas e, como tais, produtos e produtores de cultura, que, ao contarem suas histórias, contribuem com reflexões sobre questões coletivas mais amplas. Com base em Benjamin, busca-se enxergar a totalidade na singularidade, apresentando um mosaico de fragmentos de memórias, que extrapolam seus contextos.

Para além de uma pesquisa *sobre* avós/avôs e netas/os, trata-se de uma pesquisa *com* pessoas. Mais do que coletar “dados”, a busca foi por colocar-se em estado de atenção, e construir com as e os participantes da pesquisa, a partir do que elas e eles estiveram dispostas/os a dar. Com as contribuições da antropologia, em especial de Tim Ingold (2015, 2016, 2019, 2020), sua metodologia consistiu, principalmente, em compartilhar presença, importar-se, deixar-se afetar e aprender, em especial com aquelas/es, que, na sociedade contemporânea, nem sempre são ouvidos: pessoas de pouca e de muita idade.

Participaram desta pesquisa sete avós e três avôs, entre cinquenta e um e setenta e um anos de idade, moradores da cidade do Rio de Janeiro e um de Niterói, e seis de seus netos, entre cinco e doze anos de idade, moradores das seguintes cidades: Rio de Janeiro, Niterói, Brasília e Montevideo/Uruguai. O critério de escolha foi o de familiaridade, a partir de indicações de avós e avôs com fortes vínculos construídos com suas netas e netos de até doze anos de idade. Em decorrência da pandemia de Covid-19, contexto que marca este estudo e é tema das narrativas das/os participantes, o trabalho de campo foi realizado, entre maio e dezembro de 2020, através de interações por meios digitais – plataforma *Zoom* e aplicativo *WhatsApp*. Com as avós e os avôs, foram planejados encontros individuais. Já com os netos, a conversa foi coletiva, em um único dia.

A literatura, durante a realização da pesquisa, foi refúgio e terreno fértil para criação. Integra, na pesquisa, as estratégias metodológicas e a composição da tese. Na conversa com as crianças, ilustrações de livros de Literatura Infantil serviram como disparadoras de diálogos. Essas imagens foram incorporadas ao texto como citações, do modo como Benjamin (1987b) as compreende: retiradas do contexto de cada livro, assumem a função de *salteadores no caminho, que irrompem armados e roubam ao passante a convicção* (p. 61). Elas interrompem o fluxo do texto e condensam, nelas mesmas, as reflexões apresentadas. Os títulos das figuras não mantêm necessariamente os sentidos de suas narrativas originais; eles são colocados a serviço da tese. Do mesmo modo, fragmentos literários abrem cada capítulo, permitindo que as reflexões sejam iniciadas de modo sensível e delicado.

A tese está estruturada em sete capítulos, incluindo este introdutório. No segundo, é apresentado um panorama da pesquisa a partir dos principais conceitos que a sustentam, o relato sobre a realização do trabalho de campo e a apresentação das/os participantes. Os quatro capítulos seguintes estão organizados a partir das categorias que emergiram das narrativas das/os avós/avôs e netas/os: *infância e tempo*; *infância e vínculo*; *infância e autoridade*; e *infância e cuidado*. Ainda que as categorias estejam dispostas em capítulos, elas se entrecruzam nas narrativas e circulam por toda a tese. O capítulo final apresenta as últimas considerações sobre o que ensinam as histórias narradas.



Fig. 1 – Minhas memórias. Fonte: Castro, 2022.

2

Histórias que contam

A manta era enorme, feita de centenas de pequenos retalhos.

Cada retalho, uma história.

Quando apontávamos um retalho, vovó dizia sempre:

– Ah, esse não tem nada para contar...

Mas depois começava. E a viagem era sempre emocionante.⁵

Cada retalho, uma história. Em sua cama, onde cabiam muitos – duas netas, dois netos, *dois gatos gordíssimos e um cão mais ou menos pequeno* –, a avó conta as histórias das pessoas da família. Embora relute um pouco em contar, atende, com entusiasmo, ao pedido insistente das crianças. E, a partir de cada pequeno retalho – do vestido da filha, da toalha de mesa que foi presente de casamento, do avental da mãe, do forro de uma almofada... –, puxa os fios da memória e narra sobre os afetos.

Assim como a manta da história criada por Isabel Minhós Martins, a colcha de retalhos que conheço tem sido feita, na última década, por minha mãe. Nos pedaços das histórias da nossa família – o lençol da minha cama quando bebê, a saia da minha avó, o short do meu irmão quando criança, o vestido que não cabe mais na minha sobrinha... –, encontramos memórias partilhadas, experiências comuns e histórias caras a nós. *Cada retalho uma história.*

Na manta ou na colcha de retalhos, cabem as histórias que escutamos e contamos; debaixo e entre ela cabe a humanidade inteira, assim como os fragmentos narrados pelos sujeitos envolvidos nesta pesquisa. As avós, os avôs, as netas e os netos participantes deste estudo, ao contarem suas histórias, também dizem sobre outras histórias, de crianças e adultos, de diferentes tempos e espaços... Contam sobre nossos modos de ser e estar no mundo.

Que histórias herdamos? Que histórias são contadas e compartilhadas entre gerações? Que histórias contam os que vieram antes de nós? O que provoca nos mais velhos contá-las? O que significa para os mais novos escutá-las? Quais dessas histórias

⁵ Isabel Minhós Martins, *A manta: uma história em quadrinhos (de tecido)*, p. 8.

nos marcam, nos constituem? Que histórias você, leitora ou leitor, carrega consigo? Que histórias te aquecem, acolhem, servem como abrigo?

A pesquisa teve como propósito escutar as pessoas e suas histórias. Essa escuta é fundamentada em diálogos com estudos, que contribuem para pensar a educação e a formação humana. Destes, são puxados fios, que constituem a tessitura do presente trabalho. Neste capítulo, é apresentada a trama que sustenta esta tese. A primeira parte, traz as contribuições de Walter Benjamin e Martin Buber. Em seguida, o tecer do trabalho de campo é narrado: as estratégias metodológicas construídas, os desvios em decorrência da pandemia, os encontros com as pessoas. Por fim, são apresentadas/os as avós, os avôs e os netos, interlocutoras/es diretas/os deste estudo – as pessoas e suas histórias.

2.1

Escavar, lembrar, contar

As pessoas abrigam-se umas nas outras.
Mesmo ausentes, nossos abrigos existem.
Estamos debaixo da memória.⁶

Pesquisar sobre relações intergeracionais provocou em mim o desejo de saber mais sobre minhas avós e meus avôs, evocando memórias de infância atravessadas por leituras – teóricas e literárias – e pela escuta das narrativas das e dos participantes. É a partir desses entrecruzamentos que este trabalho se compõe. Dentre as leituras, foi principalmente na obra de Walter Benjamin e Martin Buber que encontrei os fundamentos dos conceitos que sustentam a tese: *narrativa, memória, infância, diálogo, relação, encontro*.

Os dois autores viveram na primeira metade do século XX e produziram seus textos no contexto das duas grandes guerras. Suas filosofias contribuem para a construção de um olhar crítico e sensível para a cultura contemporânea e as relações humanas. Enquanto Benjamin (1987a) denuncia o empobrecimento da experiência humana no mundo moderno, Buber (2001, 2009) aponta o empobrecimento do diálogo. Para o primeiro, os seres humanos são transformados em autômatos, e, como a narrativa emerge da vida, vivendo como tais, não há o que contar ao outro. O

⁶ Valter Hugo Mãe, *Serei sempre o teu abrigo*, p. 30.

segundo entende que há uma preponderância de relacionamentos e pouca relação. Para este, relacionamento refere-se à utilização e objetificação do outro, e relação, ao encontro, que só acontece quando há reciprocidade. Essas reflexões, no entanto, não são, para nenhum dos dois autores, fatalistas; ao contrário, servem como convocação para mudanças. Não é demais, aqui, apresentar, de modo resumido, as histórias de vida desses autores.

Walter Benjamin (1892-1940) foi filósofo, crítico literário e tradutor. Nasceu em Berlim, numa família judaica burguesa. Além do seu país de origem, também viveu na Suíça, onde defendeu sua tese de doutorado. Os estudiosos de sua obra ressaltam que seus amigos e interlocutores tinham perfis bastante distintos: Gershom Scholem, Bertold Brecht, Theodor Adorno e outros. Michael Löwy (1989) identifica que a filosofia de Benjamin bebe em três fontes diferentes: o romantismo alemão, o messianismo judeu e o marxismo, inventando, a partir dessas perspectivas, uma concepção nova e profundamente original. Benjamin viveu seus últimos anos em Paris e tirou a própria vida, aos quarenta e oito anos, após uma tentativa frustrada de fugir das mãos da Gestapo (Polícia Secreta do Estado Alemão Nazista).

Martin Buber (1878-1965) nasceu em Viena, na Áustria. Foi filósofo, professor e pesquisador, profundamente sensível às relações humanas. É conhecido por sua filosofia do diálogo e por seus estudos do hassidismo – movimento místico judaico de origem popular, iniciado no século XVIII na Polônia, que reivindica a música, a dança e a alegria para entrar em contato com a espiritualidade (diferente do hassidismo contemporâneo). Pacifista, defendeu a criação de um estado binacional na Palestina, em 1920. Foi professor na Universidade de Frankfurt e, em 1938, quando foi expulso pelo nazismo, vinculou-se à Universidade Hebraica, em Jerusalém, onde viveu até os seus últimos dias. Buber, vale acrescentar, é uma das referências filosóficas do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997).⁷

Para Benjamin, a narrativa é dimensão fundamental do humano, *é uma forma artesanal de comunicação*. Isso porque seu propósito não é *transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório*. Ela *mergulha a coisa na vida do narrador para em*

⁷ Sobre Freire e Buber, ver Pena *et al.* (2018).

seguida tirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (Benjamin, 1987a, p. 205). Quem narra se narra.

Este trabalho também se constitui como uma narrativa marcada por quem a narra. Narra modos de ser avó e avô, de ser neta e neto, de ser adulto, de ser criança. Narra modos de viver. Narra minhas interpretações, compreensões, significações. E evoca novas narrativas: as minhas, como pessoa, adulta, pesquisadora, professora, neta; as suas, de leitora ou leitor; as nossas, sobre aquilo que nos é comum. Nesse sentido, esta tese caminha na contramão da extinção da narrativa, alertada por Benjamin.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (Benjamin, 1987a, p. 197-198).

Para Benjamin (1987a), com o desenvolvimento do capitalismo, são cada vez mais raras *experiências* plenas – que deixam marcas e, por isso, são narráveis –, substituídas por *vivências* – finitas, não narráveis. A vida se torna fugaz e fútil quando marcada pela temporalidade da produção e do consumo de mercadorias. Nesse contexto, são escassas as trocas entre as gerações, e a individualidade se sobrepõe ao coletivo. Vive-se como autômato, como desmemoriado. É a nossa própria humanidade que se perde quando os elos de coletividade se esfacelam. Em contrapartida, ao narrar, o ser humano toma nas mãos o fio da história, conectando-se à memória individual e à coletiva. Na narrativa, a história passada se coloca como inacabada: abre-se para novas interpretações, para infinitas leituras. Isto implica fundir tempos e proporcionar o encontro efêmero do passado com o presente. *Narrar*, como afirma Guimarães Rosa (1985, p. 98), *é resistir*.

Narrar uma história pressupõe o processo intencional de lembrá-la, de rememorar-la. Para isso, é preciso agir como alguém que escava, *sem temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo* (Benjamin, 1987b, p. 239). Aproximando-se do conceito benjaminiano de rememoração, Ecléa Bosi (2015, p. 69) compreende que não se trata de simples evocação do passado, mas, sim, trabalho, uma *atividade mnêmica exercida aqui e agora*.

Esse *trabalho* foi proposto às/aos participantes da pesquisa, mas também, realizado por mim. Durante os anos do doutorado, vasculhei minhas lembranças em busca de memórias sobre minhas avós e meus avôs. Abri caixas fechadas há tempos

em busca de fotografias e documentos. Olhei para objetos herdados por minha mãe e minha tia de outro modo, atribuindo-lhes novos valores. Aliás, minha mãe e minha tia foram interlocutoras importantes nessa busca. Foi curioso, nesse processo, observar as discrepâncias nos relatos, ao escutar os mesmos fatos narrados a partir de diferentes pontos de vista. Essa experiência foi importante para a compreensão sobre o que Bosi (2015) afirma em relação à lembrança, que não se trata de uma verdade, mas de uma imagem construída por cada um/a, rememorada por nossa consciência no presente. Nas palavras da autora:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (Bosi, 2015, p. 55).

Em muitos momentos, senti-me como uma *pescadora de pérolas* – como Hannah Arendt (1987) define Benjamin –, mergulhando nas profundezas do passado e extraindo *o rico e o estranho* (p. 176). Muitas preciosidades foram encontradas e ajudaram na compreensão sobre quem sou – ou estou sendo, como diria Paulo Freire (1996, p. 76). Mas também alguns estranhamentos foram provocados, a partir de lembranças que remetiam a machismo e racismo, por exemplo. Com base em Benjamin, Kramer (2000, p. 152) afirma que o propósito da rememoração não é ressuscitar o passado, mas provocar que *uma relação 'outra' seja estabelecida com a tradição, uma relação que não é de aceitação ou de reificação daquilo que passou, foi vivido ou foi guardado, mas de desconstrução e crítica*. Nesse sentido, as vozes emudecidas, sendo despertadas, não levam ao comodismo, mas ao rompimento com a tendência de manter o mundo tal como este se apresenta.

Além do ato de rememorar, também experimentei em alguns momentos o que Benjamin (1987a) entende como reminiscência: memória involuntária, que chega a nós sem convite. Lembranças de infância, que pareciam completamente esquecidas, foram acionadas em momentos inusitados. Esse processo parece mostrar que as reminiscências podem ser mais frequentes quando o sujeito está imerso no trabalho de rememoração. Além disso, na perspectiva benjaminiana, tudo o que vivemos pode ser lembrado; no entanto, levando em conta a intensidade com que as crianças se

envolvem por inteiro em seus fazeres, essas primeiras experiências ocupam uma parte significativa desse acervo de situações que nos marcam e, por isso, são acionadas no ato de lembrar. A experiência da infância é constitutiva da vida adulta, já que constitui a memória do adulto.

A leitura das experiências de infância do próprio Benjamin (1987b) me conduziu às minhas memórias de infância e provocou reflexões sobre meu tempo de menina. Essa parece ser a aposta do autor: que suas narrativas ecoem nas experiências de seus leitores e suas leitoras. Em *Rua de mão única* e *Infância em Berlim por volta de 1900*, são narradas, na forma de fragmentos, lembranças e impressões do seu tempo de criança. Nas ruas de sua cidade natal, seguimos o menino Walter em incursões a parques, zoológicos, monumentos históricos; na casa dos pais, em armários, esconderijos, escrivaninhas, despensa, com brinquedos; em dias de escola e enfermo.

A DESPENSA. Na fresta deixada pela porta entreaberta do armário da despensa, minha mão penetrava tal qual um amante através da noite. Quando já se sentia ambientada naquela escuridão, ia apalpando o açúcar ou as amêndoas, as passas e as frutas cristalizadas. E, do mesmo modo que o amante abraça sua amada antes de beijá-la, aquele tatear significava uma entrevista com as guloseimas antes que a boca as saboreasse sua doçura. Com que lisonjas entregavam-se à minha mão o mel, os cachos de passas de Corinto e até o arroz! Com que paixão se fazia aquele encontro, uma vez que escapavam à colher! [...] (Benjamin, 1987b, p. 87-88).

Suas memórias evocaram as minhas, como as narradas nos fragmentos que servem de epígrafe para este trabalho. A quantidade de detalhes lembrados, mínimos e aparentemente insignificantes, evidencia um modo de ver e experienciar o mundo próprio das crianças.

CRIANÇA DESORDEIRA. Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que nela possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olhar índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continua ainda a arder turvado e maníaco. Mal entra na vida, ela é caçador. Caça os espíritos cujo rastro fareja nas coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a [...] (Benjamin, 1987b, p. 39).

À criança, cada pedra, cada flor, cada borboleta interessa, assim como o *resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria* (Benjamin, 1987b, p. 19), tudo aquilo que frequentemente passa despercebido ou é abandonado pelos adultos. Sua dimensão sensorial é plena. De corpo inteiro, com

intensa atenção, a criança coleta, fareja, rastreia, caça, junta, coleciona, inventa. O que é capturado por ela ganha outra vida, sentido, função. A criança, ao tirar esses restos do seu lugar comum, cria uma nova ordem, com modo próprio de funcionamento. Com o olhar rigoroso, mas não rígido, a criança anima, como magia, objetos inanimados. Para ela, não há diferença entre esses objetos e seres vivos. Em apaixonada relação com a materialidade do mundo, ela própria vira os objetos.

ESCONDERIJOS. Conhecia todos os esconderijos do piso e voltava a eles como a uma casa na qual se tem a certeza de encontrar tudo do mesmo jeito. Meu coração disparava, eu retinha a respiração. Aqui, ficava encerrado num mundo material que ia se tornando fantasticamente nítido, que se aproximava calado. Só assim é que deve perceber o que é corda e madeira aquele que vai ser enforcado. [...] E atrás de uma porta, a criança é a própria porta; é como se tivesse vestido um disfarce pesado e, como bruxo, vai enfeitiçar a todos que entrarem desavisadamente. Por nada nesse mundo pode ser descoberta [...] (Benjamin, 1987b, p. 91).

A criança se mistura à sua exterioridade e a percebe de modo diferente dos adultos. Em sua brincadeira, ora a criança é uma porta, ora é um bruxo, ora é tudo junto, ao mesmo tempo. Essa flexibilidade no que se é e no que se pode ser, na interação com as coisas do mundo, revela sua atitude mimética.

O jogo da criança é impregnado de comportamentos miméticos que não se limitam de modo algum à imitação de pessoas. A criança não brinca apenas de ser comerciante e professor, mas também se transforma em moinho de vento ou trem, cavalo ou gato, ou seja, a criança, por meio da mimese, imita o real sendo verdadeiramente aquilo que sua imaginação deseja – pessoas, animais ou coisas. (Jobim e Souza, 2012, p. 139).

Não se trata, no entanto, de uma imitação passiva da realidade, mas uma verdadeira atividade de intercâmbio entre a criança e o mundo que se expressa, produzindo uma semelhança imaterial. Essa atividade é reconhecida por Benjamin (1987a) como a capacidade de produzir semelhanças, que vem se perdendo na modernidade, e migrou para a linguagem (em especial para a palavra escrita). A potência de mimetização da linguagem coloca-a em estreita relação com a infância e coloca-se como chave importante para a compreensão da filosofia benjaminiana (Castro, 2009).

Sobre isso, Giorgio Agamben (2005) afirma que infância não é apenas uma etapa cronológica na evolução do ser humano que possa ser estudada independente da linguagem. É na infância que se constitui a necessidade da linguagem: para participar da vida social, a criança precisa transformar a experiência sensível em fala. É por essa

experiência de apropriação da linguagem, porque o ser humano um dia foi um *in-fans* (sem fala), que somos história e não apenas natureza.

Sendo um momento da história do homem [do ser humano], que se repete eternamente, manifesta, nesse retorno, aquilo que essencialmente permanece como fato humano. Uma concepção de infância que só pode ser compreendida com a linguagem, pois é na linguagem que o homem [o ser humano] constitui cultura e a si próprio (Jobim e Souza, 2012, p. 151).

Nessa relação com a experiência histórica e linguística, infância é compreendida como uma *‘experiência transcendental’ do espaço, do tempo e da linguagem* (Castro, 2009, p. 209). Essa experiência, embora frequentemente considerada ingênua e fantasiosa, problematiza as relações do ser humano com a cultura. Refuta-se, assim, uma ideia de infância abstrata, romântica ou ingênua. Criança é parte e produto da cultura, da história. Está inserida em uma classe social.⁸

Para Solange Jobim e Souza (2012, p. 138), o *amor* de Benjamin pela tradição e pelo passado, manifestado em seus textos, *revela uma intuição profunda de que nessa paixão está a força subversiva capaz, de fato, de colocar em crise o presente*. E o autor reconhece, na perspectiva infantil, a potência para orientar outro olhar para a cultura contemporânea: olhar para o detalhe, para o pequeno, mostrando que não somos idênticos, mas semelhantes.

É nesse sentido que a infância se oferece como perspectiva para uma crítica da cultura: pensar a infância não significa isolá-la em sua própria experiência, mas reconhecer nessa experiência os estilhaços da dinâmica social. Por isso, a infância – como fragmento da dinâmica social – pode ser chave para uma crítica da cultura tanto quanto uma crítica da cultura pode ser chave para repensar a experiência da infância. (Pereira, 2012, p. 42).

Esse misto de singularidade e inserção cultural conduz a uma concepção de infância que, ao mesmo tempo, não prescinde da sua pluralidade e do que a torna uma categoria social. Concomitantemente plural e única, infância se coloca como crítica a uma cultura capitalista que formata, enquadra, enrijece, individualiza. Rita Ribes Pereira (2012, p. 45) identifica uma dimensão política na *utopia da semelhança* de Benjamin, na aposta de que *sujeitos plurais e suas histórias diversas guardam entre si semelhanças a partir das quais se reconhecem*, uns nas lutas dos outros. Essa identificação pode ser pensada

⁸ Mostrando atenção à criança do povo, Benjamin advoga por uma antropologia dialético-materialista: *Essa antropologia não seria outra coisa senão um confronto com a psicologia da criança, cuja posição teria então de ser substituída por minuciosos protocolos... a respeito das experiências que foram realizadas* (2002, p. 124). Uma antropologia filosófica, projeto também de Buber.

também na relação do adulto com a criança. Ao lembrar sua infância, são evocados interesses e desejos infantis, facilmente esquecidos pelos adultos.

Benjamin (2002) tece dura crítica aos pedagogos e a suas intenções com as crianças. Revela o quanto, impregnados por uma racionalidade prática, estão distantes das crianças, que se aproximam mais dos artistas, dos colecionadores, dos magos, dos loucos. Observa como a ciência pedagógica, na modernidade, instrumentalizou a cultura, transformando-a em conteúdos educativos e tornando-a servil. Ao tratar do livro infantil, observa que nem todos os adultos preservam *a fiel alegria que ele desperta na criança* (p. 54). Muitos livros e brinquedos são alvos de crítica do filósofo por suas preocupações pedagógicas e artificiais. A experiência da infância, assim, é banalizada, considerada algo menor, a ser superado. Benjamin reconhece, ainda, preconceito em relação às crianças, o que mostra um isolamento da infância e um distanciamento entre gerações. O adulto/pedagogo não mais reconhece aquilo que um dia lhe foi objeto de atenção.

Em sua unilateralidade, ele não vê que a Terra está repleta dos mais puros e infalsificáveis objetos da atenção infantil. E objetos dos mais específicos. É que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho, no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou quer que seja. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. (Benjamin, 2002, p. 57-58).

Nesse afastamento, há descrença na capacidade da criança em lidar com as questões do mundo no qual está inserida. Se a criança faz parte da dinâmica social, por que privá-la das discussões que afetam a todos – adultos e crianças? Benjamin aposta na potência do diálogo entre gerações, do intercâmbio de experiências entre adultos e crianças, pois uma geração provoca o despertar da outra com as memórias de lutas já vividas (Benjamin, 1987a).

A partir dessa aposta, elege as crianças como interlocutoras especiais em seus programas radiofônicos, criados entre 1927-1933. Essa nova tecnologia (ele se referia ao rádio), com apenas três anos de existência à época, deveria atender também às demandas infantis. Questiona o fato de haver falas especializadas, sobre os mais diversos assuntos, para adultos, e não, para crianças. Coloca, desse modo, as crianças num *lugar social de relevância*, considerando-as como *parte integrante das transformações sociais* (Pereira, 2012, p. 47). Nesses programas, aos quais temos acesso pelos textos das peças,

prevalece um tom de diálogo, que se distancia daquele adotado por alguém com pretensão de *ensinamento*. É estabelecida, entre locutor e crianças, uma relação que busca partilhar sentidos, e não as convencer de algo. Tendo como temas livros, brinquedos, teatro de marionetes, transformações na cidade, infâncias de outras épocas, economia, catástrofes e tantos outros, Benjamin coloca-se como adulto cúmplice das crianças, em muitos momentos se diferenciando dos demais.

Suas peças radiofônicas (Benjamin, 2015) dão pistas do seu modo de pensar a relação entre adultos e crianças: partilha, com as crianças, aquilo de que ele também gosta, que considera belo e interessante (p. 22; 49; 62); critica o autoritarismo de idade, a imposição dos desejos dos adultos (p. 50); aposta na capacidade de crítica das crianças, de que elas podem não gostar do que foi destinado a elas; cumplicidade (p. 58); reconhece que as crianças podem duvidar do adulto e buscar a verdade (p. 67); compreende que é tarefa do adulto mostrar aquilo que nem sempre é visto, em instigar a leitura e a narrativa do mundo (p. 45); aconselha às crianças a ensinarem aos adultos o que eles esqueceram (p. 66).

Talvez a memória mais significativa sobre a minha avó Inayá seja a de uma relação marcada por muito respeito mútuo, por uma presença serena que me tranquilizava, *por uma certeza de ser amada*. Eu sabia que éramos especiais uma para a outra, e, em muitas tardes em sua casa, parecia que apenas isso bastava. Durante horas, olhávamos “as modas” pelo muro baixo – eu sentada sobre ele e ela debruçada. Cumprimentávamos o padeiro, o leiteiro ou a vizinhança que passava. Lembro do moço que vendia cuscuz, que eu sempre pedia para comprar; até hoje cuscuz tem gosto de tardes na casa da minha vó. Lembro das brincadeiras de *Serra, serra, serrador* na cadeira de ferro na varanda. Lembro de agrados, em forma de comidas especiais, e também de respeito às minhas vontades – como quando eu não quis mais brincar com a neta da vizinha (ideia das duas avós), que eu mal conhecia e destruiu meus brinquedos.

Em que medida a relação que estabeleço com crianças carrega marcas dessas experiências? O quanto as marcas dessa relação direcionam meu olhar para o tema desta pesquisa? O interesse em escutar histórias de avós/avôs e netas/os com fortes

vínculos e pensar a infância a partir dessa relação tem como origem as tardes na casa da minha avó. *A Origem é o Alvo*, diz Karl Kraus citado por Benjamin (1987a, p. 229).

Que marcas as relações deixam em nós? Que marcas deixamos no outro? Como nós, adultos, nos relacionamos com as crianças? Escutamos, dialogamos, respeitamos seus desejos? Reconhecemos em seus interesses os nossos de outrora? Que experiências, relações, pessoas são lembradas vida afora por terem sido presença para nós?

Para pensar sobre essas questões, a pesquisa se fundamenta na compreensão do humano como ser de relação. Nela, diálogo é reconhecido como princípio da vida humana, na contramão da indiferença entre os indivíduos. Esse princípio, segundo Roberto Bartholo Jr. (2001, p. 9), é redescoberto no início do século XX. Porém, o horror vivido pela humanidade nesse século (e ainda no atual) revela que a modernidade *se fez cega* para essa realidade. É sobre ele que Buber coloca seus esforços, fazendo da sua própria obra um convite ao diálogo.

[...] não tenho nenhuma doutrina. Apenas aponto para algo. Aponto para a realidade, aponto para alguma coisa na realidade que não tinha sido vista, ou o tinha sido muito pouco. Tomo quem me ouve pela mão e o encaminho até a janela. Abro a janela e aponto para o que está lá fora. Não tenho nenhuma doutrina, mas mantenho uma conversação. (Buber apud Bartholo Jr., 2001, p. 13).

As origens da formação filosófica de Buber podem ser compreendidas na leitura de seus escritos autobiográficos. Assim como Benjamin, sua escrita memorialística têm a forma de fragmentos e não tem como objetivo contar sua vida pessoal. Seu propósito é destacar momentos que exerceram influências sobre seus modos de pensar. Neles, a relação com sua avó e seu avô – e foi grande o meu entusiasmo ao ler isso – ganham especial destaque.

A AVÓ. A avó, Adele, era uma daquelas judias de então que, para conseguir para seus maridos liberdade e ócio para o estudo da doutrina, dirigiam os negócios com prudente zelo. Para o avô o “estudo da doutrina” tinha uma significação especial. Apesar de autodidata, era um autêntico filólogo, ao qual devemos as primeiras e autorizadas edições críticas de um gênero particular da literatura hebraica: os *midrasbes*, que reúnem comentários exegéticos da Escritura Sagrada, provérbios e lendas fantasiosas [...] (Buber, 1991, p. 9-10).

Buber morou com a avó e o avô dos quatro aos quatorze anos de idade. Com o avô Salomão, aprendeu sobre o compromisso com a tradição. Com a avó Adele, conheceu um amor *à palavra legítima*, não apenas dita, mas vivida – um amor *espontâneo e devotado*.

A AVÓ. [...] Mesmo quando ela, abertamente, compartilhava do resultado de uma reflexão, apresentava-se como se descrevesse algo percebido, e isto resultava, sem dúvida, de que a experiência e a reflexão, para ela, não eram dois estágios, mas sim como que dois lados do mesmo processo. Quando ela olhava a rua, às vezes parecia o perfil de uma pessoa meditando sobre uma questão, e, quando eu a surpreendia inteiramente sozinha a meditar, era, às vezes, como se estivesse escutando. De mais a mais, já era evidente ao olhar do rapaz que ela, toda vez que lhe falava, realmente lhe falava. [...] (Buber, 1991, p. 10).

Foram, também, com o avô e o pai, seus primeiros contatos com comunidades hassídicas: *as quais observei como uma criança experiencia essas coisas, não como ideias, mas como imagem e pensamento* (Buber, 1991, p. 35). Na vida adulta, ele redescobre a tradição hassídica e, ao escutar histórias, pensa os modos de viver das pessoas e compreende o sentido da vida em comunidade. *Diante da possibilidade de escolher uma carreira acadêmica em quaisquer universidades alemãs, Buber escolheu voltar-se aos estudos das fontes hassídicas, resgatando laços com a sua infância vivida na companhia dos avós no interior da Polônia* (Pena, 2019, p. 508).⁹

Aprofundando na filosofia de Buber, encontramos os fundamentos de seus conceitos na relação dialógica, na vida *entre* as pessoas, no inter-humano.

Por esfera do inter-humano entendo apenas os acontecimentos atuais entre os homens [seres humanos], dêem-se em mutualidade ou sejam de tal natureza que, completando-se, possam atingir diretamente a mutualidade; pois a participação dos dois parceiros é, por princípio, indispensável. A esfera do inter-humano é aquela do face a face, do um-a-outro; é o seu desdobramento que chamamos dialógico. (Buber, 2009, p. 138).

Ser gente, segundo Buber (1991, p. 60), *significa ser o ente que está face a face. [...] é isto que importa*. O *Eu*, para o autor, só existe com um *Tu*, na medida em que este é aceito em sua totalidade, de forma que se torne presença para mim (Buber, 2001). É nessa relação, fundada no diálogo, que se expressa uma existência autêntica. O sentido do humano é a relação com o outro, e é apenas nela que nos constituímos como pessoas.

Para podermos sair de nós mesmos em direção ao outro é preciso, sem dúvida, partirmos do nosso próprio interior. É preciso ter estado, é preciso estar em si mesmo. O diálogo entre meros indivíduos é apenas um esboço, é somente entre pessoas que ele se realiza. (Buber, 2009, p. 55).

Buber (2001) caracteriza duas atitudes distintas do ser humano frente ao mundo, pronunciadas pelas palavras-princípios *Eu-Tu* e *Eu-Isso*. A *relação* *Eu-Tu* reflete

⁹ Para o Hassidismo, há uma interdependência entre o ser humano e Deus, pois é pelo agir humano, nas situações concretas da vida, que o mundo será salvo. Por esse motivo, *foi dada às gerações humanas uma força cooperadora, que se realiza na comunidade* (Pena, 2015, p. 146).

o encontro com o outro, que envolve reciprocidade e confirmação mútua. Revela-se no engajamento, no comprometimento mútuo - *que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade* (p. 54).

O que Buber denomina atitude EU-TU correspondente à situação na qual predomina a presença, na totalidade de um Eu e de um Tu livre de pré-determinações, é a atitude que antecede à análise, o conhecimento cognoscitivo. Esta atitude caracteriza-se como dialógica por estabelecer a relação na qual o Eu entra fazendo-se presença na totalidade, vivendo e respondendo ao momento com todo o seu ser. Neste revelar do Tu que poderia ser apresentado como possível configuração de uma união entre duas pessoas, o momento existencial do Tu abrange um ir além da personificação, no sentido de pessoas que se constituem, de ambos os “eus”. (Santos Filho, 2014, p. 5).

O *relacionamento* Eu-Isso expressa a objetividade, a atitude de utilização do outro e do mundo. Diz respeito a uma atitude necessária ao ser humano, *mas que se torna nociva quando se converte na forma preponderante de expressão humana, e engloba a totalidade da verdade, impossibilitando o emergir de respostas nos níveis mais profundos que só podem surgir dos encontros Eu-Tu* (Santiago; Röhr, 2006, p. 2).

Sobre o diálogo, Buber (2009) identifica três tipos: o *diálogo autêntico* – segundo ele, o mais raro – no qual há reciprocidade, e pode ser falado ou silencioso; o *diálogo técnico* – um dos mais comuns na vida cotidiana –, mobilizado pela necessidade de um entendimento objetivo, de informação; e o *monólogo disfarçado de diálogo*. Sobre esse último, ele desenvolve:

Não existem somente grandes esferas da vida dialógica que na sua aparência não são diálogo, mas existe também o diálogo que não é diálogo enquanto forma de vida, isto é, que tem aparência de um diálogo, mas não a sua essência. Aliás, parece, às vezes, que esta última espécie é a única que existe (Buber, 2009, p. 53).

Para entrar na vida dialógica, na perspectiva de Buber (2009, p. 53-54), é preciso ser capaz de escutar o outro e estabelecer um diálogo autêntico, em que *cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e si próprio uma reciprocidade viva*. O movimento básico dialógico exige abertura em relação ao outro, consiste no voltar-se para o outro, percebendo sua presença e estando presente. Para isso, é preciso libertar-se da indiferença.

Cada um de nós está preso numa couraça, cuja tarefa é repelir signos. Signos nos acontecem sem cessar. Viver significa ser alvo da palavra dirigida; nós só precisaríamos tornar-nos presentes, só precisaríamos perceber. Mas o risco nos é por demais perigoso, trovões silenciosos parecem ameaçar-nos de aniquilação: e aperfeiçoamos, de geração em geração, o aparato de defesa. [...]. Cada um de nós está preso numa couraça que, graças à força do hábito, deixa logo de sentir. São apenas instantes que

atravessam a couraça e que incitam a alma à receptividade. E quando tal instante agiu sobre nós e nos tornamos então atentos, perguntamo-nos: “Que é que aconteceu aí de peculiar? Não era algo semelhante ao que me acontece todos os dias?”, então podemos nos responder: “Realmente, nada de peculiar aconteceu, é assim todos os dias, só que nós não estamos aí presentes todos os dias”. (Buber, 2009, p. 43).

São nesses instantes, com a alma desarmada, que acontece o encontro. A partir da compreensão do ser humano como um ser relacional – que tem a relação como fundamento de sua existência –, encontro, para Buber, se define como uma categoria existencial, um modo de apreensão da realidade. Apenas na medida em que se coloca em relação que o indivíduo se torna um fato da existência, sendo encontro o reconhecimento de si e do outro em toda a sua alteridade. A partir desse reconhecimento mútuo, estabelece-se uma relação que o penetra, *quebrando sua solidão em um encontro rigoroso e transformador* (Buber, 2011, p. 145. Tradução minha). E é assim, *pelas experiências austeras e ternas do diálogo* (Idem, 2009, p. 56), que o *indivíduo* se transforma em *pessoa*.

Encontro, nesse sentido, *é vida atual* (Buber, 2001, p. 57). Não pode ser antecipado: é evento singular, único e como tal ele *acontece*. É sempre dialógico e revela a inteireza do ser humano. Para que o encontro aconteça, é necessário que haja abertura e entrega, pois a relação de um ser humano *com seu semelhante não envolve somente uma parte de seu ser* (Buber, 2008, p. 88). Encontro é estar em *recíproca presença* (Ibidem, p. 151); acontece no *entre*, no espaço onde se realiza o diálogo. *No encontro nasce o sentido* (Pena, 2019, p. 510).

De nada serve o movimento dialógico apenas na teoria. É na vida concreta, nos acontecimentos cotidianos, na realidade diante de nós, que ele se realiza. Sendo assim, no que diz respeito à educação, Buber (2004, p. 39) compreende que educar envolve *ocupar-se do outro em sua totalidade, tanto segundo sua realidade atual, na qual vive diante do educador, como também segundo sua possibilidade, tendo em conta o que ele pode chegar a ser a partir dele mesmo*. A relação educativa só acontece quando há abertura e confiança – não sem tensões ou conflitos –, com assunção pelo/a educador/a de sua responsabilidade. A finalidade da educação é formar para relações autênticas e solidárias.

Para Buber, a verdadeira paz nasce da solidariedade profunda. Solidariedade, amizade, mutualidade, criação e realização entusiasmadas em conjunto. Essas são, para ele, as armas de um bom combate.

O caminho do “bom combate” ao mal é o exercício da solidariedade, no aprendizado da alteridade. Somente entre seres que se sabem outros e se aceitam solidariamente na alteridade ele pode ser trilhado. Só pessoas capazes de dizer, em autenticidade e verdade “tu” uma *à* outra são também capazes de dizer uma *com* a outra: “nós”. (Bartholo Jr., 2001, p. 103. Destaques no original).

A partir dessas contribuições, Benjamin e Buber auxiliam na construção de uma escuta sensível para as narrativas de avós, avôs, netas e netos, com o objetivo de pensar a infância nas relações entre adultos e crianças de diferentes gerações. O interesse está nas *histórias que nos contam e que verdadeiramente contam, que se tornam experiência nas palavras de Benjamin [...], constituem o que somos, de onde viemos e desenham com a sua força de escrita a nossa presença – no sentido que dá a este conceito Martin Buber* (Kramer, 2021, p. 261). Que histórias contam avós/avôs e netas/os? Em que medida avós e avôs trazem referências de suas experiências infantis com avós/avôs na relação com netas/os? Os que as crianças narram sobre a relação com suas avós e seus avôs? Essas questões nortearam o início do trabalho de campo, relatado a seguir.

2.2

Escutar, aprender, (re)contar

Apenas a matéria vida era tão fina¹⁰

No início do caminho tinha... uma pandemia! O trabalho de campo desta pesquisa é marcado por um contexto de medos, mortes, incertezas, saudades, solidão... Momento trágico na história da humanidade, que mobiliza revisão de prioridades e instiga reflexões sobre nossos modos de viver e estar no mundo, sobre nossas relações com o outro, sobre aquilo que nos importa enquanto pessoas.

A denúncia de Benjamin (1987a) sobre o empobrecimento da capacidade de narrar, de intercambiar experiências e de estabelecer coletividade suscita indagações sobre esse contexto: o que contaremos sobre o tempo de pandemia e isolamento? Que fatos do passado possibilitam pensar o presente e o futuro? Como cuidamos dos mais

¹⁰ Caetano Veloso, *Cajuína*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nmd7Nw9KqaE>.

velhos, dos que vieram antes de nós? Como educamos as crianças, que dependem de nós?

No âmbito desta pesquisa, uma postura de escutadeira¹¹ se intensificou em mim: o desejo de ouvir as pessoas, de escutar suas histórias, de saber sobre seus afetos, de conhecer suas infâncias e as relações que deixam marcas em suas vidas. Escutar narrativas de crianças e adultos, sobre as sutilezas de suas interações no cotidiano, possibilita criar brechas na história oficial ao encontrar aquilo que se perde quando as pessoas são transformadas em objeto e suas histórias são esquecidas.

[...] significa perceber as pessoas se reconstituindo como sujeitos, reconstituindo nesse processo sua cultura e história, escutando o que não pode ser expresso e levando em consideração o que foi deixado de fora. Histórias de vida são consideradas como memória coletiva do passado, consciência crítica do presente e premissa operativa do futuro. (Kramer, 2007, p. 58).

Como escutá-los com tantas restrições e riscos durante a pandemia? Essa indagação se fez presente a partir de um impasse decorrente de impedimentos objetivos: as medidas de isolamento social, tomadas por autoridades oficiais para reduzir a probabilidade de ocorrência de contaminação pelo SARS-Cov-2, causa da doença Covid-19. As circunstâncias exigiram rever os rumos da pesquisa.

O planejamento inicial era começar com observações em espaços, principalmente em contextos familiares, onde avós/avôs e netos/as crianças partilham experiências. Esses contextos seriam também palcos de conversas sobre ser avô ou avô e ser neto ou neta. Após um período, seriam agendadas oficinas só com avós/avôs, depois só com netos/as e, por fim, com todos/as juntos/as. Essas oficinas incluiriam leitura de livros de literatura, desenhos, fotografias e colagens.

Se no início de março, tudo estava direcionado para iniciar o trabalho de campo na casa de uma avó que mora com seu neto, no final do mesmo mês, já não havia mais nada definido. O que fazer? Foi necessário um tempo para assimilar a situação, criar uma nova rotina, apaziguar os medos e, então, criar novas possibilidades.

Nos primeiros meses de pandemia, não parecia possível ou adequado, pelo menos para mim, realizar pesquisa com crianças através de plataformas digitais. Foi feita a opção por iniciar o trabalho de campo realizando encontros com avós/avôs na

¹¹ A referência para o uso da palavra *escutadeira* é Bosi (2015, pp. 39), para quem *lembraça puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito*.

plataforma de videoconferência *Zoom*.¹² O critério de familiaridade, já previsto inicialmente, se manteve e foi facilitador neste contexto. Minhas/meus amigas/os e familiares indicaram avós e avôs, fortemente vinculados a seus/suas netos/as crianças.

Para a primeira conversa, foi elaborado um roteiro com os seguintes eixos: (1) apresentação de si; (2) memórias de infância; (3) relação com as/os netas/os; e (4) questões movidas pela pandemia e o isolamento social. Esse primeiro encontro seria, a princípio, um teste para avaliar se a estratégia funcionaria. Foi marcado com uma pessoa conhecida da minha família, mas distante para mim: Carolina.¹³ Já tínhamos nos encontrado muitas vezes, principalmente quando eu era criança ou adolescente, mas nunca tínhamos conversado a sós.

No dia marcado, no mês de maio, iniciamos nossa conversa pelo *Zoom*, ainda nos ajustando às novidades tecnológicas. Sem dificuldades, a conversa fluiu. A partir da narrativa de Carolina, o roteiro - que não foi consultado durante o nosso encontro - cresceu, sendo incorporadas novas questões, com base na nossa conversa e nos estudos prévios sobre o tema. Nos encontros seguintes, outras perguntas também foram surgindo conforme o fluxo da conversa. A escrita e reescrita do roteiro, no entanto, serviram apenas como estudo do campo.

O trabalho de campo, assim, foi sendo construído com as e os participantes, a partir do que fui aprendendo com elas/es. Sobre isso, o antropólogo britânico Tim Ingold (2019) propõe *ouvir as pessoas*, levando-as a sério, tratando-as menos como informantes do que como professores, que devem ser procurados pelo que podem ensinar sobre o mundo. Para isso, devem abrir mão de métodos, considerados *guardiões da objetividade*, que supostamente garantem *que os resultados da pesquisa não sejam contaminados por um envolvimento muito íntimo ou afetivo dos pesquisadores com os povos que eles estudam* (p. 12).

Não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros; não se trata de colocá-los em seu lugar ou consigná-los à categoria dos “já conhecidos”. Ao contrário, trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com as suas experiências de vida

¹² <https://zoom.us/>

¹³ Todos os nomes são fictícios. Essa opção se deu para que as/os participantes ficassem à vontade para narrar suas vidas e afetos familiares sem inibição ou risco de exposição. Além disso, o nome fictício permite distanciamento da ideia de *narrativa verdadeira*, pois assume-se neste trabalho, como será dito mais adiante, que se trata de interpretação das narrativas, de reconto da pesquisadora a partir de suas impressões e inquietações. Para não sobrecarregar o/a leitor/a com excesso de nomes próprios, optou-se por identificar nominalmente apenas participantes diretos da pesquisa; nomes de familiares citados em seus relatos foram substituídos pelo grau de parentesco. Exemplos: [minha esposa], [minha filha], [meu pai] etc.

e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser, das suas condições e possibilidades futuras. (Ingold, 2019, p. 10).

Mesmo pelo *Zoom*, o clima dos encontros com as avós e os avôs foi de uma conversa desarmada. A maioria das pessoas mostrou muito desejo de falar e, aparentemente, muita satisfação em ter alguém para escutá-las. Bosi (2003), em texto onde tece sugestões para um/a jovem pesquisador/a estudioso/a da memória, diz:

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, de um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. (Bosi, 2003, p. 61).

A cada encontro, fui tomada por esse profundo sentimento de gratidão a que se refere Bosi (2003). Em um contexto de tanta tristeza, as narrativas dessas pessoas me preenchiam de vida. O entusiasmo e o desejo de viver a relação com suas/seus netas/os estiveram latentes em cada palavra, atravessada pelos medos provocados pela pandemia. Como será o amanhã? - a pergunta que o mundo se fazia era também a delas e a minha. Para o sociólogo italiano Franco Ferrarotti,

[...] o pressuposto em ciências humanas é o ponto de vista do pesquisador. [...] é o [seu] ponto de vista que permite a perspectiva interpretativa do fato social e ao mesmo tempo coloca o pesquisador em um plano de paridade. Dessa forma, o pesquisador não estuda apenas o outro, mas a si mesmo. Buscando descobrir outros, ele acaba se descobrindo. (Ferrarotti, 2006, p. 7. Tradução minha).

Os encontros no *Zoom* duraram entre uma hora e quatro horas e meia, e todas as conversas foram gravadas e transcritas na íntegra. A transcrição favoreceu o mergulho nas narrativas. Embora muitas conversas tenham se desdobrado em interações pelo *WhatsApp* (envio de fotos, vídeos, áudios...), as conversas pelo *Zoom* foram pontuais e longas. Desse modo, foi possível se debruçar e refletir sobre cada palavra dita pelas/os participantes.

No entanto, muito mais do que colher informações, o intuito foi escutar, criar um espaço de diálogo, aprender. Para isso, foi necessário estar aberto ao outro, ainda desconhecido. Esse outro que, assim como aquele que pesquisa, não se enquadra em modelos preestabelecidos, é inacabado, impreciso.

Liana: Tudo bem com você?

Carolina: Está tudo bem. Está tudo ótimo.

Liana: Está um sábado lindo de sol, estava aqui olhando pela janela ...

Carolina: Eu vi... Eu também estava do lado de uma. E está um sábado lindo mesmo. Depois daquela chuarada toda.

Liana: Bem limpinho... Então, vamos começar?

O dia lindo, avistado pela janela, contrastava com o clima pesado que a pandemia provocava naquele momento. O que costuma ser um *jogar conversa fora* – falar sobre o tempo – era mesmo interesse comum, diante da restrição para sair de casa. E muitos encontros iniciaram com temas relacionados à experiência do isolamento. Era também o tempo de chegada, de se acomodar, de ficar à vontade, de se abrir para o diálogo.

Durante as conversas, aconteceu, em muitos momentos, o que Buber (2001) define como encontro. Pela tela do celular ou do computador, estávamos em *recíproca presença*. Não foi imaginado previamente o quanto as/os participantes ficariam tão rapidamente à vontade, se emocionariam e contariam acontecimentos tão íntimos de suas vidas, como os narrados por Cecília e Lygia.

Quando eu, com 12 anos, comecei a pegar corpinho, minha mãe falava "cuidado para não encostar, porque às vezes ele vai dar um beijo aqui, cuidado para não encostar o cotovelo no seu peito..." Minha mãe é muito delicada. Então eu me lembro disso, que [meu avô] dava beijo bem pertinho. (Cecília)

Eu tinha as minhas tranças e o cabelo crespo, e a minha avó dizia que eu tinha o cabelo ruim. Tinha um racismo, e eu ficava possessa. E eu dizia que eu era africana. Ela que penteava o meu cabelo, quem fazia as minhas tranças às terças-feiras. (Lygia)

Os relatos inesperados – de abuso sexual e racismo por parte de avós/avôs –, apesar de duros de serem ouvidos, foram importantes para romper a visão romantizada sobre a relação entre avós/avôs e netas/os, que, por mais que eu tentasse me precaver, ainda me habitava. Avós/avôs e netas/os são pessoas, marcadas por opressões de gênero, raça, classe. Nem todos os temas são aprofundados na tese, porém é compromisso ético da pesquisa evidenciá-los.

Em relação à classe social, era intenção que a pesquisa contemplasse uma variedade de origens. Entretanto, o modo virtual não possibilitou a participação de avós/avôs que não tinham acesso à internet de qualidade suficiente para sustentar uma chamada de vídeo.

Participaram dez adultos, sendo sete avós e três avôs, moradores da cidade do Rio de Janeiro e de Niterói, com idades entre cinquenta e um e setenta e um anos,¹⁴ entre os meses de maio a dezembro de 2020. Suas netas e seus netos tinham entre um e dezesseis anos. Foi observado, posteriormente aos encontros, que grande parte tem alguma proximidade com o meio educacional, seja por formação, interesse ou prática profissional.

Com o passar dos meses, uma conversa com as netas e os netos, pelo *Zoom*, começou a ser vislumbrada como possibilidade. As interações pela tela passaram a ser as possíveis para quem se manteve em isolamento, e as crianças também se apropriaram desta nova realidade. Apesar de não trabalhar no momento da pesquisa como professora de crianças,¹⁵ acompanhei, através de relatos de professoras, como as interações vinham acontecendo com crianças. Além dessas, minhas interações pela tela com crianças do meu contexto familiar também levaram a pensar que valeria a tentativa. Diante do tempo previsto para a pesquisa, decidimos, a orientadora e eu, por uma conversa coletiva com as netas e os netos com idade entre cinco e doze anos.

A opção por escutar as crianças partiu do entendimento, especialmente com base nos estudos da sociologia da infância (Sirota, 2001; Ferreira, 2004; Sarmiento e Gouvea, 2008; Corsaro, 2011), de que elas são seres sociais plenos e, por isso, suas culturas e relações devem ser estudadas, principalmente a partir do que elas dizem, não apenas do que os adultos dizem sobre elas. Nessa mesma trilha, a antropóloga escocesa Christina Toren, que tem crianças como interlocutoras privilegiadas de suas pesquisas, afirma:

Descobrir que sentido as crianças estão dando ao mundo é importante para a análise etnográfica não simplesmente porque possibilita um relato mais completo e sutil de como a vida é vivida em qualquer esfera específica e como a transformação naquela mesma esfera é um aspecto de sua continuidade, mas porque nos possibilita tornar

¹⁴ Após os encontros no *Zoom*, as avós e os avôs participantes receberam, pelo *WhatsApp*, um link para preenchimento de um formulário *on-line* criado na plataforma *Google*. Os itens foram: nome, idade, sexo, cor/raça, estado civil, naturalidade, bairro em que reside, ocupação profissional, formação, nome e idade do(s) neto(s), número de telefone, e-mail e comentários opcionais. Embora muitas dessas informações tenham sido citadas nas conversas, o formulário facilitou o preenchimento de lacunas e a consulta posterior. Os termos de consentimento e assentimento foram enviados para serem assinados por *WhatsApp* ou pelos Correios, de acordo com a preferência de cada participante. Os modelos dos termos estão reunidos no Apêndice B.

¹⁵ Apesar de não ser o foco desta pesquisa, cabe lembrar o que nem sempre pareceu ser considerado nos discursos dos políticos e até de especialistas do campo da educação e da infância: as pessoas não viveram/estão vivendo a pandemia da mesma forma; os marcadores sociais de classe, gênero e raça foram acentuados e, muitas vezes, determinantes no aumento da vulnerabilidade da exposição à Covid-19. Sobre isso, ver Estrela *et al.* (2020).

analíticas as categorias das pessoas cujas vidas estamos tentando analisar, seja em nossos próprios lares ou em outro lugar do mundo. (Toren, 2010, p. 22).

A realização do encontro coletivo com as crianças envolveu desafios. O primeiro: chegar às crianças. O convite a elas deveria ser feito por um adulto próximo – nesta pesquisa, mãe ou pai. O contato com as mães ou os pais, contudo, precisou ser feito através das avós e dos avôs. Para chegar às crianças, portanto, foi preciso passar por dois adultos antes. Em resumo, tornou-se necessário contar, primeiro, com o envolvimento das avós e dos avôs com a pesquisa e o desejo destas/es de que as/os netas/os participassem e, a seguir, com a autorização dos pais após o entendimento acerca da pesquisa, a compreensão da relevância dela e a manifestação de interesse em participar.

Criei um convite para as crianças,¹⁶ por meio do qual, também, as mães e os pais delas ficariam cientes sobre a pesquisa. Nesse convite, busquei escrever de modo que as crianças compreendessem os objetivos da pesquisa, com ilustrações de livros infantis e questões que, talvez, pudessem proporcionar interesse e diálogo prévio com os adultos da família. O envio do convite foi feito às avós e aos avôs para que repassassem e conversassem com os pais das crianças. De acordo com o desejo e a disponibilidade das crianças e das mães ou dos pais, recebi, através das avós e dos avôs, os seus contatos e, por *WhatsApp*, combinamos o dia e o horário do encontro.

Procurei deixar claro para as mães e os pais, no convite e nas conversas por *WhatsApp*, que as crianças não eram obrigadas a participar e que a decisão deveria ser delas. Entendo, como Pereira (2012, p. 81), *que a concordância dos responsáveis e das instituições, ainda que legal e eticamente necessária, não pode substituir a concordância a ser dada pelas crianças em participar da pesquisa*. Ao mesmo tempo, pensava: e se nenhuma quisesse participar? A expectativa e a ansiedade me fizeram companhia nos dias que precederam a conversa. Não que não houvesse expectativa em encontrar com as avós e os avôs, mas confesso que fiquei nervosa para o encontro com as crianças. Eu, que por dez anos trabalhei como professora de crianças, agora me via numa situação

¹⁶ No Apêndice C, são reproduzidas as páginas do documento enviado às famílias por *WhatsApp* em formato PDF. Para cada neta ou neto, foram escritos seu nome e o nome da avó ou do avô participante da pesquisa, além de serem feitos alguns ajustes no texto de acordo com as histórias narradas pela avó ou pelo avô. Para as avós de bebês, foi enviado convite para que tomassem conhecimento desse momento da pesquisa. Tanto as avós e os avôs quanto as mães teceram comentários entusiasmados e elogiosos sobre o convite e contaram que leram o documento com as crianças.

completamente inédita: conversar com crianças que não me conheciam, nem eu a elas, pelos quadradinhos do *Zoom*.

No dia combinado, em dezembro de 2020, as crianças, aos poucos, foram chegando, a maioria acompanhadas de suas mães, que permaneceram conosco apenas no início. Participaram do encontro seis crianças, somente meninos. A neta do Carlos, de seis anos, chegou a entrar “na sala” com a mãe, mas não quis participar. A mãe contou que ela não tem muito apreço pelas interações através das telas e não costuma participar nem daquelas promovidas pela escola. As netas do Gilberto não estiveram conosco porque a mãe teve uma emergência no trabalho, alterando o horário em que estariam disponíveis. Já as netas e o neto da Adélia não estiveram presentes porque, naquela semana, um familiar (sua irmã) tinha falecido de Covid-19. Muita tristeza...

Para ficarmos à vontade, começamos falando sobre assuntos diversos: a camisa do time de futebol, a proximidade do aniversário, onde cada um estava naquele momento. Quando todos que confirmaram a participação estavam presentes, pedi que cada um falasse seu nome, depois sua idade e por fim o lugar onde moram. Eu e Alexandra¹⁷ também respondemos a essas e as outras perguntas que guiaram a nossa conversa.

Para puxar o tema da relação com as avós e os avôs, foram utilizadas ilustrações de livros de Literatura Infantil,¹⁸ selecionadas de acordo com as experiências narradas pelas avós e pelos avôs das crianças nos encontros individuais. Ao longo da conversa com as crianças, mostrava rapidamente os livros de onde retirei as ilustrações e as compartilhava na tela do *Zoom*. A cada imagem, ia puxando os fios para desenrolar a conversa. Compartilhava a tela para observarmos a imagem juntos e logo voltava para que pudéssemos continuar o diálogo vendo uns aos outros.

¹⁷ O encontro contou com a colaboração de Alexandra Pena, amiga, professora da PUC-Rio e uma das coordenadoras do grupo de pesquisa Infoc.

¹⁸ Todas as ilustrações estão reunidas no Apêndice D. É significativa a produção de livros de Literatura Infantil sobre a relação entre avós/avôs e netas/os. Sobre a análise de como as/os avós/avôs são representadas/os nas obras, ver: Fernandes (2013), Ramos (2015) e Souza *et al.* (2020).



Fig. 2 – Avó e neta de mãos dadas. Natália Gregorini. Fonte: Gregorini, 2019.

A participação das crianças, mesmo em condições limitadas e remotamente, me surpreendeu, principalmente durante a transcrição da conversa. Apesar de um volume de material muito menor do que o construído nos dez encontros com as avós e os avôs, as falas das crianças, mesmo mais sucintas, revelam o envolvimento delas com a pesquisa.

Luan: Descreve, tia. Você é a última.

Liana: Ah, eu sou a última... Minha vó fazia bolo, bolo de tudo quanto é tipo, fazia cocada. Vocês gostam de cocada?

Luan: Sim, eu gosto.

Liana: Ela fazia e tinha que esperar esfriar para poder ficar durinha. Porque a cocada, quando acaba de fazer, fica molenga, tem que esperar esfriar, mas eu não aguentava, de tanto que eu gostava. Eu ia lá e pegava quente mesmo, queimando às vezes o dedo.

Diego: Tia, estou com água na boca de ouvir isso.

Escrever sobre essas narrativas – das crianças, de suas avós e de seus avôs – é, contudo, o desafio maior. Pierre Bourdieu (2008), na abertura do livro *A miséria do mundo*, trata do seu *sentimento de inquietação* (p. 9) em expor conversas, realizadas no âmbito privado, na escrita científica. Compartilho do mesmo sentimento do sociólogo francês: como expor narrativas, frutos de acordo de confiança? Como não enrijecer a narrativa do outro na escrita?

É o escritor Bartolomeu Campos de Queirós quem me ajuda neste momento: *Jamais podemos nos outorgar - mesmo apoiados pelas mais avançadas teorias das ciências humanas - a capacidade de mensurar a extensão das emoções vivenciadas e o tamanho dos desejos que pulsam na carne do outro* (Queirós, 2012, p. 85). E ainda: *só nos é possível compreender “quem” é o outro quando ele se diz. Por ser assim, é a partir da posse da complexidade de nossa interioridade que podemos suspeitar “quem” é o outro* (Ibidem, p. 85).

O que cabe então a quem faz pesquisa? *Captar algo do modo como ele [o outro, a outra] se vê, para dali assumir plenamente meu lugar exterior e dali configurar o que eu vejo do que ele vê*, afirma Marília Amorim (2007, p. 14), com base nos estudos do filósofo russo Mikhail Bakhtin. Do seu ponto de vista, o/a pesquisador/a poderá revelar o que o sujeito pesquisado não vê.

Nesse sentido, aqui, não são apenas transcritas as histórias das pessoas. Com Buber (2013),¹⁹ compreendo que se trata de um *reconto* em que também me faço presente. A partir das minhas perspectivas e interpretações, seleciono fragmentos e experimento diferentes arranjos para tecer sentidos que contribuam para reflexões filosóficas e antropológicas sobre o tema. O que escrevo é resultado de escuta, de algo que aprendi com as avós, os avôs, as netas e os netos da pesquisa e que me propus a *contar de novo, assumindo assim o aspecto próprio da narrativa, que em seu recontar se torna novo, atualiza-se para aquele que a escuta* (Santiago, 2008, p. 77).

Assim, reconhecendo a incompletude e a provisoriedade humana – minha, do outro, do conhecimento – reconto suas histórias. Ainda que mesclando nossas vozes, é a partir do meu ponto de vista, com a minha *assinatura* (Bakhtin, 2011), que apresento as avós, os avôs e os netos desta pesquisa e suas histórias.

¹⁹ Durante dez anos, Buber escutou histórias hassídicas, que estavam em risco de esquecimento, e as recontou pela escrita, não com o intuito de transcrevê-las, mas de reavivá-las. Essas narrativas estão reunidas no livro *Histórias do Rabi* (Buber, 2013).

2.3

Avós, netos e suas histórias

Carolina tem cinquenta e oito anos, é carioca e negra. Solteira, mora sozinha, em Santa Teresa, bairro da Zona Central da cidade do Rio de Janeiro. Formada como Professora no Curso Normal, trabalhou com Arte-Educação no Terceiro Setor com adolescentes infratores. Educação e cultura são áreas que a tocam muito, são as *coisas em que acredita*.

É candomblecista e tem compromissos com a religião, o que concilia com outros trabalhos. No terreiro, é responsável pela educação. Seu cargo é *Yakekere: é uma mãe; é uma pessoa que cuida, que educa. Ela caminha ao lado da Yalorixá, a mãe de santo. É uma pessoa responsável pela educação das pessoas e um pouco pela administração da casa junto com a Yalorixá*.

Quando questionada se sua família era do Candomblé, respondeu que sim, que a matriz da sua casa, do seu terreiro, era o *Ilê Axé Oxumarê*, em Salvador. A intenção da pergunta, no entanto, era saber se seus pais ou avós já eram do Candomblé ou como ela chegou à religião. Até que ela respondeu que foi através de amigos, quando adulta, e que sua formação religiosa familiar foi na religião Católica.

A religião, para Carolina, é fundamento de suas experiências profissionais e de vida: *Porque senão não tem sentido*. Entre esses fundamentos, está o cuidado – com o outro e com a natureza – compreendido como um dos pilares do Candomblé. Cuidado com o corpo, com o espírito e com a natureza, sempre interligados. Cuidado das cabeças, chamadas de *Ori*. Cuidado é relacionado à vida comunitária e ao feminino, sendo o Candomblé uma religião matriarcal. *Isso caminha comigo*.

Foi criada pela mãe, que trabalhava como lavadeira. Fala pouco do pai, que é falecido desde sua juventude. Não teve contato com seus avós, pois sua mãe ficou órfã cedo e seu pai veio jovem de Minas Gerais e nunca mais voltou à sua terra de origem.

Criou seu único filho sem a presença do pai. Tem duas netas, uma de cinco anos e outra de um ano, de mães diferentes. A de cinco anos mora em outro estado com a mãe – sua ex-nora –, que tem dificultado o contato com a família paterna. A de um ano mora com os pais, que vivem juntos, em bairro próximo à residência de Carolina. Durante a nossa conversa, ela estava na casa da neta, que permaneceu em outro cômodo com a mãe e apareceu à frente da tela, ao final, para falar comigo.

Em sua fala, Carolina lança, em vários momentos, um olhar sensível para as crianças e para os mais velhos, o que ela revela ter aprendido com a religião. Como filha de *Iansã* e de *Xangô*²⁰, gosta de *dançar*, de *fazer vento*, mas é também justiceira. Não aceita desrespeito nem racismo e mostrou-se preocupada com os rumos políticos do país.

Cecília tem cinquenta e um anos, é carioca e divorciada. Mora em Botafogo, bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Diz que não é branca; é misturada. É médica porque gosta de cuidar das pessoas, mas não gosta tanto de exercer a profissão; às vezes, preferia ser professora, por gostar tanto de criança, e até chegou a trabalhar com crianças em uma organização não governamental. A carreira de medicina nunca foi prioridade em sua vida. Desde o nascimento de sua filha, quando estava na faculdade, buscou trabalhar em meio período para poder estar com os filhos.

Foi criada pelos pais na região central da cidade, morando sempre perto das avós e dos avôs. Segundo Cecília, ela foi criada *com* a avó e não *pela*. Na sua família, é forte a presença das avós e dos avôs: *Eu tive avós muito presentes, meus filhos tiveram avós muito presentes e o meu neto mora comigo*. Seu pai, já falecido, era presença constante em sua casa e é descrito como um grande avô, *um pai* para os seus filhos. Sua mãe também ajudou com as crianças.

Mora em um apartamento com os dois filhos adolescentes, a filha de 31 anos e o neto de dois anos, filho da filha. Cada um de seus filhos é fruto de um relacionamento; foi casada com o pai da filha. A filha foi agredida pelo namorado, com quem morava há pouco tempo, desde que o neto nasceu: *Foi muito duro, para mim, ter uma filha agredida. É uma coisa que machuca muito a gente, dói muito*. Desde então, os dois – filha e neto – moram com a avó. A nova configuração familiar, segundo ela, provoca desafios e benefícios.

Sensível, é inclinada às artes. Desde menina, escreve poemas e, recentemente, começou a fazer aulas de acrobacia aérea. *Uma coisa que eu queria muito era conseguir me pendurar no trapézio para ele [meu neto] me ver pendurada; isso eu queria muito. Eu ia ficar*

²⁰ Do ponto de vista da religião Candomblé, todo ser humano tem ou é filho de um orixá e carrega suas características.

amarradona dele falando: 'Minha avó se pendurando no trapézio'. Isso eu ia gostar. Eu ia ser maneira, uma avó descolada.

Nossa conversa foi marcada pela emoção, a minha principalmente. Com muita sinceridade, contou sobre seu estado depressivo dos últimos anos após um acontecimento muito triste na sua *vida pessoal, como mulher*. A presença do neto em sua vida, mais ainda pela forte convivência, tem sido sua força para viver: *Eu acho que o que me segurou, o que me deu vontade de continuar foi o meu neto. [...] se ele não estivesse aqui eu já teria sucumbido, teria desistido.*

Lygia tem setenta e um anos, é branca e viúva. Nasceu e passou a infância em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Atualmente, mora sozinha em um apartamento na Tijuca, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Foi casada duas vezes, e seu grande amor foi seu segundo marido, com quem viveu por vinte e cinco anos e não é o pai biológico de seus filhos. É psicanalista aposentada. Na sua trajetória profissional, fez Curso Normal, faculdades de Pedagogia e de Psicologia e formação em Psicanálise.

Seus avós têm origens muito diversas. Por parte de mãe, sua avó era indígena e seu avô cigano espanhol; por parte de pai, sua avó era portuguesa e seu avô, filho de mulher escravizada e alforriada, nascido após a Lei do Ventre Livre. *Eu sou fruto desses atabaques, dessas castanholas.*

Foi criada pelos pais, ambos falecidos, em situação de pobreza na Baixada Fluminense. Seu pai era um boêmio sonhador, que fugiu de Salvador aos nove anos e foi criado em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, por uma dona de bordel. Já a mãe era *mais compenetrada*. Conheceu apenas a avó materna, mas tem muito presente as histórias de sua origem contadas pelo pai.

Quando criança, Lygia era chamada de *Vento Sul* pela mãe, por ser *muito danada*. Diz que seus netos são parecidos com ela nesse sentido. Tem três: dois são do filho, um de quatorze e outro, de oito anos; e um, da filha, que tem doze anos. Tem mais proximidade com este último, que mora no Uruguai. Desde que ele nasceu, ela fica meses lá e meses aqui. Quando a pandemia começou, estava em seu apartamento no Rio de Janeiro, onde permaneceu meses, em total isolamento.

Nos últimos anos, tem se dedicado à fotografia e publicou um livro de fotos produzidas na elaboração do luto da perda de seu companheiro. A fotografia e os livros infantis, outro grande interesse de Lygia, são motivos, além de outros, de interações com os netos. Na pandemia, publicou um livro de fotos sobre a solidão durante a quarentena, com imagens produzidas de sua janela, e está organizando outro sobre o *tempo de ser avó*.

Nossa conversa foi a mais longa, com cerca de quatro horas e meia de duração, intercalada por momentos de gargalhadas e emoção, da minha parte, pela riqueza de detalhes de suas narrativas e intensidade das experiências relatadas. O contato com Lygia se manteve sem esforço, pois ela liga ou manda mensagem quando tem algo novo para contar.

Clarice tem cinquenta e nove anos. É branca, formada em Psicologia. Começou atuando na área clínica e fez curso em psicologia médica e depois jurídica. Encontrou-se profissionalmente trabalhando como psicóloga, de forma articulada com a assistência social, em creches conveniadas no Morro dos Macacos. A partir desse trabalho, decidiu fazer mestrado em educação. Atualmente, trabalha no terceiro setor com formação de professores que atuam em creches conveniadas de favelas cariocas.

Mora com o marido, com quem está casada há trinta e quatro anos, em um amplo apartamento na Tijuca, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, mas foi criada em Copacabana, na beira da praia: *a vida sempre foi muito ligada à praia*. Seu pai, falecido há mais de quinze anos, jogava futevôlei e era *rato de praia*. Foi ele quem teve a ideia de cavar na areia para colocar o chuveirinho, hoje tão popular nas praias cariocas. Sua mãe, descrita como *uma mãe zona de querer todo mundo grudadinho nela*, faleceu há menos tempo e passou seus últimos anos na casa de Clarice.

Conheceu apenas sua avó paterna, que foi sinhazinha (seu pai era dono de engenho) e era uma ótima contadora de histórias. Sua avó fazia bolos, sempre com um tema (contos clássicos, futebol...), para vender e também para os aniversários das crianças da família. *Além disso, ela escrevia muito bem, era uma poetisa mesmo, e também tocava violão*.

É mãe de três filhos homens adultos, sendo dois gêmeos (os mais novos). É avó de duas bebês (uma com um ano e oito meses e outra com um ano e seis meses) e, no momento da nossa conversa, aguardava a chegada de um neto. Uma das netas morou por um curto período em sua casa com seu filho e nora. A outra mora do outro lado da cidade.

Seus relatos mostram que, assim como se refere aos adultos de sua família quando lembra seus tempos de menina, é uma *adulta brincante*. Como mãe, sua casa sempre foi *povoada de crianças*. Sua casa também é apresentada como um lugar de passagem para as pessoas da família que precisam de acolhimento. E a casa vazia é motivo de incômodo.

O vazio da casa e o vazio interno provocados pela ausência, pela distância, sobretudo durante o isolamento da pandemia foi tema de nossa conversa. Do terraço de sua casa, com seus curtos cabelos ao vento, Clarice voltou várias vezes a esses temas. A família unida, a casa cheia e as brincadeiras com as crianças, em especial com as netas, são partes importantes de sua vida. Meses após nosso encontro, enviou uma foto fazendo pão de queijo com as duas netas. Seu rosto era só felicidade por poder estar com elas novamente.

Adélia tem sessenta e oito anos. É branca, carioca. Mora com o marido no Méier, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Passou a infância em casa com quintal na companhia de seis irmãos: *aquela criação em que a gente subia em árvore, brincava na rua...*

Casou com vinte e dois anos e parou de estudar para se dedicar ao casamento e aos seus dois filhos, um casal. Seu marido é marinheiro, e a família viajava com ele. Quando a filha mais nova foi fazer o Ensino Médio, Adélia, que estava com quarenta e dois anos, voltou a estudar, formou-se como professora no Curso Normal e começou a trabalhar em uma escola particular: *Foi o primeiro emprego de toda a minha existência até aquela época*. Continuou estudando e fez faculdade de Pedagogia.

Quando a escola onde ela trabalhava fechou, resolveu se dedicar às netas. Seu filho já tinha uma filha e sua filha estava grávida. *Bom, se eu voltasse a trabalhar, eu não*

poderia me dedicar, não poderia dar atenção a eles porque, você sabe, vida de professora é uma vida muito atribulada.

Passou a ajudar, ficando com as netas para a filha e a nora poderem trabalhar. Mesmo quando ainda trabalhava como professora, também ajudava dessa forma ficando com as netas nas suas férias de janeiro e julho. Quando a filha *ganhou* *neném* ficou com ela durante três meses, orientando e dando apoio. Morando no mesmo bairro, ia e voltava todos os dias. Por um período, a neta, o neto, o filho e a nora moraram com ela e o marido.

Ser avó pesou na escolha para se aposentar, pois tinha *outra coisa para se dedicar*. Tem três netos: dois filhos da filha, um de sete anos e a outra de três anos; e uma, do filho, de doze anos.

Durante a nossa conversa, Adélia foi concisa nas respostas, mas enriqueceu suas narrativas com detalhes a partir de novas perguntas. Apesar de parecer ser uma pessoa tranquila, diz que é também *bem enérgica* quando precisa, inclusive com as netas e o neto, pois não gosta de desobediência. O que parece preencher sua vida é a dedicação à família e, principalmente, estar com crianças, contando histórias e brincando; deixa até subir nas suas costas, rola no chão... E essa vida, ela enfatiza várias vezes, foi uma escolha: *Eu escolhi me dedicar a minha vida de mãe e depois eu escolhi a minha dedicação como vó.*

João tem sessenta e cinco anos. É branco, casado há quarenta anos. Niteroiense, desde que se aposentou, mora com a esposa em Piratininga, bairro da região oceânica de Niterói, em um apartamento a cem metros da praia. É formado em Psicologia, mas, na sua trajetória profissional, realizou trabalhos administrativos em empresas públicas ligadas à ciência e à tecnologia. É protestante, assim como seus pais e avós.

Seus pais nasceram no interior do estado, na região serrana de Macaé, onde moravam seus avós. Teve cinco irmãos, sendo quatro meninos e uma menina. Passava as férias na casa dos avós maternos - *A casa da infância*. O avô era uma pessoa que falava pouco, mas passava segurança. Já com a avó, a conversa à mesa durante as refeições

girava em torno da comida e da colheita de verduras na horta. A relação afetiva com o espaço e os avós se entrelaçam: o vilarejo, a casa, os avós eram *esse lugar de refúgio*.

Para ele, aquele era também um *lugar de liberdade*, que foi frequentado posteriormente pelos seus filhos e sua filha. *Nós ocupávamos nosso dia, correndo, tomando banho no rio, jogando futebol... Não havia uma supervisão de adultos*. A mãe, falecida há poucos meses, foi professora na região.

Por alguma razão, sempre teve muita afinidade com criança pequena. Reconhece que não é comum na sua geração homem dividir atribuições, mas ele é assim desde que os filhos eram pequenos. *Os avós têm perdido essa oportunidade de aprender com as crianças, de ver o que está acontecendo e de contribuir naquela relação*.

Tem dois filhos e uma filha, e dois netos: um de seis anos, de um dos filhos; e um, de dois anos, filho da filha. Mesmo não morando tão próximo dos netos, procura estar sempre que possível com eles. Por um período, *cumpria escala* de ficar uma a duas vezes por semana com o neto mais novo para ajudar a filha e o genro.

João tem um olhar atento, interessado e respeitoso para as crianças, não apenas seus netos. Como avô, coloca-se como uma pessoa disponível. Disponível para aprender com os netos, para ser conduzido por seus interesses, para estar em presença, na praia, na praça ou em qualquer outro lugar. Disponível também para falar sobre ser avô, homem. Durante a nossa conversa, realizada enquanto se recuperava da doença do coronavírus, ressaltou que *o avô é muitas vezes esquecido*.

Marina tem sessenta e cinco anos, é branca e está casada há quarenta e um anos. Mora com o marido e a mãe em uma ampla residência, que eram de seus pais. Foi onde nasceu *na casa mesmo, não foi nem em hospital*, no bairro de Vila Valqueire, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

De família com cinco filhos, passou parte da infância numa fazenda, pois seu bisavô era capitão da guarda de Dom Pedro II. Nessa casa de fazenda, onde hoje é um *shopping, tinha fruta de conde, jabuticaba, carambola, um terreno enorme*.

Conviveu com seus avós, mas deu especial destaque à relação que tinha com sua bisavó, falecida quando Marina tinha dez anos. Tem uma família grande, com

dezoito primos. *Uma família bem matriarcal; tinha muitas mulheres, elas dominavam*, e muitas eram professoras. A mãe era diretora de escola. Ela também é dona de uma escola privada, que começou há trinta e nove anos como um trabalho da pastoral de uma igreja Católica para ficar com as crianças de três e quatro anos de uma favela da Zona Oeste porque não tinha escola para elas. Também é professora da rede municipal do Rio de Janeiro.

Tem três filhas: cada uma tem um filho: um de seis anos; outro, de cinco; e uma, de um ano - *Eu estou sempre renovada em termos de neto*. Morou ao lado do primeiro neto, e o segundo neto permanecia três vezes na semana com ela. Os netos frequentam a sua escola, então estão sempre perto. A menor vai começar agora na creche. É muito próxima das filhas: *as meninas são muito minhas amigas, a gente vive muito junta*.

Por ser professora, ela sabe contar histórias. Para os netos, conta histórias da família, do lugar, e as que inventa. Também toca piano e, apesar de não ter tanta paciência, compartilha momentos musicais com o neto mais velho, que está aprendendo a tocar instrumentos.

Marina é animada e gosta de casa cheia, de reunir a família. Sua fala é rápida, firme e entusiasmada: *Eu falo muito*. Após a nossa conversa, enviou fotos e vídeos dos netos, inclusive com o mais velho tocando e cantando.

Carlos tem sessenta e cinco anos, é branco e está casado há quarenta e um anos. Mora com a esposa em um apartamento, em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro. É pedagogo, professor universitário aposentado e, mais recentemente, psicanalista.

Sua origem familiar é italiana. Seus avós maternos e paternos, que viviam na Calábria - uma região pobre e violenta do norte da Itália -, migraram para o Brasil, no início do século XX, em busca de uma vida melhor. Eles eram jovens e solteiros e não se conheciam. No Rio de Janeiro, fizeram a vida e constituíram família. Lamenta não ter conhecido seus avós; os dois morreram quando ele era muito pequeno: *Talvez hoje eu pense, com relação aos meus netos que eu queira viver bastante para poder ter eles um tipo de convivência que eu não tive com os meus avós; gênero, pôe gênero nisso, meus avós*.

Passou a infância na Zona Norte do Rio de Janeiro, no bairro do Estácio, e estudou em colégio católico, o que lhe deu *uma base de formação teológica*. Tornou-se católico, diferente do restante da sua família. Já sua esposa é judia, e suas filhas estudaram em colégios judaicos. *Eu insisti que elas estudassem em colégio judaico. Eu acho que a tradição religiosa é uma dimensão cultural importante [...] Eu preferi que as minhas filhas fossem judias a não ter religião. Foi uma decisão.*

Tem duas filhas e quatro netos. A filha mais velha tem dois filhos, uma menina de seis e um menino de quatro anos, e a filha mais nova tem gêmeos, um menino e uma menina, de três anos. Havia uma expectativa em ser avô e um certo receio de que as filhas não quisessem ter filhas/os, mas nunca as pressionou ou sequer perguntou sobre isso: *Eu resisti a todas as tentações*. Elas não falavam sobre o assunto; a mais velha estava com mais de trinta anos e a mais nova era casada com outra mulher – a família não imaginava se e como elas teriam filhas/os. Quando aconteceu, foi uma festa! A filha mais nova engravidou através do que ele chama de uma *engenharia genético-afetiva*: o óvulo dela foi fecundado e colocado no útero da esposa, e ela também tomou medicação para amamentar.

Para Carlos, *ser avô é uma maravilha!* Diferente das obrigações que a paternidade exige, como avô sua prioridade é brincar. Ele ajuda no cotidiano com o que precisa: antes da pandemia, tinha os dias da semana para buscar na creche e ficar algumas horas com as netas e os netos, que moram próximo de sua residência (dois no mesmo bairro e dois em bairro vizinho). Mas sua maior preocupação é pensar na brincadeira que vai inventar, no brinquedo diferente que vai mostrar... *Avô é para brincar!* Bem-humorado, contou com entusiasmo as invencionices que as crianças mobilizam.

Gilberto tem sessenta e cinco anos, é pardo e mora com a esposa, com quem está casado há quarenta e quatro anos, no bairro da Praça Seca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Aposentado, fez curso técnico em administração e cursos de desenho técnico, com o que trabalhou por muitos anos, em multinacional, jornal, empresa de previdência privada. Também trabalhou com comércio.

É o caçula de oito irmãos. Quando criança, morou em diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro: Tijuca, Vila Valqueire, Ilha do Governador. Sua mãe morreu

cedo, quando ele tinha nove anos. A irmã e os irmãos mais velhos cuidaram dos mais novos. Na juventude, morou na Praça Seca com seus cinco irmãos.

Seu pai trabalhou por muitos anos em uma escola técnica federal, no bairro Maracanã. Por ser chefe de portaria e zelador, tinha direito a uma casa. A escola era o quintal dele e dos irmãos: *Tínhamos acesso à escola toda, e ela tinha vários lugares para nos divertir. Tanto que brincávamos de polícia e ladrão lá dentro.* Também brincavam na rua: *íamos muito para a Quinta da Boa Vista, e lá era uma delícia, tinha pé de jamelão.*

Não teve muito contato com seus avós, que moravam em Minas Gerais e Espírito Santo. Tem duas filhas, que conviveram muito com a avó e o avô, pois moraram bem próximo, *parede com parede*, quando elas eram crianças.

Sua casa sempre foi cheia de crianças: amigas/os das filhas e, quando elas cresceram, crianças da vila onde moraram. Também participaram do Programa de Famílias Acolhedoras,²¹ cuidando por alguns meses de crianças em processo de adoção ou de reintegração à família de origem. Para ele, *criança é alegria!*

É avô de três crianças: um bebê de um ano e quatro meses, filho da filha mais nova; e duas meninas, uma de oito e outra de sete anos, adotadas há quase dois anos pela filha mais velha. Costuma ver o neto e as netas no final de semana, mas considera pouco. Gostaria que ele e elas morassem bem perto – o bebê mora em outro bairro e as meninas no mesmo bairro – para que tivessem um convívio mais constante.

Elisa tem sessenta e três anos, é negra e viúva há um ano e um mês. Nasceu na Bahia, onde viveu até a adolescência quando foi morar em São Paulo. Lá, conheceu o marido, pernambucano, e os dois passaram a residir em Mesquita, município da Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Atualmente, vive com uma das filhas no bairro de Santíssimo, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Seus pais eram trabalhadores em uma fazenda, em Itabuna, na Bahia. Não conheceu seus avós, que morreram cedo, nem seu pai, que abandonou sua mãe e as/os sete filhas/os quando ela tinha dois meses de vida.

²¹ Instituído pelo Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006).

Quando criança, trabalhava na roça. *Naquela época não tínhamos, igual as crianças têm hoje, acesso à brincadeira. A minha adolescência foi entrar em casa de família e trabalhar.* Não teve oportunidade de estudar, e *o que eu não tive eu orientei as minhas filhas a ter: brincaram, estudaram, se formaram.*

Parou de trabalhar fora de casa quando engravidou; o marido arcava com as despesas e ela cuidava das crianças. Tem quatro filhos, três mulheres e um homem. É avó de três crianças: um menino de nove anos, filho de uma das filhas; e duas meninas, uma de dezesseis e outra de quatorze, filhas de outra filha. As meninas são suas vizinhas, e o menino mora em bairro próximo.

Em sua fala, transmite tranquilidade e simpatia. Comentou várias vezes sobre o amor que sente pelas netas e pelo neto: *um amor de proteção.* Elas e ele ficam na sua casa com frequência, exceto no período da pandemia. Com o neto mais novo, costuma assistir a desenhos, o que ela adora fazer desde que teve filhas/o.

Bento tem seis anos, é carioca e mora em Vila Valqueire, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Flamengoista, o futebol é um de seus principais interesses, tendo até um canal no *YouTube* sobre o assunto. Também gosta de música e está aprendendo a tocar instrumentos (violão e piano), que é uma das coisas que faz com sua avó. É o primeiro neto da Marina e estava na casa dela, em Teresópolis, na região serrana do estado do Rio de Janeiro, com o primo Jonas durante a nossa conversa. Os dois dividiram a tela do celular da mãe do Bento, que deu um suporte a eles quando necessário. Falante, em vários momentos pediu para contar algo que gosta de fazer com sua avó ou seu avô. Ele e o primo precisaram sair um pouco antes de finalizarmos, pois tinham combinado um jogo de futebol.

Jonas tem cinco anos, é carioca e mora em Sulacap, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. É primo do Bento e neto do meio da Marina. Durante a conversa, ele estava vestindo uma camisa da seleção brasileira e disse que seu time era *Neymar*. Com respostas breves, participou de jeito tímido, mas fez questão de falar em alguns momentos, como quando perguntamos se eles dormiam na casa da avó: *Eu tenho uma cama na casa da minha avó.* Ele saía e voltava durante a conversa e, em alguns momentos, aparecia no fundo da tela, atrás do primo, fazendo caretas.

Pablo tem treze anos, completados na semana da nossa conversa. Nasceu no Brasil, mas mora em Montevideo, no Uruguai, desde um mês de vida. Gosta de música e mostrou seu violão. Contou que a avó Lygia gosta de tudo o que ele toca. Dentre as coisas que costuma fazer com a avó, falou sobre cozinhar, jogar e fotografar. Pareceu tímido e um pouco deslocado na conversa, talvez pela distância de idade dos demais netos que participaram. É primo do Fernando. Precisou sair antes de terminarmos porque tinha um compromisso já anunciado antes. Foi o único que, pela idade, interagiu e combinou diretamente comigo por *WhatsApp* sobre quando seria a conversa.

Fernando tem nove anos e mora em Brasília. É o neto mais novo da Lygia e primo do Pablo, a quem ele cumprimentou animado quando apareceu na tela. Dentre as lembranças na casa da avó, o primo está presente. Gosta de futebol, principalmente de times da Europa. Ele se apresentou em inglês: *My name is Fernando*. Risonho e animado, pegou brinquedos para mostrar e nos ensinou a virar a tela do *Zoom* de ponta-cabeça. Como domina bem os recursos da plataforma, tirava som e imagem na hora que desejava. Assim, participou da conversa de modo pontual, conforme sua vontade.

Diego tem sete anos e mora em Maria Paula, bairro da cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Comunicativo e criativo, narrou com detalhes situações com seu avô João, mesclando realidade e fantasia. Os momentos nos espaços externos, como praia e parquinho, foram os mais destacados. Diego mostrou brinquedos e sua calopsita, fez movimentos de super-herói, expressou-se com o corpo todo. Participou da conversa até o final, cumprimentando e escutando cada participante. Ele dizia: *Fala aí, Luan! É a sua vez*. No final, agradeceu por ter participado e se despediu, dizendo: *Até a próxima pesquisa!*

Luan tem nove anos, é carioca e mora em Bangu, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. É o neto mais novo, de três, da Elisa. De fala calma e tranquila, assim como a avó, contou o que costuma fazer com ela: ver a rua e assistir a desenhos na TV, sempre na casa dela. Mostrou-se interessado em ouvir os demais e também a nós pesquisadoras. Depois que todas as crianças tinham contado sobre o que comiam na casa das avós e dos avôs, por exemplo, ele pediu que eu contasse sobre a minha avó: *Descreve, tia. Você é a última*. Pareceu tímido, mas, no final, quando ficou apenas conosco e o Diego, falou um pouco mais.

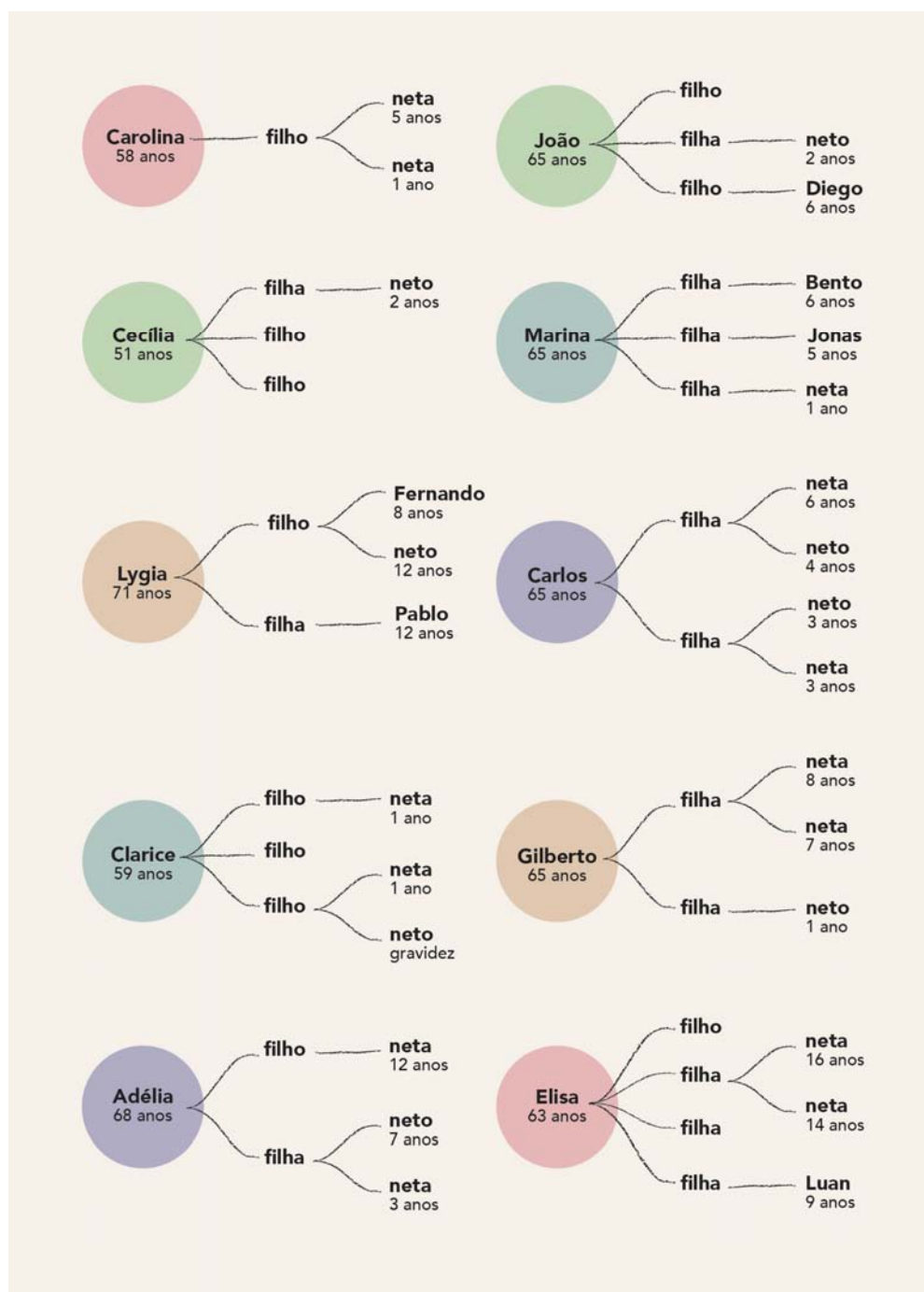


Fig. 3 – Participantes da pesquisa. Fonte: Castro, 2022.

3

Infância e tempo

— Se a memória guarda o tempo, ela é maior que a barriga dele?

— É que o tempo pode ser também um momento. Ele está aqui conosco agora. Só um relâmpago, ser breve como um susto. Vamos mudar de assunto?

Há muito, também eu não reparava no tempo. Não sei se por medo ou por desânimo. Os dias corriam sem ter minha atenção. Uma preguiça morna vivia comigo. O tempo faz menores os dias. Parece que a vida se encosta num canto, de tão cansada. Em criança, o tempo parecia leve e longo. De um Natal a outro parecia durar cem anos. Era muito longe. Hoje, ele é curto e demanda cuidados.

A infância do menino me acordou.²²

No diálogo entre um menino e um velho homem, as marcas na pele do homem, os *trincadinhos*, mobilizam as perguntas do menino. Não é difícil imaginar avô e neto dialogando na prosa poética de Bartolomeu. O tema? O tempo. O que nunca se viu, o que passa, fica, voa. Que provoca medos e alegrias. Que *guarda a memória do mundo*, que *troca a roupa do mundo*. Nas narrativas das e dos participantes da pesquisa, o tempo aparece com lugar de destaque: histórias de outros tempos, envelhecimento, preocupações com o futuro, tempo perdido, tempo de brincar...

Pensar sobre a relação entre avós/avôs e netas/os é também pensar sobre o tempo. Sobre encontro de tempos. Tempos de vida. Tempos históricos. Tempos das infâncias. Sobre o que permanece em nós com o passar do tempo. Sobre para onde os encontros nos deslocam no tempo. Tempo de conversa. Tempo do pensar. Tempo da narrativa. Nas narrativas, os tempos se misturam. O presente acorda o passado, que ganha importância para que se pense o futuro. Como no texto de Bartolomeu, a curiosidade do menino, sua ânsia em conhecer um mundo já conhecido pelo adulto,

²² Bartolomeu Campos de Queirós, *Tempo de voo*, p. 18-21.

desperta o velho homem de sua desatenção para os dias. A infância do menino acorda a infância que o homem carregava consigo.

Neste capítulo, as narrativas são analisadas com base em concepções de infância e tempo. Primeiramente, o(s) tempo(s) de avós e netos são pensados a partir das diferenças de idade, que marcam seus corpos e as histórias que cada um carrega e deseja contar e escutar. Em seguida, o foco se aproxima do que avós/avôs e netas/os fazem no tempo que permanecem juntos. Por fim, entramos, pelas narrativas, nas casas das avós e dos avôs, onde as dimensões de tempo e espaço se entrelaçam na experiência da infância.

3.1

Tempo(s) de avós e netos

O tempo é permanente. Nunca terminará. Não é lindo isso?²³

Como já anunciado, as avós e os avôs participantes da pesquisa têm entre cinquenta e um e setenta e um anos de idade, sendo a maioria com mais de sessenta, duas com menos de sessenta e uma com mais de setenta anos. E seus netos, entre um e dezesseis anos. Essa dimensão temporal marcada pela idade cronológica esteve presente em algumas narrativas e foi objeto de reflexão de algumas avós.

Lygia, a avó mais velha participante, narrou diálogos que teve com seu neto Fernando por chamada de vídeo:

Semana passada, ele queria falar comigo eram 22h. Eu falei: “Como você conseguiu burlar a lei de dormir cedo, Fernando?” Ele disse: “Estou fazendo uma construção e quero mostrar para você a construção da minha casa: tem foguete, um campo de futebol...” E eu disse: “Eu vou plantar bananeira.” Ele falou: “Você está velha, vai cair”. Eu falei: “Você me segura!”.

Agora o Fernando diz assim: “Agora eu quero coisas de futebol. Eu quero luva porque eu vou ser o maior jogador do mundo”. E eu digo: “Oba, eu quero ver quando você fizer o gol número um e o gol número mil”. E ele disse: “Mas quando eu fizer o gol número mil você vai estar muito velha, você já é velha”. “É verdade, é verdade.” (risos)

²³ Clarice Lispector, *Crônicas para jovens*, p. 32.

A fala de Fernando revela que ele percebe algo em sua avó que não possibilita que ela plante bananeira. Não é necessário que o menino, de oito anos, saiba a idade da avó para concluir os movimentos que ela consegue ou não realizar. *O próprio corpo e os papéis sociais de uma pessoa já dizem ao outro a que grupo de idade ela pertence* (Magro, 2003, p. 37). E é observando esse corpo que o neto percebe que o tempo passa e nós ficamos velhos.

Sobre a percepção da passagem do tempo no próprio corpo, Lygia fala:

Tem algo inexorável que é o corpo. Que é a vida. Que é a biologia. A biologia está aí; há um tempo para todas as coisas. [...] Eu já passei por alguns sustos, já fiz algumas cirurgias, mas graças a Deus não tenho nada. O único remédio que tomo é um comprimido para tireoide. [...] Eu não tenho problema de saúde. Tenho problema da velhice, dos ossos aos 70 anos. Por mais fisioterapia, pilates, caminhada que eu faça, o corpo está dizendo: "Lygia, você tem setenta anos". [...] Eu sinto o peso do tempo no meu corpo.

Para Lygia, *o peso do tempo no seu corpo* provoca medo. Contou que, durante a pandemia, ficou sem o serviço da faxineira e ela própria limpava a casa, mas não subia na escada para limpar a janela: *A gente começa a ficar mais cuidadosa, a gente começa a ter mais medo*. O medo também foi tema de um diálogo com seu neto Pablo.

Eu digo para ele: "A vovó está velha. A vovó anda menos rápido." E ele diz: "Como você anda menos rápido? Você anda mais rápido do que eu!" E eu falei: "Porque a vovó, desde criança, caminhava muito para comprar as mercadorias para vender na feira. Então a perna da vovó anda quatro quilômetros em meia hora." Então ele disse: "Vamos andar de bicicleta!" E eu falei: "Eu aprendi a andar de bicicleta, mas hoje eu tenho medo de andar e cair porque, se eu cair, vou andar em cadeira de rodas." Sei lá, eu fico com medo.

Essa dimensão de tempo cronológico evidencia o tema da fragilidade dos corpos. Carolina expressa sua preocupação com os mais velhos, mas também com as crianças, durante a pandemia:

São os dois extremos. É o mais velho e o mais novo. São os dois extremos, e eu acho que os mais frágeis, os que mais precisam ser cuidados. O mais velho e o mais novo, os que mais precisam de ajuda, que mais precisam de apoio.

Tanto a narrativa de Lygia quanto a fala de Carolina revelam que crianças e velhos são os que nos lembram que a vida é frágil, e essa fragilidade é marcada em tempos especiais. Sem desconsiderar os aspectos biológicos, essas construções, no entanto, não são naturais, mas construídas social e culturalmente, através da linguagem, do diálogo entre os diferentes e desse encontro de corpos diferenciados. Para Neusa

Gusmão (2003), essa lembrança ou essas existências colocam em xeque a fragilidade das sociedades em que vivemos. E é essa consciência que leva a sociedade moderna e a cultura ocidental a jogar esses sujeitos para a margem.

As sociedades modernas são sociedades do hoje e do agora, mas que tecem para si um discurso como sociedades do futuro, algo de um devir que comanda o presente e o banaliza em nome de um tempo que está por se fazer. Com isso, aliena-se o presente, inviabilizando a reflexão sobre o que é vivido por diferentes sujeitos, diferentes grupos no interior da sociedade e quais os possíveis significados de sua existência, no aqui e agora de suas vidas, mas também em nome de um futuro aparentemente deles distanciado. (Gusmão, 2003, p. 17).

Compreendidos como os improdutivos para o capital e tendo o adulto como modelo, os mais velhos e os mais novos são deslocados do presente: a criança ainda vai ser e o velho já foi. Essas existências, quando colocadas à margem, produzem estereótipos que impactam nas interações com esses sujeitos, negando-lhes o direito à fala, à tomada de decisões.

Assim, na relação entre avós/avôs e netas/os, especialmente quando os primeiros são mais velhos, encontram-se pessoas pertencentes a categorias sociais com pouca visibilidade e autonomia. Escutar suas narrativas, então, significa, com base em Benjamin, focalizar os *pequenos*: não apenas os *fragmentos supostamente banais do cotidiano*, mas aqueles que estão em desvantagens nas relações de poder: *os sujeitos excluídos pelas políticas sociais ou pelos grandes sistemas explicativos* (Pereira, 2012, p. 29-30).

As narrativas de avós e netos anunciam que o tempo passa, e, além disso, que nos constituímos no interior de um tempo, lugar e circunstância, como afirma Clifford Geertz (2008). Nesse sentido, Françoise Dolto (1998) compreende que, mesmo quando as avós/os avôs não são idosas/os, representam, para as crianças, pessoas de outro tempo, pois viveram parte de sua vida em outro momento histórico, com outros valores e modos de viver. A relação entre avós/avôs e netas/os se constitui como encontro de tempos.

Como afirma Margareth Mead, *através dos avós, as crianças aprendem a compreender alguma coisa sobre a realidade do mundo não apenas anterior a seu nascimento, mas anterior ao nascimento de seus pais* (Mead, 1965²⁴ apud Lins de Barros, 1987, p. 118-119). As/os

²⁴ A referência, segundo Lins de Barros (1987), é: MEAD, Margaret; HEYMAN, Ken. *Family*. Nova York: A Ridge Press Book, The Macmillan Company, 1965.

avós/avôs, portanto, se constituem como guardiãs de um passado distante, transferido a suas netas e seus netos através da oralidade, costumes e práticas culturais.

Na perspectiva benjaminiana, entretanto, *a criança não é o ponto zero da existência humana nem a velhice seu ponto final* (Jobim e Souza; Pereira, 1998, p. 34). Essas duas categorias sociais, históricas e culturais – infância e velhice – não compõem um encadeamento causal inerente a uma linearidade. A criança reconstrói o mundo baseada em seu olhar infantil enquanto o velho se constitui como guardião da tradição e da experiência.

É preciso saber que se tem uma história. [...] Eu estou aqui porque a minha mãe veio antes de mim e trabalhou muito para que eu estivesse aqui hoje. E eu, da mesma forma, quero deixar para as minhas netas, dividir com elas e distribuir para elas tudo aquilo que eu fui conquistando ao longo da vida. No sentido de trocar. Trocar... Sabe aquela coisa de deixar flores no caminho? Quero deixar flores no caminho. (Carolina)

Carolina deseja narrar para suas netas o porquê de as coisas estarem como estão, para que elas entendam porque a família é de um jeito e não de outro. Voltar à origem é uma forma de estabelecer uma relação crítica com o presente, de ressignificar seu lugar e das mulheres de sua família como mulheres negras. Voltar à origem pode ser uma *oportunidade revolucionária na luta pelo passado oprimido* (Benjamin, 1987a, p. 231). Assim, a tradição dos oprimidos opõe-se à tradição dos opressores e possibilita a descontinuidade do tempo histórico (Löwy, 2005).

Com base em Benjamin (1987a), não se trata de apenas conhecer os acontecimentos de um passado remoto, mas de como o ato de lembrar possibilita compreender o presente de modo crítico e pensar o futuro: *um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois* (p. 37).

A memória familiar é apontada, por Carolina, como possibilidade de suas netas vislumbrarem outros futuros possíveis, e não a repetição da vida dura encarada por ela, por sua mãe... No lugar de pedras, flores no caminho, sem que elas – as netas – deixem de reconhecer que não foi sem luta. Sua intencionalidade em narrar o passado remete à ideia de ação possível e não apenas de saber como foi.

A leitura e releitura das narrativas de Carolina apontam que as avós e os avôs carregam a memória familiar, como Myriam Lins de Barros (1987) evidencia em suas pesquisas, considerando-as/os imprescindíveis na formação da identidade familiar. Em

seus estudos com famílias de classe média, residentes na cidade do Rio de Janeiro, confere às avós e aos avôs o *status* de guardiães da memória familiar e de toda uma sociedade, como testemunhas de tempo histórico. Nas palavras da autora:

A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares. Em torno dessa ideia de transmissão de valores está presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico. Para essas pessoas, preocupadas em marcar seu lugar social e sua identidade pela inserção na grande família, o tempo do ciclo dessa grande família é a referência temporal. (Lins de Barros, 1987, p. 36).

De acordo com Maurice Halbwachs (1990), as crianças têm nas avós e nos avôs a chave para entrar em contato com o passado, não apenas com acontecimentos idos, mas modos de ser e pensar de outros momentos. Elas e eles se fazem presentes, quando impressos no que revelaram às netas e aos netos e se destacam na memória *o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro, que o resume e condensa* (p. 66). Além disso, constroem sentidos em processos nos quais um afeta o outro, reciprocamente. Nessa mesma trilha, Pereira e Jobim e Souza (1998) discorrem:

O diálogo do adulto com a criança depende, num certo sentido, do diálogo do adulto com seu passado, com sua infância. Mesmo as histórias primeiras, as histórias da nossa infância só existem como relatos trazidos por outrem. Aquilo que ouvimos sobre a nossa infância torna-se nosso passado. Portanto, minha própria história é construída e partilhada por elementos que estão presentes na memória de uma outra pessoa. Nesse sentido não só a memória é uma prática social como a identidade é construída nas relações entre sujeitos. Cada história individual está inevitavelmente enredada em várias histórias, formando a dimensão coletiva de cada existência pessoal. (Pereira; Jobim e Souza, 1998, p. 40).

Entretanto, diferente dos interlocutores de classe média de Lins de Barros, Carolina opera com dimensões de tempo e memória diferentes. No lugar de preservação, no ato de rememoração há a possibilidade de criação de novos caminhos.

Não se trata de apenas redimir as gerações precedentes do esquecimento, mas a redenção também diz respeito à geração presente, que não escapará “impunemente” à obstrução do acesso ao próprio passado. A redenção, portanto, não se limita a um resgate do passado, mas se refere também à disposição do presente de receber os sinais do passado, como se presente e passado fossem fragmentos de um todo inteiro. (Otte, 1996, p. 216).

Segundo Marina, seus netos Bento e Jonas *estão na fase de querer que a gente conte histórias da vida*: de quando o avô saltava de paraquedas, como estudavam, como era a região onde moram, as histórias e modificações do bairro... O vigor da narrativa, assim,

encontra-se no ouvinte: as histórias narradas ganham novos sentidos nas demandas das crianças. A reconstrução da história se dá na prática de recontá-la, peculiar a crianças e velhos. Quando a criança pede para que conte novamente a história, deseja compreender o mundo. O velho, por sua vez, reconta os fatos que lhes são significativos e refaz a história. Ambos sabem que o narrar não se constitui como repetição, mas como o refazer da história e uma forma de revigorar a tradição (Jobim e Souza; Pereira, 1998).

Nas conversas com algumas avós, a escrita das histórias familiares em forma de diário apareceu como uma estratégia de rememoração.

Em 1956, meu pai começou esse diário [...]. Eu sabia da existência desse diário, mas eu nunca tinha lido porque nós não tínhamos acesso. Só depois que a minha mãe faleceu, que não tem muito tempo, que eu fui folhear esse diário e foi quando eu li sobre a saudade que ela sentia da gente quando o meu irmão mais velho casou, quando meu outro irmão casou e quando eu casei também... [...] Ela escreveu até 2008, o meu pai faleceu em 2004 e de 2004 para 2008 ela falava muito da saudade que ela sentia do meu pai, mas ela ainda falava dos outros acontecimentos como o nascimento dos meus filhos, os netos dela, os bisnetos, porque ela faleceu com noventa e seis anos. O meu pai, no início da vida dele, já até no diário a gente vê, ele batalhou muito. Por exemplo, para o meu irmão sair do hospital com a minha mãe, ele precisou pedir emprestado um dinheiro para o cunhado dele [...]. Tem muita coisa... Ele teve que vender a geladeira para pagar o aluguel. [...] Agora eu abri o diário para a família, para os filhos... Eu comecei a escrever nele. Até teve um dos meus filhos que também escreveu, e agora é um diário da família. (Clarice)

Eu tenho uma coisa comigo que eu sempre fui muito de escrever, eu agora escrevo muito menos. Mesmo com aquele turbilhão de vida que eu tinha, com três filhas, trabalhando em escolas, uma escola para dirigir, eu tinha tempo para escrever. Quando elas eram pequenas, eu fazia diário. Hoje eu pego o diário delas e elas morrem de rir, adoram, as minhas filhas. Porque tem histórias super interessantes. Eu anotava tudo, todas as gracinhas, o que elas faziam, elas adoram essas histórias. A minha filha, mãe do Bento, acho que está fazendo isso. [...] O Jonas é moleque, debochado. Eu falo: "Jonas, o que você quer beber?" Ele diz: "Me dá uma cerveja!" Ele tem cinco anos agora. Ele tem umas coisas engraçadas, e a minha filha não anota. [...] De vez em quando a gente pega e elas morrem de rir. Meus genros também gostam de ouvir, de falar. (Marina)

A prática do registro dos acontecimentos familiares, assim como o contar histórias de outros tempos, remete a Benjamin (1987a, p. 223): *o cronista narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para história*. Para o autor, no entanto, não basta conhecer o passado através dos acontecimentos narrados, mas estar atento aos vestígios, aos índices, que podem ter correspondência com o presente.

Clarice e Marina compartilham relatos dos diários em suas famílias. O primeiro fragmento evidencia histórias desconhecidas e provavelmente ressignificam suas visões. Já o segundo tem a marca de registrar as experiências infantis: o que dizem, como brincam... Nos dois eventos, os diários possibilitam a construção de elos: no primeiro, Clarice deu continuidade junto a seus filhos; no segundo, Marina partilha a leitura com a família. A escrita do diário, nessas narrativas, envolve movimentos de recordar, registrar e partilhar, mobilizam escolhas conscientes e inconscientes, que constituem a identidade familiar e de cada um de seus membros.

O exercício da recordação, imperfeito por excelência, serve à perfeição para construir, com todas as correções, a biografia de nossos sonhos ou pesadelos. Sobre os lapsos, lançamos pontes; sobre os recalques, compomos imagens, e vamos montando, à luz do desejo e do imaginário, a narração com que queremos nos ver identificados. Por isso, memória e identidade andam juntas e nem sempre nos damos conta, com argúcia, do paradoxo e das meias-verdades que se engendram nessa relação. (Yunes, 2012, p. 37).

Marina conta que a prática de registrar os acontecimentos, especialmente as interações com as gerações mais novas, é *herança de família*.

O meu pai era muito moderno; ele morreu em 2011 com noventa e seis anos. Em 1990, eu fiz uma obra na minha casa e fiquei aqui alguns meses [na casa que era dos meus pais, onde moro atualmente], e o meu marido trouxe o computador e o meu pai começou a mexer no computador. Ele se encantou com o computador e escreveu um livro: *Diálogos com os meus filhos e netos*. Depois ele escreveu outro livro: *Diálogos com os meus bisnetos - o que deixar para os meus bisnetos*. A gente editou os dois livros; eles têm, as minhas filhas já leram, vão passar para eles. É a história da família. Então você vê que somos uma família ligada a histórias. (Clarice)

A prática de registro escrito é passada de geração em geração e tem como intuito guardar lembranças e deixá-las para os mais novos. Lygia vê na fotografia essa mesma possibilidade: construir memória, guardá-la - *para que não se perca* - e dar aos netos:

Eu fiz para o Pablo, um livro antes dele nascer que era *À espera*. Eu peguei fotos da mãe dele, fotos minhas de quando eu tinha um ano, de quando eu era bebê [...]. Eu fiz um álbum até a chegada dele. Depois comprei um outro álbum e fiz *Tempo de avó*. Tempo de avó são fotos dos momentos que eu tive... eu estou montando esse álbum. Eu comecei com o [neto mais velho], em todos os tempos que eu tive com ele [...]. Tempo de avó é o tempo que eu tenho com eles. Estou montando um outro livro com as fotografias impressas, porque agora quase não imprimimos mais, mas eu ainda sou favorável à impressão porque eu acho que isso é pura memória e um dia pode se perder, mas se as fotos forem feitas em papel de qualidade duram mais de cem anos. Eu estou fazendo outro que se chama *Décadas* que são fotos minhas, desde bebê até agora. Estou deixando tudo arrumadinho para dar para eles. (Lygia)

Para Henri Cartier-Bresson, as coisas das quais nos ocupamos, na fotografia, estão em constante desaparecimento, e, uma vez desaparecidas, não dispomos de qualquer recurso capaz de fazê-las retornar. Não podemos revelar e copiar uma lembrança (apud Felizardo e Samain, 2007, p. 207). Nesse mesmo sentido, Susan Sontag (2004, p. 26) diz: *tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo.* Benjamin (1987a, p. 107) compreende a fotografia como um *médium-de-reflexão*: a câmara se torna cada vez menor, cada vez mais apta a fixar imagens efêmeras e secretas, cujo efeito de choque paralisa o mecanismo associativo do espectador.

Há uma multiplicidade de tempos operando no ato de fotografar e colecionar as imagens capturadas. A fotografia atesta a nossa finitude, a passagem do tempo. Ao mesmo tempo, possibilita a nossa permanência no mundo, de modo renovado: a cada novo olhar, um passado, congelado em imagens, se abre a infinitas leituras no presente. Bem sabemos que o antigo álbum de família parece mudar constantemente e ganhar novos sentidos com o passar dos anos (Socha, 2015, p. 99).

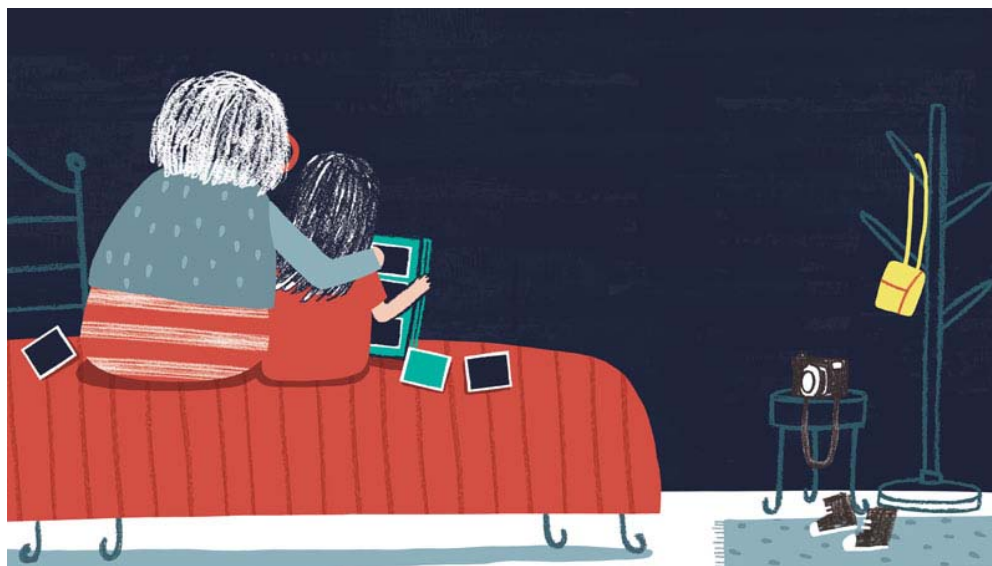


Fig. 4 – Avó e neta olhando álbum de fotografias. Guilherme Karsten. Fonte: Brenman, 2017.

Seja com fotografia, escrita ou oralidade, a intenção de narrar a história familiar – o(s) tempo(s) de avós/avôs e netas/os, opera na lógica do não desaparecimento das lembranças, do afeto das relações, de si no mundo. Seria como Xerazade, nas *Mil e uma*

noites,²⁵ uma tentativa de adiar a morte? Com a personagem dos contos orientais, Kramer (2007, p. 194) pensa a narrativa como possibilidade de *perseguir a vida, fazendo e desfazendo histórias, desempenhando os mesmos e outros papéis, perseverando na busca de diferentes enredos, atores ou personagens, tentando lapidar o acontecido, recompondo e produzindo aqui e ali novos sentidos...*

Nesse mesmo sentido, o intelectual indígena Ailton Krenak reflete sobre a narrativa ao tecer suas *ideias para adiar o fim do mundo*:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (Krenak, 2020, p. 26-27).

Teriam as narrativas do(s) tempo(s) de avós e netos a potência de reanimar o prazer de estar vivo, o desejo de brincar, a delicadeza dos afetos, a capacidade de presença, a abertura ao outro, a disposição de estar junto, a própria necessidade de narrar...? Essas indagações provocam a necessidade de chegar mais perto, de aproximar o olhar, e conhecer mais das minúsculas histórias que avós/avôs e netas/os contam do tempo que passam juntos.

3.2 Contar estrelas

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo²⁶

²⁵ Xerazade (ou Sherazade) escapa da morte (ou a adia, dependendo da versão) ao narrar contos, noite após noite, para o rei com quem se casou. Há muitas edições desse clássico que reúne contos originários do Oriente Médio. A versão consultada foi a tradução direta do árabe: *Livro das mil e uma noites* (2006).

²⁶ Caetano Veloso, *Oração ao tempo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qNIPLFsBNbc>

O que fazem avós/avôs e netas/os no tempo que estão juntos? Do que se ocupam? O que partilham? O que aprendem uns com os outros? O que desejam ensinar uns aos outros?

Eu ensinei uma coisa ao meu avô um dia: contar as estrelas! Eu não fiz isso com o meu avô ainda; às vezes eu faço isso para a minha mãe não perceber que eu estou dormindo. Quando ela estiver dormindo, eu vou sair de fininho e vou contar as estrelas lá no meu quarto assim: 1, 2, 3... Eu vou tentar fazer isso com o meu avô, sem a minha avó acordar. Só que a cama dela é grande, como eu vou pular sem fazer barulho? (Diego)

Diego fala, com entusiasmo, em contar estrelas com seu avô João. Em sua narrativa, mescla tempos verbais conjugados pelo desejo. A avó Clarice narra que gosta de olhar a lua com sua neta bebê: *Eu cantava aquela música para ela: “Lua, oh, Lua, querem te passar para trás”. Ela ainda bebezinha, ficávamos aqui fora, eu cantava a música, mostrava a lua para ela.* Ela conta que a neta, mesmo distante por causa da pandemia, sempre que olha a lua, canta: *Lua, lua...* A experiência lembrada, tanto pelos adultos quanto pelas crianças, ainda que bem pequenas, remete a uma concepção de tempo que se refere à intensidade do momento vivido.

Em outro relato de Diego e nos de seu avô João, fica evidente o tempo da contemplação, da entrega, do brincar: um tempo despreocupado com relógio, compromissos ou afazeres.

Diego: Meu avô me leva para a praia, e a minha avó me leva para o parquinho.

Liana: E o que você faz com o seu avô na praia?

Diego: A gente tenta fazer algumas bases subterrâneas e como tem umas minipiscininhas lá na praia, eu fico me esfregando debaixo d’água. Mas da próxima vez eu vou com meus óculos de natação.

Eu acho uma coisa interessante, para mim, porque eu estou integral no que ele está fazendo. Ele manda, ele vai para onde quiser, ele me conduz. Eu só tenho um cuidado com a segurança dele. (João, avô do Diego)

Eu às vezes levava ele em um parque que tem em Niterói, que possui árvores [...]. Lá tem crianças da idade dele, tem às vezes brinquedos, e eu o deixava andando. Ali tem exposição de artes, desenho, e eu o levava para ele ver. Passava nos desenhos, e ele ficava olhando. Também tinha um ensaio, em um determinado dia, uma hora, de um coral, e ficávamos eu e ele ali. O pessoal achava muito engraçado, nós dois, ele no meu colo, olhando a música... (João, referindo-se ao neto mais novo quando bebê)

As narrativas de João e de Diego falam de um tempo que rompe com uma lógica adultocêntrica, configurando uma relação com abertura a esse outro criança, e não uma relação de colonização do adulto sobre a criança. Sobre o adultocentrismo, Flávio Santiago e Ana Lúcia Goulart de Faria (2015, p. 73) afirmam que este é *um dos*

preconceitos mais naturalizados pela sociedade contemporânea, que ignora as singularidades da infância e a considera apenas um período transitório para a vida adulta. João, ao inverter as posições e os papéis tradicionais de adulto e criança, tem a oportunidade de experimentar coisas, lugares, objetos, sensações e o próprio tempo de um modo que não é permitido à vida adulta.



Fig. 5 – Avó e neta deitados na praia. Odilon Moraes. Fonte: Gomes, 2020.

Trata-se de um tempo qualitativo e não um tempo aligeirado, que João parece ter experimentado na sua própria infância com sua avó e seu avô.

Era um lugar que o tempo era mais devagar – vamos colocar isso aí entre aspas. Você estava ali e tinha a natureza, tinham as coisas, mas você estava mais presente. Isso é uma coisa que às vezes falta para a gente: estar mais presente com o outro. E isso dava oportunidade de, não só para as crianças, mas para os adultos também, de conversas muito interessantes a respeito de uma série de assuntos, com calma. (João)

Para Buber, presença contrapõe a ideia de tempo como algo pontual, estático:

O presente, não no sentido de instante pontual que não designa senão o término, constituído em pensamento, no tempo "expirado" ou a aparência de uma parada nesta evolução, mas o instante atual e plenamente presente, dá-se somente quando existe presença, encontro, relação. Somente na medida em que o Tu se torna presente a presença se instaura. (Buber, 2001, p. 57-58).

Para estar em recíproca presença, é preciso estar envolvido e comprometido com o instante atual, que para Buber significa o instante em que há atuação. Não se trata de tempo cronológico, que demarca os acontecimentos, e sim de um que ocorre em cada instante, que substancia o tempo, acontece: *presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós* (Buber, 2001, p. 58).

Em que medida João traz referências do seu tempo de criança – com mais presença – na relação com seus netos? Esse encontro intergeracional entre avós/avôs e netas/netos parece ser potente para reanimar a infância de adultos, que, na relação com as crianças, recuperam *fazeres, sensações, ritmos, linguagens já esquecidas, mas que não perderam de todo o seu poder de germinação* (Bines, 2016, p. 231). Com Benjamin, entende-se infância, não como *um estado puro e apartado do mundo adulto, mas uma configuração coletiva e abrangente, que pode tocar também as gerações mais velhas* (Ibidem, p. 232). Nesse sentido, ela não se restringe às crianças: *sem demarcações de idade, de traços fisiológicos ou comportamentais, a infância não coincide inteiramente com a criança, manifestando-se antes como uma dimensão humana que pode nos atravessar a qualquer momento* (Ibidem, p. 232).

Cecília fala sobre essa força infantil, que a afeta na relação com seu neto:

Tem essa coisa da inocência, da fragilidade e ao mesmo tempo, uma força, uma energia que acende a casa, que "Vovó, vovó, vem cá, vovó, vem ver, vovó!" E brincou hoje com os bichinhos, e quando eu cheguei do trabalho ele me chamou para ver os bichinhos...

A convocação do neto de Cecília para ver os bichinhos, algo que provavelmente não seria ocupação e interesse de adulto, inverte posições, como nas narrativas de João e Diego. Inverte, ainda, valores em relação aquilo que é considerado interessante: bichinhos, estrelas, lua... O tempo da infância se instaura na relação entre avós/avôs e netas/os, de acordo com essas narrativas, como um tempo de intensidade, tempo-duração, que tensiona valores da lógica capitalista de aceleração, produtividade, utilidade, acúmulo, posse, consumo... Pelos olhos das crianças, as avós e os avôs são convocadas/os a inverter o sentido de importância das coisas, abrindo-se para experimentar outra temporalidade, outras possibilidades de vida.

Quando avós/avôs e netos narram o que fazem juntos, o brincar está presente nas suas mais variadas formas. Em destaque, as falas das crianças:

Diego: Eu brinco de bola, pipa, parquinho não muito longe daqui. Tem muita grama e no final, se você tira o chinelo lá, espeta. Eu já brinquei no parquinho com ele, antes de voltar para casa. [...] Eu brinco muito de pique pega.

Liana: E a sua avó, Bento? Também conta histórias? / Bento: Muitas. / Liana: Que histórias ela conta? / Bento: Obororó [personagem inventado pela avó]. / Liana: Ela inventa história ou conta de livro? / Bento: Ela inventa.

Bento: Eu gosto de brincar, tocar violão, tocar piano... Eu toco os dois. [...] Minha avó toca piano. / Liana: E você gosta de tocar com ela? / Bento: Sim. / Liana: Vocês tocam que música? / Bento: Qualquer uma.

Bento: Meu avô e eu também gostamos de lutar Jiu-jitsu na cama. Eu luto, sou faixa cinza. Meu avô é professor de educação física.

Fernando: Eu brinco de xadrez. Eu sempre perco porque ele [meu avô] é profissional.

Pablo: A gente passeia, a gente tira foto. / Liana: Vocês fotografam juntos? / Pablo: Sim. / Liana: Fotografam o quê? / Pablo: Qualquer coisa que seja legal para uma foto. [...] A vovó me fala: "Tira foto disso", e eu tiro. Teve uma vez que eu tirei foto de uma escada.

Brincar constitui-se como uma atividade transgressora. Nas situações imaginárias, são assumidos papéis que não seriam possíveis na vida real. A criança imagina-se como mãe, super-herói, professora, motorista... E assim se apropria e cria cultura (Vigotski, 2018). Ainda que seja a atividade principal da criança e fundamental para seu desenvolvimento, a brincadeira é também uma experiência dos adultos. Pela recorrência e pelo entusiasmo com que as avós e os avôs da pesquisa narraram esses momentos, brincar com as/os netas/os revela-se como uma atividade significativa também para os adultos:

Eu gosto muito de brincar de esconder. Eles passaram por uma fase que estava muito gozado, a gente se escondendo pela casa, um tinha que achar o outro, esconder coisas. Da última vez, a gente fez uma caça ao tesouro, e aí é brincar. Acho que são formas de brincar. [...] Eu faço isso: brincar de correr, pegar, esconder. É muito físico, eu prefiro essas brincadeiras mais físicas. (Carlos)

Eu gosto muito de contar histórias [...], de fazer vozes, mudar. Eu sempre brinquei muito com eles e brinco até na escola mesmo: "Eu sou uma bruxa!" É que eu tenho um sinal mágico; eu tenho um sinal nas minhas costas e quando eu ligo esse sinal eu viro bruxa. Então eles antigamente tinham medo, corriam, porque eu dou uma gargalhada muito característica de bruxa mesmo. Todo mundo quer que eu imite a bruxa, e as crianças adoram. (Marina)

O Diego é uma criança muito imaginativa. Eu o incentivo a contar histórias para mim, porque eu conto histórias para ele, principalmente a avó – a avó conta histórias muito bem –, mas nós o incentivamos a contar histórias dele. Ele inventa umas histórias que não acabam nunca. É muito legal. (João)

Brinco [com ele]. Ele brinca, ele vê televisão, vê os filmes que ele quer, os desenhos que ele quer, eu vejo desenho com ele, ele conversa. [...] Eu gosto do Gato de Botas. Eu gosto desse desenho. Também gosto do desenho da Mônica. (Elisa)

Cantar, tocar instrumentos; contar, ouvir e criar histórias; jogar xadrez, lutar Jiu-jitsu; jogar bola, soltar pipa; fotografar... Para Kramer (2007, p. 16), *não é por acaso*

que, em diversas línguas, a palavra “brincar” – *spillen, to play, jouer* – possui o sentido de dançar, praticar esporte, representar em uma peça teatral, tocar um instrumento musical, brincar. Brincar com o corpo, o som, a imagem... Essas experiências culturais implicam estado de presença, uma experiência outra com a temporalidade, que opera na intensidade da duração e não na sucessão dos minutos. Como já mencionado acima, trata-se de um tempo que se manifesta como uma força infantil, força transgressora, tempo que se abre ao inesperado, tempo de presença, no sentido buberiano.

Embora considerado, nas sociedades ocidentais, como irrelevante e de pouco valor (Borba, 2007), o tempo de brincar junto favorece processos de trocas e de co-educação de gerações. Para Paulo Salles de Oliveira (1998, n.p.), esse processo *supõe da parte dos que estão envolvidos predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos sociais imprime na formação de cada qual*. Envolve, muito mais do que tolerância, *a busca de relações igualitárias, acatando (e nunca abolindo) as diferenças, pois, é por meio delas que se renovam as possibilidades de modificação recíproca dos sujeitos* (Ibidem, n.p.). Em sua pesquisa com crianças cuidadas por avós e avôs de classes populares, o autor observou que, além dos momentos de conversa, nos de brincadeira, cantos, histórias, contato com a natureza, assistir televisão, há ensinamento recíproco que se renova nesse tempo de brincar. *Nestes momentos, as crianças puxam seus avós para brincar, olhando os mais velhos com igualdade* (Ibidem, n.p.).

Essas interações são possíveis principalmente na casa das avós e dos avôs, como veremos a seguir.

3.3 Casa da infância

Podes correr à vontade
pelos corredores da casa
porque o tempo que é veloz
conosco nunca se atrasa.²⁷

²⁷ José Jorge Letria, *Avó, conta outra vez*, p. 36.

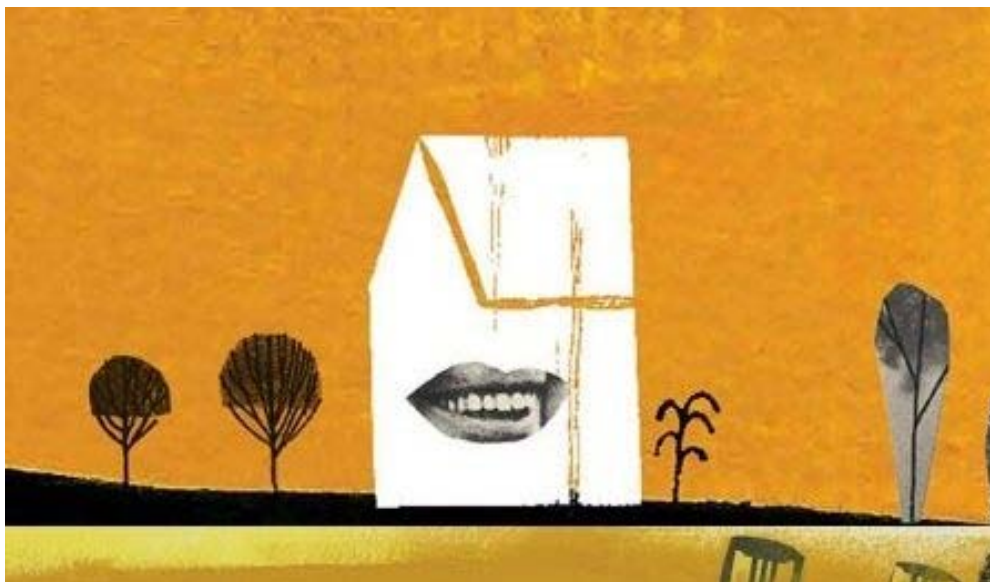


Fig. 6 – Casa de vó. Elisa Carareto. Fonte: Medeiros, 2018.

Tempo que passa, tal como uma criança que corre... Tempo vivido num espaço de liberdade, de brincadeiras, muitas brincadeiras... Espaço onde a infância não é interdita, onde é possível experimentar, pois opera no tempo de brincar. Nas narrativas das avós, dos avôs e dos netos desta pesquisa, a casa das avós e dos avôs aparece como elemento marcante: os adultos lembram da casa das/os próprias/os avós/avôs e falam sobre suas casas; os netos contam o que costumam fazer na casa de suas avós e seus avôs. Nos relatos de situações em casa de vó ou vô, emergem diferentes compreensões de tempo já tratadas anteriormente e, além disso, tempo e espaço se entrelaçam e aparecem como dimensões indissociáveis.

Esse entrelaçamento entre tempo e espaço remete ao conceito de cronotopo. Bakhtin, em suas análises sobre os diferentes gêneros literários, observa a indissociabilidade entre tempo e espaço nas narrativas, em especial no gênero romance. Para ele, é o que gera o significado: *Qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos* (Bakhtin, 2014, p. 362).

A capacidade de ver o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (Bakhtin, 2011, p. 255).

É nesse sentido que, para Amorim (2006), cronotopo, em Bakhtin, está relacionado aos gêneros e às suas trajetórias, revelando uma concepção de ser humano.

Os gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e assim, conseqüentemente, visões típicas do homem. [...] no trabalho de análise dos discursos e da cultura, quando conseguimos identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, poderemos dele inferir uma determinada visão de homem [ser humano]. (Amorim, 2006, p. 105-106).

A aproximação do conceito de cronotopo para a análise das narrativas das e dos participantes desta pesquisa parece profícua, sobretudo, quando os relatos se referem à casa onde viveram e vivem suas infâncias (ou onde suas infâncias vivem). Avós/avôs e netas/os compartilham esse espaço num determinado tempo e se transformam mutuamente nesse determinado espaço, que carrega vestígios de outros tempos, que são também ressignificados pelas gerações mais novas. A partir das narrativas, pode-se inferir, ainda, concepções de infância e tempo, fundamentadas em valores e visões de mundo, de sociedade, de ser humano.

Desse modo, as narrativas são apresentadas buscando *enxergar os espaços no tempo, mas também o tempo nos espaços* (Queiroz, 2017, p. 270). Começamos pelas lembranças de um avô sobre a casa dos próprios avós:

A casa da infância era essa casa, lugar onde a gente brincava. Por trás da casa tinha um lugar que ficavam cavalos. O nome de um cavalo era Tom, um cavalo branco. Nós nos divertíamos um bocado lá. [...] Nós brincávamos, havia muito espaço, jogávamos muito futebol. A gente andava muito pelo rio, a gente pescava nesse rio, e nós ocupávamos nosso dia correndo, tomando banho no rio, jogando futebol... Não havia uma supervisão de adultos. Era um lugar tranquilo. A minha mãe, que faleceu tem cerca de quatro meses, foi professora naquela região; então nós éramos os filhos da dona Luiza. Éramos cuidados pelas pessoas da comunidade, todo mundo conhecia a gente. Tínhamos uma liberdade enorme naquela região. (João)

Morador, quando criança, da cidade de São Gonçalo, na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, João passava as férias na casa de seus avós. *A casa da infância*, segundo ele, era um lugar de brincar, de estar em liberdade, sem a supervisão (interventora?) de adultos. Ainda que transitassem sem a companhia de adultos, a localização da casa – área rural de Macaé –, além do reconhecimento do trabalho da mãe na região, fazia com que ele e seus irmãos fossem cuidados e mantidos em

segurança. Essa distinção de ambientes – rural e urbano –, segundo Anne Carolina Ramos (2011, 2014),²⁸ potencializa as experiências na casa dos avós.

As práticas culturais de outros tempos, relacionadas à localidade e ao seu entorno, também são relatadas por João.

Nessa casa tínhamos fogão à lenha. Por trás dessa casa passava, mais uns 100m, um rio. Hoje mudou um pouco, fizeram uma rua, mas naquele formato da época, saíamos por trás da casa, andávamos um pouco e ia tomar banho de rio. [...] Era do lado do cemitério. É muito interessante essa questão do cemitério porque eu chupei muita tangerina do cemitério. Eu não tinha nenhum problema com o cemitério. (João)

João, quando fala dos avós, fala da casa; quando fala da casa, fala de quem morava na casa também os identificando como um lugar de refúgio...

O meu avô era uma pessoa muito fechada. Ele se parece muito – você é muito jovem, talvez não se lembre – com aqueles velhos do faroeste: cabelo tipo de algodão e olhos azuis, olhos da [minha filha], talvez um pouco mais claros. Ele era uma pessoa que falava pouco, mas a gente tinha essa ideia de um lugar de segurança. Há uma relação afetiva com o lugar, com o espaço... Na infância, nós estivemos lá várias vezes, e eu acho que é isso: meus avós maternos têm esse lugar de refúgio, eu lembro deles dessa forma. (João)

Cecília, quando fala de sua casa – um apartamento onde mora com os dois filhos, a filha e o neto – conta que, ainda que o espaço não seja amplo, é um lugar de brincadeira, onde se pode correr e até plantar no meio da sala.

A gente brinca muito de carrinho, joga bola. Eu tenho uma cesta, porque eu fazia trabalho corporal com crianças, então eu tenho um monte de bolinha pequeninha de borracha. E ele joga as bolinhas, e eu joga as bolinhas... Corremos pela casa... (Cecília)

Eu peguei um vaso enorme e falei para plantarmos chuchu e inhame que estavam nascendo. Joguei aquela terra toda no chão e coloquei uma foto no grupo da família. E o meu irmão: "Isso é terra?" Eu disse: "É, casa de vó é outra coisa!" (risos) Quem vai colocar terra no meio da sala? (Cecília)

Para Lins de Barros (1987, p. 125), *não são apenas os avós que se voltam totalmente aos netos: é todo o espaço da casa que é submetido a uma quebra de limites*. A frequência com que as/os netas/os vão à casa das avós e dos avôs marcam as adaptações realizadas por estas e estes para atender às necessidades das crianças. *A distribuição dos cômodos prevê, normalmente, um espaço para os netos, caso eles venham dormir ou passar alguns dias com os avós.*

²⁸ Em sua tese, Ramos (2011) dedica um capítulo à perspectiva das crianças sobre a casa das avós e dos avôs. Além das percepções dos/as netos/as em relação ao caminho até a casa de suas avós e seus avôs, o espaço da casa é compreendido, a partir das construções das crianças, como um lugar do passado, de aventura, de brincadeira (a pesquisadora analisa cada cômodo e o entorno) e de encontro.

Esse espaço, nem sempre específico para esse fim, transforma-se com a chegada dos netos (Ibidem, p. 23).

Cecília, a única dentre as e os participantes que mora com o neto, contou que todo o espaço da casa foi reorganizado para receber seu neto e sua filha. Durante a nossa conversa, mostrou, pela tela, um cantinho dentro do próprio quarto organizado com tapete e brinquedos para o neto de dois anos de idade. Já as crianças, que frequentam a casa das avós e dos avôs no final de semana, para os pais trabalharem, nos finais de semana ou nas férias, relataram que têm espaços reservados para dormir.

Diego: Dormi, muitas vezes, na casa da minha avó.

Jonas: Eu dormi na casa da minha avó.

Liana: E você gosta de dormir lá, Jonas?

Jonas: Sim.

Liana: E você dorme na cama da sua avó ou em outro lugar?

Jonas: Eu durmo na minha cama.

Liana: Você tem uma cama lá? *Jonas balança a cabeça em sinal afirmativo.*

Jonas: Sim, eu e o Bê. E a [minha prima] também.

A distância de suas casas para a casa das avós e dos avôs também é um aspecto destacado pelas crianças.

Luan: Minha avó mora com a irmã dela, com a filha e com as minhas primas. É um pouquinho longe [da minha casa]. Um pouco, dá para ir a pé. Mas cansa as pernas.

Bento: Meu avô mora perto, eu quase sempre vou na casa do meu avô e da minha avó. / Jonas: E toda hora eu vou para a casa da minha avó e o meu avô me leva para a casa do meu primo. / Liana: O seu avô te leva à casa do seu primo e você vai toda hora? / Bento: Fica indo e voltando para casa, indo de um lugar para o outro e voltando para casa. Vai e volta, vai e volta...

Fernando: Fui na casa da minha vó em 2019.

Luan e os primos Bento e Jonas moram em bairros vizinhos de seus avós. Quando identificam onde seus avós moram, a distância é marcada pelo tempo: anda-se por tanto tempo que *cansa as pernas* ou é perto o suficiente que dá para ir e voltar, *toda hora*. Já Fernando, que mora em outro estado – ele, em Brasília, e a avó, no Rio de Janeiro – destaca há quanto tempo não vai à casa da sua avó.

O deslocamento dos netos para a casa das avós e dos avôs é analisado por Ramos (2011, 2014), em sua pesquisa, observando como as crianças constroem suas noções de tempo e espaço em trajetos na cidade ou entre cidades. Através de mapas afetivos, os netos e as netas participantes da pesquisa apontam aspectos que impactam

essas construções, como distância, meio de transporte utilizado, repetição dos trajetos. A autora conclui que *os mapas mostram trajetos dinâmicos tecidos na intensidade e na densidade das relações, nos modos como avós e netos afetam e são afetados, constituindo o si e o outro reciprocamente* (Ramos, 2014, p. 805).

A distância, para alguns netos participantes desta pesquisa, parece ter ficado maior durante a pandemia. Diego, ainda que more na mesma cidade de sua avó e seu avô, expressou como o isolamento marca o modo como ele experimenta o tempo: *Parece que está um tédio. Eu fico com muito tédio quando não visito os meus avós*. Mesmo não indo visitar seus avós há meses, os espaços da casa são narrados com detalhes por ele:

Diego: Tem um monte de coisa lá na casa da minha avó. Tem uma cozinha, uma sala, uma mesa de jantar, corredor que leva até o quarto, tem um quarto onde o meu tio está porque ele quebrou a perna, tem uma varanda enorme com uma árvore enorme que cabe lá. E tem uma jaula onde eu coloco a mão e onde eu vejo os carros lá embaixo.

Liana: Uma grade?

Diego: Tipo uma grade.

Liana: Na janela?

Diego: Na janela. E é nessa varanda que ele coloca comida para os beija-flores virem. A gente já tentou espionar um comendo. Por que você faria isso?

A narrativa de Diego também fala sobre o que as crianças fazem na casa das avós e dos avôs. Espionar o beija-flor comendo parece ser um interesse compartilhado por Diego e seu avô João. Já Luan conta que fica sentado na calçada com sua avó:

Luan: A gente só fica vendo a rua mesmo.

Alexandra: O que vocês veem na rua?

Luan: A gente vê as pessoas.

Alexandra: Ah, as pessoas passando na rua.

Luan: Sim.

Alexandra: Vocês ficam comentando sobre as pessoas?

Luan: Não, a gente só fica vendo e olhando as pessoas no ar livre.

Essas práticas das gerações mais velhas, como colocar comida para os passarinhos ou sentar na calçada para ver a rua, talvez não fossem experimentadas pelas crianças se não frequentassem a casa de suas avós e seus avôs. Práticas que, assim como desenvolvido no item anterior, se dão em temporalidades menos aligeiradas. Essas práticas também são proporcionadas pela presença de objetos de outros tempos.

Eu apresentei a vitrola para ele. Aqui tem uma vitrola que tem duzentos e oitenta e cinco anos mais ou menos. Então ela funciona muito mal. Mas eu resolvi que eu queria ouvir disco e coloquei. Nossa, ele ficou encantado com aquele negócio rodando! E era: "A música, a música!" Toda hora ele falava: "Mai munia!", que era "mais música".

E tem 3 dias que nós ouvimos disco. Já arrumamos os discos em ordem alfabética. Ele participa de tudo, me ajuda o tempo todo. Agora, ele está encantado pela música; liguei o rádio e ele fica mexendo no rádio... (Cecília)

Os objetos trazem vestígios do tempo. Dentre eles, os brinquedos também ganham destaque nas narrativas:

Eu tenho coisas de quando eu era criança e a gente brinca com os meus brinquedos de quando eu era criança. Tem os livros, a Susi, o Beto... Tem uns bonecos que eram meus, duas bonecas, uma bonequinha de pano... Ele gosta, e eu deixo mexer em tudo. (Cecília)

Cristina Porto (2010), ao mergulhar em suas memórias e analisar fotografias suas e de seus familiares, observa que as infâncias das gerações anteriores constituíram sua cultura lúdica. Para o filósofo francês Gilles Brougère (1998, n.p.), *a criança adquire, constrói sua cultura lúdica brincando. É o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras de bebê, evocadas anteriormente, que constitui sua cultura lúdica*. Desse modo, a presença de brinquedos na casa das avós e dos avôs favorece a construção, por parte das/os netas/os, de suas culturas lúdicas, transmitidas pelas gerações mais velhas e ressignificadas pelas crianças.

Na casa das avós e dos avôs, brinquedos contemporâneos misturam-se a brinquedos de outras épocas – da infância de suas/seus avós/avôs ou de seus pais. As crianças também falam sobre alguns brinquedos do “seu tempo”:

Fernando: Teve uma vez que eu e o Pablo brincamos de *Nerf* e saímos machucados.

Pablo: Arco e Flecha.

Liana: Como é essa brincadeira? Vocês têm arco e flecha?

Fernando: Eu não tenho, mas eu tenho uma coisa. *Ele se levanta e sai para pegar*.

Fernando: Aqui... *A câmera dele é desligada*.

Liana: “Cadê você? Você sumiu para a gente. Veja se você fechou a câmera.”

Fernando: Eu fechei, é que eu estou tentando tirar isso daqui. *Fernando tenta se arrumar e, em seguida, diz*: Está bom, vai ser assim mesmo. *Ele mostra seu brinquedo, e eu pergunto o que é*.

Diego e Fernando respondem juntos: Uma *Nerf*!

Diego explica: É uma arma que atira muita bala assim: tá tá tá tá. Só não pode mirar no olho, senão machuca.

Liana: Entendi, eu estou muito desatualizada. Eu nem sabia que existia uma *Nerf*. *Nerf*. Falei certo?

Diego: Sim.²⁹

²⁹ *Nerf* é uma marca de brinquedos criada por Parkers Brothers, uma empresa de produtos infantis norte-americana. Fernando mostrou um brinquedo que parecia um lançador de dardos.

Sobre essa troca entre gerações, percebe-se, na narrativa de Carlos, sua intenção de apresentar aos netos e às netas objetos que eles tenham pouca oportunidade de conhecer, o que ele chama de *brinquedo de casa de avô*:

Eu comprei binóculo; cheguei à conclusão que as crianças gostam de binóculo e comprei um. Eles estão entrando na idade que eles vão curtir. É essa coisa de ter o brinquedo diferente, de ter a coleção de carrinho, de ter o binóculo, eu vou inventar, daqui a pouco terei microscópio aqui em casa, vou ter um monte de coisa que chame a atenção, coisas que eu acho que as crianças gostam: balança com pesinho para medir quantos pesos... Sabe esse negócio? Brinquedo de casa de avô. Vou comprar um globo... Brinquedo de casa de avô, na minha concepção, tem que ser umas coisas diferentes, que tenha muito *status* e que só tenha na casa do vovô. Ter um brinquedo que já tem na casa dele? (Carlos)

O caráter de novidade, na narrativa de Carlos, não significa algo produzido recentemente, algo “novo”. O novo e o velho são ressignificados nessa relação entre avós/avôs e netas/os, sobretudo quando o propósito é brincar, motivado pela própria relação. E assim como as avós e os avôs apresentam brinquedos às netas e aos netos, as crianças mobilizam interesse por brinquedos contemporâneos por parte dos mais velhos, num processo de troca, de alteração recíproca.

Eu resolvi fazer uma coleção de carrinhos. As crianças vêm aqui... E você acha que os carrinhos são fáceis de pegar? São coisa nenhuma. Eu guardo, numa caixa, no alto do armário, e eles têm que falar assim: "Vovô, eu quero brincar com os seus carrinhos". Eu pego os carrinhos, faço charme, tiro os carrinhos com todo cuidado, recolho no final; não vão deixar meus carrinhos jogados, pô. Eu comprei uns carrinhos pequeninhos, *Hot Wheels*. [Meu neto, de três anos] veio aqui em casa, olhou para os meus *Hot Wheels* e queria levar: "A coleção é do vovô. Os carrinhos são de quem? Do vovô. Não vai levar não porque os brinquedos são daqui de casa, não é?" Ele não levou e encheu o saco das mãos na outra ponta, e as mãos compraram. Compraram os carrinhos e compraram o estojo de carrinhos. Preencheu com cinco, que vem no pacote, mas eram uns quinze buracos para serem preenchidos. Ele veio aqui e falou assim: "Vovô, me dá um carrinho para a minha caixa?" Ele trouxe a caixa. Eu disse: "Dou, vou dar um para você e um para a [minha neta, irmã gêmea]". Eu tenho que dar igual para cada um, embora ela não estivesse tão ligada; se o irmão dela ganhasse e ela não ganhasse... Ela foi lá e pegou o vermelho. "E você, [meu neto], qual carrinho você quer?", "Eu quero esse e também quero esse". E pegou, eu fiquei sem carrinho nenhum daquela coleção, eles levaram tudo. Ele me roubou os carrinhos todos. (Carlos)³⁰

Como objetos da cultura, os brinquedos falam de uma época, de um tempo. Benjamin (2002), no livro *Reflexões sobre os brinquedos, a criança e a educação*, observa um processo de massificação e homogeneização dos brinquedos, apontado por ele como

³⁰ *Hot Wheels* é uma marca de carros de brinquedo norte-americana, que engloba modelos em miniatura feitos de metal.

próprio do capitalismo, que apaga as singularidades. Entretanto, na troca de brinquedos entre Carlos e seus netos e suas netas, mesmo os *Hot Wheels*, carrinhos industrializados produzidos em massa, parecem ganhar singularidade pela história familiar tecida entre adultos e crianças.

O espaço da casa das avós e dos avôs aparece, assim, como um lugar de troca entre gerações, de brincadeiras, de encontro:

[Minhas netas] ficam brincando, porque a casa tem um espaço razoável que dá para elas brincarem. Elas brincam juntas, ficam balançando na rede, zoando com a cachorra. Aqui é próximo de uma vila, elas ficam brincando na vila. Jogam bola na casa dos outros; a bola já caiu na casa da moça e eu tive que pegar. [...] Elas brincam muito, as duas juntas e com os meninos lá onde elas moram. Mas aqui em casa, a gente tenta interagir todo mundo junto, porque geralmente quando elas vêm aqui, o [meu neto mais novo] também está; aí interagimos todos juntos. Brincadeira de esconder, aqui dá para esconder na parte de cima, brincamos com os brinquedos que a [minha filha] traz, balançamos na rede... (Gilberto)

As narrativas das avós, dos avôs e dos netos participantes apontam a casa das avós e dos avôs como espaço-tempo da infância, em que adultos e crianças tecem histórias, constroem vínculos e aprendem uns com os outros, principalmente, através da brincadeira. Essas compreensões expressam valores e visões de mundo, sobre *como devemos viver* (Ingold, 2019). Como afirmou Roberto DaMatta (1997, p. 62), *todos estão aqui para 'brincar'. E brincar significa, literalmente, 'colocar brincos', isto é, unir-se, suspender as fronteiras que individualizam e compartimentalizam grupos, categorias e pessoas.*

Infância e tempo, como categoria da tese, são percebidos neste estudo como noções indissociáveis. A opção de partir da relação entre avós e netos vai na contramão do que, historicamente, tem se realizado nas pesquisas no campo da educação, de pensar esses sujeitos – adultos e crianças – separadamente. Com a modernidade, quando surge historicamente a ideia de infância, esta é produzida a partir de uma compreensão de tempo: um tempo rígido, que normatiza as experiências infantis, que determina o desenvolvimento num dado momento da vida. É a compreensão de um tempo linear que ratifica um estatuto de menoridade à criança e uma concepção de infância *como estado transitório, inacabado e imperfeito* (Jobim e Souza, 1997, p. 44). O tempo é, assim, elemento que tem alimentado as experiências das crianças (e dos adultos,

especialmente os mais velhos), justificando o que é considerado saudável, adequado, normal.

As narrativas de avós e netos me levam a pensar que é este senhor, o Tempo, quem torna possível entrecruzar vozes que poderiam não se encontrar. As vozes das avós, dos avôs, das crianças, da pesquisadora. A pesquisa, nesse sentido, emerge como cúmplice deste grande senhor chamado Tempo. Nela, as vozes de ontem, de hoje, mas também do futuro, inauguram e se fixam nessa temporalidade que só é possível no entretecer da pesquisa. É também sobre essa fissura no grande tempo de que trata esta tese...

Motivada por esta escrita, também banhada por tudo que escutei e emergiu nas lembranças do meu próprio tempo de vida, é que me inscrevo neste tempo de escrita da tese. Desse modo, permito-me pensar junto às vozes deste campo sobre as categorias centrais que elas, as vozes, ajudaram a construir... O que para mim é o tempo? Como tenho vivido o tempo da minha vida? Quem comigo vive este mesmo tempo? Para você, que me lê, o que essas palavras te provocam a pensar sobre o tempo? O que, como comunidade humana, partilhamos de sentidos deste tempo que habitamos juntos?

4

Infância e vínculo

Eu tinha o amor do meu avô, e para que mais? Seu carinho me encharcava os olhos quando me oferecia dinheiro, um tostão por fio, para arrancar seus cabelos brancos. Ele gostava era da minha mão de neto, passeando sobre ele, mansa, eu sabia. Ser ou não ser grisalho era outra coisa. E se a tristeza ameaçava meu avô – eu lia isso nas rugas de sua testa ou no arco de suas sobrancelhas – eu me oferecia, de graça, para catar alguns fios a mais, zelosamente.³¹

É Bartolomeu quem novamente nos acompanha neste início de capítulo. Suas memórias dos tempos de criança, matéria-prima de muitos dos seus textos, nos levam à casa de seu avô e sua avó. Ao revisitar sua infância, marcada pela morte precoce da mãe e pela distância física e afetiva do pai caminhoneiro, o autor rememora cenas de sua vida simples com Joaquim e Maria, seu avô e sua avó paternos, em uma cidade no interior de Minas Gerais. Na palavra escrita, suas lembranças ganham forma de poesia, e, em meio a medos e angústias, destaca-se o amor entre o avô e seu neto.

*Um amor mútuo, calado, imenso [...] em que o avô reina e o neto é o seu súdito encantado.*³²

Um amor tecido nas delicadezas e durezas do cotidiano: nas histórias engraçadas contadas e escritas (!) nas paredes da casa; no segredo cochichado ao pé do ouvido e confundido com um beijo; na tristeza compartilhada pelos esquecimentos de Maria, conforme ela se despedia do mundo... E nos fios de cabelo branco, pretexto para um carinho, para estar junto.

As memórias do menino Bartô se misturam às das avós, dos avôs e netos ouvidas/os nesta pesquisa. Entre brincadeiras, segredos, alegrias, tristezas e afagos nos fios de cabelos, são tecidos vínculos.

³¹ Bartolomeu Campos de Queirós, *Por parte de pai*, p. 19-20.

³² Yeda Prates Bernis, na orelha do livro.



Fig. 7 – Neta trançando os cabelos da avó. Elisabeth Teixeira. Fonte: Murray, 2017.

Bento: Tia, eu faço muito isso.

Liana: Você faz muito isso?

Alexandra: Mexe no cabelo da avó?

Diego: Eu mexo e faço assim. *Leva a mão até o nariz e cheira, deliciando-se com o perfume.*

Liana: É cheiroso?

Diego: Cheirosinho. Eu falo assim: “Vó, deixa eu mexer no seu cabelo?” Aí, eu mexo sem ela perceber e eu coloco no nariz para cheirar. Sem fazer nenhum barulho.

Este capítulo tem como objetivo pensar, a partir das narrativas das e dos participantes da pesquisa, a construção de vínculos entre avós/avôs e netas/os. O que favorece a construção de vínculos nessa relação intergeracional? Como esse vínculo se traduz nos gestos cotidianos? O que ele provoca nos sujeitos? Como essa relação afeta as infâncias? Qual o impacto do distanciamento social durante a pandemia na manutenção desses vínculos?

Essas questões norteiam as reflexões do capítulo, que é dividido em três partes. A primeira aborda a construção de vínculos, tendo o amor entre avós/avôs e neta/os como foco. Na segunda parte, discute-se vínculo entre avós/avôs e netas/os a partir

da infância. Na terceira, as reflexões giram em torno da pandemia, dos sentimentos provocados e das estratégias criadas pelas/os participantes da pesquisa para a manutenção de vínculos.

4.1

A certeza do amor

Nascer é acontecer para o amor de alguém.³³

Nasce uma criança, renasce a vida: frágil, inacabada, potente, bela. O começo de uma vida modifica seu entorno, e o mundo recomeça. A chegada de uma criança cria, na família que a recebe, expectativas, fantasias, medos... Nasce uma criança e nasce também uma mãe, um pai, uma irmã, um irmão, uma tia, um tio, uma avó, um avô... Vidas são modificadas, novos papéis são assumidos. É nessa rede de afetos que nos recebe no mundo que nossa existência se inicia.

Quando eu soube que a [minha primeira neta] estava chegando foi muito emocionante, foi uma coisa... É um amor que a gente não tem como descrever. Ela é muito fofa, ela já nasceu sorrindo; ela é muito, muito bem humorada. Ela, com um ano e oito meses, faz palhaçada, é quase uma coreógrafa, inventa dancinhas, é muito gostosa. (Clarice)

A minha filha, quando ficou grávida da minha neta mais velha, eu fiquei assustada porque a gente tinha planos para ela: continuar estudando, fazer curso... O que eu não tive gostaria que elas tivessem. Quando ela me falou que estava grávida, eu quase desmaiei, quase que eu caí dura. [...] Ela era nova, e eu falei: "E agora, com você estudando, fazendo faculdade, como vai ficar?" (Elisa)

A maioria das avós e dos avôs lembrou a emoção sentida no anúncio da chegada da neta ou do neto. Clarice fala sobre a felicidade, a emoção atrelada a um amor intenso. Elisa também ressalta, em muitos momentos, seu amor pelos netos e netas – *um amor protetor*, segundo ela; elogia-os, ressaltando o quanto são *maravilhosos*. Porém o anúncio da gravidez da primogênita é marcado pela preocupação, por parte da Elisa, de que a filha e o neto passassem pelas dificuldades enfrentadas por ela, sendo mulher negra que viveu em condição de pobreza. Os relatos de Clarice e Elisa mostram que há diferentes modos de sentir, afetar-se, envolver-se com a chegada de um neto.

³³ Gilberto Safra, *A po-ética da clínica contemporânea*, p. 72.

E eles são marcados tanto pelas condições materiais de vida – por variáveis de classe, gênero, raça – quanto por aspectos simbólicos.

Uma vez fora do útero, você foi imediatamente envolvida ou envolvido em relações com os outros; de fato, pode-se argumentar que, mesmo antes do nascimento, você estava posicionado *vis-à-vis* a esses outros no sentido de que eles tinham certas expectativas sobre você. As ideias sobre bebês recém-nascidos mantidas por seus pais e outros cuidadores – seus irmãos, avós ou babá, por exemplo – estruturou as condições de sua infância: com que frequência você foi alimentada/alimentado e como foi desmamada/desmamado; se você foi pego assim que chorou, se falaram com você ou não; o tipo de linguagem usada para você e ao seu redor; a forma como foi vestida/vestido, para onde foi levada/levado e como foi carregada/carregado; e assim por diante. (Toren, 2021, p. 189).

Nascemos em uma dada família, num determinado contexto, numa certa cultura, em condições de existência que não controlamos. Chegamos ao mundo, cheios de histórias; há narrativas que nos precedem. Esses aspectos marcam nossos afetos desde antes da nossa chegada ao mundo.

Eu tenho uma memória muito forte das coisas que a minha avó me contava, das músicas que ela cantava... [...] Eu tenho essa necessidade de estabelecer um vínculo assim. Por exemplo, quando a [minha neta] canta a música da lua olhando para a lua lá em Viçosa, eu tenho certeza que isso tem a ver com a nossa vivência, a nossa experiência quando eu mostrava a lua para ela e cantava a música enquanto ela estava dormindo, estava para dormir. São coisas assim, essa intimidade, que eu sinto muita vontade de ter com elas e com o [meu neto] também quando nascer. [...] Eu quero deixar marcas. Marcas de memórias afetivas. (Clarice)

Na narrativa de Clarice, são as histórias contadas e as músicas cantadas que compõem a tessitura da relação com sua avó. Essas *marcas de memórias afetivas* mobilizam a necessidade de construir vínculos com suas netas e seu neto, desde bem pequenos, de deixar marcas, vincos... Essa necessidade se apoia nas suas memórias, no reconhecimento de que esses vínculos com sua avó estão presentes em sua vida.

Para Buber (2001), a necessidade de estabelecer vínculo é fundamento da existência humana, é o que nos conduz a dizer Tu. É na relação, na vida dialógica, em recíproca presença, no *entre*, que se constituem os vínculos. É no movimento de *voltar-se para o outro, percebê-lo e aceitá-lo na sua inteireza, se libertar da indiferença* (Kramer et al., 2016, p. 138).

Da avó paterna, eu tenho uma lembrança emocional muito forte de me sentir amada. Eu sabia que aquela pessoa me amava, isso era uma coisa muito clara para mim e desde muito criança. [...] O que eu percebo de netos e avós é que tem uma cumplicidade. Parece que o neto sabe que você tem um amor... que suplanta tudo. [...] E quando eu vejo o meu neto, quando eu sinto esse amor do meu neto por mim, eu me lembro que

minha avó me amava também. É muito assim... eu era apaixonada pelas minhas avós.
(Cecília)

Tanto Clarice quanto Cecília parecem recuperar nas suas memórias de infância essas experiências de serem amadas e desejadas, tomando suas histórias como referências para a relação com as netas e os netos desde bem pequenas/os. Cecília atualiza, na experiência de ser avó, o amor vivido na infância com sua própria avó. E é o neto, ao externalizar o seu amor, quem a faz entrar em contato com o sentimento de ser amada. Como na reminiscência de que trata Benjamin (1987a), Cecília lembra da avó e do amor mútuo entre as duas quando percebe o amor do neto por ela. É o outro – o neto, de apenas dois anos – quem a desloca e evidencia a força do amor em sua vida, quem mostra como é fundante para Cecília ser amada. *O outro detém um segredo: o segredo do que sou*, diz Jean-Paul Sartre (1997, p. 454). É com o outro que nos constituímos; é no outro que nos reconhecemos.

Esse jogo de espelhos, de reconhecimento de si no olhar do outro, se inicia no começo de nossa existência. Quando chegamos ao mundo, precisamos ser amparados, precisamos de quem nos alimente, nos banhe, nos acolha, nos assista, e ajude-nos a conhecer o mundo e nos constituirmos como pessoas. Carecemos de quem nos diga: Você existe! Você está chegando ao mundo! Para o pediatra e psicanalista inglês Donald Winnicott (2019, p. 182), o bebê percebe sua existência através do olhar do outro: *Quando olbo, sou visto. Portanto existo*. Os rostos de quem cuida do bebê exercem um papel de espelho, possibilitando que ele veja a si mesmo.

Diante disso, Winnicott (2021) reforça a necessidade de que pessoas *devotadas* ao bebê, ativa e sensivelmente, sustentem um *ambiente suficientemente bom*, que *começa com um alto grau de adaptação às necessidades individuais do bebê* (p. 23). Essa adaptação *vai diminuindo de acordo com a necessidade crescente que o bebê tem de experimentar reações à frustração* (p. 23). É esse *ambiente protetor* que sustenta o seu desenvolvimento e a construção de um senso de existir, um senso de *self*.³⁴ É através dessas primeiras relações, dos olhares

³⁴ *Self*, de modo geral, pode ser compreendido como uma instância psíquica que constitui a personalidade. Escapa aos objetivos desta tese aprofundar os significados e as tendências de *self* no âmbito da psicologia/psicanálise. Aqui, o sentido está sendo tomado na perspectiva de Winnicott (1983) para quem *self* é o que permite o ser humano sentir-se real e experimentar a continuidade de sua existência; *é a fonte do que é autêntico em uma pessoa* (Philips, 2006, p. 191). Para o autor, seu desenvolvimento depende de um ambiente precoce que se adapte às necessidades do bebê e que reconheça seus gestos espontâneos. Quando há falhas excessivas no ambiente e o bebê precisa se adaptar a ele para sobreviver, o sentimento é de não ter começado a existir; assim, no lugar de um *self verdadeiro*, desenvolve-se um *falso self*, que *copia os outros para proteger o Self Verdadeiro de falhas de reconhecimento* (Philips, 2006, p. 191).

e cuidados destinados ao bebê, que ele é apresentado à realidade do mundo e torna-se capaz de *ser*, de construir a sua personalidade. Assim, é em relação – e somente nela – que uma existência pessoal é possível.

Ana Lila Lejarraga (2008, 2012) destaca que, para Winnicott, essas necessidades do bebê não são apenas fisiológicas, mas também emocionais: de contato humano, íntimo, corporal e afetivo. A disposição para lhes atender é desenvolvida pelo adulto a partir de *lembranças conscientes e inconscientes de ter sido um bebê, porque se identifica com a condição desvalida e dependente de seu bebê* (Lejarraga, 2008, p. 89). Sobre essa experiência, Winnicott (2011, p. 33) utiliza a palavra amor: *sabemos que, em se tratando de crianças pequenas, é só o amor por aquela criança que torna a pessoa confiável o suficiente. Amamos aquela criança e mantemos com ela um relacionamento ininterrupto – eis vencida a primeira metade da batalha.*

Esses vínculos primitivos continuam reverberando ao longo da vida.³⁵ Na perspectiva psicanalítica, *estar vinculado a alguém diz respeito à transmissão simultânea de afeto e de contorno, com o objetivo de sustentação e nutrição psíquica* (Ribeiro, 2018, p. 12). São os vínculos e as marcas deixadas por eles em nossas vidas que nos sustentam na tarefa de viver.

Tanto Buber quanto Winnicott colocam a relação em primeiro plano, compreendendo o ser humano como um ser-com-os-outros,³⁶ um ser que não é sozinho, que se sustenta em uma rede de afetos. Para ambos, *estar em relação é primário, e o self individual único se desenvolve a partir de nosso estado fundamental de interconexão. [...] vida autêntica envolve a consciência da interconexão por meio do envolvimento genuíno e responsável com o mundo* (Adame, 2020, p. 1. Tradução minha).

Aquela coisa de “vovó está aqui, quando precisar a vovó está aqui.” Isso é muito importante. (Carolina)

Carolina fala sobre a importância de suas netas saberem que a avó está ali, disponível para o que precisar. Os fios que conectam avós/avôs e netas/os, segundo

³⁵ Para David Zimmerman (2010), vínculo é uma estrutura relacional-emocional, que pode ser de diferentes tipos: de amor, de ódio, de conhecimento e de reconhecimento (os três primeiros têm como referência a obra de Wilfred Bion). Para o autor, *a qualidade dos vínculos em todas as situações de relacionamentos é que determinará a qualidade de vida de cada pessoa em particular* (p. 26).

³⁶ Nazareth Salutto (2020) aproxima conceitos de Buber e Winnicott ao buscar, em sua pesquisa, compreender especificidades da relação dos bebês com os livros. Os dois autores, segundo Salutto, *forjam, cada qual, sua gênese sobre ser pessoa: morada segura em si mesmo; ser de relação, de encontro, de diálogo, de reciprocidade* (p. 34. Destaques no original). Essa compreensão fundamenta o *olhar para o bebê como pessoa que se constitui de modo singular, que vai ao encontro do mundo, da cultura, do (s) encontros* (Ibidem, p. 34).

as e os participantes da pesquisa, têm uma certa textura, uma densidade, uma força tecida na confiança, na disponibilidade mútua, na cumplicidade, numa dupla segurança afetiva.

Essa conexão, entretanto, não se restringe ao tempo e ao espaço presente. Carlos fala de um vínculo que transcende a presença física e a convivência.

A minha relação com os meus avós, portanto a minha ascendência, foi uma relação de muita falta. Eu lastimo muito que os meus avós homens tenham morrido tão cedo. [...] Eu gostaria muito de tê-los conhecido melhor, ter convivido com eles. Sobretudo o Carlo, talvez por eu ter o mesmo nome, acho uma pena. Acho que ele deve ter sido uma pessoa muito interessante, teria muito a me dizer, e ele não teve tempo de me dizer. [...] Eu brinco que eu tenho que sobreviver a essa pandemia porque eu quero estar presente com os meus netos porque os meus avós morreram e eu não estive com eles. Eu quero estar com os meus netos, eu quero que eles se lembrem de mim. (Carlos)

A ausência também produz presença. Na narrativa de Carlos, há um elo que liga passado, presente e futuro. Trata-se de uma relação que se constitui na falta, na ausência-presente dos avós que partiram cedo, na *saudade do que não foi*, como canta Lenine.³⁷ Nas narrativas contadas para Carlos e reinventadas por ele, nos vestígios da história familiar, buscam-se as pistas que sustentam seu vínculo com o avô.

Eu gosto muito do meu nome. Eu tenho o nome duplo, Carlos Lourenço, e ele foi o meu padrinho de batismo. [...] Na minha certidão de batismo, que eu localizei há uns anos, estava lá: "nome da criança". Seria "Carlos", mas estava lá: "Carlos Lourenço". O meu sobrenome foi incorporado da minha certidão de batismo. Uma coisa simbólica muito forte que eu acho que denota um pouco dessa minha afinidade com o Carlo Lorenzo. (Carlos)

No nome em comum, nos álbuns de família, nas histórias contadas pelos mais velhos sobre quem cruzou um oceano em busca de uma vida melhor, parecem estar os elementos que denotam a *afinidade* de Carlos por esse avô. Os vínculos compõem as histórias de vida das pessoas, dos que vieram antes e depois de nós. Mais do que um elo biológico, o que parece tecer esses fios é o desejo de vincular-se, a necessidade de pertencer, de reconhecer e ser reconhecido: *tal é a relação, o ser escolhido e o escolher, ao mesmo tempo ação e paixão* (Buber, 2001, p. 57).

De acordo com Maria Amalia Vitale (2002, p. 94) a figura dos avós - vivos ou mortos – tem um papel simbólico, *na função de assegurar aos netos uma identidade enraizada*

³⁷ Lenine, O último pôr-do-sol. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yjUUpW0gi1M&list=PLuglnmoYCpUNckKOKjL-QODRyeFXyxB&index=4>.

no tempo imemorial, ou seja, numa identidade genealógica [...]. Nessa perspectiva, a criança está no cerne das transmissões inconscientes da vida psíquica que ocorrem ao longo das gerações. Quando Carlos e outros entrevistados/as falam de seus avôs e suas avós, os vínculos ecoam nas narrativas, mostrando a força que nascem dessas relações. Ecoam na relação com seus netos e suas netas, na relação com a vida. É algo que nos acompanha. Os vínculos marcam nossas biografias e formam nossas identidades.

Os vínculos entre avós e netos, no entanto, não estão garantidos.

A esposa do meu avô, que viveu bastante, foi a única dos quatro que eu estabeleci alguma referência pessoal, alguma relação pessoal... Era uma avó difícil. Ela era muito boazinha, mas era também muito chata, muito normativa. Me dizia tudo que eu tinha que fazer quando criança, e eu ficava muito irritado com ela. E ainda tinha esse negócio do meu pai não gostar muito dela; eu acho que eu herdei um pouco disso também. (Carlos)

Nem todos as/os avós/avôs são amorosos ou desejam estar com os netos. Avó/avô também pode ser chata/o. Aqui, vale ressaltar o perigo das idealizações e dos estereótipos construídos em relação à vida em família: *há avós - homens e mulheres - abusivos, negligentes ou destrutivos para a vida familiar, bem como idosos que são maltratados na família* (Vitale, 2002, p. 104). Mesmo entre avós/avôs e netas/os com fortes vínculos - foco desta pesquisa - conflitos e confrontos acontecem, embora não destacados nas narrativas das e dos participantes, pois são partes da experiência humana. A narrativa de Carlos remete à ambivalência, aos muitos sentidos que essa relação pode ter. Tal relação também passa pelos desejos e pelas impressões das crianças.

Em pesquisa realizada por Ramos (2011), as crianças mostraram interesse pelas avós e avôs, mesmo as/os que elas não puderam conhecer. No entanto, isso não garante a continuidade do vínculo. As crianças percebem quando falta interesse, afeto ou contato por parte da terceira geração, e assim a relação vai se deteriorando.

Vínculo é algo dinâmico, não estático, logo precisa ser alimentado. É algo que se constitui na relação e não tem garantias fora dela... Gilberto fala com muito afeto sobre suas netas, adotadas por sua filha mais velha, e percebe que elas gostam de conviver com ele e sua esposa.

Elas são muito carinhosas, amorosas. A gente tenta colocar para elas o amor, porque me parece que elas não tiveram o amor dos pais. Então procuramos passar muito amor para elas. [...] Elas adoram conviver com a gente aqui. (Gilberto)

A convivência, segundo Gilberto, poderia ser maior, o que possibilitaria maior intimidade. Para ele, tendo como referência as avós e os avôs de suas filhas que lhes eram vizinhos, os encontros apenas no final de semana são insuficientes. Seu desejo é de maior contato, é de ter todos da família por perto e por mais tempo, sobretudo, netas e neto. Sua narrativa revela que os vínculos entre avós/avôs e netas/os também dependem dos pais da criança, considerando suas circunstâncias de vida e seus desejos, favorecendo o espaço para a relação acontecer.

Gilberto também diz que percebe um vínculo maior das netas e do neto com sua esposa, já que ela ajuda mais as filhas, indo até suas residências, no cuidado dispensado às crianças. Sua fala reforça o que é apontado por Ramos (2011), com base em levantamento de pesquisas, de que as mulheres, nas sociedades ocidentais, ocupam lugar central como intermediárias das relações familiares e dos assuntos do âmbito privado/doméstico,³⁸ o que favorece uma aproximação maior entre mãe e filha e, ainda, um consequente fortalecimento de vínculos dos/as netos/as com a linhagem materna.

Esse recorte de gênero é destacado por algumas avós participantes da pesquisa. Para elas, ser *avó de filha* ou *avó de filho* faz diferença nas possibilidades de construção de vínculos.

Essa relação de neto tem muito a ver com o ser filho ou filha. [...] Eu acho que pela facilidade, pela empatia mesmo da maternidade minha, de mãe delas, de ter criado, de ter convivido todo tempo. Quando você tem uma nora, você tem que ir com muito dedo. [...] Primeiro entra um ciúme se tiver uma relação muito forte, porque acaba tendo um ciúme da nora. (Marina)

Falei com meu filho sobre isso. Ele falou: "Mãe, eu não acho. Eu não percebi isso. Eu vou ver, vou cuidar mais de você ficar mais próxima", mas eu acho que ele não percebe muito não. [...] Não é crise de ciúmes, não é... Embora eu já tenha sentido ciúmes, sim, da avó materna. Até falei, não com ela porque não tenho essa intimidade, não sei qual seria a reação dela, mas já falei com os meus filhos, com o [meu marido], eu assumo. Agora já não sinto tanto, mas eu sei que é a avó materna. É a avó que a [minha nora] conta [...]. Eu só acho que a gente tem que encontrar estratégias para não perder esse vínculo. (Clarice)

Disse para a [minha nora] e para a mãe dela: "Eu vou tentar ser para a sua filha não a mãe que você é, porque você é única, mas a mãe que ela me permitir ser". E ela nunca permitiu. [...] Ela nunca deixou eu me aproximar muito. [...] [A relação com os netos] é muito atravessada... Enfim, eu vivo o que é possível com eles. (Lygia)

³⁸ Há uma relação com as práticas de cuidado compreendidas socialmente como atribuições das mulheres. Este tema é desenvolvido no sexto capítulo.

As avós pontuam a delicada relação entre sogra e nora como um fator que pode impactar o estabelecimento de vínculos com os/as netos/as. São vários os aspectos desafiadores que podem afetar essa relação,³⁹ dentre eles o estereótipo sobre a figura da sogra. Quando a relação é conflituosa, pode haver situações nas quais os pais sequestram as possibilidades de vínculos que as crianças podem vir a construir, afetando também a terceira geração.

Os conflitos entre os adultos, dessa forma, desrespeitam as crianças não possibilitando um tipo de convivência que pode deixar marcas afetivas em suas vidas. Como afirma Ramos (2011, p. 158), *quando os elos são fortes, os avós tendem a ocupar “um bom espaço no coração” [...] das crianças, e elas mostram que essa afeição tem amor suficiente para durar a vida inteira, estendendo-se durante a adolescência e a fase adulta.*

O amor com os filhos é aquele amor de mãe que passa para os filhos e os filhos passam para a mãe. Com os netos é um amor diferente, mais forte, é um amor protetor... É aquele amor que você quer abraçar, de proteção. Mesmo sabendo que eles são bem cuidados, bem criados, orientados, fica aquela proteção de vó, aquela preocupação de vó. (Elisa)

Elisa fala de um amor que não envolve apenas avó e neto/a, mas também os filhos. Um amor que passa de um para o outro, reciprocamente. O de avó, no entanto, é diferente: *é um amor protetor*. Mesmo sabendo que os netos são bem cuidados, permanecem uma preocupação, um sentimento de proteção, o desejo do abraço.

[...] a possibilidade de convivência com os outros depende da hospitalidade de alguém, esse é o acesso, em meu modo de ver, para a vida em comunidade. Fora da comunidade, a pessoa se sente inexistente e indiferenciada. *Nascer é acontecer para o amor de alguém*, morrer é deixar de ser amada, em outras palavras, de ser significativa para alguém. (Safra, 2004, p. 72. Destaque nosso).

Para Buber (2008, p. 83), o ser humano nasce na comunidade; *ela é sua condição, ele vive, respira nela, ela o sustenta*. Comunidade, para o autor, é uma vida em comum. Não é estar *um-ao-lado-do-outro*, mas *um-com-o-outro*; implica *um dirigir-se-um-ao-outro*, *um face-a-face dinâmico*, *um fluir do Eu para o Tu* (2009, p. 66-67). Diferente da sociedade, que silencia a espontaneidade e dificulta as relações autênticas, na comunidade, há o reconhecimento do outro, a confirmação de sua existência, o acolhimento de sua singularidade.

³⁹ Ver Chiapin *et al.* (1998).

E sobre o amor, Buber (2001, p. 55) afirma que este implica *um verdadeiro sair-de-si-em-direção-ao-outro, [...] alcançar-o-outro, [...] permanecer-junto-ao-outro*. Nesse sentido, *amor é responsabilidade de um Eu para com um Tu* (p. 59). Seu oposto não é o ódio, mas a indiferença. A origem do amor não é o sentimento, mas a relação: *os sentimentos, nós os possuímos, o amor acontece* (p. 59). Amor não está dentro das pessoas, mas no entre: os sentimentos residem no ser humano, mas o ser humano habita em seu amor. *O amor não está ligado ao Eu de tal modo que o Tu fosse considerado conteúdo, um objeto: ele se realiza entre o Eu e o Tu* (p. 59).

Acontecer para o amor de alguém implica reconhecimento do outro, movimento em direção ao outro, abertura ao diálogo e à alteridade. O amor, como acontecimento da relação Eu-Tu, surge como uma ética, implica uma ação concreta.

O amor é uma força cósmica. Àquele que habita e contempla no amor, os homens [e as mulheres] se desligam do seu emaranhado confuso próprio das coisas; bons e maus, sábios e tolos, belos e feios, uns após os outros, tornam-se para ele atuais, tornam-se Tu, isto é, seres desprendidos, livres, únicos, ele os encontra cada um face-a-face. A exclusividade surge sempre de um modo maravilhoso; e então ele pode agir, ajudar, curar, educar, elevar, salvar. (Buber, 2001, p. 59).

bell hooks (2020) define o amor como uma ação, que envolve *carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta* (p. 47). Para a escritora e teórica feminista estadunidense, *nós aprendemos sobre o amor na infância. Seja nosso lar feliz ou problemático, nossa família funcional ou disfuncional, é essa a primeira escola do amor* (p. 59). hooks observa que as famílias nucleares – patriarcal e privada –, com laços de parentesco mais restritos, aumentam a possibilidade de alienação e abusos de poder: *mulheres foram obrigadas a se tornar mais dependentes de um homem, e as crianças, mas dependentes de uma única mulher* (p. 162-164). Em contraposição, nas famílias estendidas, ampliam-se as possibilidades de as crianças aprenderem sobre o amor como uma ética. A autora conta que, na sua infância, seu avô foi uma referência importante nesse sentido.

Para hooks, a família pode ser *um bom lugar para aprender o poder da comunidade* (p. 164). Em sentido próximo ao de Buber, enfatiza que uma comunidade só é possível quando há *comunicação honesta*.

[...] podemos começar o processo de criar comunidade onde quer que estejamos. Podemos começar com um sorriso, um cumprimento caloroso, um pouco de conversa, fazendo um ato de bondade ou reconhecendo a gentileza que nos é oferecida. Podemos trabalhar diariamente para tornar nossas famílias comunidades mais amplas. (hooks, 2020, p. 175).

Os afetos que se estabelecem no âmbito familiar podem se estender para outras relações, em outros espaços que não o doméstico. Nesse sentido, pensar sobre os vínculos entre avós/avôs e netas/os, que se constitui – e nos constitui – nos minúsculos gestos cotidianos, nas práticas culturais partilhadas, nas histórias familiares narradas, é ir na contramão da indiferença, do desamor. Falar do amor entre avós/avôs e netas/os, portanto, é pontuar *o quanto nossas ações pessoais relacionadas ao amor implicam uma postura perante o mundo e uma forma de inserção na sociedade* (Silva, 2020, p. 10). É anunciar o amor como potência *para caminharmos rumo a uma “sociedade amorosa”* (Ibidem, p. 10).

4.2

Fora da caixa

amar é um elo
entre o azul
e o amarelo⁴⁰

O que esse amor mútuo entre avós/avôs e netas/os produz na experiência da infância? O que esse encontro entre a criança e o adulto de uma geração distanciada provoca em ambos? Como as infâncias de avós/avôs e netas/os são afetadas?

Eu acho que eu tenho muita facilidade de conversar, de dialogar com bebê, de entender as coisas que eles estão querendo transmitir, que eles estão querendo expressar... Isso com os meus filhos foi assim, com a [minha neta] também, com o meu sobrinho – esse que morou aqui – também e com outras crianças que tive contato, sejam primos, mesmo na creche. E é muito prazeroso para mim, é muito gostoso esse vínculo, essas brincadeiras, ficar meio maluca perto deles... Porque eu acho que quando a gente sai da caixinha, fica enlouquecida com as crianças pequenas, é muito gostoso. Eu adoro fazer isso, adoro, adoro fazer palhaçada, falar palhaçada, fazer umas brincadeiras malucas. Enfim, eu acho que isso tudo cria marcas, essas experiências criam marcas. (Clarice)

A facilidade/disponibilidade em escutar as crianças pequenas é relacionada por Clarice a uma oportunidade de experimentar um estado prazeroso. As crianças – o vínculo com elas – provoca *sair da caixinha, ficar enlouquecida, fazer palhaçada ou brincadeiras malucas*. Vínculo e brincadeira são intimamente relacionados na fala dessa avó, o que remete à origem das duas palavras. De acordo com o dicionário etimológico, vínculo

⁴⁰ Paulo Leminski, *Toda poesia*, p. 312.

é tudo o que ata, liga ou aperta, do latim *vinculum*, 'laço' (Cunha, 1982, p. 822). E brincadeira vem da palavra brinco, cuja etimologia tem origem nesse mesmo termo latino (p. 124).

[...] brincar, de origem latina, resulta das diversas formas que assumiu a palavra *vinculum*, passando por *vinclu*, *vincru* até chegar a *vrinco*. É assim que do significado inicial "laço" passa por "adorno, enfeite, joia que se usa presa na orelha ou pendente dela" até chegar à ideia de brinquedo e brincadeira. Na mitologia grega *Brincos* eram os pequenos deuses que ficavam voando em torno de Vênus, alegrando-a e enfeitando-a. [...] brincadeira contém a ideia de laço, relação, vínculo, pondo os indivíduos em relação consigo mesmos, com os outros, com o mundo. (Fortuna, 2004, p. 2).

Winnicott (2019) confirma essa íntima relação entre vínculo e brincadeira com seu conceito de espaço potencial, localizado nem dentro nem fora de cada pessoa, mas *entre* seu mundo interno e externo. É no contato íntimo, afetivo, confiável e constante entre o bebê e quem assume seus cuidados, na experiência da mutualidade, *que pode ser descrita tanto como sintonia dos corpos vivos quanto uma forma de intimidade mais sofisticada, quando se inicia a experiência compartilhada do brincar* (Lejarraga, 2012, p. 116). Um marco desse processo é quando o bebê, sentindo a necessidade de mamar, tem a ilusão de que o seio da mãe foi criado por ele.⁴¹ Entre a necessidade do bebê e sua satisfação, ele se sente real porque criou algo. Esse movimento criativo, para Winnicott, não tem relação com a criação de algo inédito, *mas está relacionada ao sentimento de realidade. Nesse sentido, o mundo é criado de novo por cada um de nós e o sentimento de realidade pode ser experienciado a partir desse movimento* (Sekkel, 2016, p. 87).

A partir das memórias construídas através de inúmeras impressões sensoriais, o bebê passa a ter cada vez mais material para criar. Aos poucos, conforme ele tenha recursos para lidar criativamente com as falhas do ambiente, o adulto cuidador diminui a satisfação às suas necessidades imediatas. É a partir do estabelecimento de vínculos amorosos e dedicados nos primeiros tempos de vida que a criação/a brincadeira se torna possível.

Um bebê pode ser *alimentado* sem amor, mas o *manejo* impessoal ou sem amor não conseguirá produzir uma nova criança autônoma. Aqui, onde há confiança e constância, existe um espaço potencial que se transforma em uma infinita área de separação, que o bebê, a criança, o adolescente ou o adulto podem preencher criativamente com o brincar, transformado ao longo do tempo na fruição do patrimônio cultural. (Winnicott, 2019, p. 174. Destaques no original).

⁴¹ Mantenho aqui o exemplo dado pelo autor – o seio da mãe –, no entanto vale reforçar que se trata da satisfação de algo por um adulto dedicado aos cuidados do bebê, não apenas a mãe. Alguns estudos (Brasil e Costa, 2018; Miranda *et al.*, 2019) questionam a ênfase de Winnicott à função da mãe/da mulher, observando uma lógica determinista de gênero para as funções de cuidado de crianças.

Aproximando os estudos de Winnicott e Buber, Laura Praglin (2006) observa que ambos expuseram, em seus escritos, visões complementares relativas ao espaço do *entre*. Na *área de transição*, para Winnicott, ou no *inter-humano*, para Buber, *encontram-se os mais autênticos e criativos aspectos de nossa existência pessoal e comunitária, incluindo artística, científica e expressão religiosa* (Praglin, 2006, p. 1. Tradução minha). Desse modo, é no vínculo, na relação, no *entre*, que se localiza a potencialidade criativa humana e outros modos de viver podem emergir.

Marie Claire Sekkel (2016) aproxima as concepções de Benjamin e Winnicott sobre o brincar, percebendo que ambos fazem referência a *fragmentos, detritos ou resíduos da realidade externa e interna* (p. 91). A criança brinca com os fragmentos do mundo – da realidade externa – a partir de elementos do seu mundo interno, criando um mundo próprio, em constante relação com o mundo da cultura mais ampla.

O brincar é uma atividade entre mundos; não se dá entre pessoas e objetos isolados. Um mundo é um universo de significados que tem um contexto em que estão presentes sentimentos, anseios, valores, fantasias. [...] O brincar é esse espaço de conjunção de mundos em que outros mundos se criam. (Sekkel, 2016, p. 91).

As avós e os avôs da pesquisa narraram experiências em que a brincadeira se faz presente e novos mundos são criados, deslocando também os adultos de seu lugar-comum.

Os gêmeos fazem natação em uma piscina lá em Botafogo, uma piscina especializada e tem que entrar com adulto. A minha alegria é entrar algumas vezes; não me deixavam entrar sempre não, tinha concorrência, mas algumas vezes eu consegui entrar com o [meu neto], dentro da piscina. O professor ensinando-o a nadar e eu do lado, segurando. Que delícia ir para a piscina com o neto! [...] Na minha ida à piscina com as crianças, eu acabo me divertindo muito com eles. Eu não gosto de piscina, mas eu gosto de piscina com os netos. Dá para entender? Porque eles são divertidos na piscina. Piscina é um saco, mas os netos são ótimos. É a relação. (Carlos)

Piscina é chato, mas com os netos é ótimo. *É a relação*. Para Buber (2001), a relação, o vínculo, preserva a possibilidade do encontro. É o encontro brincante com os netos, mesmo na piscina, que altera o gosto da experiência: de uma experiência enfadonha para uma que provoca *alegria*, que é agradável, que ganha outra *coloração* (Winnicott, 2019, p. 108). Lejarraga (2008, p. 88) define alegria, a partir de Winnicott, como *o afeto característico do brincar e das experiências do espaço potencial*. A alegria do brincar, de estar vinculado, de ser criativo perante a realidade, é o que faz com que a vida tenha valor e seja *digna de ser vivida* (Winnicott, 2019).

Para Dolto (1998, p. 199), as crianças trazem *alegria e frescor* para as gerações mais velhas. Winnicott (2019, p. 79) observa que as *crianças brincam com mais facilidade quando a outra pessoa consegue e pode ser brincalhona*. Na relação entre avós/avôs e netas/os com fortes vínculos, percebe-se uma disponibilidade para o brincar que se alimenta mutuamente, na relação, no reconhecer o outro e ser reconhecido pelo outro.

Eu me chamei de vozão: "O vozão chegou!" Eu tenho umas brincadeiras com as crianças. Por exemplo, eu ensinava a falar: "Vovô é o máximo". Repete: "Vovô é o máximo". É brincadeira. (Carlos)

Ser chamado de *vozão*, assim no aumentativo, revela o desejo de se fazer presente, de ser reconhecido por uma presença imensa na vida dos netos e das netas. Na brincadeira que se instaura com a palavra - *vozão* -, parece se construir uma segurança afetiva que ampara os dois lados.

Uma vez minha mãe me perguntou se o meu estado de depressão, de tristeza, tinha a ver com o fato de eu ficar avó... Eu acho que ela pensou na velhice, se era isso... É o contrário! Eu acho que ele me traz uma potência de vida. [...] Eu tenho uma importância muito grande na vida dele e eu acho que isso me dá um ânimo... (Cecília)

Ao mesmo tempo que as avós e os avôs amparam suas netas e seus netos com a disponibilidade para brincar e estar junto amorosamente, também as crianças as/os amparam com sua força de vida.

Eu me lembro de quando a minha filha era muito pequenininha. Eu trabalhava em Campo Grande e vinha pela Avenida das Américas; não tinha sinal. Eu vinha enfiando o pé, correndo para caramba e vi uma placa assim: "Mamãe, te espero". Na hora, eu tirei o pé do acelerador. Eu acho que é essa sensação que ele me traz: "Vovó, te espero". Tem alguém que realmente me quer, na presença do dia a dia, e isso é muito bom, um sentimento muito gostoso para mim. (Cecília)

Ser significativo para alguém, ser reconhecido como uma pessoa que importa, ter alguém que te espere para brincar. Nessa relação, parece se instaurar um movimento de renovação da vida, com abertura e disponibilidade para o novo, para o que ainda não foi experimentado.

A relação com eles é muito boa, muito de brincadeira, eles gostam muito. Eu beijo muito, abraço muito, pego muito, aperto muito. (Marina)

Outro dia, o Bento fez um vídeo. Ele diz que é *youtuber*. Ele gosta muito de futebol e ele está fazendo uns *posts* sobre futebol, falando dos jogadores que ele gosta. E o Jonas também quer fazer como roqueiro, quer falar dos Guns N' Roses. Eles estão demais, mas a gente se diverte com isso também. O Bento conseguiu tirar no piano ontem aquela música dos Saltimbancos dos Trapalhões e ele me ligou. Ele está em

Teresópolis e disse: "Vó, eu consegui tirar!" Tudo eles querem me mostrar, querem que a gente incentive, elogie... (Marina)

Tanto a criança necessita desse reconhecimento quanto as avós e os avôs precisam ser solicitados. Há um reconhecimento mútuo, que provoca um intervalo, abre um espaço no cotidiano. Esse espaço – da brincadeira, do encontro, do amor – pertence a ambos e é *experimentado como ilimitado*, onde a *causalidade parece estar suspensa* (Ticho, 1974, p. 245. Tradução minha). Um encontro que provoca abertura às possibilidades e interrompe o desenrolar mecânico das horas...

A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza. Mas, não: é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro. (Bosi, 2015, p. 415).

Sâmea Alves (2013), em pesquisa com *velhas avós* que assumem o cuidado com os netos, observou que, para elas, *a companhia dos netos traz consigo a volta dos sonhos destas, demonstrando, em algumas ocasiões, até um maior sentido afetivo para suas vidas. O relacionamento entre avós e netos pode ser marcado pelo prazer e trocas intensas* (p. 158).



Fig. 8 – Avó e neta sonhando juntas. Raquel Cané. Fonte: Cané, 2014.

Esse encontro intergeracional, que acontece principalmente na brincadeira, parece produzir nos adultos um estado de infância, que se instaura no *entre* dessa relação e afeta ambas as partes. Para o escritor moçambicano Mia Couto,

A infância não é um tempo, não é uma idade, uma colecção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar. [...] A verdade é que mantemos uma relação com a criança como se ela fosse uma menoridade, uma falta, um estado precário. Mas a infância não é apenas um estágio para a maturidade. É uma janela que, fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós. (Couto, 2011, p. 103-104).

Na relação entre avós/avôs e netas/os com fortes vínculos, as janelas, mesmo as emperradas pelas durezas ou sofrimentos da vida, parecem ganhar novas dobradiças, menos enrijecidas, mais maleáveis, mais fáceis de manter a janela da infância aberta.

Walter Kohan (2019) compreende a infância como uma força política, inspiradora e geradora de outras possibilidades de vida, que atravessa todas as idades. Infância *confere vida à vida* e, como uma *força reinventora do mundo*, abre as vias para que o impensável aconteça. Nesse sentido, propõe irmos de encontro aos *inícios, não apenas cronológicos, de uma outra relação com a infância, própria e alheia* (p. 164). Essas considerações são construídas com base na análise de princípios filosóficos da vida e da obra de Paulo Freire, para quem nunca se deve deixar de ser menino. Em carta para sua prima Nathercia,⁴² Freire (2016, p. 50) diz que *o mundo está como está porque os seres humanos esqueceram a infância*. Não deixar a infância esquecida dentro de nós implica permitir que ela nos atravessasse, nos eduque: *não se trata apenas (ou sobretudo) de formar a infância, mas de estar atento a ela, de escutá-la, cuidá-la, mantê-la viva, vivê-la. A infância atravessa a vida toda como algo que lhe outorga curiosidade, alegria, vitalidade* (Kohan, 2019, p. 161).

Curiosidade, alegria e vitalidade estão presentes nas narrativas dos participantes da pesquisa sobre o que vivem juntos, o que os encontros entre avó/avôs e netas/os fortemente vinculados provocam. Não seriam esses os elementos que fazem a vida valer a pena? Tanto para Buber quanto para Winnicott, viver significativamente envolve *ser criativo, espontâneo, celebrando a inteireza e unicidade do outro, sendo receptivo e aberto ao mundo* (Ticho, 1974, p. 248. Tradução minha).

⁴² Paulo Freire, quando esteve exilado em decorrência da ditadura militar brasileira, correspondeu-se, por carta, com sua prima Nathercia, com 9 anos na época. Suas belas cartas estão reunidas no livro *A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha*, com texto de Nathercia Lacerda e organização de Cristina Porto e Denise Gusmão.

E quando a distância física é imposta pelas contingências da vida? Quando a brincadeira, a criatividade e o diálogo são atravessados por uma tela? Como a experiência da pandemia afeta os vínculos entre avós/avôs e netos/as?

4.3

Avó e avô de tela

Sinto tanta falta das minhas crianças
E escrevo e envio uma canção Yiddish.
Escutem as palavras na canção,
E cantem comigo e com sentimento.

O tempo em que vivemos em casa
É longo e estreito e cheio de tristeza
Mas vocês, crianças, sabem como brincar com cores
E voam como sombras no céu, tão bonito!
[...] ⁴³

Saudade foi tema das conversas com as avós/avôs e os netos, realizadas entre maio e novembro de 2020, meses com medidas, de modo geral,⁴⁴ restritas de prevenção ao contágio no país.

O maior sofrimento dessa quarentena além de todas as restrições, agora já falando um pouco da quarentena, o maior sofrimento é a restrição de ver os netos. (Carlos)

[O que está mais difícil é] a falta da minha família. A falta dos meus filhos, dos netos. Eu estou vivendo um período muito bom, uma quarentena muito boa com o meu marido, mas tanto eu quanto ele sentimos muita falta deles. (Adélia)

É uma experiência muito boa, faz muita falta para a gente. (João)

A restrição de ver os netos é motivo de sofrimento, e a convivência com as crianças faz falta. Saudade é uma experiência de memória: sente-se falta de pessoas ou coisas que deixaram marcas, memórias afetivas. Mas, como diz Clarice, o vazio é maior quando não há prazo para *matar a saudade*.

A pandemia provocou um outro tipo de distanciamento... A casa agora está muito grande, e esse vazio é muito interno também, porque eles não podem vir, nós não

⁴³ A música *Benkschaft/Saudade* foi composta em letra e melodia no ano de 2020, durante a pandemia. Sonia Kramer escreveu a letra para seus netos e netas, e a melodia foi criada por Aline Silveira e Bruno Rian. A música foi composta em Yiddish, língua aprendida por Sonia ainda na infância, ouvindo seus pais e avós judeus imigrantes do Leste Europeu conversarem. Foi revisitada na vida adulta e, desde 2016, é objeto de estudos e projetos especialmente na PUC-Rio. Ver: <https://vivercomyiddish.com.br/>. Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aQ3PXuU1hzc>

⁴⁴ As ações para contenção da doença não seguiram um padrão em todo o território nacional.

podemos ir. Isso está muito difícil. Talvez isso não tenha a ver com a sua pesquisa diretamente, mas eu não sei como estão as relações dos avós com os netos. Isso, esse isolamento que estamos vivendo, está muito difícil, muito mesmo... Porque a gente não tem como sentir saudade e poder abraçar, poder... (Clarice)

Trata-se de um distanciamento que envolve medos, angústias, que também afetam as crianças. As crianças que participaram da pesquisa não utilizaram a palavra saudade, mas falaram sobre o tempo sem visitar seus avós, o *tédio* provocado pela distância física, como já exposto no capítulo anterior.

Diego: Quando não tinha essa história de coronavírus, eu visitava muito o meu avô quando eu estava entediado.

Liana: E depois não pôde mais visitá-lo por causa do coronavírus?

Diego: Eu fiquei até tarde na aula, na nossa sala de aula. Parece que está um tédio. Eu fico com muito tédio quando não visito os meus avós.

Valéria Cunha (2021), em sua pesquisa de mestrado, ouviu crianças de 7 a 10 anos, moradoras da cidade do Rio de Janeiro, sobre o contexto de pandemia. Em relação aos lugares ou pessoas de que elas sentiam saudades durante o isolamento social, uma é enfatizada: *a saudade dos avós*.

Pedrinho expõe esta saudade quando é perguntado: “eu estou com muita saudade lá da casa da minha avó, lá tem piscina, tem cachorro, aqui também [...] e eu estou com saudade da vovó, praia e também alguns lugares, papai tá ali. E também eu queria mostrar mais livrinhos.” [...]. Ana, que estava junto da irmã Alice, também expõe esta saudade: “a gente também está com saudade da nossa vó”. (Cunha, 2021, p. 89).

A falta da convivência com os avós, por parte das crianças, também é evidenciada na pesquisa *Infância em tempos de pandemia: experiências de crianças da Grande Belo Horizonte*. Sobre tristezas e medos provocados pela pandemia, é destacada a impossibilidade de estar com as avós e os avôs.

[...] apesar de nenhuma questão específica ter perguntado diretamente para as crianças sobre o avô ou a avó, eles apareceram de forma bastante frequente nas respostas às questões abertas, tanto nas que dizem respeito às tristezas e aos medos como depois às alegrias, na possibilidade de convivência com avós. (Silva *et al.*, 2021, p. 48).

As autoras das duas pesquisas consideram que a saudade, por parte das crianças, de suas avós e seus avôs revela não apenas a falta que a convivência provoca, mas também uma preocupação com as pessoas próximas mais velhas, recorrentemente citadas nas mídias como *grupo de risco*.⁴⁵ A pesquisa, realizada em Belo Horizonte,

⁴⁵ Sobre os impactos da pandemia (sentimentos e mudanças na rotina) nas pessoas mais velhas, consideradas *grupos de risco*, ver Quintino *et al.* (2020).

perguntou às crianças se elas estavam cumprindo o isolamento social, e 89% responderam afirmativamente. Quando questionadas sobre o motivo, grande parte das crianças mostrou ter conhecimento sobre os riscos da pandemia. Essa compreensão, em muitos casos, estava relacionada a uma noção de risco individual, porém, em outros, a uma *“solidariedade intergeracional”*, caracterizada por respostas como: *“pra me proteger e proteger meus familiares”*, *“pra ficar protegido e proteger minha família, principalmente meu irmãozinho e meus avós”* (Silva *et al.*, 2021, p. 43).

João conta sobre a preocupação de seu neto Diego quando soube que ele estava infectado com o coronavírus.

No dia dezessete de maio, eu não me senti bem: tive febre, passei o dia inteiro na cama. Fiz o teste e deu positivo para o Corona. [...] Ele ficou revoltado porque não contaram para ele na hora certa. Fez várias perguntas: "O que você está tomando? Como você está?" [...] Não contaram para ele o que tinha acontecido, que eu fui diagnosticado. Passou um tempo – porque tem que esperar para ver a reação –, o meu corpo estava reagindo bem e contaram. E ele ficou revoltado, fez um monte de perguntas: o que eu estou tomando, qual é o remédio... É uma relação. (João)

A experiência da pandemia coloca todos, crianças e adultos, diante da possibilidade da doença, da morte, da perda. O medo do vírus é o medo da morte. João associou as indagações de seu neto à experiência da morte do avô materno, num tempo não muito distante. Diego mostra que sabe o que está em risco e mostra desagrado por ser excluído pelos adultos da família e impossibilitado de vivenciar aspectos que envolvem a relação, como - mais do que se preocupar - se ocupar do outro também, no momento da doença. Nesta situação, expressa-se uma concepção de criança, como alguém que deve ser privado de determinados assuntos ou que não está atento ao que acontece a sua volta. Essa noção de criança, como citado anteriormente, fundamenta-se numa lógica adultocêntrica (Santiago; Faria, 2015, entre outros), que afeta a construção e manutenção dos vínculos entre adultos e crianças.

Para Jens Qvortrup (2011), a condição de minoridade marca a vida de todas as crianças ocidentais. Infância se estabelece, assim, como uma estrutura comparável ao conceito de classe pela posição subalterna que as crianças ocupam em relação aos adultos (grupo social dominante).

Também Benjamin (2002) compreende que os adultos menosprezam a inteligência e a capacidade de dialogar das crianças sobre temas que também lhes dizem respeito. Para o autor, não há temas impróprios, pois tudo na realidade social as afeta

direta ou indiretamente. O diálogo, entretanto, precisa ser, segundo Benjamin, sincero, verdadeiro e de coração.

A criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não “infantil”. Muito menos aquilo que o adulto costuma considerar como tal. Ela possui senso aguçado mesmo para uma seriedade distante e grave, contanto que esta venha sincera e diretamente ao coração. (Benjamin, 2002, p. 55).

Krenak (2020, p. 85), ao tecer considerações sobre a pandemia, afirma que *é hora de contar histórias às nossas crianças, de explicar a elas que não devem ter medo*, pois para combater o vírus é preciso *cuidado e coragem*. Destaca ainda como o discurso de manutenção da economia a preço da vida de *alguns* afeta as pessoas.

Esse tipo de abordagem afeta as pessoas que amam os idosos, que são avós, pais, filhos, irmãos. É uma declaração insensata, não tem sentido que alguém em sã consciência faça uma comunicação pública dizendo “alguns vão morrer”. É uma banalização da vida, mas também é uma banalização do poder da palavra. Pois alguém que fala isso está pronunciando uma condenação, tanto de alguém em idade avançada, como de seus filhos, netos e de todas as pessoas que têm afeto uns com outros. Imagine se vou ficar em paz pensando que minha mãe ou meu pai podem ser descartados. Eles são o sentido de eu estar vivo. Se eles podem ser descartados, eu também posso. (Krenak, 2020, p. 85-86).

Nesse contexto de banalização da vida, a possibilidade da morte também é tema das narrativas das/os avós/avôs, associada ao receio de não viver experiências significativas com os netos, de não ser lembrado/a.

Eu brinco que eu tenho que sobreviver a essa pandemia porque eu quero estar presente com os meus netos porque os meus avôs morreram e eu não estive com eles. Eu quero estar com os meus netos, eu quero que eles se lembrem de mim. (Carlos)

A fala de Carlos, já citada anteriormente neste capítulo, vale ser retomada. Não se trata apenas de sobreviver, mas de um desejo de vida – de uma vida com os netos – intensificado pela falta dos avôs atualizada pela experiência atual. Para Maria Homem (2020, p. 33), a pandemia deixa o fio da filiação exposto e *velhas e insondáveis questões* ganham força: *de onde viemos, para onde vamos e com quem?*

Outras avós também destacam o desejo de viver com os netos o que é impossibilitado pela necessidade de isolamento social.

Quando a criança, quando elas são criancinhas pequenas como as minhas netas, eu acho que, eu não sei se isso é uma coisa porque é um desejo meu de estar convivendo mais, mas eu sinto que, se eu tivesse mais oportunidade, hoje, se essa crise toda da pandemia de acompanhar mais esse desenvolvimento, esse momento delas de mudanças de crescimento, talvez eu já pudesse ter mais possibilidade dessas marcas

acontecerem agora. [...] Quando a [minha neta] foi para Viçosa ela estava com um ano e três meses, era uma bebezinha e agora já está uma moça, praticamente. (Clarice)

[Minha neta mais nova] é a que convivo menos, por incrível que pareça porque entrou essa pandemia. [...] Ela fez um ano agora dia treze de maio e ela está nessa fase das gracinhas. Mas a gente está nesse negócio desde março, e eu perdi um tempo dela. (Marina)

Tanto Clarice quanto Marina evocam a sensação de tempo perdido: *ela já está praticamente uma moça; eu perdi um tempo dela*. A pandemia alterou, especialmente para os que puderam se manter isolados (o que deveria ser direito de todos), a experiência do tempo. A sensação foi a de que *a Terra parou*, como cantava Raul Seixas.⁴⁶ Os projetos, os planos, pelo menos por um período, precisaram ficar em suspenso. Alguns foram adaptados, outros não têm prazos para serem realizados. Entretanto..., as crianças continuam a crescer. Estar vinculado a crianças, especialmente às bem pequenas, provoca uma outra percepção da temporalidade. As crianças pequenas mudam muito rapidamente. De uma semana para a outra, novas palavras são aprendidas; não sabiam andar e agora já sabem; mal ficavam de pé e agora cantam e dançam... As crianças nos lembram que a vida continua, segue seu fluxo, apesar da pandemia.

Segue a vida, e novas estratégias precisam ser criadas para encontrar o outro. Buber (2001) direciona nosso olhar para as *estreitas arestas* do cotidiano por onde passam as possibilidades de encontro e de construção de vínculos. Na pandemia, com as possibilidades tecnológicas, inventamos *o modo zoom de viver* (Homem, 2020). Aulas, reuniões, festas, pesquisas... Ficamos todos enquadrados. Pela tela, buscamos viabilizar as interações com o outro, amenizar as saudades, possibilitar os encontros.

A gente se vê no vídeo. Ela interage, ela dialoga, ela fica perguntando. Por exemplo, quando o avô não está na tela, ela diz: "Vovô, vovô". A gente brinca, ela repete coisas que fazia e brincava com a gente, mostrando que essas coisas ficaram. (Clarice)

Para a minha surpresa, nesse período de quarentena, minha filha me falou que ele chama por mim: "Vovô, vovô". Ele é muito pequenininho, mas ele se lembra da gente. (João)

As interações pela tela confirmam que os vínculos se mantêm, que as experiências anteriores deixaram marcas, que se atualizam no encontro virtual. No entanto, como destacam Clarice e Carlos, *não é a mesma coisa*.

⁴⁶ Raul Seixas, *O dia em que a terra parou*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H8zbYY41Vus>.

Eu fiz a história dos Três Porquinhos com boneco de fuxico e eu mostro para elas no vídeo. A Chapeuzinho Vermelho também. Eu conto histórias... É uma forma de estar se sentindo um pouquinho mais próxima, mas não é a mesma coisa, não é mesmo. (Clarice)

Fazemos chamada no *WhatsApp*, no *Zoom* com imagem, mas chega uma hora que eles não querem saber porque é avô de tela; eles não querem avô de tela, eles querem avô de... E você faz aquela brincadeira quando eles estão comendo: "Eu vou comer essa comida", ele olha e fala: "Não vai comer nada porque você está no vídeo." Não dá, é muito chato. É muito chato esse negócio. Essa pandemia é muito chata, isso é uma fratura enorme. (Carlos)

Enquanto com as crianças menores a interação se deu pela brincadeira possível, com as maiores, o contato por vídeo envolveu conversas sobre como estão ou sobre alguma novidade que os netos e as netas desejavam contar.

Falamos de tudo. Eu pergunto como eles estão, eles querem mostrar o que estão fazendo. A [minha neta mais nova, de três anos] quer mostrar batom, ela gosta de pintura, quer mostrar a boneca dela. O [de sete anos] quer mostrar a roupa de futebol, mostrar o que está fazendo. Ontem ligou para falar comigo porque ele tinha tirado a nota máxima no trabalho dele, e eu falei: "Poxa, meu filho, que bom!" Então ele está sempre assim, ligando. Ele quer que a gente participe. Quando ele desligou o telefone, disse: "Tchau, vovó quarentena!" (Adélia)

A gente usa o *WhatsApp*, o vídeo, conversamos um pouco, batemos um papo. De vez em quando eu e [minha esposa] fazemos uma mensagem para eles: "Olha, como você está?" (João)

Diego: Sim, a gente se fala por vídeo quando eu estou triste, quando não vejo eles, pelo *WhatsApp*. Mas eu não sei onde está meu celular... Alguém pega meu celular! É melhor não, porque eu sou muito viciado em *Youtube* e jogo.

Liana: Mas vocês falam sobre o quê? Você fala que está triste para eles?

Diego: Eu falo: "Oi, tudo bem? Como vocês estão?" Tipo assim.

Já Lygia, com o neto Pablo, de 12 anos, combinaram até refeições juntos, ela no Brasil e ele no Uruguai: *A gente marca, toma café juntos. Ele prepara a mesa lá, e eu preparo a mesa aqui. A gente combina de almoçar juntos.* Lygia, que mora sozinha e passou meses em total isolamento, observou que as ligações ficaram mais espaçadas. A pandemia não chegou ao fim, o distanciamento foi sendo naturalizado, e os vínculos pareceram ir se esgarçando aos poucos...

No início da pandemia nós nos falávamos mais, parece que isso virou um cotidiano, eu estou percebendo isso. Eu fico mais aqui, fico com as minhas fotos, com os filmes que eu gosto, com as *lives* de fotografia, enfim... (Lygia)

No entanto, é a própria Lygia quem narra, sete meses após essa sua fala, que o fio estica, mas não se rompe. Ela relatou, por ligação telefônica, uma conversa que teve com o neto mais novo:

Foi aniversário do Fernando. Ele falou que queria um skate de presente. Eu ia comprar para enviar para ele. Depois ele disse que ainda estava pensando se era o que queria. Eu falei: "Tudo bem. Você pensa e depois você me fala." E ele falou: "Na verdade, o que eu quero mesmo você não pode me dar." "Mas o que é? Me fala para ver se eu posso." "Um abraço." (Lygia)

O desejo do abraço permanece, mesmo após meses sem a presença física. A tela, embora muitas vezes chata, possibilita que os vínculos sejam nutridos. Para Carlos, o vínculo não se rompe, e não há risco de os netos esquecerem dele. Para alimentar os vínculos, além das telas, a família criou algumas estratégias.

Eu acho que eu rapidamente volto na vida deles. No momento, eu estou ausente... Ausente mais ou menos, porque eles estiveram aqui, fizeram quarentena, testes, e passaram [com os pais] duas semanas morando aqui em casa. Depois a [minha outra filha] fez quarentena, veio e ficou dez dias morando aqui em casa. Então não é um *blackout* total, é um *blackout* parcial. Eu acho que não, eu acho que volta e volta a fazer bagunça. Nós mandamos brinquedo de presente para eles, falamos no vídeo, falamos mal porque eles não estão com saco de falar no vídeo, mas fala, fala no vídeo, e é o que temos. (Carlos)

A fala de Carlos nos lembra que as condições materiais também afetam o modo como as pessoas se mantêm vinculadas e as experiências da infância na pandemia.⁴⁷ A possibilidade de realizar testes, ainda que seus resultados não garantam completamente a não contaminação, diminui os riscos quanto à disseminação da doença. Marina também narra que sua família tem uma casa, onde todos puderam se reunir de modo mais seguro.

A gente tem uma casa, é um lugar de reunião nossa essa casa em Teresópolis. Então é sempre muito bom quando estamos lá porque é um lugar amplo, seguro. Então temos ficado uns tempos... Tenho ficado mais lá do que aqui. Em função disso tudo que estamos vivendo, temos convivido bastante. Jogamos basquete, bola, entramos na brincadeira com eles. (Marina)

A pandemia, conforme destaca Boaventura de Sousa Santos (2020), desnudou e acentuou as perversas desigualdades sociais, reforçando *a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam* (p. 21).

Grande parte da população do mundo não está em condições de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para nos defendermos do vírus porque vive em espaços exíguos ou altamente poluídos, porque são obrigados a trabalhar em condições de risco para alimentar as famílias, porque estão presos em

⁴⁷ Em levantamento nas plataformas Scielo, Portal de periódicos da CAPES e Google Acadêmico, realizado em agosto de 2021 e repetido em novembro do mesmo ano, não foram encontradas pesquisas sobre rearranjos familiares envolvendo avós/avôs e netas/os em diferentes classes sociais durante a pandemia. No entanto, tal situação foi empiricamente observada em muitas famílias.

prisões ou em campos de internamento, porque não têm sabão ou água potável, ou a pouca água disponível é para beber e cozinhar etc. (Santos, 2020, p. 23-24).

A dimensão objetiva das condições de vida repercute na qualidade das interações entre os sujeitos. Nesse sentido, os afetos são fortemente marcados pela vulnerabilidade social, que se agrava com a pandemia. Como avós e netos de classes populares viveram esse tempo de pandemia? Quantas crianças perderam seus avós? Quantos avós perderam seus netos? A saudade, legítima em qualquer circunstância, toma outro sentido quando pensamos nas mortes que poderiam ter sido evitadas, com uma política de combate ao vírus responsável e se não vivêssemos em um país tão injusto socialmente.

Num contexto de morte e de banalização da vida, destacar os vínculos entre avós e netos pode ser educativo no sentido de mostrar que cada vida tem valor, que toda vida importa. As brincadeiras, as histórias partilhadas, as músicas cantadas, os abraços... Tudo isso faz falta na vida de crianças e adultos, de todas as idades. São os afetos que nos constituem e que dão sentido a nossa existência. E nenhuma vida é descartável.

A categoria infância e vínculo possibilita pensar a complexidade de vincular-se, de construir elos. Focalizando os vínculos familiares, as narrativas das avós, dos avós e dos netos evidenciam que são diversos os modos de construir e manter essas conexões, que não resultam necessariamente de uma rede de consanguíneos. Para as e os participantes da pesquisa, memórias, fotografias, documentos, práticas de cuidado, brincar junto... são os elementos (tangíveis e intangíveis) que constituem o *emaranhado de fios* de pertencimento familiar (Fonseca, 2019). Assim, para além de um paradigma genealógico, esta pesquisa evidencia as construções culturais de conexão familiar, produzida em circunstâncias particulares, indo na contramão de uma visão naturalizada e moralista de família.

As narrativas permitem ainda pensar sobre os vínculos constituídos para além dos contextos familiares. Como nossos primeiros laços na vida reverberam em outras relações? Que vínculos me sustentam, me potencializam, me encorajam na vida? Como nos vinculamos às crianças, em contextos privados e públicos, possibilitando que elas

se edifiquem e se constituam enquanto pessoas? Numa sociedade que vende a ideia de que somos autossuficientes, reconhecer as relações que nos constituem, nos permitem existir e nos possibilitam criar diante da vida é acolher a nossa interdependência, é compreender que os vínculos caracterizam a vida humana. E pode nos posicionar para atuar a partir dessa compreensão: como transformo essa força que vive em mim, decorrente da vincularidade, em algo que contribui com a sociedade?

5

Infância e autoridade

Uma certa tarde, o avô visitou a casa dos seus filhos, sentou-se na sala e ordenou que o neto saísse. Queria falar, a sós, com os pais da criança. E o velho deu entendimento: criancice é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo. Esse é o milagre que um filho oferece – nascermos em outras vidas. E nada mais falou.⁴⁸

Três gerações interagem em *O rio das Quatro Luzes*, conto de Mia Couto: o avô, os pais e a criança. O primeiro, ao perceber as angústias do neto, dirige-se aos pais para uma conversa. Nós, leitoras e leitores, tomamos conhecimento das inquietações do menino logo na primeira cena da narrativa: ao avistar um cortejo fúnebre, ele surpreende seus pais ao dizer que desejava *ir em caixa daquelas*. O motivo: não queria mais ser criança. *Que valia ser criança se lhe faltava a infância? Este mundo não estava para meninices*. Os pais o repreendem: *Deus lhe castiga, não diga mais isso*. E o assunto é encerrado sob ameaça de punição divina. Ele decide visitar seu avô: *Certamente ele o escutaria com maiores paciências*.

Em conversa com o menino, o avô propõe um trato: falaria com Deus para que o menino fosse em seu lugar quando chegasse sua hora. Enquanto isso, aconselha o avô: *que ele fosse meninando, distraído nos brincados. Que, ainda agora, o que ele se lembrava era o mais antigo de sua existência. E lhe contou os lugares secretos de sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos*. E, sem perceber, o menino se iniciava nos amplos territórios da infância. Na companhia do avô, o moço se criava, convertido em menino. Diferente dos pais, o avô escuta o menino, diz que vai falar com Deus (tempos depois, revela que mentiu), conversa, conta histórias, brinca junto. Com invencionices, operando na lógica da brincadeira, contorna o desejo do menino.

⁴⁸ Mia Couto, *O rio das Quatro Luzes*, p. 113-114.

Instantes antes de morrer, o avô ensina aos pais do menino que *criancice não se desempenha sozinha*.

A história escrita pelo escritor moçambicano, é aqui brevemente narrada por permitir aproximações com as questões que emergiram das entrevistas sobre infância e autoridade. Qual o papel social da avó ou do avô? Educar, brincar, *deseducar*, como diz o senso comum? Qual o grau de interferência na educação das/os netas/os? Como diferentes gerações interagem a partir da infância? O que as avós e os avôs desejam e não desejam nessa relação? Como as crianças percebem essa relação de autoridade?

Este capítulo discute essas questões em três partes. Na primeira, aborda a autoridade nas relações entre as diferentes gerações da família, focalizando, em especial, os tensionamentos com a geração intermediária – as/os filhas/os das avós e dos avôs, pais das crianças. Em seguida, na segunda parte, busca refletir sobre o papel social das avós e dos avôs, pensando sobre o lugar do adulto na sociedade contemporânea e as práticas de autoridade com as crianças. No terceiro, a ênfase está nas conversas entre avós/avôs e netas/os e no que as/os primeiras/os compreendem como sendo sua responsabilidade nessas trocas.

5.1

A voz da experiência

Ouçá um bom conselho, que eu lhe dou de graça⁴⁹

O nascimento de uma criança provoca redefinição de papéis em uma família. Os que até então eram pais passam a ser pais e avós/avôs, passam a pais de pais. Os pais da criança, por sua vez, passam a ser pais e filhos/as. A delimitação desses papéis não se dá sem desafios e conflitos. O que cabe a cada um/a? Qual a autoridade de cada um/a em relação às crianças? Como não atravessar a autoridade uns dos outros?

As interferências das avós e dos avôs na educação dos filhos foi tema recorrente nas falas das e dos participantes da pesquisa. Entre elas e eles, não há

⁴⁹ Chico Buarque, *Bom conselho*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wkcYU699Jj0>

consenso sobre se devem ou não aconselhar as/os filhas/os em relação a como agir com as crianças. Para Gilberto, as avós e os avôs têm uma experiência de vida que pode auxiliar os pais na educação das crianças.

Vemos umas coisas e dizemos: "Não é por aí não, a gente tem experiência, escuta o que estamos falando". [...] Nós temos bagagem para interferir. Talvez tudo que a gente fale para eles não seja verdade, a verdade é nossa, mas vamos orientar muito. Eu estou com sessenta e cinco e a [minha esposa] tem setenta anos. Eu tive vários sobrinhos, eu convivi com vários sobrinhos e [minha esposa] com os irmãos dela. Então tudo isso tem que ser colocado na balança. Isso é vida, a pessoa participou disso tudo, então tem esse conhecimento. Mas não chegamos a falar: "Não faz isso não, não dá isso não". A gente tenta orientar da melhor forma possível e aconselhar, agora sem que tenham muitos conflitos. (Gilberto)

Orientar e aconselhar, sem criar muitos conflitos, é a preocupação de Gilberto. Sua fala revela um reconhecimento da autoridade dos pais da criança, mas reivindica um reconhecimento da experiência de vida das avós e dos avôs. A reivindicação desse avô remete às relações entre os conceitos de experiência, narrativa e autoridade em Benjamin (1987a). Para esse autor, o que confere autoridade é a experiência, é a capacidade de narrar o vivido. No entanto, *as ações da experiência estão em baixa* (p. 114) na modernidade. Com o desenvolvimento do capitalismo, o ser humano adulto vive em função da venda da sua força de trabalho, da criação de modos de garantir a sua sobrevivência. Desse modo, a experiência *que sempre fora comunicada aos jovens* (p. 114), tornou-se escassa, predominando, em seu lugar, a vivência (finita, não narrável).

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbio; de forma prolixa, com a loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 1987a, p. 114).

Essa pobreza de experiência, acerca da qual fala Benjamin, se relaciona à crise da tradição. Soterrada pelos escombros do mundo moderno, a tradição da partilha de experiência entre gerações, na narrativa, encontra-se dificultada. Desse modo, a autoridade do mais velho, reconhecida por sua história de vida, é questionada. Jeanne Marie Gagnebin (1999, p. 58) observa que as histórias de vida narradas, na perspectiva de Benjamin, acarretam *uma verdadeira formação*, que possibilita uma *orientação prática*, que

ao se perder, explica *nossa habitual desorientação*, a nossa incapacidade em dar e receber conselhos.

[...] seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem [ou uma mulher] que sabe “dar conselhos”. Em consequência, *não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros*. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem [ou uma mulher] é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. (Benjamin, 1987a, p. 200).

A fala de Gilberto parece reivindicar que há uma sabedoria dos mais velhos a ser valorizada. Sobre isso, Lins de Barros (1987, p. 52) observa que *os avós se veem como agentes do movimento socializador da maternidade e da paternidade, papel adquirido pela idade e sobretudo pela experiência de vida*. Segundo a autora, *essa postura prende-se muito mais ao fato de serem pais de novos pais do que avós de seus netos*.

Em outras palavras, a ação socializadora e educativa não terminou para esses indivíduos. Durante o desenvolvimento do ciclo do grupo doméstico, a ação dos pais sobre os filhos ganha novas formas de expressão. Com o nascimento dos netos, sua presença junto aos filhos não apenas se modifica, como também se intensifica. A mudança observada nas relações entre pais e filhos parece, contudo, não alterar o papel dos pais, agora também avós, como agente socializador. Cabe agora aos avós ensinar e auxiliar os pais de seus netos a desempenhar suas funções e prosseguir na mudança inaugurada pelo nascimento. (Lins de Barros, 1987, p. 52).

As contribuições de Lins de Barros se alinham à fala de Gilberto. Segundo esse avô, as duas filhas e os genros confiam nele e na esposa, que conversam muito entre si sobre a educação das crianças, mas pouco falam com receio de que não gostem de intromissões. As interferências, segundo ele, são feitas conforme percebem alguma abertura, como quando a filha mais nova pede conselhos, perguntando sobre suas experiências: *como foi isso? Como é aquilo?* O desejo em escutar a experiência dos mais velhos é manifestado, mas não significa que haja sempre concordância. Parece que o movimento, neste caso, é o da busca pela troca, pelo diálogo. As trocas, no entanto, não se dão sempre em harmonia.

As relações familiares não são regidas somente pela harmonia das relações de troca. Os conflitos entre as gerações, consequência das relações de autoridade e de poder entre pais, filhos e netos, são inerentes à realidade familiar, uma vez que ela é atravessada por sentimentos contraditórios, como amor e ódio, generosidade e avareza, solicitude e descaso. (Peixoto, 2005, p. 230-231).

Para Lins de Barros (1987), conflitos estão presentes em todas as relações sociais e se manifestam mais abertamente nas que têm caráter afetivo: *se considerarmos o conflito como algo não necessariamente destruidor de uma unidade social, talvez possamos dar conta das dificuldades de relacionamento expressas, que não impedem que o afeto coexista nessas relações* (p. 47). Especificamente nas famílias com avós/avôs e netas/os, o tema do conflito emerge a partir de diferenças de visões de mundo/estilos de vida relacionado ao questionamento do que significa ser adulto, *colocando a questão da autoridade e do poder nas relações familiares* (p. 45).

Nas falas das avós e dos avôs participantes da pesquisa, emergem os contrastes geracionais. A referência de como agir ou não, para algumas, é a geração anterior: como os próprios pais ou sogros agiam como avós/avôs.

A minha mãe foi criada de uma outra forma, com muita rigidez, de um outro tempo. Minha mãe agora está com oitenta e cinco anos. Ela foi criada em um tempo que não existia muita... pelo menos na família dela, não existia muita partilha de afeto. Não existia muito diálogo... Algumas coisas que eu fazia, e que faço até hoje, a minha mãe não entende muito. Ela é daquela coisa de: "Ah, está na hora de ficar quieto", "Está na hora disso, está na hora daquilo". (Carolina)

As diferenças geracionais são destacadas como motivo de conflitos e negociações em relação à educação das crianças. Aqui, cabe definir o conceito de geração. Para Attias-Donfut (2016), a noção de geração tem dois significados mais comuns: a *geração familiar* e a *geração social*. A *geração familiar* diz respeito à posição na linhagem familiar em comparação com outros membros da família: filho, pai ou mãe, avó ou avô, bisavó ou bisavô... Essas relações de filiação definem quem pertence à primeira, segunda, terceira, quarta geração... Segundo a autora, a maior expectativa de vida e as mudanças de comportamento, como a idade dos pais quando nasce o primeiro filho, influenciam nas relações entre diferentes gerações da família.

Quanto à *geração social*, esta é definida a partir da teoria fundadora de Karl Mannheim (1993), que coloca o problema da geração no centro da mudança social. A geração, para este sociólogo húngaro, refere-se a pessoas que, além de nascidas no mesmo intervalo de tempo, compartilharam um processo histórico e social, que influencia sua visão de mundo e predispõe a *certo modo de viver e pensar, a certo modo de se inserir no processo histórico* (p. 209. Tradução minha). Desse modo, os tensionamentos de cada geração em interação com as gerações anteriores favorecem mudanças sociais.

Essa compreensão se aproxima de Benjamin, que, ao tratar da experiência, parece, como observa Porto (2010), chegar a conclusões contraditórias: *a experiência repousa sobre a possibilidade de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana, mas, ao mesmo tempo é retomada a cada geração e se transforma* (p. 233).

Ser *criada em outro tempo*, como diz Carolina, marca, assim como a posição na linhagem familiar, as relações de autoridade. Essas tensões entre as visões de mundo e o que cabe a cada um/a na educação das crianças são relatadas por várias avós. Alguns motivos de conflito são recorrentes, dentre eles está a amamentação.

Quando nasceu meu primeiro filho, para mim, foi muito difícil a relação com a minha mãe porque eu não tinha experiência nenhuma, e ela não nos amamentou, nem a mim e nem aos meus irmãos. Então quando eu comecei a amamentar o meu filho, ela ficava: "Ele está com fome, ele está revirando os olhos", ficava do meu lado perturbando o meu juízo. O peito empedrou, foi uma desgraça federal. O peito realmente empedrou, eu ficava achando que ele estava com fome, e isso foi muito estressante. Eu ficava muito sensível e insegura: "Será que está, que não está...?". Eu aprendi muitas coisas que eu não faria e não fiz. (Clarice)

Quando a minha filha nasceu, e eu só amamentava. A minha mãe achava um absurdo: "Como você vai dar só mamã para essa menina?" Ela era toda gorduchinha, toda fortuna. "Não pode ficar fazendo experiência com essa menina!", e eu explicava que não era experiência, que estava comprovado, que era saudável... Ela demorou a entender, mas ela respeitou. A gente é vegetariano, e eles não; desde os 18 anos eu sou vegetariana, e eles nunca deram comida sem que eu soubesse ou sem me perguntar se podia oferecer. (Cecília)

Clarice revela a insegurança provocada pelas interferências da mãe. Cecília também narra as discordâncias dos pais, mas ressalta o respeito destes às suas decisões. As influências e o apoio que mães e sogras podem exercer nas práticas de amamentação é tema de pesquisas, como a de Rosa Maria Martins (2012), que buscou compreender o que mulheres de diferentes gerações aprendem e ensinam sobre a prática de amamentação e revelou que as avós defendem a amamentação e têm muito a ensinar. A pesquisa de Martins, relativamente recente, revela uma marca geracional de muitas avós de hoje, como Clarice e Cecília. As duas, quando foram mães, precisaram romper com as concepções da geração anterior sobre amamentação e alimentação.

As diferenças geracionais em relação aos cuidados com a alimentação surgem também na fala do avô Carlos:

Vieram passar aqui em casa esses dez dias [...]. Eu encomendei – porque eu não estou indo ao supermercado, tudo é encomendado –, eu encomendei um pãozinho. [...] A minha filha é natureba, ela tem umas coisas com as crianças. [...] Só que eu comprei o pão errado, ao invés de eu comprar o pão integral blá blá blá, com um monte de coisas que não me pergunte, eu comprei o pão que tem açúcar na composição [...]. Não é tão

integral quanto o outro, e eu peguei o pacote de pão, abri e dei, claro, eu lá estou sabendo? E então eu levei um esporro porque eu comprei o pão errado. (Carlos)

Carlos revela que, para ele, o pão errado era *uma bobeira*. No entanto, respeita a autoridade da sua filha, mãe das crianças, em decidir sobre sua alimentação: *para mim aquele pão estava bom, mas se ela acha que não está, tudo bem; ela é a mãe*. É a mãe da criança e é sua filha. Os filhos, agora pais, não deixam de ser filhos dos que, ao mesmo tempo, são também avós. Ao tratar do caso intergeracional, Dolto (1998) afirma que, ao mesmo tempo que a geração do meio exige respeito à sua autoridade materna/paterna, há também a expectativa de que as avós e os avôs sejam uma autoridade.

Isso também evoca a necessidade que o filho tem da autoridade parental, que é uma das fontes de segurança infantil. Mas os pais, que se tornaram adultos, pedem que essa autoridade dos avós venha apoiar a deles, aprová-los eternamente no que fazem para o filho, porque os pais sempre se sentem, diante do filho, um pouco como crianças. (Dolto, 1998, p. 172).

Ser uma autoridade que apoia parece ser a preocupação dos participantes da pesquisa. Diferente das mães de Clarice e Cecília, que *davam mais pitaco*, as avós e os avôs entrevistadas/os se mostraram preocupadas/os em evitar interferências não solicitadas. As mudanças geracionais, aqui reveladas, não parecem dizer respeito apenas a visões sobre a alimentação, mas, sobretudo, a uma delimitação de papéis e a um modo de convivência familiar. Sobre isso, Jaqueline Marangoni e Maria Cláudia Oliveira (2010, n.p.) asseveram que *as trocas intergeracionais se dão em um processo de alternância entre continuidade e descontinuidade, em que valores tradicionais e modernos ora se suplantam, ora coexistem*. E ainda: *os novos padrões de convivência e socialização que se apresentam no mundo contemporâneo exigem que os papéis familiares, a autoridade e a hierarquia sejam redimensionados no âmbito das relações intergeracionais*.

Attias-Donfut e Segalen (2002) observam, em suas pesquisas na França, que os pais tendem a *derrubar barreiras para fazer valer sua autoridade parental. Reafirmar a autonomia e demarcar limites é sempre uma preocupação das gerações mais novas* (p. 287. Tradução minha). O desafio, para as avós e os avôs, conforme as autoras, é *encontrar a distância certa* (p. 288). Esse desafio é ainda maior em situações de co-residência. Adélia conta sobre o período em que o filho ficou desempregado e, acompanhado da nora, da neta e do

neto, foi morar com ela e o marido.⁵⁰ Para ela, foi *muito difícil* em decorrência das diferenças de criação.

A criação que eu tive e a criação que eu dei para eles não é a mesma criação que eles dão hoje em dia. Mas eu também tenho que ver que o mundo está diferente, não é mais um mundo de 42 anos atrás. Temos que, em muitas coisas, fechar os olhos para não se aborrecer, não ter uma discussão, um aborrecimento. Eu e meu marido procuramos não nos intrometer. (Adélia)

Adélia reconhece que são duas famílias diferentes: *meu filho constituiu a família dele com pensamento diferente, costumes diferentes*. Ela conta que as divergências se dão, muitas vezes, em detalhes, *coisas bobas*, como: *pular no sofá, colocar o pé no sofá, "isso é besteira", para mim não é. [...] essa parte de brincado, deixar as coisas espalhadas, chega e joga as coisas, deixa para lá, não pega, não guarda... umas besteirinhas que para mim me incomodam*. Já a alimentação não, porque sua filha e seu filho *dão uma alimentação bem regrada*. O relato de Adélia reforça o que é apontado por Attias-Donfut e Segalen (2002): a existência das/os netas/os faz emergir a distinção entre as famílias, evidenciando *os contrastes que podem existir em diferentes estilos de educação dos filhos* (p. 288. Tradução minha).

Sobre essas distinções, Clarice, cujo filho, a nora e a neta também moraram por um tempo em sua casa quando voltaram da Austrália e decidiram viver no Brasil, narra uma situação quando sua neta ficou doente:

A [minha nora] é vegetariana, ela tem uma forma de pensar medicação, forma de lidar com febre que é muito diferente da forma como eu lido. Então chegou um momento que eu estava vendo que a menina estava piorando, piorando, mas eu não estava conseguindo... Eu estava falando: "Olha, [...] talvez tenha que levar ao médico", mas ela não estava querendo ouvir. Até que chegou um momento que os pais dela estavam vindo, e eu disse: "Olha, eu e o [meu marido] vamos viajar; é um feriado e eles vão ficar aqui", porque não estava dando. Eu senti que a gente precisava sair de cena porque ia atrapalhar... (Clarice)

Para Clarice, há um marcador de gênero – não é mesma experiência ser *avó de filho* e *avó de filha*, como sinalizado no capítulo anterior –, que possibilita uma maior aproximação entre avós/avôs e netas/os da linhagem materna e, na situação narrada, interferências nas decisões em relação à criança. Contudo, na continuação da história, percebe-se como as diferenças foram acolhidas e respeitadas em prol da saúde da criança e da própria convivência entre os adultos.

⁵⁰ Segundo Clarice Peixoto e Gleice Luz (2007), os principais motivos de re-coabitação entre gerações são desemprego, baixos salários e divórcio.

Acabou que ela precisou ser internada, ela ficou muito mal, mas a gente conseguiu cuidar, todo mundo cuidou dela. Eu do meu jeito, eu sou espírita, então eu fazia muitas orações; os avós maternos ministravam Reiki porque eles têm muito de uma linha oriental. Então era eu dando passe e rezando, eles dando Reiki, [minha nora e meu filho] não saíram de perto dela, eles dormiram em uma poltroninha os dois, mas todo mundo cuidou dela. Cada um ao seu modo, mas todo mundo estava ali. Isso foi permitido também, pelo [meu filho] e pela [minha nora], pelos pais da [minha nora]... Foi um momento de encontro mesmo, apesar de ter formas diferentes de lidar com a coisa, mas ali estava todo mundo ligado nessa situação da [minha neta]. Muita vibração positiva, muito amor de todo lado e a recuperação dela... até os médicos ficaram impressionados. (Clarice)

Já Lygia, que mora sozinha, passa meses na casa da filha, do genro e do neto no Uruguai, ou eles passam um tempo em sua casa. Nesses períodos, percebe que, mesmo tendo muito cuidado, *às vezes ultrapassa a barreira que ela mesma se coloca*.

Eu não sei o que foi que eu fiz, dei uma questionada no pai dele, mas eu falei numa linguagem figurada, não falei direto... Mas o Pablo chegou aqui neste mesmo quarto e falou assim: "Vovó, posso te falar uma coisa? Você estava falando do meu pai, e eu não gosto que falem do meu pai. Cada família tem os seus problemas, o problema da minha família é esse. Dá para você respeitar?" [...] Me encapsulei na hora e pensei, "Caramba, que merda que eu fiz, que bosta!" (Lygia)

Pablo sinaliza para a avó que a barreira foi ultrapassada: *não fale sobre meu pai; cada família tem os seus problemas*. Dolto (1998) sinaliza que para a criança é importante que os avós *se alinhem no mesmo eixo de seus pais* (p. 175). Para que sua necessidade de segurança não seja ameaçada, os avós não devem julgar os pais como crianças ou seus pais fiquem ofendidos com as possíveis críticas dos avós. No entanto, como destaca a autora,

não é possível que, de uma geração a outra, as concepções sociais, éticas, estéticas, sejam as mesmas. Não é possível, tampouco, que reine o mais completo e perfeito entendimento. Ora, não é isso o importante para a criança; essas divergências só têm importância se forem motivo de brigas, de tensões afetivas, de “dramas” familiares. (Dolto, 1998, p. 176).

Dolto (1998) também defende que, para a criança, perceber essas diferenças geracionais possibilita que se sinta autorizada a não pensar sempre como os pais. O que pode gerar ansiedade na criança, a autora enfatiza, é o posicionamento das/os avós/avôs e pais como rivais em certos momentos.

Afinal, qual o papel social das avós e dos avôs na educação dos netos e das netas?

5.2

Deseducação?

- Vovô... a mamãe falou que o pai dela tinha cabelo marrom.
- Tinha?
- A mamãe falou que o pai dela sempre usava gravata e sapato fechado.
- Sempre?
- Que ele gostava de ler as notícias de jornal, e ninguém podia mexer antes dele.⁵¹

Nas narrativas das e dos participantes da pesquisa, o papel social dos avós aparece em contraste com o dos pais, sobretudo de quando eles/elas foram pais/mães.

Eu acho que quando temos filho estamos vivendo um outro momento. Hoje é bem mais tranquilo, muito mais fácil lidar com eles... se jogar no chão, brincar, armar coisas, contar histórias... Nossa, não tem fim isso! É mais fácil agora até porque estamos em um momento mais tranquilo; agora estamos em outra relação, estamos mais velhos, trabalhamos menos fora de casa. (Marina)

Marina fala que o momento de sua vida agora é outro, diferente de quando foi mãe. Menos trabalho fora de casa possibilita maior tranquilidade, mais brincadeira. A vida como mãe/pai é narrada pelas e pelos participantes da pesquisa envolta de muitas preocupações.

Ser mãe é muito difícil. Você vai vivenciando as coisas e aprendendo. Você vai experimentando, na verdade, porque não tem uma receita de bolo de ser mãe. [...] O que eu acho mais difícil? Eu acho que é exatamente essa questão de limites. Tem coisas que te tiram do sério, que tiram você dos seus limites, daquela linha que você quer seguir. (Carolina)

Eu brinco dizendo que a paternidade foi a experiência mais traumática da minha vida. Essa responsabilidade de ter que cuidar, educar... a dureza de trocar fralda, fralda de pano, não era esse negócio de fralda descartável. Tinha um balde que eu tinha que jogar o cocô no lixo, embrulhado, tinha um balde específico que eu tinha que lavar a fralda com cocô, não podia misturar... Na hora de colocar o alfinete na fralda tinha que colocar a mão por baixo para não espetar a barriga da criança. Como dar banho? Banho se dá colocando a cabeça na palma da mão segurando com os dois dedos por debaixo do braço. Tinha que dar banho, transportar água para o banho, a água tinha que ser fervida e filtrada, não podia ser uma água qualquer... Um inferno! (Carlos)

Para Carolina e Carlos, a experiência da maternidade e da paternidade é caracterizada pela insegurança de não conseguir educar, a dureza do cotidiano

⁵¹ Cristiana Gomes, *O pai da mamãe*, n.p.

atribulado por trabalhos dentro e fora do espaço doméstico, a responsabilidade associada a uma obrigação. Já ser avó/avô, *é uma maravilha!* (Carlos).

Numa sociedade desigual como a nossa, o tempo da maternidade, de quem trabalha, é mulher, é militante [...], é um tempo tão atarefado que não se tem como olhar, contemplar, sentir e viver determinados aspectos das relações. Ficamos com os instantes. Desse modo, ser avó, também pode significar instaurar outro tempo, que permite olhar para esse outro que é um bebê, uma criança que vai crescendo; permite experimentar aspectos que, com certeza, estavam lá na outra geração, mas que o tempo da maternidade e da paternidade, marcado por inúmeras tarefas, não tornavam possível observar com atenção. (Kramer, 2020, p. 776).

A ênfase no contraste entre ser mãe/pai e ser avó/avô remete ao que significa ser adulto. Segundo as/os participantes da pesquisa, a vida adulta é marcada pela priorização da vida profissional e/ou dos cuidados com as crianças. Ser adulto ou criança remete a uma noção outra de geração, além das já citadas. Qvortrup (2010) compreende que infância, juventude, vida adulta e velhice são categorias geracionais permanentes. Essas categorias se repetem e permanecem em muitas sociedades como componentes estruturais e culturais. Assim, embora se transformem constantemente, são categorias pelas quais todas as pessoas passam. A definição de geração por Manuel Sarmiento (2005) segue a mesma direção:

[...] “geração” é um constructo sociológico que procura dar conta das interacções dinâmicas entre, no plano sincrónico, a geração-grupo de idade, isto é, as relações estruturais e simbólicas dos actores sociais de uma classe etária definida e, no plano diacrónico, a geração-grupo de um tempo histórico definido, isto é, o modo como são continuamente reinvestida de estatutos e papéis sociais e desenvolvem práticas sociais diferenciadas os actores de uma determinada classe etária, em cada período histórico concreto. (Sarmiento, 2005, p. 366-367).

Essas compreensões evidenciam a complexidade das relações intergeracionais, dos processos educativos entre elas e das delimitações de papéis. Na sociedade contemporânea, o papel de adulto é marcado pela insegurança de como agir em relação às crianças. Sarmiento (2001) observa uma espécie de troca de posições geracionais entre o adulto e a criança, em decorrência da *reinstitutionalização da infância*, ocasionada pela globalização, pela crise educacional e pelas mudanças no mundo do trabalho. Segundo ele, os adultos permanecem cada vez mais tempo no espaço doméstico devido a mudanças no mundo do trabalho e ao desemprego crescente, e as crianças saem mais de casa por sua crescente permanência nas instituições educativas. Luiz Bazílio e Kramer (2011) consideram que, embora Sarmiento analise o contexto de Portugal, bastante diferente do brasileiro, essa análise contribui para refletirmos sobre

as transformações na sociabilidade e nas relações entre adultos e crianças que *tomam rumos cada vez mais desconcertantes* (p. 132).

[...] o discurso da criança como sujeito de direito, da criança como cidadão e da infância como construção social sofre uma deturpação bastante grande. Nas classes médias, esse discurso muitas vezes reforça a ideia de que há uma vontade da criança que deveria ser atendida a qualquer custo, especialmente para consumir. Por outro lado, crianças de classes populares assumem responsabilidades muito além de suas possibilidades. Em todos os contextos as crianças são expostas à mídia, à violência e à exploração. (Bazílio; Kramer, 2011, p. 132-133).

Desse modo, *o reconhecimento do papel social da criança tem levado muitos adultos a abdicarem de assumir seu papel. [...] O lugar do adulto fica desocupado, como se, para a criança ocupar seu lugar, o adulto precisasse desocupar o seu, o que revela uma distorção profunda do sentido de autoridade* (Bazílio; Kramer, 2011, p. 133).

Essa reflexão se complexifica quando, além do que cabe a um adulto, considera-se o que é responsabilidade dos pais ou das/os avós/avôs. Lins de Barros (1987, p. 48) observa que, para as avós e os avôs, *ter filho é ser responsável*. Nesse sentido, o nascimento de um/a neto/a simboliza *uma passagem de bastão: o bastão, símbolo de mando, refere-se também às ideias de responsabilidade e capacidade de ter nas mãos esse poder, de ter, portanto, maturidade para receber dos pais o 'bastão de comando'*. Essa passagem de bastão estaria relacionada a uma mudança geracional por parte dos que, agora avós/avôs, identificam-se com a velhice, independentemente de suas idades?

Para as avós e os avôs participantes da pesquisa, ser mãe/pai envolve a responsabilidade por educar: *Eu acho que compromisso tem que ser de pai e mãe. Quem educa é pai e mãe*, diz Lygia. Essa delimitação de papéis revela-se desafiadora na situação narrada por Cecília, na qual o neto, a filha adulta (mãe da criança) e os dois filhos adolescentes moram com ela.

É complicado porque eu não tenho uma relação com ela de combinação de como vamos educar o [meu neto]. É ela quem o está educando. Quando você tem um marido, você tem uma combinação, mas a gente não tem isso porque não é o meu papel de fato. O meu papel é seguir o que ela acredita e como ela orienta. Mas às vezes eu não consigo nem saber, eu erro dentro do parâmetro dela sem saber que eu estou errando. "Ah, você falou assim, assado", mas eu não sabia que não podia falar "assim, assado" (risos). (Cecília)

A filha, que voltou a morar com a mãe em decorrência de agressão do pai da criança, ainda está se estruturando profissionalmente. A responsabilidade pela casa

(financeira e tarefas domésticas) e pela educação do menino ficam tensionadas no que Cecília chama de *confusão de papéis*.

É um exercício para mim o deixar de ser, entender que eu não sou a responsável por ele e nem por ela mais. Eu tenho o papel de mãe, avó, de presença, mas ela é adulta, tem trinta e um anos... (Cecília)

Qual seria então o papel social dos avós em relação às crianças? *Os pais educam, os avós deseducam*, diz o dito popular. As avós discordam:

Eu não deseducuco, não. Eu sou bem enérgica. Eu não gosto de desobediência, quando você fala uma coisa ele vai e faz aquilo que você falou para não fazer. Eu sempre falo para eles assim: "Está vendo? A vovó falou para não fazer. O que aconteceu? Não deu errado? Por quê? Porque a vovó tem mais experiência que vocês, ela sabia que isso ia acontecer e você estava fazendo errado. Não faça isso". (Adélia)

Vamos supor, se ele fizer uma malcriação [...], eu chego, converso com ele e digo: "Você tem que ouvir o que a sua mãe fala, o que o seu pai fala, mas não é responder e dizer que é do jeito de vocês não. O que vocês acham que é certo para vocês, não é certo para ela e nem para mim". (Elisa)

Eu acho isso uma violência. Uma violência com quem você educou. Eu nunca vou entrar nesse caminho; eu vou ser, se me permitirem, uma colaboradora, mas sempre em cima do que é a lei deles. Eu não posso assumir lugar de pai e mãe, senão eu não vivo lugar de avó, que é esse lugar do brincar, falar, dar bronca, mas não de fazer conchavo. (Lygia)

Adélia associa a *deseducação* a uma não assunção de sua autoridade para dar limite às crianças. Ser firme, *enérgica*, faz parte do papel dela como avó. Para Elisa, é preciso *conversar*, reforçando as orientações dos pais. Já Lygia entende que *deseducar* seria desautorizar os pais, *uma violência com quem você educou*. Esse é um cuidado dela, que se vê como uma colaboradora. Para ela, os lugares de mãe e avó são incompatíveis: uma limita, dita as leis; a outra apoia e... *brinca*.

Há um reconhecimento, nas falas das avós e dos avôs, de uma assimetria na relação com as crianças. Essa compreensão vai na contramão do que tanto Buber (2004) quanto Arendt (2016) observam em relação a uma perspectiva de educação *nova* e *progressista*, que ao se opor a um modelo *velho* e *autoritário*, busca garantir a liberdade da criança. Tal como afirma Bazílio e Kramer (2011), nessa concepção, há um esvaziamento do papel do adulto em nome da liberdade, da criatividade, do brincar.

Para Buber (2004), a educação não é possível com coação e sem liberdade. *Sem ela nada tem êxito, não há possibilidade de estar presente, de existir vínculos, de estar engajado na relação, de entrar em comunhão* (Pena *et al.*, 2014, p. 5). Nesse sentido, não é a criança o centro do processo educativo, mas a relação entre o adulto e a criança. O adulto é peça

fundamental para que as forças criativas da criança se manifestem, pois a partir dele atuam as forças educativas, que, com seu *poder de amor* (Buber, 2004, p. 16. Tradução minha), conduzem à reciprocidade.

Arendt (2016), em sentido próximo, critica essa perspectiva educacional que emancipa as crianças da autoridade dos adultos. Para a autora, tratá-las como adultos em miniatura é tão equivocado quanto compreender que elas têm um mundo próprio, que não deve sofrer intervenção da autoridade dos adultos. Como base em Arendt, Porto (2020, p. 234) afirma: *abandonar as crianças a um mundo lúdico ou a uma suposta capacidade de organização própria significa submetê-las às imposições da força de crianças mais velhas ou de uma maioria que nada tem a ver com persuasões democráticas*. Nas palavras de Arendt:

Nesse mundo, mesmo nós não estamos muito a salvo em casa; como se movimentar nele, o que saber, quais habilidades dominar, tudo isso também são mistérios para nós. Vocês devem tentar entender isso do jeito que puderem; em todo caso vocês não têm o direito de exigir satisfações. Somos inocentes, lavamos nossas mãos por vocês. (Arendt, 2016, p. 241-242).

Diferente dessas compreensões que marcam a relação entre adultos e crianças na contemporaneidade, as avós e os avôs participantes da pesquisa parecem defender que a priorização do brincar não significa abrir mão de sua autoridade. Há, no entanto, um esforço de distanciamento do papel de pai/mãe, para ocupar o lugar de quem brinca, quem dá carinho.

Eu procuro me colocar um pouco de fora, mais como observadora. Se tem algo que me chama muita atenção, então eu falo com alguma conversa, não ali na hora e não na frente das crianças. Eu procuro estar no papel mais de avó mesmo, no carinho, no brincar. (Carolina)

Eu não dou pitaco, eu não falo nada sobre a educação das crianças. Não são meus filhos, são meus netos. Eu estou lá para brincar e ajudar no que for preciso. (Carlos)

Segundo Lins de Barros (1987, p. 136), ser avó/avô é uma segunda oportunidade de viver plenamente o aspecto afetivo da relação com as crianças, sobretudo se, como os pais, isso não foi possível *devido às funções que as circunstâncias lhes exigiam*.

Através do discurso do afeto, apresentam-se como modelo para seus próprios filhos, indicando-lhes um relacionamento mais amoroso com as crianças. De certo modo, os [avós] parecem querer mostrar aos filhos como eles poderiam ter sido educados, caso não estivessem presos às obrigações impostas por um modelo de educação e de representação da infância e da adolescência, no qual cabiam as ideias de liberdade de expressão dos sentimentos, presentes nos discursos educativos de seus filhos e deles mesmos. (Lins de Barros, 1987, p. 136).

O afeto, a amorosidade, o diálogo e a brincadeira são as marcas da relação com os netos e as netas valorizadas pelas avós e pelos avôs. Essa relação, segundo Lins de Barros (1987), é compreendida por elas e eles como um modelo de educação possível, um modo outro do adulto se relacionar com a criança, qualificada por concepções do que é ser criança, jovem, adulto, velho. Nesse sentido, embora as avós e os avôs, em suas falas, procurem se afastar do lugar de quem educa (ou de quem tem a obrigação de educar), as relações tanto com as/os netas/os quanto com as/os filhas/os são educativas em diferentes sentidos, como em relação a práticas de autoridade. Seria possível assumir a autoridade de adulto e, independentemente do vínculo de parentesco com a criança, ter como marcas da relação o afeto, a brincadeira e o diálogo?



Fig. 9 – Papel de avô. Ionite Zilberman. Fonte: Sitchin, 2018.

As narrativas das e dos participantes da pesquisa mostram que há diferentes modos de ocupar o lugar de adulto. Flávia Motta (2007), observando práticas de autoridade de familiares e professoras em uma escola privada no Rio de Janeiro, destaca a afetividade na relação com as crianças *bem como a capacidade dos adultos de penetrarem no universo lúdico para através dele atingirem determinados objetivos* (p. 94) como aspectos que contribuem para a autoridade dos adultos e para que a assimetria nas relações de poder fosse mais facilmente aceita.

Há uma aproximação das conclusões de Motta (2007) com as práticas de autoridade narradas pelas avós e pelos avôs participantes desta pesquisa. Esse encontro intergeracional – entre pessoas fortemente vinculadas, vivendo um tempo de vida menos aligeirado – parece possibilitar aos adultos o que defende Salutto (2020, p. 108): *encontrar-se com seu próprio início, com seu antes*. Para as avós e os avôs, revisitar a infância, acessá-la no encontro com as netas e os netos, parece oportunizar *uma nova chance na tarefa [...] de ser adulto* (Ibidem, p. 108).

Eu tenho muita cautela para não ser o avô autoritário, do ponto de vista do que eu acho é o que tem que ser. Eu acho que a criança já tem mecanismos de rejeitar até o que você acha que é o melhor. Eu acho que é um diálogo interessante. (João)

Há, por parte de João, um cuidado para não ser um avô autoritário. Isso não significa, contudo, que ele abra mão de sua autoridade e de sua responsabilidade com os netos.

Alexandra: Diego, tem alguma coisa que o seu avô não deixa você fazer?

Diego: Claro, né! Ele não me deixa ir na rua se algum carro passar. Porque se um carro está lá e se eu passar sem perceber que ele está lá, splash! A gente olha o sinal assim: verde é para andar; aí a gente volta rápido, porque tem carro que corre, corre, corre e vruum!

Diego, neto de João, reforça que – *claro!* – o avô não o deixa fazer tudo. A responsabilidade e o cuidado reconhecidos pela criança confirmam a diferença entre ele e o avô. Essa diferença, contudo, não significa indiferença.

Desocupando seu lugar, os adultos ora tratam a criança como companhia em situações nas quais ela não tem a menor condição de sê-lo, ora não assumem o papel de adultos em situações nas quais as crianças precisam aprender condutas, práticas e valores que só irão adquirir se forem iniciadas pelo adulto. As crianças são negligenciadas e vão ficando também perdidas e confusas. Muitos adultos parecem indiferentes e não mais as iniciam. A indiferença ocupa o lugar das diferenças. (Kramer, 2007, p. 19).

Dentre os vários fatores que interferem nas relações entre crianças e adultos, Kramer (2007, p. 19) destaca a frequente *indisponibilidade do adulto que parece impregnar a vida contemporânea, marcada pelo individualismo e a mercantilização das relações*. Contudo, não existe criança sem adulto, infância sem quem se responsabilize por ela, pois *criancice não se desempenha sozinha* (Couto, 2009, p. 113). O desafio parece estar na capacidade do adulto em, sem deixar de assumir a sua autoridade, permitir-se ser guiado pela infância; *curvando o tempo e aproximando as idades: filhos, pais e avós se encontram na invenção de territórios educativos e de outras relações possíveis entre quem ensina e quem aprende* (Hillesheim, 2013, p. 612).

Às vezes eu sento com o Diego, espero também ter... vou fazer isso com o [meu neto mais novo]... Às vezes ficamos olhando para o mar: "O que você está vendo?" "Ah, vô, estou vendo um barco" E a gente começa a conversar: "O que tem dentro daquele barco?" E isso vai embora... É muito interessante. (João)

As e os participantes da pesquisa narraram situações em que adultos e crianças se encontram num *tempo crianciceiro* (Hillesheim, 2013, p. 612). Suas narrativas permitem refletir sobre os diferentes modos de assumir a autoridade de adulto, de educar e de compreender a infância. Nesse sentido, as avós e os avós de fato *deseducam*. Não no sentido de atravessar a autoridade dos pais, mas na possibilidade de, no encontro com a infância, ver de novo, ver pela primeira vez, como afirmou Ferreira Gullar⁵², e experimentar outras práticas de autoridade.

5.3 Papo de avô e avô

Eu gosto de ouvir as coisas bonitas que a vovó diz.⁵³

Sobre o que conversam avós/avôs e netos/as? O que as avós e os avôs entendem que seja tarefa deles ensinar aos netos?

⁵² Ferreira Gullar fala sobre *Quarup*, obra de Antonio Callado e sua função de "deseducar". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MRb9Yt0hXhQ>

⁵³ Daniel Munduruku, *Foi vovó que disse*, p. 15.

Gozado, eu tenho um sobrinho [...], ele tem atualmente uns doze anos. Ele está mais para neto do que para sobrinho [...], e eu tenho essa preocupação de dar coisas e falar coisas... Por exemplo, eu dei para ele um globo terrestre porque é brinquedo de avô. Eu acho que ele não ganharia um globo terrestre do pai; eu acho fascinante para uma criança ter um globo terrestre. [...] Da última vez [que estive com ele], contei toda a história de como era a Itália, essa história que eu te contei, mas com muito mais detalhes porque eu coloquei num papel e fiz toda a árvore genealógica da família, quem veio de onde, coloquei no mapa da Itália, contei toda a história de migração da família. Ou seja, papo de avô. (Carlos)

Brinquedo de avô, papo de avô. Para Carlos, parece que ser avô implica uma tarefa de *dar e falar coisas* que outras pessoas adultas talvez não fariam, não pensariam, não se preocupariam, não saibam. Quem daria um globo terrestre, objeto talvez considerado antiquado, para uma criança? Quem se ocuparia em narrar a história dos que vieram antes, dos ancestrais?

Eu quero contar essa história para os meus netos, e tem coisas muito gozadas nessa história do namoro do meu pai com a minha mãe, de quando eles eram noivos. O meu pai pediu permissão para levar a minha mãe ao cinema para o meu avô. Esse meu avô durão falou: "Claro que sim! Vamos todos!", e toda a família foi ao cinema. História muito gozada. Tenho que contar essas histórias porque elas identificam, explicam muitas coisas no final das contas, como se estabelecem relações e tal. (Carlos)

Conhecer as histórias da família, seja a de migração ou as engraçadas, têm um valor para Carlos. Essas histórias *explicam muitas coisas*, ensinam que temos uma origem, mostram que há experiências que nos antecedem, educam sobre as relações. Narrá-las, para ele, é tarefa do avô/da avó. A preocupação de Carlos remete ao narrador descrito por Benjamin (1987a, p. 221), que *figura entre os velhos e sábios*, responsável pela partilha de experiência entre gerações, o qual tem a sua autoridade reconhecida por isso.

Carolina também compreende que tem esse papel como avó na relação com suas netas. Segundo ela, essa compreensão é fundamentada no reconhecimento da autoridade dos mais velhos aprendido na experiência religiosa no Candomblé.

Dentro do terreiro tem algumas pessoas que são mais velhas, e para gente essa questão fica assim... Para mim, que não tive avós, não convivi com avós, eu também tenho muito, muito respeito e também gosto muito de ouvir a fala do mais velho, então as pessoas que eu tenho por perto... e até hoje ainda estou procurando coisas, ouvir coisas da minha mãe. Muita coisa, a minha mãe, agora que está nesta idade, está dividindo com a gente, comigo, porque eu vou muito na casa dela. Muitas coisas eu estou ouvindo agora porque ela nunca falou com a gente, comigo e com meus irmãos, quando éramos mais novos. (Carolina)

Rodnei Eugênio (2012, p. 18), Babalorixá⁵⁴ e antropólogo, em pesquisa sobre a velhice e o envelhecimento nos terreiros de Candomblé, afirma que, nessa religião, *o envelhecimento é sempre um ideal a ser atingido. Desse modo, até mesmo determinados elementos, como improdutividade, declínio físico e morte iminente, que constituem o modelo (negativo) de velhice socialmente sugerido, nos terreiros passam a ser valorizados, à medida que aproximam os “mais velhos” da ancestralidade – princípio sagrado e fonte de poder nesta religião* (Ibidem, p. 18). Essa compreensão se aproxima de Benjamin (1987a), que destaca a autoridade conferida ao moribundo, pela proximidade da morte e sua maior experiência.

Carolina destaca a possibilidade de troca entre diferentes gerações como algo que *nos fortalece e nos sensibiliza*. E, nesse sentido, reconhece sua responsabilidade, como avó, com as gerações mais novas.



Fig. 10 – Papô de avô. Mateus Rios. Fonte: Riter, 2011.

⁵⁴ Babalorixá é o sacerdote nas religiões de matriz africana, equivalente à Yalorixá no feminino.

Essa questão do mais velho, ouvir histórias, conversar... sempre que eu posso, sempre que eu tenho essa oportunidade eu estou ali colada de ouvido aberto, super atenta, porque sempre tem alguma coisa importante para as pessoas. Uma divisão, uma troca importante. Só de você ouvir a pessoa, já te fortalece. Você se fortalece. É por isso que eu procuro... acho importante estar presente na educação dos pequenos, das crianças, por isso. É uma troca que acrescenta muito, que melhora muito e torna o ser humano mais sensível. (Carolina)

Escutar os mais velhos e assumir a responsabilidade pelos mais novos. Ser avó, para Carolina, parece evidenciar a importância das trocas entre diferentes gerações para a nossa formação humana. Ainda sobre as trocas entre os mais velhos e mais novos, ela diz:

Acho que melhora o mais velho e acrescenta no mais novo. A questão da sensibilidade. A questão de... o mais velho se torna mais sensível e mais aberto... As crianças provocam isso. Tem uma beleza, uma sensibilidade. É uma fragilidade que tem uma força, que move alguma coisa dentro de você, que mexe em alguma coisa dentro de você. É um ser que está começando, mas que te movimenta. E abre uma portinha no coração, na tua mente e na sua visão também. Você acompanhando as descobertas... [...] As crianças nascem quase que sabendo usar um computador, um celular. Isso faz você se abrir para coisas novas, e a criança ganha também. A criança ganha um entendimento de que o mundo, de que a vida não é só dos pequenos, dos novos... que existe um lugar também que precisa ser preservado e construído para o mais velho, cuidado do mais velhos, para o mais velho. Essa troca é muito saudável – entre o mais novo e o mais velho. Entender a fala daquela pessoa mais velha e o mais velho entender o mais novo. Entender o porquê das coisas estarem do jeito que estão, porque a sua família é assim.... (Carolina)

As crianças ganham um entendimento de que o mundo não é só delas; os mais velhos se tornam mais abertos. Para Carolina, *a presença de uma criança na família provoca essa abertura*, no sentido de suscitar o desejo de *acompanhar ou contribuir para aquela história que está começando*. Esse papel, relacionado por ela à sua experiência como avó, *revigora, renova* sua própria existência. Além disso, destaca a ideia de continuidade relacionada à criança:

Para a gente de terreiro, a criança é continuidade. É a certeza da continuidade, da comunidade. É a certeza da continuidade da família. Então, é um investimento que a gente faz. É uma doação, você doa alguma coisa que você tem; então a gente procura se melhorar para poder dividir o que tem de melhor. Eu acho que ao longo da vida, eu melhorei, procurando formas de crescer e hoje eu tenho as minhas netas, já passei pelo meu filho e agora é como se fosse um investimento. Eu estou investindo no futuro, no que está por vir. [...] Não no sentido de "estou formando", não é isso. Não é aquela coisa do pronto, "Toma, isto é seu!", mas é a coisa do estar junto, do acolher. No sentido de estar junto, olha estou aqui, você pode contar. É você querer construir uma história legal para que aquela criança tenha aquilo como alicerce. Essa troca vai virar um alicerce para aquela criança. Não é o pronto. Não é uma herança no sentido financeiro, material. Mas é uma herança de afeto. Uma partilha de afeto. (Carolina)

Carolina reconhece que há uma herança a ser transmitida às crianças, que serve de alicerce para elas. O que não significa transmitir algo pronto, fechado, enrijecido. Suas considerações se aproximam das de Benjamin (2002, p. 96), para quem a criança, como produto e produtora de cultura, de história, tem a sua percepção impregnada *em toda parte dos vestígios da geração mais velha*. Ser criança, entretanto, possibilita um outro modo de olhar a realidade. Sua perspectiva de visão desvela as contradições, subverte o real e provoca outra relação com a tradição.

ARMÁRIOS. O primeiro armário que se abriu por minha vontade foi a cômoda. Bastava-me puxar o puxador, e a porta, impelida pela mola, se soltava do fecho. [...] Era preciso abrir caminho até os cantos recônditos; então deparava minhas meias que ali jaziam amontoadas, enroladas e dobradas na maneira tradicional, de sorte que cada par tinha o aspecto de uma bolsa. Nada superava o prazer de mergulhar a mão em seu interior tão profundamente quanto possível. E não apenas pelo calor da lã. Era “tradição” enrolada naquele interior que eu sentia em minha mão e que, desse modo, me atraía para aquela profundidade. [...] (Benjamin, 1987b, p. 122).

Nos seus atos de desenrolar e enrolar a meia – a tradição –, sua historicidade é revelada. A criança conhece, cria e recria o mundo. Assim, ela revela a provisoriade da tradição. Nessa construção de seu pequeno mundo dentro de um mundo de adultos enrijecidos, ela desvela os tantos sentidos que a realidade pode adquirir. Realidade esta que, ao mesmo tempo, está banhada pela tradição. Esta, conseqüentemente, não acontece fora daquela. Imagina se nada houvesse, na gaveta, nenhuma lã, nenhum calor...

A nossa atitude em relação ao passado e nossa responsabilidade com as gerações mais novas e sua força de renovação parecem estar colocadas na tarefa de ser avó/avô. Sobre isso, Kramer (2020), ao tratar sobre a importância de ser avó, afirma:

Ser avó, provoca uma mudança no modo como olhamos para a vida e o tema geracional; nossa própria existência e nosso papel nas relações, nas interações sociais, numa dimensão de permanecer para além do seu tempo. Ser avó, então, remete ao tema da descendência e da alteridade. (Kramer, 2020, p. 776).

O tema geracional evidencia tensionamentos entre velho e novo, continuidade e ruptura, tradição e inovação. Esses tensionamentos também são abordados por Arendt (2016) ao relacionar, assim como Benjamin, a crise da autoridade à crise da tradição. Para a autora, a memória transmite os *tesouros* humanos. Sem memória, não há partilha de sentido, não há um mundo comum. De uma geração para outra, *a herança foi deixada sem testamento algum* (Arendt, 2016, p. 30-31).

O testamento, dizendo ao herdeiro o que será seu de direito, lega posses do passado para um futuro. Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição – que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem. (Arendt, 2016, p. 31).

Ao tratar da crise da autoridade na educação, Arendt (2016) compreende que os adultos/educadores abandonam a criança à própria sorte quando não assumem a responsabilidade de introduzi-la em *um mundo que existia antes dela, que continuará após sua morte e no qual transcorrerá sua vida* (p. 235). Paradoxalmente, é tarefa dos adultos tanto proteger esse mundo das crianças, para garantir a sua continuidade, quanto proteger a criança do mundo, resguardando sua potencialidade de transformá-lo.

A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada destrutivo lhe aconteça de parte do mundo. Porém também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada geração. (Arendt, 2016, p. 235).

Essa responsabilidade, que na educação assume a forma de autoridade, não se assemelha a um conservadorismo. Para Arendt (2016), cada criança que nasce traz algo novo para o mundo, pois não há um ser humano igual a outro. Assim, é a natalidade o que torna possível novos começos. No entanto, tudo o que produzimos/tocamos está destinado a desaparecer com o tempo. Se não se transmite a *herança*, há grande risco de uma cultura, por exemplo, desaparecer.

Eu estou querendo que a [minha neta] cresça mais um pouco que eu vou comprar um tabuleiro de xadrez, porque o único que sabe jogar xadrez na família sou eu, então eu vou ensiná-la a jogar xadrez. [...] Eu vou dar um jogo de xadrez para ela e vou ensiná-la a jogar xadrez. Não sei se o [meu genro] joga; essa garotada não sabe mais jogar xadrez não. (Carlos)

O desejo de Carlos é reforçado pelas análises das pesquisas de Porto (2010, p. 234-235) sobre brinquedos e brincadeiras entre diferentes gerações. A autora enfatiza que *a brincadeira entre os seres humanos não é natural; é resultado de uma aprendizagem social e, portanto, um processo de cultura. Aprende-se a brincar*. O jogo de xadrez, as práticas religiosas, as histórias familiares, caso não sejam transmitidas às gerações mais novas – no fazer junto, nas conversas, nos diários escritos, nos álbuns de fotografias –, desaparecerão.

Nesse sentido, é preciso um esforço de conservação. Somos seres natais, capazes de dar início a algo novo, a novos começos; no entanto, isso só é possível porque há um mundo, herança das gerações mais velhas. Sendo assim, a transmissão intergeracional dá condições para que os novos deem continuidade ao mundo e o renovem.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (Arendt, 2016, p. 247).

Comparando as concepções de Benjamin e Arendt, Maria João Cantinho (2008) observa que, para ambos, tradição e inovação, juntas, opõem-se a uma concepção positivista da história.

[...] a tradição liberta-nos do passado, garantindo o quadro duradouro que abre o homem [o ser humano] ao futuro. Como o defende Arendt, na tradição, o presente apropria-se livremente de determinados significados que foram construídos pelas gerações passadas. Por essa razão, a autêntica tradição não é a negação da novidade, mas há uma reciprocidade fundamental e necessária entre ambos. (Cantinho, 2008, n.p.).

Tanto Arendt quanto Benjamin compreendem que *a tradição é a chave que nos abre a porta da inovação* (Cantinho, 2008, n.p.). A experiência-narrativa coloca-se como fundamental na relação entre as diferentes gerações. As histórias do passado servem como alicerces para as novas gerações, possibilitando a continuidade e a renovação do mundo. A narrativa ultrapassa a morte, pois *é no outro que a narrativa se enraíza, o que significa que a narrativa é fundamental para a constituição do sentido de coletividade, em que cada qual aprende a exercer o seu papel* (Kramer, 2007, p. 18). Aquele/a que narra mantém viva a tradição ao transmiti-la às novas gerações, possibilitando-as conhecer o passado, dar sentido ao presente e imaginar o futuro.

Essa reflexão remete a uma história narrada por Daniel Munduruku (2002), em um de seus livros, sobre uma conversa marcante que teve com seu avô. Quando era menino, Daniel, que morava na cidade, vivia triste por ser chamado na escola de índio, em tom pejorativo e preconceituoso. Durante uma das idas para a aldeia do seu povo, onde ele costumava passar as férias, seu avô, percebendo-o entristecido e cabisbaixo,

o chamou para uma conversa. À beira do rio, o avô lhe contou histórias sobre a sabedoria das águas, o canto dos pássaros e o que significava ser indígena. Embora não tenha compreendido tudo o que o avô tentou transmitir-lhe, algo o transformou: *Eu ia para a cidade estudar, mas queria estar de volta o quanto antes para poder ouvir a sabedoria do meu avô* (p. 15).

No momento da morte de seu avô, Daniel reconheceu que os aprendizados transmitidos fizeram com que ele tivesse orgulho de sua origem, o que segundo o autor, foi determinante para sua carreira de escritor e militante das causas indígenas.⁵⁵

Já não me importava se as pessoas me chamavam de índio, pois agora isso era motivo de orgulho para mim. Eu sempre lembrava meu avô, orgulhoso de sua origem. Ele me havia feito sentir orgulho também. Ele estava me ensinando quão bonito era ter uma origem, um povo, uma raiz, uma ancestralidade. (Munduruku, 2002, p. 35).

Assim como o avô de Munduruku, as avós e os avôs da pesquisa reconhecem sua responsabilidade na transmissão de algo do passado, relevante para a vida dos netos e das netas. Embora, na modernidade, sejam escassas as possibilidades de as novas gerações tomarem conhecimento sobre os ensinamentos do passado, ainda que para refutá-los, e os mais velhos darem conselhos aos mais novos, as narrativas das e dos participantes da pesquisa destacam uma valorização do papel a ser cumprido na educação das crianças, o que implica, portanto, uma assunção de autoridade.

A categoria infância e autoridade nos convoca a pensar no nosso papel de adultos diante das crianças, do mundo. O exercício desse papel exige harmonia e equilíbrio entre autoridade e liberdade, para favorecer a construção da autonomia e da autoria (Freire, 1996). Implica assumir-se, com sabedoria e humildade, como modelo para as novas gerações terem elementos para recriar, para construir sua autonomia e educar sua própria liberdade (Freire, 2008, p. 73).

Diante dessa tarefa, são suscitadas algumas questões: como nos posicionamos diante da infância? O que decidimos transmitir às novas gerações? Como limitamos as ações das crianças, como pessoas mais experientes e responsáveis, sem moldá-la às nossas expectativas? Como exercer nosso papel com respeito, confiança, diálogo?

⁵⁵ Essa afirmação foi feita em uma transmissão ao vivo em sua página do Instagram, no dia 18 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPBFbMtHLGI/>. Acesso em: 08 nov. 2021.

6

Infância e cuidado

O meu avô pedia à minha mãe: toma conta deste menino, ele é muito importante. A minha infância ficaria marcada por essa impressão digna de alguém me escutar por tanto tempo, de alguém querer instigar minha curiosidade e se alegrar com a minha imaginação. Eu soube sempre que meu mundo era afetivo. Quero dizer, o que eu sabia era sobretudo gostar de alguém. Era o que meu avô valorizava em mim, o empenho colocado em gostar de alguém. Toda a sabedoria devia resultar na pura capacidade de amar e cuidar de alguém.⁵⁶

Em *As mais belas coisas do mundo*, Valter Hugo Mãe homenageia seu próprio avô materno, com a história de uma pessoa que rememora sua infância. Nesse conto, somos instigados a pensar com as personagens sobre o que seriam as coisas mais belas do mundo. Pela voz do narrador-neto, vamos tomando conhecimento das conversas com seu avô, conversas essas permeadas de poesia e ensinamentos: *O meu avô sempre dizia que o melhor da vida haveria de ser um mistério e que o importante era seguir procurando.*

O avô, que *tinha um ar de caçador de tesouros*, queria chamar a atenção do neto para a *importância de aprender*, sobretudo, *para ter uma conduta mais cuidada*. A narrativa poética do autor português pode ser compreendida como um elogio ao cuidado, em que cuidar é entendido como uma atitude interessada diante do outro, da vida. Para cuidar – podemos pensar com o livro –, é preciso prestar atenção, acolher o outro na sua inteireza, buscar o encantamento, inventar o mistério... O cuidado aprendido quando criança na relação com esse avô constitui o próprio autor, como ele conta em nota adicional, em sua *capacidade de amar e cuidar de alguém*.

Cuidado é tema também dos capítulos anteriores. Embora anunciado na introdução desta tese que as quatro categorias circulam por todo o texto, *cuidado* parece ser o fio que costura *tempo*, *vínculo* e *autoridade* nas relações entre avós/avôs e netas/os crianças. Neste último capítulo, são retomadas algumas reflexões anunciadas anteriormente, e a categoria infância e cuidado é pensada a partir das narrativas das e

⁵⁶ Valter Hugo Mãe, *As mais belas coisas do mundo*, p. 45.

dos participantes da pesquisa com foco nas seguintes questões: como o cuidado, sobretudo no início da vida, nos constitui? Como as avós e os avôs apoiam as famílias, especialmente as mulheres, em relação à demanda de cuidado das crianças? Quais práticas culturais de cuidado são lembradas pelas diferentes gerações?

Este capítulo está organizado em três partes. A primeira aborda a perspectiva do cuidado como ética na relação entre avós/avôs e netas/os. A segunda discute as condições estruturais que desafiam a garantia do cuidado das crianças, com ênfase na responsabilização das mulheres e no suporte dado pelas/os avós/avôs. A terceira focaliza o cuidado nas minúcias do cotidiano e suas marcas nas memórias afetivas de avós/avôs e netas/os.

6.1

Estar junto

[...] estar também é dar.⁵⁷

O que é cuidado na perspectiva das avós e dos avôs? O que significa para elas e eles cuidar de suas netas e seus netos quando crianças? O que esse cuidado envolve?

Para Cecília, um bebê, uma *criancinha*, inspira cuidados.

Eu acho que tem uma coisa que é a inocência, a fé e a credulidade que ele tem na gente; isso faz com que a gente tenha muito cuidado de ser bacana. Tem horas que eu estou sem paciência com alguma coisa ou que eu não quero brincar, ou que eu brigo com ele porque ele fez alguma coisa que tinha que brigar na hora, e ele me olha com uma cara de: "Caramba, vó, você vai brigar comigo?" Aí eu paro e falo: "Caraca!" E penso que é um bebê, é uma *criancinha* que inspira cuidados. (Cecília)

Cuidado de ser bacana, de não perder a paciência, de não quebrar a confiança que a criança tem no adulto. Essas são as preocupações de Cecília na relação com seu neto de dois anos. Essa avó reconhece que há uma demanda de cuidado no início da vida, que exige uma postura diferenciada diante do outro criança.

Essa demanda de cuidado, como desenvolvido no quarto capítulo a partir de Buber (2001, 2008, 2009) e Winnicott (2011, 2019, 2021), implica não apenas garantia de condições de sobrevivência, mas acolhimento para poder viver uma vida que tenha

⁵⁷ Clarice Lispector, *Uma amizade sincera*, p. 16.

sentido. Por sua condição relacional, o ser humano precisa ser reconhecido pelo outro para existir.

Este reconhecimento do outro na sua alteridade se exprime na própria etimologia da palavra grega “*éthos*” (da qual deriva ética), que remete a dois sentidos: “morada” e “pátria”; a primeira refere-se a um lugar para viver, a segunda sublinha os laços sociais através dos quais emergimos. A palavra ética refere-se assim às condições necessárias ao acontecer humano, isto é, ao que permite a cada sujeito “morar” no mundo inserido numa comunidade. (Plastino, 2009, p. 53)

É através dos laços com os outros que acontecemos enquanto humanos, enquanto pessoas. Paradoxalmente, é por sermos recebidos numa comunidade e termos um “lugar” para pertencer, que constituímos nossa singularidade. Pois *sentir-se um eu, isto é, sentir-se um ser singular diferente dos outros e do ambiente não é um dado presente desde o início da vida, mas uma aquisição resultante de atualização das tendências naturais no contexto de um ambiente que as favoreça* (Plastino, 2009, p. 74). Existir é uma conquista que só é possível através do cuidado de outro. Nesse sentido, reconhecer o *papel decisivo do cuidado no processo de emergência do sujeito* (Ibidem, p. 74) mobiliza uma ética diante desse outro criança; exige o reconhecimento de sua vulnerabilidade e sensibilidade, de um modo de se afetar pelo outro diferente do adulto.

Para Nadya Guimarães (2021, p. 11), *o cuidado está associado ao sentido de vulnerabilidade*. No entanto,

Todos nós somos vulneráveis, no sentido de que seremos vulneráveis em algum momento da nossa vida; ou seja, iremos nos sentir vulneráveis mais dia, menos dia. Mais ainda, seremos tratados como “naturalmente vulneráveis”, como duradouramente vulneráveis, depois de transcorrido certo tempo de vida, tal como o fomos no começo da vida. Então, a ideia da vulnerabilidade é a contraface do cuidado, ou seja, a vulnerabilidade nos põe diante da necessidade de ser cuidado. (Guimarães, 2021, p. 11-10).

Para a autora, embora o cuidado seja algo central para a existência humana, o tempo de vida de uma pessoa a torna mais demandante de cuidado. Nessa mesma trilha, Kramer e Pena (2019, p. 71) afirmam que vulnerabilidade pode ser compreendida *desde a ideia de condição inerente ao ser humano até uma visão de suscetibilidade em função de uma cidadania fragilizada em decorrência da negação de direitos* – como crianças e idosos, pessoas com deficiência, pessoas em situação de pobreza, pessoas negras...

Podemos afirmar que um bebê recém-nascido é o ser humano mais vulnerável. Contudo, este estado ou condição torna-se ainda mais vulnerável quando os bebês nascem na pobreza, são de raças, etnias, culturas ou famílias que sofrem discriminação ou preconceito, se têm deficiências. (Kramer; Pena, 2019, p. 71).

Cuidado, nesse sentido, é concebido como uma ética diante das necessidades do outro. Em se tratando de crianças, exige o reconhecimento *com nossas próprias ações que elas não são propriedades, que têm direitos – os quais nós respeitamos e garantimos* (hooks, 2020, p. 72). Desse modo, a chegada de novos seres humanos ao mundo implica a criação de estratégias que garantam sua sobrevivência, proteção, educação. Crianças precisam de adultos que se responsabilizem pela garantia de alimento, colo, atenção, presença...

Diego: Sabe, uma vez eu me ferrei muito no parquinho. Eu quase comi terra! Eu estava muito rápido e caí de cara no chão, comecei a chorar... Então, o meu avô me ajudou a levantar porque eu estava com dificuldade.

Alexandra: Isso que eu ia te perguntar: quando você se machuca, o que o seu avô faz?

Diego: Quando a gente chegou em casa, eu comecei a lavar... A gente veio correndo, lavou a boca. Colocamos sabão, álcool em gel, álcool, sabão, álcool, sabão, e eu percebi que eu não comi terra.

Liana: A Alê perguntou o que o seu avô faz quando você cai. Se você se machuca...

Diego: Ele me ajuda. Um monte de coisas para me ajudar.

Para João, avô do Diego, estar com crianças exige preparação.

Eu acho que as pessoas deveriam se preparar para isso, se preparar para estar ao lado dos netos. Você não está em um lugar de observador apenas. Você precisa se preparar tentando conhecer os hábitos, o que ele gosta, que tipo de brincadeira é mais legal para ele, como eu posso agir efetivamente. Eu acho que isso é importante. (João)

Cuidar quando a criança se machuca. Conhecer-la para saber seus gostos, suas brincadeiras preferidas. Acolher seu modo de ser antes de agir. Estar *com* a criança, entrar em relação. Para Ricardo Ceccim e Analice Palombini (2009, p. 155), *para cuidar é preciso exposição ao outro. Aceitação do outro como ele é, mas também oferta de acolhimento ao que nele pede passagem (devires, experimentações)*. Trata-se de uma *alteridade em prática*:

[...] há um momento em que se faz necessário partilhar, em que é preciso se colocar em sintonia com o outro, é preciso ir até ele, partilhar seu estado, há uma comunhão. [...] Um devir-criança em nós assegura-nos essa escuta ética *do e pelo* outro nas situações que envolvem cuidado e educação em ato. (Ceccim; Palombini, 2009, p. 177. Destaques no original).

Cuidado como partilha, como compromisso com o outro. Cuidar exige escuta, observada tanto na narrativa de João quanto na de Cecília. Suas falas apontam para uma perspectiva de cuidado que, além da dimensão instrumental abrange uma dimensão ética e humana. Alude, ainda, a uma *preparação*, a um cuidado de si para estar com o outro. Sobre isso, Daniela Guimarães afirma:

[...] o cuidado diz respeito a um modo prático de o ser humano ser-no-mundo, envolvendo responsabilidade e um agir que não espera resultados. O cuidado integra o mundo cotidiano (presente, factual, instrumental) e o mundo existencial (que envolve a indagação sobre o sentido da vida, o futuro). [...] Cuidado exige a ocupação da vida humana consigo mesma e com os outros, numa perspectiva factual e existencial, de modo integrado. (Guimarães, 2011, p. 47).

Cuidado abrange ocupar-se de si e do outro, nas situações cotidianas, integrando as esferas da vida prática e existencial. Nessa mesma perspectiva, ser avó/avô, para Cecília e João, envolve um tipo de cuidado *em que o interesse pelo outro atravessa a futilidade do momento e se estabelece a relação* (Kramer *et al.*, 2020, p. 9).

[...] cuidado é relação, e relação é reciprocidade, é algo que acontece na/em presença. Para cuidar, é preciso estar presente. Nesta perspectiva, cuidado é assumido como não omissão à necessidade do outro; cuidado que contempla alteridade e, consequentemente, ética. Cuidado envolve a existência como evento irrepetível. (Silveira *et al.*, 2021, p. 5).



Fig. 11 – Avó e neta na rede. Carolina Figueiredo, Lena Martins e Luciana Grether. Fonte: Martins, 2016.

Cecília, avó participante da pesquisa, diz ainda: *O que traz a potência de vida é uma necessidade de cuidado que as crianças têm mesmo, e você se reposiciona porque você tem que estar bem para poder cuidar do outro*. Cuidar de si para estar com o outro remete a Buber (2011a, p. 38) quando afirma que é preciso *começar consigo, mas não terminar consigo: partir de si, mas não ter a si mesmo como fim*. A contemplação de si para tomada de conhecimento é atitude necessária no movimento em direção ao outro. Nesse sentido, *a condição para entrar no diálogo é encontrar o eu, mas o eu que está em relação* (Kramer *et al.*, 2020, p. 9).

O cuidado de si anunciado por Cecília, entretanto, é provocado pela *potência de vida* da criança. A criança, com seu ímpeto pela vida, evoca a necessidade do cuidado. Para Alexandre Costa (2009, p. 31), ao ser humano *pertence radical e impulsivamente o desejo de vida*, e é por saber-se mortal que *o cuidado é uma presença contínua e irremissível da vida humana*. Nesse sentido, estar em relação com as crianças, deixando-se ser afetada/o por elas, convida a viver – a evitar a morte, cuidando, pois *viver é cuidar* (Ibidem, p. 51).

Cuidar do outro é cuidar da vida. É afirmá-la intensamente e libertar-se do fatalismo. Cuidar, em especial de crianças, convida a brincar, a criar, a abrir lugar para o novo, a transgredir, a viver (Ceccim; Palombini, 2009).

Aprende-se a cuidar? Ensina-se a cuidar? Para cuidar, será preciso derrubar todos os movimentos de exclusão da alteridade [...]. Será necessária a abertura aos encontros de afecção, será necessário encontrar-se com o outro. A exclusão da alteridade é a exclusão do cuidado. Não é possível cuidar sem se expor ao outro: uma educação do cuidado é uma educação da alteridade. (Ceccim; Palombini, 2009, p. 176-177).

É por amor às crianças e ao mundo que cuidamos dos recém chegados, que assumimos nossa autoridade, como afirma Arendt (2016), pois, sendo cuidadas, as crianças também aprendem a cuidar. Para Kramer *et al.* (2020, p. 10), *cuidar é ato educativo comprometido com o outro e contribui para a sua formação humana*. Do mesmo modo, *não é possível educar sem cuidar* (Kramer, 2011, p. 86). Nós, seres humanos, quando recebidos no mundo com amor e cuidado, tendemos a desenvolver atitudes de cuidado, aprendemos a cuidar.

Na perspectiva winnicottiana, um *ambiente suficientemente bom – presidido pelo cuidado com o outro – constitui o cerne de uma vida capaz de relações construtivas e alteritárias* (Plastino, 2009, p. 75).

Uma atitude de cuidado [...] torna possível o movimento construtivo do sujeito nas suas relações com os outros, isto é, com a sociedade. Assim, o sujeito acolhido por uma atitude presidida pelo cuidado, pelo reconhecimento de sua singularidade e de

suas necessidades, pode emergir como um sujeito, ele mesmo, orientado para uma atitude de cuidado, isto é, de reconhecimento da singularidade e das necessidades dos outros. (Plastino, 2009, p. 78).

Nesse sentido, cuidado, como reconhecimento do outro e afirmação da vida, vai na contramão do individualismo, marca da sociedade moderna. Tanto Winnicott⁵⁸ quanto Buber compreendem que a vida comunitária saudável exige que cada pessoa assuma a responsabilidade pelo bem-estar de todos.

Cuidar dos outros significa que, para Winnicott e Buber, as pessoas saem de si mesmas com um senso de coragem recém-descoberto. Assumir tal responsabilidade por outros encoraja e restaura relações genuínas entre as pessoas, e desse modo, permite a regeneração ética e espiritual do mundo mais amplo. O espaço de transição, ou *das Zwischenmenschliche* [do inter-humano], portanto, é fundamental para a preservação de uma comunidade humana responsável, em que a capacidade de se relacionar significativamente com os outros seja sempre uma realidade. (Praglin, 2006, p. 8. Tradução minha).

Cuidado como atitude de responsabilidade diante do outro, da vida. Para Buber (2009, p. 49) é preciso *responder ao que nos acontece, que nos é dado ver, ouvir, sentir*. Cuidado, então, acontece na vida concreta, na realidade que se apresenta diante de nós, que nos interpela a dar uma resposta.

O que temos visto, ouvido e sentido? Que respostas temos dado aos nossos semelhantes? É a resposta que contém nela mesma escuta da necessidade do outro que entendemos como cuidado. Cuidado como uma boa ação que se dá no cotidiano. Cuidado como respeito ao espaço do outro. Cuidado como não invasão ao espaço do outro. Cuidado como atenção ao tempo do outro. Cuidado como reciprocidade. Cuidado como modo de ser, estar e fazer no/o mundo. Cuidado que é presença. Cuidado como um modo de olhar, como lugar do sensível. Cuidado como lugar que se dá no afeto, como um lugar para se existir. Enfim, cuidado como uma resposta responsável. (Silveira *et al.*, 2021, p. 5).

Pensar o cuidado como resposta responsável, como ética, não significa idealizá-lo ou construir um modelo de cuidado a ser seguido. Carolina, avó participante da pesquisa, reflete sobre isso:

Apesar de toda essa dureza vivida da minha mãe, ela nunca nos deixou soltos. Ela era, quando nós éramos crianças, lavadeira, dessas que lavam roupa na mão mesmo. Lavava roupa na mão, passava, engomava e quando ela ia entregar a roupa, ela dava a mão para um – eu tenho um irmão gêmeo – e nós dávamos a mão para o outro, e ia

⁵⁸ Com base em Winnicott (2011), Carlos Alberto Plastino (2009, p. 85) desenvolve: *O aprofundamento da democracia na atualidade passa pelo desenvolvimento de práticas respeitadas das diferenças e das singularidades e, ao mesmo tempo, expressão, de um forte sentimento de pertencimento e de inserção criativa de cada sujeito no coletivo e na natureza – inserção na qual a vida ganha sentido.*

aquela correntinha, ela segurando os cabides com as camisas. Eu me lembro bem disso. E enquanto ela estava lavando roupa, nós estávamos sentados do lado dela com os brinquedinhos, e ela estava sempre de olho na gente. Então aquela coisa que você me perguntou, dessa questão de confiar, de pedir... Ela é uma pessoa que não descuida, é uma pessoa que tem um olhar, está sempre ali, vendo, tomando conta. Então isso eu tive da minha mãe, essa atenção, esse olhar. [...] O afeto que ela tinha, o cuidado que ela tinha era esse. (Carolina)

Ter *um olhar* e estar *sempre ali* é não descuidar, segundo essa avó, ao se referir à sua mãe. Há um reconhecimento de Carolina de que o cuidado de sua mãe foi esse, o possível, endurecido pela vida e pelas situações de opressão – como mulher negra, pobre, que criou os filhos sozinha. Porém o fato dela sempre estar ali, presente a seu modo, provocou em Carolina o sentimento de ser cuidada. Além disso, faz dela uma pessoa confiável para ficar com o neto. Essa reflexão remete às condições estruturais – gênero, classe, raça – que afetam os modos de cuidar e a própria garantia do cuidado.

6.2

Ser apoio

Eu fico com os meus mais velhos, quando meu pai e minha mãe não podem estar. Fico com meu avô Carlos e seus silêncios. Ou com minha avó Margarida, e toda sua imensidão.⁵⁹

Seres humanos recém chegados ao mundo exigem estratégias específicas de cuidado. Crianças precisam de um ambiente protetor, garantido por adultos. Porém, para os pais trabalharem, surge *aquele problema de com quem deixar a criança*, como afirma o avô Gilberto. *Nos países em que o Estado é pouco presente, como também é o caso do Brasil, cabe às famílias administrar o cuidado e as necessidades de seus membros* (Ramos, 2011, p. 263). Para suprir essa necessidade, frequentemente as avós e os avôs são acionadas/os:

Quando ela voltou para a faculdade – porque ela ainda não tinha terminado –, o Luan veio para cá, ele praticamente cresceu aqui. [...] Ele ficava aqui comigo quando ela ia trabalhar, ia para o plantão dela... Luan tinha uns cinco meses, seis meses quando começou a ficar aqui direto, porque ela começou a estudar e trabalhar. Ele ficava aqui comigo. Como, às vezes, ainda fica. (Elisa)

O meu pai morreu quando eu estava no primeiro mês de gravidez do [meu primeiro filho]. [...] E a mamãe foi A avó, mamãe foi uma avó assim... Eu pude estudar mais e

⁵⁹ Padmini, *Meus mais velhos*, p. 4-5.

tudo, eu pude terminar, fazer a psicologia e fazer tudo o que eu fiz. Eu agradeço muito à mamãe porque ela acompanhou... Minha filha tem paixão por essa avó. (Lygia)

Diferente de outras pesquisas com avós e avôs (Oliveira, 2011; Alves, 2013; Rosa, 2018; Ribeiro, 2018), principalmente com avós – mulheres, de classes populares –, entre as e os participantes desta pesquisa não há quem tenha assumido integralmente a criação das netas e dos netos. Desse modo, a necessidade de cuidado, no universo pesquisado, aparece, em muitas de suas falas, como apoio às necessidades da mãe e do pai.⁶⁰ Em suas narrativas, o trabalho e/ou estudo da mãe, em especial, é apontado como uma situação que exige um suporte para a garantia do cuidado das crianças e da própria mãe.

A questão da mãe, o trabalho da mãe... A mãe está sempre nessas duplas, triplas, quádruplas jornadas. São muitas coisas. Então se eu puder estar junto, se eu puder auxiliar, eu me coloco disponível. (Carolina)

Minha avó vivia aqui, e a minha mãe também teve essa parte de acolher porque ela trabalhava fora, precisava desse apoio dos avós, das irmãs para a criação; então ela sempre vinha para cá. [...] Eu ajudo as minhas filhas também, porque elas trabalham fora. Quando eu não vou, elas dizem: “Mãe, vem me ajudar!” (Marina)

Carolina reconhece que as mulheres assumem múltiplas jornadas de trabalho, dentro e fora de casa, sobretudo quando têm filhos. Por isso, também se disponibiliza para estar junto e ajudar sua nora. Marina identifica essa necessidade de apoio – *dos avós, das irmãs* – quando observa que sua mãe, ela e as filhas precisaram/precisam desse suporte. Há um reconhecimento dessas avós de que o cuidado das crianças precisa ser compartilhado por outras pessoas; no entanto, nesses e em outros relatos, essa partilha acontece principalmente entre mulheres.

Essas narrativas apontam para a responsabilização das mulheres em relação ao cuidado, especialmente ao cuidado das crianças – e do âmbito doméstico de modo geral –, o que provoca uma sobrecarga de trabalho. Desse modo, coadunam-se com estudos que evidenciam que, embora o cuidado seja uma necessidade de todas/os e fundamental para a preservação da vida, ele tem sido atribuído historicamente às mulheres. Flávia Biroli (2018b, p. 67) afirma que essa *alocação de tarefas* é ancorada na *naturalização de habilidades e pertencimentos, definidos de acordo com uma visão binária, não apenas*

⁶⁰ Dados da pesquisa *Idosos no Brasil*, realizada pelo Sesc/SP e a Fundação Perseu Abramo em 2006 e repetida em 2020 (antes da pandemia), indicam que 65% das avós e 56% dos avôs, de 60 a 69 anos, ajudam a cuidar das/os netas/os. Entre elas/eles, 15% cuidam das/os netas/os apenas de vez em quando; 13% criam as/os netas/os (moram com elas/eles); 7% cuidam das/os netas/os parte do dia (em 2006 eram 13%); e 3% cuidam o dia inteiro (sem morar junto).

simplificada, mas também ilusória, da conexão entre sexo biológico e comportamentos. A associação entre mulher e domesticidade constrói-se nessa chave.

Você quer que o marido participe, ajude, e o homem tem uma característica diferente da mulher. Mesmo quando eu trabalhava, eu ligava para casa e perguntava: "o que você comeu?" E o homem vai trabalhar e pronto, volta de noite e o que rolou durante o dia para ele... Não é nessa intensidade que a gente vive. E acaba a gente brigando: "Por que você não fez?" (Marina)

A responsabilização desigual pelo cotidiano da vida, como narra Marina, provoca conflitos, privilégios, cansaço. Biroli (2015, 2018), Nadya Guimarães e Helena Hirata (2020), entre outras defendem a compreensão de que o cuidado no âmbito doméstico – das crianças, da casa – é trabalho, mesmo não remunerado.

Esse trabalho não está institucionalmente contabilizado no rol de atividades economicamente relevantes; e por sua característica não-monetária, não se lhe reconhece um elo direto com o mercado. As pessoas que as perfazem tampouco são contabilizadas como fazendo parte da população economicamente ativa. (Guimarães, 2020, p. 115).

No entanto, sem esse tipo de cuidado, não há nenhum outro trabalho possível, não há economia possível, não há vida possível. Para essas autoras, o modo como o cuidado é organizado numa sociedade diz muito sobre ela, e, nas sociedades ocidentais contemporâneas, ele é marcado pela divisão sexual do trabalho.

Falar de divisão sexual do trabalho é tocar no quem vem sendo definido, historicamente, como trabalho de mulher, competência de mulher, lugar de mulher. [...] Muitas das percepções sobre quem somos no mundo, o que representamos para as pessoas próximas e o nosso papel na sociedade estão relacionadas à divisão sexual do trabalho. Nela se definem, também, dificuldades cotidianas que vão conformando trajetórias, possibilidades diferenciadas na vida de mulheres e homens. Trata-se de questão sensível, ainda, porque confere a todas as mulheres uma posição semelhante (a elas são atribuídas tarefas de que os homens são liberados) e porque as distingue dos outros atores (elas são diferentemente marcadas e oneradas pela divisão de tarefas e responsabilidades segundo recursos que detêm para “driblar” o tempo e a energia que tais tarefas requerem). (Biroli, 2018b, p. 21).

Biroli (2018b), ao analisar as dimensões ideológicas e socioeconômicas da atribuição do cuidado às mulheres, enfatiza a necessidade de problematizar a dualidade entre público e privado, observando que as relações de poder no âmbito privado não são consideradas na compreensão de como *os indivíduos se tornam quem são*. Essas relações, segundo a autora, são marcadas pelo patriarcado, compreendido como *um complexo heterogêneo, mas estruturado, de padrões que implicam desvantagens para as mulheres e*

permitem aos homens dispor do corpo, do tempo, da energia de trabalho e da energia criativa destas. É ativado de forma concreta, nas instituições e nas relações cotidianas (p. 11).

Essa responsabilização do cuidado afeta a trajetória de vida das mulheres. Adélia, avó participante da pesquisa, contou que parou de estudar para se dedicar à criação dos filhos. Quando a filha e o filho se tornaram adultos, retomou os estudos e se tornou professora. Mais tarde, quando nasceu sua primeira neta e a filha precisava de suporte, decidiu se aposentar. Segundo ela, foi sua escolha se dedicar aos filhos e aos netos. João também narra que a esposa decidiu deixar de trabalhar fora para se dedicar aos filhos e à filha.

[Minha esposa] trabalhava, e a gente deixava [nosso primeiro filho] na casa da minha mãe; ele ficava lá o dia e quando chegava em casa, pegava. Mas quando [minha filha] nasceu, esse negócio ficou complicado já que não tinha creche direito, um lugar perto. Foi então que a [minha esposa] tomou uma decisão, e essas coisas são muito sérias porque impactou a vida dela toda: "Eu vou parar de trabalhar, porque eu não vou conseguir ficar com as crianças..." (João)

Embora as situações se assemelhem – parar de trabalhar para se dedicar ao cuidado das crianças –, Adélia não mostra remorso ou sofrimento em sua fala. Já João reconhece que não foi uma decisão fácil por ter *impactado a vida de sua esposa toda*. Em ambas as narrativas, não é vislumbrada a possibilidade de o homem-pai fazer o mesmo, reforçando a noção heteropatriarcal de família composta por uma cuidadora e um provedor. Biroli (2018b) problematiza essas decisões, sobretudo a ocasionada por não ter com quem deixar a criança, considerando que não podem ser compreendidas nem como escolhas voluntárias individuais nem como frutos de coerção.

A recusa de um emprego, por parte de uma mulher, por não haver creche para deixar os filhos, ou as faltas seguidas ao trabalho quando os filhos pequenos adoecem – o que pode acarretar a perda do emprego ou limitar a ascensão profissional – só poderão ser tratadas como “escolhas” se for desconsiderado o contexto em que estas se realizam ou se fizer de conta que não existem crianças pequenas que precisam de cuidado. (Biroli, 2018b, p. 64).

Com foco nos avanços e obstáculos a partir da Constituição de 1988 para a garantia do cuidado das crianças brasileiras, Mariana Marcondes e Renata Moreno (2018) analisaram três políticas: creches; licenças maternidade e paternidade; e proteção social às trabalhadoras domésticas. Dentre as três, segundo as autoras, a política de creches foi a que apresentou avanços mais significativos. Sobre isso, vale uma ressalva. Embora a política de creches, como apontam as pesquisas, impacte na autonomia das mulheres, ela não pode ser colocada como a principal solução para a garantia de

cuidado das crianças. Ainda que se reconheça que ela também é fruto da luta das mulheres (Rosemberg, 1984, 2001, 2015; Campos, 1999), como instituição educativa, a creche é direito das crianças de até três anos e tem como finalidade seu desenvolvimento integral (em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social). Além disso, após os três anos, as crianças ainda precisam ser cuidadas. O uso do termo creche, em alguns estudos e no senso comum, ainda se aproxima de uma concepção assistencialista, compreendendo-a como lugar de guarda de crianças para as famílias trabalharem, concepção essa distanciada de sua função educativa. Nossa organização social, fortemente marcada por desigualdades estruturais, evidencia a necessidade de maior interlocução entre os campos da educação e da infância com os estudos de gênero e da sociologia do trabalho para que sejam repensados nossos modos de viver e construídos outros, que favoreçam o cuidado de crianças e de quem cuida.

Essas desigualdades também são observadas por Bila Sorj e Adriana Fontes (2018), que analisaram duas políticas públicas: Bolsa Família e a universalização da Educação Infantil - acesso de crianças de até seis anos a creches e pré-escolas. Suas análises indicam que, nas famílias com maiores rendimentos, o cuidado das crianças é garantido aliando a frequência às instituições de Educação Infantil privadas e a contratação de serviços de babás e/ou empregadas domésticas. Já nas de baixa renda, além das instituições públicas (quando se conseguem vagas), são acionadas familiares (avós, irmãs) ou vizinhas.

Eu tinha, ainda tenho, que hoje é nossa amiga, que nos ajudou muito a cuidar deles, a Janaína. [...] Desde quando eles eram pequetinhos. Só que a Janaína engravidou e foi morar com o rapaz, saiu lá de casa. Ela morava com a gente. E quando ela engravidou, ela teve o filho dela lá em casa, mas ela foi morar na casa dos patrões dele lá na Urca, e eu fiquei um tempo sem ter uma ajuda. [...] Muitas vezes eu precisava deixar meus filhos com os avós... Era muito prazeroso ficar lá, eles gostavam porque era praia, mas dia de semana era muito difícil, ficavam mais no fim de semana. Às vezes eu saía com o [meu marido], e eles ficavam lá, mas não era uma coisa de rotina não. Podia contar muito com eles, minha mãe gostava, na época que o meu pai tinha dinheiro, ela comprava muitas roupas para eles, ela comprou os berços. Nessa coisa material, nós tivemos o apoio muito grande dos meus pais e dos pais do [meu marido] também. O meu sogro ajudou muito: pegava no clube e trazia para casa enquanto eu e o [meu marido] estávamos trabalhando. (Clarice)

Clarice relata outro tipo de ajuda: a contratação de uma trabalhadora doméstica para auxiliar no cuidado dos seus filhos. As avós e os avôs das crianças também davam suporte, mas era mais para ficar no final de semana ou buscar no clube; há também

por parte delas/eles, apoio material.⁶¹ Sua narrativa apresenta diversas pessoas envolvidas nos cuidados das crianças: a mãe, o pai, a trabalhadora doméstica, as avós, os avôs. Essas possibilidades de arranjo por parte das famílias, entretanto, são marcadas por condições estruturais, como a de classe.

Sobre isso, Biroli (2018b, p. 57) afirma que *as experiências de cuidado são diversas e as hierarquias de gênero são produzidas conjuntamente pelo patriarcado, pelo capitalismo e pelo racismo, dimensões interligadas das estruturas de privilégio*. No entanto, observa que *as desigualdades de gênero permanecem mesmo entre os estratos mais ricos e com maior acesso à educação formal* (Ibidem, p. 13). Segundo a mesma autora, há de se considerar ainda as dificuldades sofridas por mulheres divorciadas ou solteiras com filhas/os, como Cecília e Carolina.

Quando tive minha filha, eu estava na faculdade, e a decisão era que com quatro meses ela iria para a creche, mas minha mãe disse: "De jeito nenhum, não vai para a creche de nenhum jeito! Vou tomar conta". Minha mãe tomou conta da minha filha, muito. Dos quatro meses até os dois anos, só ela tomava conta, e eu fazendo faculdade... Com dois anos, ela entrou em uma creche, era meio expediente; minha mãe que ia buscar lá na Tijuca porque era melhor para mim porque eu estudava na UERJ... Meu pai levou os meus filhos na escola até morrer... levou todos. Levou os filhos do meu irmão, levava e ia buscar, e os meus também. A gente sempre morou perto. (Cecília)

Eu me coloco sempre nesse lugar até porque eu tenho uma disponibilidade de tempo que me permite isso. Como eu não estou ligada a nenhuma empresa, não tenho horários rígidos, eu sou autônoma, eu posso fazer isso. Até se precisar, quando estou lá no terreiro, eu falo: "Traz para cá que eu tomo conta", até isso eu faço. Poder ajudar nestas questões. Ser família. Me colocar como família, estar junto, dividir, compartilhar as coisas. Acho isso muito importante, ser família sempre. [...] Então isso eu acho que a gente podendo estar junto, a gente poder contar com família nessas horas é muito importante. [...] Sempre que precisei, eu pude contar. Acho importante isso, poder contar. (Carolina)

Apesar dos desafios, essas duas mulheres tiveram com quem contar para desenvolverem suas atividades profissionais. No caso de Cecília, esse suporte era facilitado pela moradia próxima a de seus pais. Ambas, Carolina e Cecília, procuram retribuir esse apoio, colocando-se à disposição das mães das crianças. Nesse processo, observa-se uma solidariedade intergeracional entre mulheres, orientadas para apoiar as novas gerações a avançar profissionalmente, assim como observam Attias-Donfut e Segalen (2002) em suas pesquisas na França.

⁶¹ Andreia Cardoso e Leila Brito (2014), em revisão de literatura sobre ser avó na família contemporânea, destacam o frequente suporte material dado às/aos filhas/os e netas/os em diferentes classes sociais, sobretudo nas mais vulneráveis social e economicamente.

Uma comparação das respostas obtidas a partir de três gerações da mesma família mostra que cuidar dos netos é mais comum do que antes. A presença dos avós mostra-se mais forte hoje do que para gerações anteriores, e é aparente em todas as classes sociais, embora sejam mulheres que não estão inseridas no mercado de trabalho que dão mais apoio. O desenvolvimento de creches e pré-escolas não resultou em avós retirando seu apoio. Na verdade, o apoio dos avós complementa formas institucionalizadas de cuidado infantil. Várias explicações foram apresentadas para explicar este maior investimento dos avós, entre os mais importantes deles está o fato de que a maioria das mães jovens são profissionalmente ativas e, portanto, têm uma maior necessidade de serem ajudadas. Além disso, mulheres jovens, que são ascendentes socialmente, tendem a se beneficiar mais com a ajuda de uma avó. (Attias-Donfut; Segalen, 2002, p. 284-285. Tradução minha).

A narrativa de Cecília evoca ainda o reconhecimento do envolvimento de alguns avôs nos cuidados rotineiros com as crianças. Os avôs que participaram da pesquisa também falam sobre isso:

Eu tinha reservado duas noites sem atender ninguém para cuidar dos netos, noites de segunda e as noites de quarta; eu não estava atendendo nenhum paciente, dedicado à família. Eu fazia o meu papel de avô. (Carlos)

O [meu neto mais novo] gozou de uma coisa e eu também, de um privilégio, porque quando ele nasceu, eu estava me aposentando, saindo e, algumas vezes na semana, eu ia para ficar com ele, para ajudar [minha filha] de alguma forma, levá-lo para a creche. Eu ia com ele no colo, não ia no carrinho não... eu ia conversando com ele, mostrando as coisas, e ele interagindo, vendo... Tinha um dia na semana, às vezes até dois. Porque havia uma necessidade, e eu estava ali, sempre disposto a participar. (João)

Carlos e João assumem (ou assumiam, antes da pandemia) o cuidado com seus/suas netos/as com regularidade. Levar ou buscar na creche, ficar com as crianças em horários nos quais as mães/os pais estão trabalhando, dar comida, brincar junto são algumas das práticas de cuidado narradas por eles, que cumprem, segundo Carlos, o *papel de avô*. Em suas narrativas, percebe-se que essas práticas eram também assumidas, de modo mais intenso e menos esporádico, com suas filhas e seus filhos. João, contudo, reconhece que há um processo de mudança em curso, impulsionado pelos movimentos feministas e observado nas atitudes de diferentes gerações.

Por alguma razão, eu sempre tive muita afinidade com criança pequena. [...] Nós temos uma geração de amigos, e eu sempre me dei muito bem com as crianças, com os filhos deles que hoje são pais, adultos e com os meus filhos. Eu sempre tive uma facilidade de conviver com criança pequena, que é uma coisa natural [para mim]. E nós não fomos, a minha geração, eu não acho que foi muito... Vocês são, nesse sentido, mais abençoados. O homem lida com bebê, participa, divide atribuições. Eu, por alguma razão, já fazia isso quando os meus filhos eram pequenos. (João)

Outro aspecto pontuado por João e também sinalizado por outras/os participantes da pesquisa é a disponibilidade de tempo para se dedicar às netas e aos

netos proporcionada pela aposentadoria.⁶² Entre as avós e os avôs ouvidas/os, a metade trabalha fora, mas, todas/os, pelos seus relatos, aparentam um movimento de diminuição no ritmo laboral profissional para dedicar mais tempo a outros prazeres, como estar com a família, em especial com as netas e os netos.

Diante do exposto, *ser apoio* em relação ao cuidado das crianças, como desejam as avós e os avôs desta pesquisa, envolve tempo disponível, recursos financeiros, proximidade de moradia, além de outras condições não destacadas pelas/os participantes, como condições de saúde e mobilidade urbana. Cuidado, portanto, implica um contexto social e econômico que garanta condições dignas para que as pessoas vivam os afetos e cuidem umas das outras. Desse modo, cuidado é uma *preocupação política*, pois não diz respeito apenas à esfera privada, mas também a *obrigações do Estado, obrigações essas que ganham novas configurações no mundo contemporâneo* (Hirata; Debert, 2016, p. 7).

Assim, embora sejam observadas mudanças sociais, as condições estruturais são desafios a serem superados na direção de um cuidado que se disponibiliza para estar com o outro, para partilhar momentos, para estar em relação. A promoção de uma ética do cuidado nos interpela à construção de uma organização social que a favoreça e que cuide também de quem cuida. No que diz respeito ao cuidado das crianças, envolve o reconhecimento da responsabilidade de toda a sociedade com as novas gerações, pois, como diziam os cartazes dos movimentos de mulheres e feministas no período pré-constituente no Brasil, *filho não é só da mãe* (Campos, 1999, p. 122).

Sobre isso, cabe ainda destacar a narrativa de Adélia, que se dispõe a ficar com suas netas e seu neto também para a diversão de suas mães e seus pais.

A minha sogra era assim, ela falava mesmo: "Eu tomo conta, eu olho para uma doença, mas não fico para sair, para mais nada. Só se precisar". [...] Eu penso que o pensamento dela era uma grande besteira, porque talvez por ela não ter ninguém para ficar com os dela, ela tinha esse pensamento, mas eu não. Eu fico. Quer sair? "Mãe, pode me...?" Agora é *voucher* que fala. Só falo assim: "Traz para cá". Eu sou o *voucher* de saída. (Adélia)

⁶² Aposentar-se, contudo, vem tornando-se um desafio cada vez maior no contexto brasileiro. A partir das últimas reformas da previdência (1998, 2003, 2016, 2019), ocorreram mudanças nas condições para a aposentadoria, como o aumento do tempo de contribuição associado ao fator faixa etária.

6.3

Agrados e delicadezas

Minha avó cozinhava lembretes.⁶³

A convivência entre avós/avôs e netas/os, seja mais esporádica ou constante em decorrência da necessidade, envolve práticas culturais de cuidado. Que práticas narram as avós e os avôs participantes da pesquisa? Quais marcas essas práticas, partilhadas nas minúcias das relações cotidianas, deixam nas nossas memórias afetivas?

Elisa conta que acompanhou de perto os *primeiros passos* das netas e do neto. Foi ela, inclusive, quem ensinou às suas filhas *como dava banho, mamadeira, essas coisas todas*. Ela narra como fazia quando ficava sozinha com seu neto Luan, que passa boa parte dos dias com ela desde os cinco meses de idade para sua filha poder estudar e trabalhar.

Ele tinha carrinho de bebê, mas eu não deixava ele dormir no carrinho não. [...] Eu tenho aqueles hábitos da roça desde que meus filhos eram pequenos: eu forrava edredom no chão, cobertor, lençol, e eles dormiam no chão de dia, para não ficar na cama, enquanto eu fazia os meus serviços, e à noite ele deitava na cama comigo. (Elisa)

A lembrança de Elisa sobre os *hábitos da roça* – colocar bebês no chão – indica que as práticas de cuidado são marcadas pela cultura e transmitidas para as novas gerações. Sobre isso, Bakhtin (2011) compreende que, ao nascer, penetramos na cultura e contribuímos, ao longo da vida, para o desenvolvimento e restabelecimento de seus significados. Para Luiz Antonio Simas (2017, n.p.), cultura é criação, recriação e reelaboração de certos grupos sobre suas formas de vida: *as maneiras de falar, vestir, comer, rezar, punir, matar, nascer, enterrar os mortos, chorar, festejar, envelhecer, dançar, silenciar, gritar e brincar*.

As práticas de cuidado são manifestações culturais criadas e recriadas no miúdo do cotidiano por crianças e adultos. Ivi Helena Minuzzi (2007), em sua pesquisa, analisa, a partir da memória de idosos e de textos literários, marcas culturais presentes no vínculo entre avós/avôs e netas/os.

A relação entre avós e netos cria o espaço de descobertas e de ensinamentos que acontecem de forma natural e espontânea no desenrolar da convivência. O estar junto,

⁶³ Julia Medeiros, *A avó amarela*, p. 40.

ver os avós realizarem atividades diversificadas, dialogar com eles, ouvir-lhes histórias, ser cuidado, todos esses modos de agir transmitem aos netos os modos de ser de uma sociedade. Estar em contato com os modos de ser dos avós é ter contato com a cultura de forma efetiva e espontânea. (Minuzzi, 2007, p. 51).

Esses modos de ser, agir e cuidar são diversos e não estáticos. Cultura, aqui, é compreendida em sua pluralidade, como culturas, sem hierarquias entre elas (Santos, 1987). São transmitidas, apropriadas, resignificadas e recriadas nas interações em diferentes grupos dos quais participamos. Carolina, por exemplo, reconhece que seu modo de cuidar é marcado pelas práticas religiosas do Candomblé e resignificado para outros espaços e papéis sociais, inclusive para o seu jeito de ser avó. Sua religião, que tem como um dos pilares o cuidado, contribui para a sua maneira de olhar e cuidar do outro não apenas fisicamente, mas integralmente, com atenção às diferentes necessidades, sobretudo espirituais.

Djamila Ribeiro (2021), ao escrever livro em formato de cartas para sua falecida avó, rememora seu modo de cuidar, que incluía *benzer a alma*.

Querida vó Antônia,
Minhas lembranças de você têm gosto de manga verde e doce de abóbora. Têm cheiro de feijão e jantar às seis da tarde. Você me adoçava a boca e benzia a alma. “É cobreiro, tem que benzer.” Ou: “Essa menina está aguada, dê o que ela quer comer”. Eu amava passar minhas férias na sua casa, sentir o amor em sua melhor forma. (Ribeiro, 2021, p. 9).

Em seus escritos, a escritora e filósofa reconhece que a vida foi dura com as mulheres de sua família, o que se manifestava na aspereza das práticas das gerações mais velhas com as mais novas – *Afinal, como não ser dura se a vida é assim?* (Ribeiro, 2021, p. 18). No entanto, é o amor e o cuidado da avó com Djamila que quebra o ciclo, fazendo com que a autora não haja da mesma forma com sua filha e humanizando toda uma linhagem. A autora destaca, em seu livro, a *força dos olhares cúmplices* (p. 43) e o quanto o reconhecimento desse gesto a fez redimensionar sua relação com as mulheres da sua família e o seu entorno. Sua narrativa retrata que não há na relação entre avós/avôs e netas/os apenas transmissão da tradição, mas também possibilidade de acolhimento e criação do novo; criação que se torna possível pelo vínculo e atesta a capacidade humana de reaprender a cuidar.

As lembranças das práticas de cuidado da avó Antônia incluem, então, ser benzida e... cheiros e gostos de comida. Para Djamila, a memória de sua avó tem gosto de manga verde, doce de abóbora; tem cheiro de feijão às seis da tarde... A comida

também foi destacada por adultos e crianças da pesquisa como uma experiência de cuidado que deixa marcas na memória.

Família nordestina que tem a coisa do beijo, do abraço, do cheiro, do comer. "Você tem que comer!" A gente chegava na casa, tanto de uma quanto da outra, e tinham aquelas coisinhas que a gente gostava. [...] A minha avó paterna não tomava conta da gente porque ela era muito velha, mas nós íamos almoçar na casa dela todo domingo, e tinha esse cuidado: cada netinho gostava de uma coisa, e ela fazia. Eu não gosto de coentro, e ela fazia o feijão sem coentro para mim. Eu vivi muito isso de ser cuidada. Tinha essa questão do cuidado muito clara para mim, dos meus avós comigo, para mim isso sempre foi o normal. Para mim, avó é alguém que cuida do neto. (Cecília)

A avó não faz qualquer feijão... Faz feijão sem coentro porque a neta gosta. O detalhe do feijão revela escuta, reconhecimento do gosto do outro e esforço para agradar, para atender o desejo, para proporcionar prazer e bem-estar. Para Cecília, isso é ser cuidada, e é assim, de acordo com sua experiência, que avós cuidam das/os netas/os.

[...] de modo algum nossa verdadeira tarefa neste mundo, no qual fomos colocados, pode ser nos afastar das coisas e dos seres que encontramos e aos quais nosso coração se afeiçoa; ao consagrar nossa relação com eles, nossa tarefa é justamente conseguir tocar aquilo que neles se revela como beleza, como bem-estar, como prazer. (Buber, 2011, p. 19-20).



Fig. 12 – Mesa posta na casa da avó. Natália Gregorini. Fonte: Gregorini, 2019.

O feijão sem coentro fica marcado na memória porque é construído nessa relação e não em outra. É único e irrepetível (Bakhtin, 2017). É um gesto singular que constitui o delicado fio dessa relação. Envolve afeição, afetar e ser afetado. É algo produzido no entre, nos constitui e deixa marcas.

Essa reflexão remete a Benjamin (1987b) quando narra a história Omelete de Amoras. Ele conta sobre um rei, que chama seu cozinheiro e pede para ele fazer uma omelete de amoras idêntica à que ele comeu quando criança, com seu pai. Na ocasião, ele fugia com seu pai de um vizinho com quem estava em guerra. Durante a fuga, os dois acabaram indo parar na floresta e, quando estavam quase a morrer de fome e cansaço, se deparam com uma choupana, onde morava uma senhora. Essa senhora cozinhou para eles a tal omelete de amoras...

[...] Mal tinha levado à boca o primeiro bocado, senti-me maravilhosamente consolado, e uma nova esperança entrou em meu coração. [...] Quando mais tarde mandei procurá-la por todo o reino, não se achou nem a velha nem qualquer outra pessoa que soubesse preparar a omelete de amoras. Se cumprires agora este meu último desejo, farei de ti meu genro e herdeiro de meu reino. Mas, se não me contares, então deverás morrer. - Então o cozinheiro disse: - Majestade, podeis chamar logo o carrasco. Pois, na verdade, conheço o segredo da omelete de amoras e todos os ingredientes [...]. Contudo, ó rei, terei de morrer. Pois como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguidor, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro. - Assim falou o cozinheiro. O rei, porém, calou um momento e não muito tempo depois deve tê-lo destituído de seu serviço, rico e carregado de presentes. (Benjamin, 1987b, p. 219-220).

Embora nos marque, não é possível reproduzir os gostos experimentados na infância, seja a torta de amoras do rei ou o feijão da casa da avó. Gostos, cheiros, gestos de cuidado compõem experiências que deixam rastros, que nos constitui, que permanecem em nós, mas são singulares e por isso não são passíveis de reprodução. Ainda assim, quando algo semelhante atravessa os nossos sentidos, a lembrança vem à tona. O exemplo mais famoso na literatura dessa experiência de reminiscência, como afirma Benjamin (1987a), é a narrativa de Marcel Proust, na sua obra *Em busca do tempo perdido*:

Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas de bolo, tocou meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de causa [...], tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou, antes, essa essência não estava em mim, era eu mesmo. [...] De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la? (Proust, 2006, p. 71).

A sensação gustativa narrada por Proust transcende o tempo presente. No sabor de uma madalena (biscoito, de origem francesa, em formato de concha) banhada num chá, o narrador se transporta para os domingos do seu tempo de menino antes da missa, quando sua tia lhe oferecia o mesmo biscoito.

São as experiências da infância – vividas com intensidade, com presença – as que recorrentemente ficam esquecidas e nos tomam de assalto em situações de reminiscências. E as que não ficam esquecidas são resultado de repetição de práticas de um grupo. Assim, a memória – voluntária ou involuntária –, como resultado das experiências humanas, depende da relação do sujeito com o seu contexto.

Tem o macarrão do vovô que é conhecido! Eu chego na creche, e a professora diz: "Sabe o que o [seu neto] falou hoje? Falou do macarrão do vovô, que estava muito gostoso". O macarrão tem sobrenome: "Macarrão do Vovô". (Carlos)

O *Macarrão do Vovô* é também reconhecido por um grupo que, neste caso, extrapola o familiar e inclui a creche. Halbwachs (1990) compreende que, desde o nascimento, somos apresentados aos modos de ser; no entanto, apenas começamos a fazer registros mnêmicos quando nos inserimos numa vida de relação. Relacionar-se com o outro nos insere numa corrente de pensamento de grupo, sendo o primeiro grupo a família e posteriormente vamos nos inserindo em outros grupos e outras correntes de pensamento. A lembrança, nesse sentido, precisa de uma *comunidade afetiva* (p. 33), pois é construída com base nas lembranças dos grupos nos quais estamos inseridos.

As crianças que participaram da pesquisa também destacam a comida em suas narrativas:

Liana: Me conta o que vocês cozinham juntos. / Pablo: Bolo, qualquer bolo. Brigadeiro... brigadeiro não é bolo, mas... doces.

Bento: A vovó cozinha para a gente. / Liana: O que ela cozinha? / Jonas: Farofa, ovinho, arroz e feijão.

Luan: Minha avó? Ela tem calma, ela tem muita calma na comida. O ingrediente secreto dela é amor.

As memórias do cotidiano com as avós, nesses casos, reconstroem gestos de cuidado repletos de afetos. Os doces, o ovinho e a calma na comida, como bem identifica Luan, tem um ingrediente em comum: *o amor*. Esse *ingrediente secreto*, entretanto, não é colocado apenas na comida, como lembra a avó Marina:

As meninas falavam: "Mãe, como as crianças vão dizer que vão comer uma coisa gostosa na casa da vovó?" Eu tenho uma pessoa que trabalha comigo há 32 anos; eu falava assim: "Minha sogra, eu não faço isso. A senhora tem que ensinar para a Jô, para ela fazer. Eu não sei". Às vezes eu ficava até irritada porque ela falava: "Ah, a [outra avó] faz pão, faz salgadinho". [...] E eu dizia: "Que legal". Eu não brigava, mas também não dava bola. Eu não conquistei meus netos com quitutes; eu conquistei com outras coisas, com quitutes não foi. (Marina)

Marina, com sua narrativa, contribui para não incorrermos no equívoco do estereótipo de avó. Como afirma Vitale (2002):

[...] a figura clássica da vovozinha sentada na cadeira de balanço, cabelos brancos, fazendo tricô ou crochê, presente nos livros infantis, pouco corresponde ao perfil das avós atuais, possivelmente em todos os segmentos sociais, considerando-se as mudanças por que passou a família, em especial a partir da segunda metade do último século. (Vitale, 2002, p. 101-102).

As avós da pesquisa em nada se aproximam dessa figura tipificada. As avós e os avôs são pessoas ativas e diversas. Podem ter cabelos brancos e até fazer crochê, mas não ficam sentadas esperando a vida passar. E embora a comida tenha sido destacada, as práticas de cuidado, como lembra Marina, não se resumem à alimentação. A reflexão aqui proposta diz respeito aos gestos de cuidado que envolvem agrados, escuta, afeto; refere-se à dimensão da alteridade. Cuidado tem materialidade, manejo, estética...

Essas práticas de cuidado não se dão em uma única direção – das/os avós/avôs para as netas/os – como aponta Lygia quando lembra da relação com Pablo:

Se a gente sai, o mesmo cuidado que eu tenho com ele na rua, ele tem comigo. Por exemplo, eu adoro vinho uruguaio, ele diz para mim assim: "Vó, se você diz que eu não posso beber, por que você está tomando vinho? Você também tem um rim, se faz mal para o meu rim que tem esse problema, também faz mal para o seu. Qual o exemplo que você está me dando?" (risos). Ele tem um cuidado. Outra coisa que ele fala para mim: "Vó, por que você deixou o seu cabelo ficar branco? Eu não gosto do seu cabelo ficando branco porque eu tenho a sensação que você vai morrer logo e eu preciso que você viva muito". Ele tem todo um cuidado, um detalhe comigo. Se eu estiver dormindo muito, ele vai lá: "Vó, você está viva?" (Lygia)

Pablo, que tem uma doença renal, percebe o cuidado da avó e, à sua maneira, o retribui. A preocupação com a morte também é identificada por Lygia como um gesto de cuidado, como um reconhecimento de sua importância para ele. O olhar de Pablo para os detalhes – os fios de cabelos branco – mostra que Lygia é vista por seu neto, que a deseja por perto para partilhar a vida.

As narrativas das e dos participantes da pesquisa indicam que as práticas de cuidado são diversas, pois cada um/a reconhece o cuidado em gestos diferentes. São nas minúcias que compõem esses gestos, identificadas pelas/os avós/avôs e netos, que a relação se sustenta.

Falar de cuidado é falar do humano, é abordar abertura e encontro na comunicação existencial. Cuidado é abrir-se ao outro, entrar em relação e nela constituir-se humano e tomar consciência de si. Nesse processo constituinte, as interações são fundamentais. (Siqueira; Alves, 2020, p. 1217).

Cuidado, pensado a partir dessas falas, se constitui como um movimento de resistência *em uma sociedade em que prevalece o egoísmo, a individualidade e relações que deixam a margem o encontro entre o Eu/Tu e se caracterizam apenas como Eu/isso* (Siqueira; Alves, 2020, p. 1226). Em contextos onde a objetificação do outro e a indiferença prevalecem, práticas de cuidado permeadas por agrados e delicadezas *humanizam os sujeitos quando se reconhecem como seres coletivos que vivem e convivem em comunidade, sem querer impor ao outro a sua própria realização* (Ibidem, p. 1226).

Esta pesquisa testemunhou as delicadezas (Gusmão; Jobim e Souza, 2008) de gestos de cuidado entre avós/avôs e netas/os crianças com fortes vínculos. Essas delicadezas são expressas em suas narrativas, como as que encerram esta parte do texto:

Alexandra: Sabe, eu fiquei pensando, já que a gente estava falando de super herói, se a sua avó fosse super herói, qual você acha que ela seria, Luan?

Luan: Isso é uma boa pergunta.

Diego: Não sei.. O meu é inventado, Super... **Super Cookie**, porque os meus avós fazem cookie para os netos. [...]

Alexandra: Eu acho que o Luan pensou no super herói para a avó dele. Fala, Luan.

Luan: Calma, tia, deixa eu colocar aqui. *Escreve no chat*.

Liana: **Super Nescau!**

Alexandra: Super Nescau, gostei à beça... Quais são os superpoderes?

Luan: Fazer Nescau.

Diego: Eu me chamaria de **Super Neto**. Eu acabo com os vilões que maltratam os pais e faço aprenderem a lição. Eu falo: “Aprendam a lição”, e eles dizem: “Ok, ok, desculpa”. Batalha encerrada.

A categoria infância e cuidado coloca em evidência o tema da fragilidade humana e da nossa interdependência. Precisamos uns dos outros para sobreviver e viver uma vida com sentido. Necessitamos de outros que cuidem de nós e que nos reconheçam enquanto pessoas, que nos nutram de amor e que garantam condições

para ser. Esses gestos de cuidado exigem disponibilidade de tempo, presença. Implica ainda uma assunção de autoridade, enquanto pessoas responsáveis pelo outro, pelo mundo.

Essas considerações direcionam o olhar para os nossos modos de viver, a nossa organização social e as condições concretas de vida das pessoas. Quem tem tempo para cuidar? Que crianças podem contar com adultos que cuidem delas em condições adequadas? Quais responsabilidades em relação ao cuidado são privadas e quais são coletivas? (Biroli, 2018a). E ainda, considerando o contexto de pandemia: como agir quando a falta de cuidado pode afetar e devastar o coletivo? Que desafios desse contexto podem impulsionar um olhar crítico para o cuidado, levando à recriação dos nossos modos de viver?

7

Histórias que ficam

[...] vivemos do que perdura⁶⁴

As histórias que ficam, que permanecem em nós, foram o objeto desta pesquisa. Dezesseis pessoas – dez adultos e seis crianças – contribuíram para este estudo contando sobre ser avó, avô, neto, neta. Suas histórias, ao final deste trabalho, se tornam, de alguma forma, também um pouco, minhas. Mergulhar nas mais de duzentas páginas de transcrição das nossas conversas, pescando as pérolas de suas narrativas para pensar a infância, fez com que me sentisse, ao mesmo tempo, muito próxima de cada um/a e muito distante. Durante a escrita, em muitos momentos, pensava no que a pessoa citada acharia sobre o que eu estava escrevendo e, em outros, simplesmente, esquecia seus nomes verdadeiros. Em tantos outros, minhas memórias de infância vinham à tona, e ficava difícil escrever com sentimentos tão íntimos aflorados. Aproximação, distanciamento. Exposição, recolhimento. Tal como os movimentos da vida, fez-se a escrita desta tese.

O que fica dessa experiência de pesquisa? Não foram poucos os aprendizados. Com o objetivo de analisar os sentidos construídos sobre infância a partir das narrativas de avós, avôs, netas e netos com fortes vínculos, este trabalho buscou contemplar, dentro das possibilidades da realização do trabalho de campo durante a pandemia, perspectivas de adultos e crianças. No entrecruzamento das diferentes vozes, emergiram quatro categorias: *infância e tempo*; *infância e vínculo*; *infância e autoridade*; e *infância e cuidado*.

As narrativas das e dos participantes da pesquisa possibilitaram pensar o tempo para além da sua dimensão cronológica. Em práticas cotidianas compartilhadas, *os tempos de avós/avôs e netas/os* se encontram, possibilitando experiências e aprendizados diversos. Nas histórias familiares registradas em diários, nos álbuns de fotografia e nas conversas corriqueiras, passado, presente e futuro se fundem, emergindo novas possibilidades de compreensão e invenção de si e do mundo. Na contramão da ideia de que tempo é dinheiro, parece que para as avós e os avôs participantes da pesquisa

⁶⁴ Cecília Meireles, *5º motivo da rosa*, p. 73.

se ganha tempo ao brincar com as netas e os netos. Ganha-se em tempo de vida vivida em presença, com mais qualidade e menos pressa. Ganha-se ainda ao revisitar interesses infantis esquecidos e frequentemente considerados desimportantes na vida adulta. As crianças ganham tendo uma pessoa inteira em sua companhia, seja para *contar estrelas*, cantar junto ou ouvir o coral na praça. Essas experiências acontecem, segundo contam as/os interlocutoras/es deste trabalho, principalmente na casa das avós e dos avôs – a *casa da infância*. Nesses espaços, os vestígios do tempo são identificados em objetos antigos e contemporâneos, que se misturam nas brincadeiras.

Essa fusão de tempos também é observada quando se pensa o vínculo entre avós/avôs e netas/os. As referências das avós e dos avôs são acionadas na relação com as/os netas/os. Ficam evidentes nas narrativas as diferentes formas de vincular-se ao outro: envolvem expectativas, medos, conflitos, inclusive dependem da relação com a geração intermediária para que ele seja construído. Porém, o destaque das e dos participantes está na *certeza do amor*, construída nos minúsculos gestos cotidianos e que produz uma segurança afetiva que ampara crianças e adultos. Desses encontros amorosos entre os mais novos e os mais velhos, parece se instaurar um estado de infância, uma força infantil, que produz novas possibilidades de vida – *fora da caixa*. Essa relação amorosa foi enfatizada como algo que faz falta quando não há a possibilidade de estar junto, como durante o isolamento social em decorrência da pandemia. O jeito foi ser, por um período, *avó e avô de tela* para manter os laços e driblar as distâncias e os temores.

Ser avó ou avô coloca em discussão o tema da autoridade. Na relação com as filhas e os filhos – pais e mães das netas e dos netos –, surgem conflitos e são necessárias negociações em relação à educação das crianças em decorrência das diferenças geracionais. A tensão está entre dar ou não conselhos, em ter a *voz da experiência* escutada ou refutada. Sobre o modo de assumir sua autoridade, as e os participantes opõem-se à ideia de que as avós e os avôs deseducam. O afeto, a amorosidade, o diálogo e a brincadeira são aspectos valorizados na relação com as netas e os netos, mesmo quando é necessário que sejam colocados limites nas ações das crianças. A *deseducação* que parece acontecer está na oportunidade das avós e dos avôs, ao revisitar suas infâncias na relação com as crianças, experimentar um novo modo de ser adulto. Para as e os participantes, ser avó e avô envolve ainda a tarefa de transmitir algo do passado relevante para a vida das/os netas/os. Ter *papo de avó e avô*

com as crianças é destacado como um papel a ser cumprido na educação das novas gerações, o que implica uma assunção de autoridade.

Cuidado parece ser o fio que costura tempo, vínculo e autoridade nas relações entre avós/avôs e netas/os. Para além da dimensão instrumental, as narrativas das e dos participantes da pesquisa apontam uma dimensão ética e humana do cuidado. *Estar junto* às crianças é destacado pelas avós e avôs como um ato de cuidado, envolvendo escuta, partilha e reconhecimento de suas necessidades. Os modos de cuidar e a própria garantia do cuidado, entretanto, são afetados pelas condições de vida das pessoas. Diante disso, avós e avôs ressaltam a necessidade de *ser apoio*, auxiliando sobretudo as mulheres-mães, sobrecarregadas por uma estrutura social que as responsabiliza pelo cuidado das crianças enquanto alivia os homens dessa função. Seja mais esporádica ou constante em decorrência da necessidade, a convivência entre avós/avôs e netas/os envolve práticas de cuidado marcadas pela cultura familiar e pela cultura mais ampla. Entre as gerações, não há apenas transmissão dessas práticas, mas também possibilidade de acolhimento e criação do novo. Os gestos de cuidado, nas narrativas das/os participantes, evidenciam *agrados e delicadezas*, que deixam marcas na memória.

As narrativas das e dos participantes reforçam a compreensão de infância como um estado que nos atravessa em qualquer momento da vida. Parece que esse estado infantil encontra terreno fértil numa relação marcada por alguns fatores, como: disponibilidade maior de tempo ou desejo de experimentar a vida em outro tempo; experiência de vida, especialmente da maternidade/paternidade, possibilitando viver a relação com as crianças de outro modo; e, sobretudo, amor. A força do amor, nessa relação, potencializa a força infantil, renovando a vida dos mais velhos e assegurando possibilidades de ser para os mais novos. Os mais velhos têm a oportunidade de experimentar novos modos de viver, e os mais novos têm seus caminhos pavimentados pela experiência dos que os antecederam.

Presença, escuta, confiança, respeito, diálogo, abertura, alegria, responsabilidade. Essas palavras sintetizam as narrativas das/os participantes da pesquisa, que nos ensinam sobre modos de ser adulto e de estar com as crianças. Ensinam ainda sobre modos de estar na vida, a partir do reencontro com a própria sensibilidade e com a capacidade de brincar, de criar, de sentir o mundo de modo mais aberto. Falam sobre a possibilidade de, na relação com as crianças, reinventar a si

mesmo e reaprender a alegria dos inícios. Celebram os laços, a força dos afetos, os fios que nos unem, com suas delicadezas, fragilidades, ambiguidades.

Embora os conflitos e as contradições, inerentes a qualquer relação, não sejam enfatizados, as narrativas expressam um modo de ser almejado e experimentado nas brechas do cotidiano. Anunciam um modo de viver na contramão da pobreza de experiência denunciada por Benjamin (1987a) ou da falta de diálogo, preocupação de Buber (2001, 2009). Por meio da pesquisa, testemunharam-se experiências que permanecem vivas em nós, relações que deixam rastros, conexões amorosas que nos constituem e fortalecem.

Essas reflexões parecem ter se tornado urgentes em meio ao dramático cenário de pandemia. Na mesmice dos dias, a infância irrompe, com sua força de vida, como possibilidade de ver a realidade como algo que pode ser transformado. Nesse sentido, realizar esta pesquisa a partir das fragilidades deflagradas nesse contexto acentuou a necessidade de pensar um projeto de sociedade, no qual a força infantil não seja contida pela pressa, pelo individualismo, pela indiferença, pelo descuido. Ao contrário: as histórias contadas pelas/os participantes da pesquisa ensinam sobre desaceleração, paciência, solidariedade, cuidado. E sobretudo: criação do novo.

Esses aprendizados reverberam ainda no próprio modo de realizar a pesquisa. Assim como as leituras teóricas e literárias realizadas, as e os participantes me ensinaram, ao longo de todo o processo, que também a pesquisa pode ser um gesto de cuidado: com o outro, com o conhecimento, com o mundo. Aprendi que memória é coisa delicada, que precisa ser manejada com prudência. Compreendi que escuta requer uma posição de não saber e que narrar é afirmar a vida que vale a pena ser vivida.

Devolver os resultados para quem participou da pesquisa é compromisso aprendido na minha experiência como integrante do grupo de pesquisa Infoc. No processo de finalização deste trabalho, foi preparado um livro infantil para ser enviado a cada um/a das/os participantes. *Entre nós*,⁶⁵ título do livro, destaca, das histórias narradas, o que há de único e irrepetível em cada relação: *a terra no meio da sala, a aula de natação animada, o café da manhã pela tela, as garças na janela...* Evidencia os detalhes do cotidiano que deixam marcas, os acontecimentos que perduram, as experiências

⁶⁵ No Apêndice E, são apresentadas algumas imagens do livro.

compartilhadas entre avó/avô e neta/o, que se transformaram, na experiência da pesquisa, em histórias que ficam também entre nós – participantes e pesquisadora.

Este trabalho assim também anuncia um convite: convite a contar e escutar histórias nas creches, pré-escolas e escolas, nos cursos de formação de professoras/es, nos espaços culturais, nas pesquisas. São necessários espaços de interação e interlocução que favoreçam trocas entre gerações, fortalecimento dos vínculos e valorização de cada pessoa – criança, adulto ou velho – e suas experiências. Narrar e ouvir histórias têm a potência de nos educar para uma vida com sentido, de nos humanizar.

Referências bibliográficas

ADAME, Alexandra L. Self-In-Relation: Martin Buber and D. W. Winnicott in Dialogue. *The Humanistic Psychologist*, [Washington], n. 12, p. 1-13, Nov. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/hum0000203>. Acesso em: 11 ago. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

ALVES, Sâmea Moreira Mesquita. *Cuidar ou ser responsável? - Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos*. 2013. 188f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://docplayer.com.br/234637-Cuidar-ou-ser-responsavel-uma-analise-sobre-a-intergeracionalidade-na-relacao-avos-e-netos.html>. Acesso em: 15 out. 2021.

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (org.) *Ciências humanas e educação: leituras de Mikhail Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 11-25.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARENDT, Hannah. Walter Benjamin: 1892-1940. In: ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 133-176.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Les liens intergénérationnels. *Vie Sociale*, [Toulouse], n. 15, p. 45-60, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/vsoc.163.0045>. Acesso em: 10 set. 2021.

ATTIAS-DONFUT, Claudine; SEGALIN, Martine. The construction of grandparenthood. *Current Sociology*, [London], v. 50, n. 2, p. 281-294, Mar. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0011392102050002622>. Acesso em: 10 set. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 211-348.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. 3. ed. São Carlos, SP: Pedro & João, 2017.

BARTHOLO JR., Roberto. *Você e Eu*: Martin Buber; presença palavra. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BAZÍLIO, Luiz; KRAMER, Sonia. Solidariedade em tempos de violência – apontamentos e inquietações. In: BAZÍLIO, Luiz; KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 119-140.

BENJAMIN, Walter. *A hora das crianças*: narrativas radiofônicas. Tradução de Aldo Medeiros. Organização de Rita Ribes Pereira. Rio de Janeiro: Nau, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I*: magia e técnica; arte e política. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*: rua de mão única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Ed. 34, 2002.

BENKSHAFT/SAUDADE. Letra: Sonia Kramer. Melodia: Aline Silveira e Bruno Rian. Intérprete: Thaís Goulart. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aQ3PXuU1hzc>. Acesso em: 26 set. 2021.

BERNIS, Yeda Prates. [orelho do livro]. In: QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

BINES, Rosana Kohl. Assombrações da infância com Boltanski e Benjamin. *ALEA – Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 227-245, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/172-227>. Acesso em: 15 out. 2020.

BIROLI, Flávia. Aula 3: Cuidado. Curso: Feminismo e democracia. [S.l.]: TV Boitempo, 2018a. 1 vídeo (14:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=suSiwQC9DNc>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades*: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018b.

BIROLI, Flávia. Responsabilidades, cuidado e democracia. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, DF, n. 18, p. 81-117, set./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151804>. Acesso em: 01 nov. 2021.

BOM conselho. Intérprete e compositor: Chico Buarque. In: CAETANO e Chico: juntos e ao vivo. Salvador, 1972. Faixa 1 (2 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wkcYU699Jj0>. Acesso em: 26 set. 2021.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino fundamental de nove anos*: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2. ed. Brasília, DF: MEC; SEB, 2007. p. 33-46. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 18. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Sob direção de Pierre Bourdieu com contribuições de A. Accardo et al. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL, Marina Valentim; COSTA, Angelo Brandelli. Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis? *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 427-446, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2910/291057932003/html/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília, DF: Conanda, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional_direitocrianças.pdf. Acesso em: 16 abr. 2021.

BRENMAN, Ilan. *Vó, para de fotografar!* Ilustrações Guilherme Karsten. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. Tradução de Ivone Mantoanelli. Revisão de Tizuko Morchida Kishimoto. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 24, n. 2, jul./dez. 1998. Não paginado. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551998000200007>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. Tradução Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUBER, Martin. *El camino del ser humano y otros escritos*. Tradução e notas de Carlos Díaz. Madri: Fundación Emmanuel Mounier, 2004. (Col. Persona; 11)

BUBER, Martin. *Encontro: fragmentos autobiográficos*. Tradução de Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. *Histórias do Rabi*. Tradução de Marianne Arnsdorff et al. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BUBER, Martin. *O caminho do homem segundo o ensinamento chassídico*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Realizações, 2011a.

BUBER, Martin. *Que es el hombre?* Tradução para o espanhol de Eugenio Imaz. México: FCE, 2011b.

BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. Campinas, SP: Perspectiva, 2008.

CAJUÍNA. Intérprete e compositor: Caetano Veloso. In: CINEMA transcendental. Rio de Janeiro: PolyGram Studios, 1979. Faixa 9 (2min 20s). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=7-nIMtLql7Y>. Acesso em: 26 set. 2021.

CAMPOS, Maria Malta. A mulher, a criança e seus direitos. *Cad. Pesq.*, São Paulo, n. 106, p. 117-127, mar. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15741999000100006>. Acesso em: 01 nov. 2021.

CANÉ, Raquel. *Sopa*. Tradução de Fabiano Calixto. São Paulo: Vergara; Riba, 2014.

CANTINHO, Maria João. Na encruzilhada do destino: afinidades e diferenças do olhar em Walter Benjamin e Hannah Arendt. *Espéculo. Revista de estudos literários*, Madrid, 2008. Não paginado. Disponível em: http://www.ucm.es/info/especulo/numero38/ben_aren.html. Acesso em: 27 set. 2021.

CARDOSO, Andreia Ribeiro; BRITO, Leila Maria Torraca de. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 433-441, set./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003006>. Acesso em: 20 out. 2019.

CASTRO, Claudia. A arte de caçar borboletas. In: JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (org.). *Política, cidade e educação: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2009. p. 205-218.

CASTRO, Liana Garcia. *Sob o olhar das crianças: espaços e práticas na educação infantil*. Campinas, SP: Papirus, 2019.

CECCIM, Ricardo Burg; PALOMBINI, Analice de Lima. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. In: MAIA, Marisa Schargel (org.). *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 155-183.

CHIAPIN, Giuliana; ARAÚJO, Greicy Boness de; WAGNER, Adriana. Sogra-nora: como é a relação entre estas duas mulheres? *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300012>. Acesso em: 11 ago. 2021.

COLE, Babette. *Minha avó é um problema*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994.

CORSARO, William. *Sociologia da infância*. 2. ed. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Alexandre. A fábula de Higino em *Ser e tempo*: das relações entre cuidado, mortalidade e angústia. In: MAIA, Marisa Schargel (org.). *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 29-51.

COUTO, Mia. O rio das Quatro Luzes. In: COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COUTO, Mia. Quebrar armadilhas. In: COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011. p. 95-106.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Francisca Valéria Martins. “Fico imaginando quando vou ser livre de novo”: a narrativa das crianças sobre o contexto de pandemia. 2021. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCrio.acad.53265>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOLTO, Françoise. Os avós. In: DOLTO, Françoise. *Os caminhos da educação*. Textos recolhidos, anotados e apresentados por Claude Halmos. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 171-184.

ESTRELA, Fernanda Matheus *et al.* Pandemia da Covid-19: refletindo as vulnerabilidades à luz do gênero, raça e classe. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3431-3436, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.14052020>. Acesso em: 25 jan. 2021.

EUGÊNIO, Rodnei William. *A bênção aos mais velhos: poder e senioridade nos terreiros de Candomblé*. 2012. 92f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12400>. Acesso em: 19 set. 2021.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2007v3n3p205>. Acesso em: 25 set. 2019.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. Avós e netos na literatura infantil: vidas compartilhadas. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1089-1112, out./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2175-62362013000400005>. Acesso em: 15 jan. 2021.

FERRAROTTI, Franco. Historias de vida y Ciencias Sociales. [Entrevista cedida a] Montserrat Iniesta e Carles Feixa. *Perifèria*, [Barcelona], n. 5, p. 1-14, dic. 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/254485024>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FERREIRA, Manuela. “A gente gosta é de brincar com os outros meninos”: relações sociais entre crianças num Jardim de Infância. Porto, Portugal: Afrontamento, 2004.

FONSECA, Claudia. Os emaranhados fios de pertencimento. *Revista Mundaú*, [Maceió], n.6, p.18-36, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/7129>. Acesso em: 11 jan. 2021.

FORTUNA, Tânia Ramos. Vida e morte do brincar. In: ÁVILA, Ivany Souza (org.) *Escola e sala de aula, mitos e ritos: um olhar pelo avesso do avesso*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 47-59. Disponível em: <http://www.ded.ufr.br/wp-content/uploads/Vida-e-Morte-do-Brincar.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.

FREIRE, Madalena. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Primeira carta. In: LACERDA, Nathercia. *A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha*. Organização de Cristina Laclette Porto e Denise Sampaio Gusmão. Ilustrações de Bruna Assis Brasil. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 13. reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 13-41.

GOMES, Cristiana. *O pai da mamãe*. Ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Caixote, 2020.

GREGORINI, Natália. *Madalena*. São Paulo: Livros da Matriz, 2019.

GUIMARÃES, Daniela. *Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética*. São Paulo: Cortez, 2011.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Os múltiplos fios que tecem as relações de cuidado. In: ANGOTTI, Bruna; VIEIRA, Regina Stela Corrêa (org.). *Cuidar, verbo coletivo: diálogos sobre o cuidado na pandemia da Covid-19. E-book*. Joaçaba, SC: Ed. Unoesc, 2021. p. 11-30. Disponível em: https://www.unoesc.edu.br/images/uploads/editora/Cuidar_verbo_coletivo.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. *O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

GUSMÃO, Denise; JOBIM E SOUZA, Solange. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 20. ed. Especial, p. 24-31, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/RTz6FyXqDbYKJNn8YpDdFxN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2021.

GUSMÃO, Neusa Mendes de. Infância e Velhice: desafios de multiculturalidade. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de (org.). *Infância e velhice: pesquisa de ideias*. Campinas, SP: Alínea, 2003. p.15-32.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HILLESHEIM, Betina. Uma educação por vir: infância e potência. *Educ. Soc.*, Campinas, SP, v. 34, n. 123, p. 611-620, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000200016>. Acesso em: 03 out. 2021.

HIRATA, Helena; DEBERT, Guita Grin. Apresentação do Dossiê Gênero e Cuidado. *Cadernos Pagu*, [Campinas, SP], n. 46, p. 7-15, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/i/2016.n46/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

HOMEM, Maria. *Lupa da alma*: quarentena-revelação. São Paulo: Todavia, 2020.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor*: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

INGOLD, Tim. *Antropologia e/ como educação*. Tradução de Vitor Emanuel Santos Lima, Leonardo Rangel dos Reis. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

INGOLD, Tim. *Antropologia*: para que serve? Tradução de Beatriz Silveira Castro Figueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2016.3.21690>. Acesso em: 15 set. 2019.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>. Acesso em: 15 set. 2019.

JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem*: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

JOBIM E SOUZA, Solange. Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel F. Pereira (org.). *Infância*: fios e desafios da pesquisa. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 39-56.

JOBIM E SOUZA, Solange; PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (org.). *Infância e produção cultural*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 25-42.

KOHAN, Walter. *Paulo Freire, mais do que nunca*: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KRAMER, Sonia. Crianças e adultos: entre gerações e interações, histórias que contam. In: KRAMER, Sonia; PSZCZOL, Eliane. *Trajetórias judaicas*: história, cultura, educação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Numa, 2021. p. 261-279.

KRAMER, Sonia. “Precisamos estar preparados para brincar muito!” [Entrevista cedida a] Anelise Nascimento, Nazareth Salutto e Silvia Néli Falcão Barbosa. Dossiê “Bebês e crianças: cultura, linguagem e políticas”. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 775-79, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/riae.2020.51073>. Acesso em: 26 set. 2021.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. 2. ed. Brasília, DF: MEC; SEB, 2007. p. 13-24.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

KRAMER, Sonia. Direitos das crianças e projeto-político de educação infantil. In: BAZÍLIO, Luiz; KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 59-92.

KRAMER, Sonia. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (org.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 57-76.

KRAMER, Sonia. Linguagem, cultura e alteridade. Para ser possível a educação depois de Auschwitz, é preciso educar contra a barbárie. *Enrabanar: an international journal of theoretical and practical reason*, [Barcelona], n. 31, p. 149-159, 2000. Disponível em: https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/periodicos/p48_Linguagem_cultura_e_alteridade._Para_ser_possivel_uma_educacao_depois_de_Auschwitz_e_preciso_educar_contra_a_barbarie.pdf. Acesso em: 07 nov. 2019.

KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda Rezende; PACHECO, Alessandra Evelin Brandolim; OLIVEIRA, Andrea Ferreira Campos Oliveira; MARTINS, Aline Lopes. Encontros e desencontros de crianças e adultos na Educação Infantil: uma análise a partir de Martin Buber. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 27, n. 2, p. 135-154, ago., 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2014-0113>. Acesso em: 25 set. 2019.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda Rezende; PENA, Alexandra. Crianças, ética do cuidado e direitos: a propósito do Estatuto da Criança e do Adolescente. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 46, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046237202>. Acesso em: 01 nov. 2021.

KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra. Vulnerabilidade e ética na pesquisa em educação. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. *Ética e pesquisa em Educação: subsídios*. v. 1. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. p. 71-75. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/etica_e_pesquisa_em_educacao_-_isbn_final.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEJARRAGA, Ana Lila. *O amor em Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

LEJARRAGA, Ana Lila. Os afetos em Winnicott. *Cad. Psicanál.*, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 30, n. 21, p. 87-101, 2008. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno21_pdf/6Cadernos%20n.%2021_Os%20afetos%20em%20Winnicott.pdf. Acesso em: 11 ago. 2021.

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LETRIA, José Jorge; LETRIA, André. *Avô, conta outra vez*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

LINS DE BARROS, Myriam. *Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LISPECTOR, Clarice. *As palavras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LISPECTOR, Clarice. *Crônicas para jovens: de escrita e de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LISPECTOR, Clarice. Uma amizade sincera. In: LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 13-16.

LIVRO das mil e uma noites: ramo sírio. Introdução, notas, apêndices e tradução do árabe de Mamede Mustafa Jarouche. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006. 2 v.

LÖWY, Michael. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa Central (Um estudo de afinidade eletiva)*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÃE, Valter Hugo. *As mais belas coisas do mundo*. Ilustrações de Nino Cais. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

MÃE, Valter Hugo. *Serei sempre o teu abrigo*. Ilustrações de Valter Hugo Mãe. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021.

MAGRO, Viviane M. Mendonça de. Espelho em negativo: a idade do outro e a idade etária. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de (org.). *Infância e velhice: pesquisa de ideias*. Campinas, SP: Alínea, 2003. p. 33-46.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. Tradução de Ignacio Sánchez de la Yncera. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)*, [Madrid], n. 62, p. 193-242, 1993. Disponível em: http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_062_12.pdf. Acesso em: 01 set. 2021.

MARANGONI, Jaqueline; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. Relacionamentos intergeracionais: avós e netos na família contemporânea. In: FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva (org.) *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade*. Edição do Kindle não paginada. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

MARCONDES, Mariana Mazzini; MORENO, Renata. Cuidado infantil e trabalho na perspectiva feminista. In: CARDOSO JR., José Celso (org.). *A constituição golpeada: 1988-2018*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018. p. 177-205. Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2018/12/Constituic%C3%A7%C3%A3o-golpeada-web1.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

MARTINS, Isabel Minhós. *A manta: uma história em quadrinhos* (de tecido). Ilustração de Yara Kono. São Paulo: Tordesilhinhas, 2011.

MARTINS, Lena. *Vida que voa*. Ilustrações de Carolina Figueiredo, Lena Martins e Luciana Grether Carvalho. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

MARTINS, Rosa Maria Castilho. *Mulheres aprendem com mulheres: diálogo intergeracional sobre a prática de amamentar e os cuidados com o bebê*. 2012. 155f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uffscar.br/handle/ufscar/2285>. Acesso em: 15 set. 2021.

MEDEIROS, Júlia. *A avó amarela*. Ilustrações de Elisa Carareto. São Paulo: Ôzé, 2018.

MEIRELES, Cecília. 5º motivo da rosa. In: MEIRELES, Cecília. *Os melhores poemas de Cecília Meireles*. Seleção de Maria Fernanda. 14. ed. São Paulo: Global, 2002.

MINUZZI, Ivi Helena. *Elos da memória: o discurso dos avós sobre a cultura*. 2007. 86f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/263>. Acesso em: 05 dez. 2021.

MIRANDA, Jhonatan Jeison de; TIMO, Alberto Luiz Rodrigues; BELO, Fábio Roberto Rodrigues. Crítica à Teoria da Maternidade em Winnicott: é Preciso ser Mulher para cuidar de Crianças? *Psicol., Ciênc. Prof.* (Impr.), n. 39, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003176863>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MOTTA, Flávia Miller Naethe. *As crianças e o exercício de práticas de autoridade*. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=10411@1>. Acesso em: 10 set. 2021.

MUNDURUKU, Daniel. *Foi você que disse*. Ilustrações de Graça Lima. 2. ed. Porto Alegre: Edelbra, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. Ilustrações de Rogério Borges. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

MURRAY, Roseana. *Colo de avó*. Ilustrações de Elisabeth Teixeira. São Paulo: Brinquê-book, 2017.

O DIA em que a terra parou. Intérprete: Raul Seixas. Compositores: Raul Seixas e Cláudio Roberto. In: O DIA em que a terra parou. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1977. Faixa 3 (4min 25s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H8zbYY41Vus>. Acesso em: 15 ago. 2021.

O ÚLTIMO pôr-do-sol. Intérprete: Lenine. Compositores: Lenine e Lula Quiroga. *In: OLHO de peixe*. São Paulo: Velas Produções, 1993. Faixa 2 (3min50seg). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=yjUUpW0gi1M&list=PLuglgnmoYCpUNckKOKjj-QODRyeFXyxB&index=4>. Acesso em: 11 ago. 2021.

OLIVEIRA, Paulo Salles de. Cultura e co-educação de gerações. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 261-295, 1998. Não paginado. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200011>. Acesso em: 25 out. 2018.

OLIVEIRA, Paulo Salles de. *Vidas compartilhadas: cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ORAÇÃO ao tempo. Intérprete e compositor: Caetano Veloso. *In: CINEMA transcendental*. Rio de Janeiro: PolyGram Studios, 1979. Faixa 2 (3min 25s). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=qNlPLFsBNbc>. Acesso em: 26 set. 2021.

OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 4, p. 211-223, out. 1996. Disponível: <http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.4.0.211-223>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PADMINI. *Meus mais velhos*. Ilustrações de Nina Elias. São Paulo: Leitura e Arte, 2020.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Solidariedade familiar intergeracional. *In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (org.). Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005. p. 225-240.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; LUZ, Gleice Mattos Luz. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 29, p. 171-191, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000200008>. Acesso em: 25 set. 2021.

PENA, Alexandra. “Para explicar o presente tem que estudar a história do passado”: narrativas de profissionais de escolas comunitárias de Educação Infantil da Baixada Fluminense. 2015. 165f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25918/25918.PDF>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PENA, Alexandra. “Toda vida atual é encontro”: contribuições de Martin Buber para a educação. *Educação*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 506-513, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.3.29874>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PENA, Alexandra; CASTRO, Liana Garcia; CASTRO E SOUZA, Marina. “Quem falar vai sentar no chão frio!” – coação, comunhão, liberdade e formação na educação infantil. *In: ENDIPE – ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 17., Fortaleza, 2014. Disponível em: https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/congressos/c49_PENA_Alexandra_CASTRO_L_CASTRO_M_QUEM_FALAR_VAI_SENTAR_NO_CHAO_FRIO.pdf. Acesso em: 03 out. 2021.

PENA, Alexandra; NUNES, Maria Fernanda; KRAMER, Sonia. Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber. *Educação em revista*, Belo Horizonte, n. 34, p. 1-17, jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698172870>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PEREIRA, Rita Ribes. Pesquisa com crianças. In: PEREIRA, Rita Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (org.). *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p. 61-86.

PEREIRA, Rita Ribes. Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior. In: PEREIRA, Rita Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (org.). *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p. 25-54.

PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Tradução Alessandra Siedschalag. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

PLASTINO, Carlos Alberto. A dimensão constitutiva do cuidar. In: MAIA, Marisa Schargel (org.). *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 53-87.

PORTO, Cristina Laclette. *Álbum de retratos, infâncias entrecruzadas e cultura lúdica: memória e fotografia na Brinquedoteca Hapi*. 2010. 309f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.35593>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PRAGLIN, Laura. The nature of the “in-between” in D.W. Winnicott’s concept of transitional space and in Martin Buber’s *das zwischenmenschliche*. *Universitas*, [USA], v. 2, n. 2, p. 1-9, Fall 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/948520/The_Nature_of_the_In-Between_in_DW_Winnicotts_Concept_of_Transitional_Space_and_in_Martin_Bubers_das_Zwischenmenschliche. Acesso em: 11 ago. 2021.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Mario Quintana. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006. (Em busca do tempo perdido, v. 1)

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Organização de Júlio Abreu. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Tempo de voo*. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

QUEIROZ, Carolina Trapp de. Cronotopias do lar: reflexões sobre crianças que se mudam. *Revista Veras*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 263-273, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14212/veras.vol7.n2.ano2017.art312>. Acesso em: 20 jan. 2021.

QUINTINO, Amaro Sebastião de Souza; SOUZA, Sheila Campos de; TEIXEIRA, Peterson Gonçalves. O impacto do envelhecimento em tempos de pandemia e o isolamento social na terceira idade. *Interdisciplinary Scientific Journal*, v. 7, n. 3, p. 189-205, Apr./June 2020. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/809>. Acesso em: 15 ago. 2021.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. Tradução de Giuliana Rodrigues com revisão técnica de Maria Letícia B. P. Nascimento. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200014>. Acesso em: 24 set. 2021.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. *Proposições*. Campinas, SP, v. 22, n. 1, p. 199-211, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072011000100015>. Acesso em: 25 nov. 2021.

RAMOS, Anne Carolina. *Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças*. 2011. 464f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/32306>. Acesso em: 12 jun. 2019.

RAMOS, Anne Carolina. Os avós na literatura infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623645343>. Acesso em: 25 jan. 2021.

RAMOS, Anne Carolina. Sobre avós, netos e cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 35, n. 128, p. 629-996, jul./set. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000300001>. Acesso em: 19 set. 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Cartas para minha avó*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RIBEIRO, Paula Christina Pegado. *Avós e netos: vínculos de cuidado na atualidade*. 2018. 85f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34306/34306.PDF>. Acesso em: 10 jan. 2021.

RITER, Caio. *Pedro Noite*. Ilustrações de Mateus Rios. São Paulo: Bitura, 2011.

ROSA, Denise Costa. *Quando as obrigações escolares são administradas pelos avós: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos*. 2018. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/11155>. Acesso em: 19 out. 2019.

ROSA, João Guimarães. Entremeio com o vaqueiro Mariano. In: ROSA, João Guimarães. *Estas histórias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSEMBERG, Fúlvia. A cidadania dos bebês e os direitos de pais e mães trabalhadoras. In: FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia de (org.). *Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora*. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil - ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas - FCC, 2015. p. 163-183.

ROSEMBERG, Fúlvia. O movimento de mulheres e abertura política no Brasil: o caso da creche. *Cad. Pesq.*, São Paulo, n. 51, p. 73-79, nov. 1984. Disponível em:

<http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/1462>. Acesso em: 01 nov. 2021.

ROSEMBERG, Fúlvia. Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990. *Cadernos Pagu*, [Campinas, SP], n. 16, p. 151-197, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100009>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2004.

SALUTTO, Nazareth. *Bebês e livros: relação, sutileza, reciprocidade e vínculo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Numa, 2020. *E-book*. Disponível em: <http://www.editora.puc-rio.br/media/E-Book-NazarethSalutto.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados, MS, v. 5, n. 13, p. 72-85, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/5184/2742>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SANTIAGO, Maria Betânia. Diálogo e educação: o pensamento pedagógico em Martin Buber. 2008. 348f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4043/1/arquivo3646_1.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

SANTIAGO, Maria Betânia; RÖHR, Ferdinand. Formação e diálogo nos discursos de Martin Buber. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., Caxambu, MG, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT17-2672--Int.pdf>. Acesso em: 28 maio 2020.

SANTOS FILHO, Valter dos. O encontro inter-humano em Martin Buber. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO, 10., Belo Horizonte, MG, 2014. p. 1-15. Disponível em: http://www.faje.edu.br/simposio2014/textos/nao_doutores/valter_filho.pdf. Acesso em: 09 dez. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura?* 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In: GARCIA, Regina Leite; LEITE FILHO, Aristeo. *Em defesa da educação infantil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-28.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, SP, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>. Acesso em: 24 set. 2021.

SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (org.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 5. ed. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCRAMINGNON, Gabriela Barreto da Silva. *Ser criança, ser adulto, ser professor: encontros, diálogos e desvios com crianças de seis a dez anos*. 2017. 167f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.30706>. Acesso em: 15 out. 2021.

SEKKEL, Marie Claire. O brincar e a invenção do mundo em Walter Benjamin e Donald Winnicott. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 86-95, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140016>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (São Paulo); FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na 3ª idade*. 2. ed. [São Paulo: SESC/SP, FPA], 2020. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2020/08/19/pesquisa-idosos-no-brasil-tem-lancamento-dia-21/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SILVA, Isabel de Oliveira; LUZ, Iza Rodrigues da Luz; CARVALHO, Levindo Diniz. *Infância e pandemia na região metropolitana de Belo Horizonte: primeiras análises*. Belo Horizonte: UFMG/FaE/NEPEI, 2021. Disponível em: <https://www.infanciaemtemposdepandemia.com.br/relatorio-primeiras-analises/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SILVA, Silvana. Prefácio à edição brasileira: A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade. In: HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020. p. 9-22.

SILVEIRA, Aline Faria; CASTRO, Liana Garcia; BARBOSA, Silvia Néli Falcão. Desafios da contemporaneidade para a família: um olhar sobre o cuidado. *Educação Unisinos*, [São Leopoldo, RS], n. 25, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2021.251.08>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. A cidade e as crianças: a rua como espaço de interação social entre crianças está morrendo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 nov. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/a-cidade-as-criancas-22021680>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SIQUEIRA, Rejane Brandão; ALVES, Rosiane Brandão Siqueira. Oficinas: estratégia metodológica para a pesquisa dialógica com crianças. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 5, n. 15, p. 1212-1228, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n15.p1212-1228>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. Tradução de Neide Luzia de Rezende. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000100001>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SITCHIN, Henrique. *Meu avô judeu*. Ilustrações de Ionite Zilberman. São Paulo: Panda Book, 2018.

SOCHA, Alexandre. Os véus e os esconderijos do tempo. *Ide*, São Paulo, v. 37, n. 59, p. 99-102, fev. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v37n59/v37n59a10.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SORJ, Bila; PONTES, Adriana. Políticas públicas e a articulação entre trabalho e família: comparações inter-regionais. O Programa Bolsa Família e a autonomia das mães. Educação infantil e as oportunidades laborais da mãe. In: FARIA, Nalu; MORENO, Renata Moreno (org.). *Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres*. São Paulo: SOF, 2010. p. 57-70. Disponível em: <https://www.sof.org.br/cuidado-trabalho-e-autonomia-das-mulheres/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SOUZA, Renata Junqueira de; SOUZA SILVA, Jéssica Amanda de; JUNQUEIRA, Clara Cassiolato. Avós e netos: as representações da velhice na literatura infantil de Língua Portuguesa. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 25, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2020.169498>. Acesso em: 25 jan. 2020.

TICHO, Ernest A. Donald W. Winnicott, Martin Buber and the Theory of Personal Relationships. *Psychiatry*, [Washington], v. 37, p. 240-253, Aug. 1974. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/4606447/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

TOREN, Christina. A matéria da imaginação: o que podemos aprender com as ideias das crianças fíjianas sobre suas vidas como adultos. Tradução de José Fonseca. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 19-48, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200002>. Acesso em: 25 out. 2019.

TOREN, Christina. Mente, materialidade e história: como nos tornamos quem nós somos. In: BANNEL, Ralph Ings; MIZRAHI, Mylene; FERREIRA, Giselle (org.). *Deseducando a educação: mentes, materialidades e metáforas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021. p. 181-206. *E-book*. Disponível em: [http://www.editora.puc-rio.br/media/Deseducando_a_educacao_ebook%20\(1\).pdf](http://www.editora.puc-rio.br/media/Deseducando_a_educacao_ebook%20(1).pdf). Acesso em: 11 ago. 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Imaginação e criação na infância*. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VITALE, Maria Amália Faller. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (org.). *Família: laços, redes e políticas públicas*. São Paulo: PUC-SP, 2002.

WINNICOTT, Donald Woods. *A família e o desenvolvimento individual*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, Donald Woods. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self (1960). In: WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução Irineu Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 128-139.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Tradução de Berno Longhi. Revisão técnica de Leopoldo Fulgencio. São Paulo: Ubu, 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. *Tudo começa em casa*. Tradução de Paulo César Sandler. São Paulo: Ubu, 2021.

YUNES, Eliana. Memórias de menino: poesia e melancolia. *Palavra: SESC literatura em revista*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 3, p. 36-39, jul. 2012. Disponível em: https://www.sesc.com.br/portal/publicacoes/cultura/revistas/revista+palavra/revista_palavra_2012/revista_palavra_2012. Acesso em: 12 dez. 2020.

ZIMERMAN, David E. *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

APÊNDICE A – Pesquisas sobre avós e netos

	Autor/a	Título	Tipo	Inst.
1993	OLIVEIRA, Paulo de Salles	Vidas compartilhadas: o universo cultural entre avós e netos	Tese PSICOLOGIA SOCIAL	USP
1997	MOREIRA, Silvia Lucia Bozzetti	Avós e netos: compreensão da relação enquanto vida vivida de mães e filhos	Dissertação EDUCAÇÃO	PUC-RS
2002	FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos	A cidade narrada na memória dos velhos habitantes de Teutônia (RS): estudo etnográfico de memória intrageracional e compartilhada sobre as experiências transmitidas na relação entre avós e netos	Dissertação ANTROPOLOGIA SOCIAL	UFRGS
	MONTEIRO, Evaldo Cavalcante	Se o idoso não é prioridade ele também não é esquecido: a complexidade de envelhecer no Ceará	Dissertação GERONTOLOGIA	PUC-SP
2007	MACÊDO, Fabiana Borges	Famílias ludovicenses: um estudo sobre a transmissão dos valores culturais e familiares na perspectiva de avós e netos	Dissertação PSICOLOGIA CLÍNICA	UNICAP
	MINUZZI, Ivi Helena	Elos da Memória: o discurso dos avós sobre a cultura	Dissertação LETRAS E CULTURA REGIONAL	UCS
	OKAMOTO, Mary Yoko	Dekassegui e família: encontros e desencontros	Tese PSICOLOGIA CLÍNICA	PUC-SP
	SCHMIDT, Cristiane	As relações entre avós e netos: possibilidades co-educativas?	Dissertação EDUCAÇÃO	UFRGS
2008	FONTES, Fátima Cristina Costa	Laços intergeracionais na família em contexto infracional: quando a relação avós e netos pode ser libertadora	Tese SERVIÇO SOCIAL	PUC-SP
	SILVA, Mirislene A. V. da	O direito de visita dos avós aos netos	Dissertação BIODIREITO, ÉTICA E CIDADANIA	UNISAL
2009	COSTA, Maria Aracy Menezes da	A obrigação alimentar dos avós: leitura dos limites constitucionais - da liberalidade afetiva à obrigação legal	Tese DIREITO	UFRGS
	OLIVEIRA, Alessandra R. Ventura	A relação intergeracional na visão das avós e de seus netos	Dissertação GERONTOLOGIA	UCB
2010	CARDOSO, Andreia R.	Avós que cuidam dos netos na família contemporânea	Tese PSICOLOGIA SOCIAL	UERJ
	CARDOSO, Vanessa Silva	Os avós e a concessão de guarda judicial de netos na perspectiva do ciclo de vida familiar	Tese PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA	UnB

	COUTO, Fabiana Prado	Vidas compartilhadas: avós e netos com deficiência em situações de violência e abandono	Dissertação SAÚDE, INTERDISCIPLINARIDADE E REABILITAÇÃO	Unicamp
	FERRIGNO, José Carlos	O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária	Tese PSICOLOGIA SOCIAL	USP
2011	OLIVEIRA, Maira Ribeiro de	As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos	Tese PROC. DE DESEN. HUMANO E SAÚDE	UnB
	RAMOS, Anne Carolina	Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças	Tese EDUCAÇÃO	UFRGS
	SANTANA, Nivia Cardoso Guirra	Criança e adolescente sob guarda de avós: proteção integral, dignidade da pessoa humana e seus efeitos previdenciários	Dissertação FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	UCSal
2012	MARQUES, Izabel de Madureira	Adolescentes e idosos: uma leitura psicanalítica do encontro intergeracional no <i>Oldnet</i>	Dissertação PSICOLOGIA CLÍNICA	PUC-SP
2013	ALVES, Sâmea M. Mesquita	Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos	Dissertação SOCIOLOGIA	UECE
	ARCHIZA, Juliana	Cotidiano, práticas de apoio e intergeracionalidade em famílias de crianças com deficiência intelectual e de crianças com desenvolvimento típico: a ótica de três gerações	Dissertação TERAPIA OCUPACIONAL	UFSCAR
	FLEIG, Giovana Bortoluzzi	Planejamento da família integrado ao planejamento estratégico pessoal	Dissertação ADMINISTRAÇÃO	UFSM
	MORANTE, Denise S.	A velhice retratada nos filmes publicitários	Dissertação GERONTOLOGIA	PUC-SP
	SAITO, Vera Lucia Espindola	Imaginário de um grupo de avós idosos responsáveis por netos em vulnerabilidade em uma escola pública do DF	Dissertação GERONTOLOGIA	UnB
	TORRES, Maria Eduarda A.	Discursos de avós sobre o bebê, sua educação e cuidado	Dissertação PSICOLOGIA SOCIAL	PUC-SP
2014	GUIMARAES, Sibele Maria Dal Col do A.	De geração para geração: as relações entre avôs e netos em face do avanço tecnológico	Dissertação CULTURA E SOCIEDADE	UTP
	SILVA, Camila C. F. Mendes e	Os avós e netos: um encontro de diferentes tempos verbais	Dissertação LETRAS	Unesp
	SILVA, Cinthia Xavier da	Lugares da memória: a vivência da migração nordestina no interior paulista entre avós e netos	Dissertação CIÊNCIAS SOCIAIS	Unesp
2015	OLIVEIRA, Gilzacarla A. dos Santos	Percepção dos vínculos e relacionamento entre netos adultos e seus avós	Dissertação PSICOLOGIA CLÍNICA	UNICAP

	VENTURA, Alessandra Ribeiro	Classificação de estilos de avós: adaptação e validação de instrumento para avaliar responsividade e exigência percebidas na adolescência	Tese CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM SAÚDE	UnB
2016	FARIAS, Ivani Stello	Relação intergeracional por meio do cultivo de horta domiciliar	Dissertação SAÚDE E GESTÃO DO TRABALHO	UNIVALI
	FILHO, Antonio Cezar Q. G.	Relação avoenga: apreensão jurídica e expressão eficaz na senda das vulnerabilidades	Dissertação DIREITO	UFPR
	FRANCISCATI, Jéssica de Barros	Representação de avós mediadores de leitura em obras de Literatura Infantil no PNBE	Dissertação LETRAS	UFGD
	SOUZA, Catarina Soares de	O papel dos avós no cuidado com a saúde bucal dos netos: um estudo de caso	Dissertação ECONOMIA DOMÉSTICA	UFV
2017	LUCENA, Karlise M. de	Avós que detêm a guarda judicial dos netos: que lugar é esse?	Dissertação PSICOLOGIA CLÍNICA	UNICAP
	VITURINO, Maria M. M.	A função do avô na família monoparental feminina	Dissertação PSICOLOGIA CLÍNICA	UNICAP
2018	COELHO, Maria Teresa B. F.	Relação entre avós, netos e escola: uma abordagem bioecológica	Tese PSICOLOGIA CLÍNICA	UNICAP
	DARO, Beatriz Rall	A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo avós e netos, na contemporaneidade: uma contribuição da psicanálise vincular	Dissertação PSICOLOGIA CLÍNICA	USP
	FERREIRA, Bruna Galluccio	Entre pousos e movimentos: investigação sobre as estrelas do nosso céu interior	Dissertação EDUCAÇÃO	USP
	RIBEIRO, Paula C. P.	Avós e netos: vínculos de cuidado na atualidade	Dissertação PSICOLOGIA CLÍNICA	PUC-Rio
	ROSA, Denise Costa	Quando as obrigações escolares são administradas pelos avós: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos	Dissertação EDUCAÇÃO	UFOP
	MATOS, Bianca Reis de	Dinâmicas relacionais de avós e netos: um caso de família homoafetiva feminina	Dissertação FAMÍLIA NA SOC. CONTEMPORÂNEA	UCSal
	BAKMAN, Gizele	Por entre as tramas familiares: avós judeus e seus netos por adoção	Tese PSICOLOGIA SOCIAL	UERJ
2019	TORRES, Karine de Andrade	A relação entre avós idosos(as) e netos(as) por meio das tecnologias de informação e comunicação	Tese PSICOLOGIA CLÍNICA	UNICAP

Fonte: Castro, 2022. Elaborado a partir de levantamento realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES - <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Última atualização: dez. 2019.

APÊNDICE B – Termos aprovados pela Câmara de Ética da PUC-Rio



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | ADULTOS

Prezada/o: _____

Vimos por meio deste convidar você a participar voluntariamente da pesquisa
Infância em narrativas de avós e netos: memórias e relações intergeracionais.

Pesquisadora: Doutoranda Liana Garcia Castro - e-mail: lianagarciaacastro@gmail.com - Tel. (21) 9***** sob a orientação da Professora Dra. Sonia Kramer - sokramer@puc-rio.br - Tel (21) 3527-1818.

Meio de comunicação com a Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio: Rua Marquês de São Vicente, 225 – Edifício Kennedy, 2º andar. Gávea, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22453-900. Fone: (21) 3527-1618. E-mail: posedu@puc-rio.br.

Justificativa: A pesquisa tem como temas infância, cuidado e relações intergeracionais, situando tanto seu objeto quanto seus sujeitos no plano da história, da cultura e da subjetividade humana. O universo da pesquisa são as narrativas de avós e netos, sujeitos escolhidos a partir da constatação, em análises de pesquisas, da implicação de avós na educação dos netos como um fenômeno bastante expressivo.

Objetivos: A pesquisa tem como principal objetivo conhecer narrativas de avós e netos, considerando os sentidos construídos sobre e com a infância a partir desse encontro intergeracional.

Metodologia: Prevê as seguintes estratégias metodológicas: entrevistas individuais, observação e realização de oficinas. Diante do contexto atual de pandemia, causada pelo vírus Covid-19, serão realizadas entrevistas individuais com avós em plataformas digitais. Posteriormente, será avaliada a possibilidade de realização, com segurança, de observação de interações entre avós e netos e oficinas com a participação dos mesmos sujeitos observados. Na impossibilidade da realização de encontros presenciais, serão realizadas conversas coletivas com as crianças, os netos, em plataformas digitais. As entrevistas e conversas coletivas serão gravadas e transcritas.

Desconfortos, riscos possíveis e benefícios esperados: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Nenhum dos procedimentos a serem utilizados oferece riscos à dignidade, mas em caso de constrangimento, ainda que mínimo, você tem a liberdade de se retirar da entrevista e solicitar que não sejam

registradas as situações vivenciadas. Ao participar desta pesquisa, você, como entrevistado, receberá em tempo hábil a devolução dos dados obtidos. O tempo estimado dessa entrevista é de uma hora a uma hora e meia.

Confidencialidade: As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. O material coletado será arquivado pelo prazo mínimo de cinco anos e eu, Liana Garcia Castro, serei a guardiã desse material. Esse documento está registrado em duas vias e, quando assinadas, um fica com o participante e a outra com a pesquisadora.

Eu, _____,
de maneira voluntária, livre e esclarecida concordo em participar da pesquisa acima identificada. Declaro que estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado (a) de que se trata de pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC- Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a áudio-gravação da entrevista a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Estou ciente de que tenho a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalização alguma e sem prejuízo que me possa ser imputado. Sempre que quiser, poderei pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone e e-mail da doutoranda ou da professora orientadora e que será dada a mim a devolução da pesquisa.

Liana Garcia Castro, Doutoranda

[assinatura da/o participante]

Nome completo: _____

E-mail: _____ Tel. _____

Identificação (RG): _____

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20 ____.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | RESPONSÁVEIS

Prezada/o: _____

Vimos por meio deste convidar você a participar voluntariamente da pesquisa
Infância em narrativas de avós e netos: memórias e relações intergeracionais.

Pesquisadora: Doutoranda Liana Garcia Castro - e-mail: lianagarciaastro@gmail.com - Tel. (21) 9***** sob a orientação da Professora Dra. Sonia Kramer - sokramer@puc-rio.br - Tel (21) 3527-1818.

Meio de comunicação com a Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio: Rua Marquês de São Vicente, 225 – Edifício Kennedy, 2º andar. Gávea, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22453-900. Fone: (21) 3527-1618. E-mail: posedu@puc-rio.br.

Justificativa: A pesquisa tem como temas infância, cuidado e relações intergeracionais, situando tanto seu objeto quanto seus sujeitos no plano da história, da cultura e da subjetividade humana. O universo da pesquisa são as narrativas de avós e netos, sujeitos escolhidos a partir da constatação, em análises de pesquisas, da implicação de avós na educação dos netos como um fenômeno bastante expressivo.

Objetivos: A pesquisa tem como principal objetivo conhecer narrativas de avós e netos, considerando os sentidos construídos sobre e com a infância a partir desse encontro intergeracional.

Metodologia: Prevê as seguintes estratégias metodológicas: entrevistas individuais, observação e realização de oficinas. Diante do contexto atual de pandemia, causada pelo vírus Covid-19, serão realizadas entrevistas individuais com avós em plataformas digitais. Posteriormente, será avaliada a possibilidade de realização, com segurança, de observação de interações entre avós e netos e oficinas com a participação dos mesmos sujeitos observados. Na impossibilidade da realização de encontros presenciais, serão realizadas conversas coletivas com as crianças, os netos, em plataformas digitais. As entrevistas e conversas coletivas serão gravadas e transcritas.

Desconfortos, riscos possíveis e benefícios esperados: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Nenhum dos procedimentos a serem utilizados oferece riscos à dignidade, mas em caso de constrangimento, ainda que mínimo, você tem a liberdade de se retirar da entrevista e solicitar que não sejam registradas as situações vivenciadas. Ao participar desta pesquisa, você, como

entrevistado, receberá em tempo hábil a devolução dos dados obtidos. O tempo estimado dessa conversa coletiva é de 45 minutos.

Confidencialidade: As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. O material coletado será arquivado pelo prazo mínimo de cinco anos e eu, Liana Garcia Castro, serei a guardiã desse material. Esse documento está registrado em duas vias e, quando assinadas, um fica com o participante e a outra com a pesquisadora.

Eu, _____,
após a leitura e compreensão destas informações, entendo que a participação de

(escrever o nome do menor), sob minha responsabilidade, é voluntária, livre e esclarecida. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado (a) de que se trata de pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a participação é isenta de despesas e que a imagem e o nome do menor sob minha responsabilidade não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Fui informado também que a criança tem a liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo que me possa ser imputado. Estou de acordo com a áudio-gravação da entrevista a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Tenho ciência de que, sempre que quiser, eu ou menor sob minha responsabilidade poderemos solicitar mais informações sobre a pesquisa através do telefone e e-mail da doutoranda ou da professora orientadora e que será dada a mim a devolução da pesquisa.

Liana Garcia Castro, Doutoranda

[assinatura da/o responsável pela/o
participante]

Nome completo: _____

E-mail: _____ Tel. _____

Identificação (RG): _____

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20__.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | CRIANÇAS

Prezada/o: _____

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **Infância em narrativas de avós e netos: memórias e relações intergeracionais**, coordenada pela professora Sonia Kramer. Seus pais e/ou responsáveis deixaram você participar deste estudo. Com esta pesquisa, quero saber sobre o que você e seus avós têm a contar sobre suas infâncias. Você sabe do que seus avós brincavam? Quero conversar sobre o que você sabe sobre o que seus avós faziam quando eram crianças e o que vocês gostam de fazer juntos. Gostam de brincar? De quê? Ouvir música? Quais? E ler histórias? Você só precisa participar da pesquisa se quiser e não terá nenhum problema se desistir. As crianças que eu estou convidando para participar desta pesquisa tem entre cinco e doze anos de idade. Essa conversa foi pensada para ser num lugar bonito, todo mundo junto, avós e netos. Mas você sabe que estamos com um vírus rodando por aí, né? Então talvez a gente converse pela tela do computador ou do celular. Há coisas boas que podem acontecer com essa pesquisa como: saber mais sobre as histórias das pessoas, inclusive as que frequentam escolas e nem sempre as professoras conhecem. E também pensar sobre como se relacionam avós e os netos, o que aprendem uns com os outros e o que sentem uns pelos outros. Seus pais ou responsáveis também poderão acompanhar o desenvolvimento desta pesquisa. Ah, seu nome não será revelado para ninguém! O que eu descobrir com esta pesquisa vai ser publicado apenas em eventos ou publicações científicas, mas sem identificar as crianças que participaram. Agradecemos muito se você quiser participar! Mas se não quiser, tudo bem também! Se você ou seus responsáveis tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou riscos relacionados ao estudo, você pode falar com a responsável pela orientação desta pesquisa, a Professora Sonia Kramer, do Departamento de Educação da PUC-Rio, telefone: (21) 3527-1818. Da mesma forma, você pode falar com a Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio no telefone (21) 3527-1618 ou no e-mail:

posedu@puc-rio.br. Agradeço muito a sua participação e estou disponível para esclarecer algo mais.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, aceito participar da pesquisa **Infância em narrativas de avós e netos: memórias e relações intergeracionais**. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Liana Garcia Castro, Doutoranda

Nome completo: _____

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20____.

[assinatura da/o responsável pela/o participante]



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE USO DE DADOS

Eu, **Liana Garcia Castro**, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, no âmbito do projeto de pesquisa intitulado **Infância em narrativas de avós e netos: memórias e relações intergeracionais**, coordenado pela professora Dra. Sonia Kramer, comprometo-me com a utilização do uso de dados, a fim de obtenção dos objetivos previstos, somente após receber a aprovação da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio.

Declaro manter a preservação material dos documentos, a fidelidade dos dados coletados e a garantia de sigilo e confidencialidade.

Declaro entender que é minha a responsabilidade de cuidar da integridade das informações obtidas através das entrevistas individuais e coletivas e de garantir a confidencialidade dos dados e a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas.

Por fim, comprometo-me com a guarda, cuidado e utilização das informações apenas para cumprimento dos objetivos previstos na pesquisa aqui referida.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20____.

Liana Garcia Castro

APÊNDICE C – Convite enviado às netas e aos netos



Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2020.



Olá, **[NOME DA CRIANÇA]**!

É com muita alegria que convidamos você para participar desta pesquisa. Você sabe o que é uma **PESQUISA**? É quando a gente não sabe sobre algo e estuda para conhecer. Este tipo de estudo, além dos muitos livros lidos, pode ser feito perguntando sobre o que queremos saber para as pessoas. É isso que temos feito!

Esta pesquisa quer saber mais sobre avós e netos. Começamos conversando com avós, e **SUA AVÓ [NOME]** conversou com a gente! Sua avó nos contou sobre sua infância e as brincadeiras que gostava. Você sabe do que ela brincava? Também falou sobre como é ser avó, do que ela mais gosta de fazer com você e mais um monte de coisa que foi dando vontade dela falar.

Nós conversamos com 7 avós e 3 avôs. E agora queremos conversar com os netos... com você! Essa conversa tinha sido pensada para ser num lugar bonito, todo mundo junto, avós e netos. Mas você sabe que estamos com um vírus circulando por aí, né?! Então resolvemos fazer tudo **PELA TELA** do computador ou do celular.

Decidimos reunir os netos dos avós entrevistados numa única chamada de vídeo para ouvir o que vocês quiserem falar sobre seus avós. Vamos conversar sobre o que vocês sabem sobre as infâncias deles e o que vocês gostam de fazer juntos. Gostam de **BRINCAR**? De quê? Ouvir **MÚSICA**? Quais? E ler **HISTÓRIAS**? Você vai mais à **CASA** da sua avó ou ela vai à sua? O que vocês fazem juntos? E durante a pandemia, como tem sido?



Ilustração de Elisa Carareto para o livro **A avó amarela**, escrito por Julia Medeiros e publicado pela editora Ôzê. Esse livro é muito lindo! O título é uma brincadeira da Julia com a cor da blusa da sua vó numa foto.



Essa ilustração é do Odilon Moraes para o livro **O pai da mamãe**, escrito pela Cristiana Gomes e publicado pela editora Jujuba. **Você também vai à praia com sua avó? Que outros lugares vocês vão juntos? E com seu avô?**



Você conhece esse livro? Ele é muito engraçado! Essa avó é diferente! E a sua? O que ela faz de diferente que outros adultos não fazem? E o seu avô?

Então... **VOCÊ TOPA?**

Há **COISAS BOAS** que podem acontecer com essa pesquisa como: saber mais sobre as histórias das pessoas, inclusive das que frequentam escolas e nem sempre as professoras ficam sabendo. E, principalmente, pensar sobre como se relacionam avós e netos, o que aprendem uns com os outros e o que sentem uns pelos outros.

Ah, seu nome não será revelado para ninguém. Inventaremos nomes e será o nosso **SEGREDO!** Os resultados da pesquisa vão ser publicados apenas em eventos ou publicações científicas, mas sem identificar nem os avós nem os netos que participaram.

Seus pais ou responsáveis também poderão acompanhar o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradecemos muito se você quiser participar! Mas se não quiser, tudo bem também!

Se você ou seus responsáveis tiver(em) **DÚVIDAS** sobre o estudo, pode nos procurar.

E se toparem, pedimos que mandem uma mensagem de WhatsApp (219*****) dizendo quais os melhores dias e horários. De preferência ainda neste mês, porque, depois disso, vem chegando o Natal e o ano rapidinho acaba...

Um forte abraço!

Liana e Sonia

NOVEMBRO 2020						
Do	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	01	02	03	04	05
06	07	08	09	10	11	12

02: Finados 15: Proclamação da República 19: Dia da Bandeira 20: Dia da Consciência Negra

08: Ming 15: Nova 22: Cresc 30: Cheia

Feriados Nacionais

QUEM SOMOS NÓS:



LIANA GARCIA CASTRO

Sou pedagoga, professora e pesquisadora. Trabalhei por 10 anos como professora de crianças em escolas públicas. Atualmente, trabalho como coordenadora de uma escola pública e como professora de professoras, na PUC-Rio e no Instituto Pró-Saber. Também na PUC-Rio, participo do grupo de pesquisa sobre Infância, Formação e Cultura (Infoc) e faço a minha pesquisa de Doutorado sobre avós e netos. Decidi fazer este estudo porque sinto muita saudade dos meus avós, até dos que não conheci, e me encantei com o que li sobre essa relação que costuma ser tão especial.

lianagarciacastro@gmail.com



SONIA KRAMER

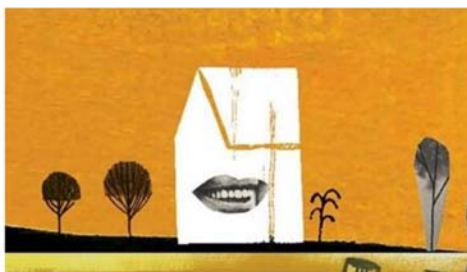
Sou professora e pesquisadora do Departamento de Educação da PUC-Rio. Há muitos anos, pesquiso sobre infância, formação de professores, cultura e relações entre adultos e crianças, coordenando o grupo Infoc. Sou avó de 2 meninas e 2 meninos e oriento a pesquisa de Doutorado da Liana.

sokramer@puc-rio.br

APÊNDICE D – Ilustrações de livros infantis



Carolina Figueiredo, Lena Martins e Luciana Grether, *Vida que voa* (Martins, 2016)



Elisa Carareto, *A avó amarela* (Medeiros, 2018)



Raquel Cané, *Sopa* (Cané, 2014)



Elisabeth Teixeira, *Colo de avó* (Murray, 2017)



Mateus Rios, *Pedro Noite* (Riter, 2011)



Guilherme Karsten, *Vó, para de fotografar!* (Brenman, 2017)



Ionite Ziberman, *Meu avô judeu* (Sitchin, 2018)



Natália Gregorini, *Madalena* (Gregorini, 2019)



Odilon Moraes, *O pai da mamãe* (Gomes, 2020)

APÊNDICE E – Devolução da pesquisa: *Entre nós*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812197/CA

